

6 GIGANTE E A BRUXA

4

BRUXAS DE
NOVA YORK



KIM RICHARDSON

AUTORA BESTSELLER DO USA TODAY

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

O GIGANTE E A BRUXA

4
BRUXAS DE
NOVA YORK



KIM RICHARDSON
AUTORA BESTSELLER DO USA TODAY

O GIGANTE E A BRUXA
BRUXAS DE NOVA YORK, LIVRO
QUATRO

K RICHARDSON

Este livro é uma obra de ficção. Quaisquer referências a eventos históricos, pessoas ou locais reais são usadas de forma fictícia. Os demais nomes, personagens, lugares e incidentes são um produto da imaginação da autora. Qualquer semelhança com eventos, locais ou pessoas reais, vivas ou mortas, é mera coincidência.

O Gigante e a Bruxa, Bruxas de Nova York, Livro Quatro

Direitos autorais © 2024 por Kim Richardson

Revisão e correção de Virgínia Grangeiro

Designer da capa: Karen Dimmick/ ArcaneCovers.com

Todos os direitos reservados, inclusive o direito de reprodução,
no todo ou em parte, sob qualquer forma

www.kimrichardsonbooks.com

CONTENTS

Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26

Sombras das Bruxas

Mais Livros De Kim Richardson

Sobre A Autora

CAPÍTULO I

Fazia um mês desde que Shay e eu tínhamos nos mudado para o apartamento de Valen, localizado acima do seu restaurante, o Depois do Escuro.

Também fazia um mês desde que minha irmãzinha, também conhecida como Joia do Sol, havia reduzido Darius, o bruxo das trevas, a pó com um feixe de sua magia, que consistia basicamente em um tipo de energia solar que só ela podia canalizar.

Como bruxa estelar, eu já era uma raridade. Porém, Shay, autodenominada bruxa solar, era ainda mais rara, provavelmente a única paranormal capaz de conjurar o poder do sol nesta década, ou em séculos.

E, no quesito magia, meu poder se restringia a um grupo específico de três estrelas, um sistema chamado Alpha Centauri. Pode soar excêntrico, mas essa forma de energia é limitada, pois não se manifesta durante o dia. E se acrescentarmos o sol à equação, o astro valentão que obstrui minha conexão com as estrelas, a coisa toda perde seu glamour.

A verdade é que a maioria das bruxas estelares não consegue invocar seu poder durante o dia.

Exceto por Shay.

Minha irmã mais nova extraía sua magia do bendito astro valentão.

O dom incrivelmente poderoso tinha sido repassado de nosso pai anjo, Matiel. E, se seu portador não aprendesse a controlá-lo, também podia ser destrutivo e perigoso.

Era por isso que estávamos no telhado do Hotel Crepúsculo, com os raios do sol aquecendo nossos rostos, embarcando em nossa sessão diária de prática matinal e aproveitamento de vitamina D.

– Não está dando certo. Não estou sentindo nada. – Shay baixou a cabeça, parecendo preferir estar em seu quarto com seu tablet em vez de aqui, no telhado, comigo.

– Nunca ouviu a expressão “a prática leva à perfeição”? – Inclinei a cabeça para tentar fazer contato visual. – Você tem que continuar tentando.

– Por quê? – Ela me fitou, seus olhos verdes brilhavam de raiva. – Não vai levar a nada. Não tenho mais magia.

Senti um aperto no coração ao perceber a derrota em sua voz.

– Isso não é verdade. Ela virá. Sua magia não pode simplesmente desaparecer. Não é assim que funciona. Ela continua dentro de você. Agora, concentre-se.

Seu poder não havia se materializado depois que Darius tentara me matar. Desde então, tínhamos tentado ajudá-la a conjurá-lo praticamente todos os dias. Todavia, até agora, nada havia acontecido.

Shay salvara minha vida com seu incrível poder solar. E ela tinha ficado tão orgulhosa naquele dia, afinal, antes, acreditara que não tinha magia. Minha irmãzinha surpreendera todos nós quando um enorme feixe de sua energia torrara Darius e alguns de seus capangas.

Contudo, sua felicidade diminuía diante das inúmeras tentativas falhas. Sua determinação enfraquecera gradualmente, levando-a a se sentir tão inútil quanto se sentira quando fora incapaz de salvar sua mãe das garras do bruxo das trevas.

Shay tinha apenas onze anos e meio. Era coisa demais para uma menina lidar em tão pouco tempo. E a revelação de que ela tinha uma meia-irmã mais velha, com quem viveria até atingir a idade adulta, só acrescentara mais bagagem à pilha. Era uma sobrecarga de informações. Considerando as circunstâncias, eu diria que ela estava lidando com tudo excepcionalmente bem.

– Seu poder está ligado às suas emoções – falei. Presenciarra isso de perto. Quando minha vida estava em jogo, Shay acessara sua magia plenamente. – Você precisa explorar esse poço de emoções e se agarrar a ele. É o que despertará sua magia.

Tinha certeza. Vira acontecer. A perda de sua mãe, seguida pelo trauma de testemunhar o mesmo maldito que a assassinara tentando me matar, fora o catalisador de sua energia.

Eu também desejava explorar algumas teorias. A primeira delas era se Shay poderia usar seu poder durante a noite ou se ele estava restrito ao dia, assim como o meu estava restrito à noite. Contudo, sem um controle sólido sobre suas habilidades, eu teria que aguardar para ver. Antes de mais nada, era crucial que ela conseguisse invocar sua magia voluntariamente, para só então testarmos as outras teorias.

– Não quero mais fazer isso. – Shay chutou um pedaço de telha e deu as costas.

Suspirei. Isso não era bom. Estávamos apenas começando a nos acostumar uma com a outra. A última coisa que eu queria era que ela me odiasse. E tinha a sensação de que, se eu continuasse a pressioná-la, era exatamente isso que iria acontecer.

– Dê um tempo para a garota, Leana – disse Elsa, sentada em sua cadeira dobrável, massageando o medalhão antigo em volta do pescoço. Eu sabia que a joia vitoriana continha uma mecha de cabelo de seu falecido marido. Evite sobrecarregá-la. Uns dias de descanso entre as sessões não fariam mal, sabia? Não precisam treinar tanto. –

A bruxa franziu a testa e enrugou seus olhos azuis enquanto tentava domar os cabelos ruivos que tinham se desalinhado com a brisa.

– Ela tem razão. – Jade enfiou a mão em um saco de pipoca de micro-ondas e jogou algumas na boca. As pulseiras de plástico branco em volta dos seus pulsos fizeram barulho. Ela ajeitou os óculos de sol redondos e roxos sobre o nariz. – Talvez devêssemos fazer uma pausa e almoçar mais cedo. Ouvi dizer que o Depois do Escuro serve ótimos ovos Benedict – disse, sorrindo para mim.

Seu habitual cabelo loiro, agora substituído por cachos negros, estava penteado em um moicano. Eu esperava que fosse apenas um feitiço, não uma mudança permanente. Por baixo da jaqueta longa de veludo roxo, Jade vestia uma camisa branca com babados. Ao que tudo indicava, escolhera um look inspirado no Prince esta manhã. Eu curti.

– Shay precisa aprender a controlar seu poder.

Quanto mais rápido ela fizesse isso, melhor seria. Eu não sabia ao certo se outras pessoas haviam tomado conhecimento da magia única da minha irmãzinha, mas a notícia sempre acabava se espalhando. Se um idiota como Darius havia descoberto, tinha certeza de que, em breve, outros também descobririam. E eu queria que, quando isso acontecesse, Shay já soubesse se defender. Vivíamos em um mundo perigoso, especialmente para meninas com poderes incríveis.

Contudo, parecia que, quanto mais significativa a magia, mais desafiador tornava-se utilizá-la e invocá-la.

– Hoje, não – disse Elsa, lançando-me o tipo de olhar materno que eu tinha certeza de que ela costumava utilizar com seu filho.

Por mais que não gostasse de receber ordens, a bruxa estava certa. Quanto mais eu pressionava Shay, mais ela se retraía. Tínhamos chegado ao limite por hoje. Todavia, ainda precisava descobrir uma maneira de ajudá-la a extrair seu poder.

Talvez eu estivesse fazendo tudo errado? Estava seguindo meu instinto, ensinando da mesma forma que minha mãe me ensinara a usar minha magia estelar. Porém, a de Shay era diferente. E se minha abordagem não fosse a certa? Não era como se pudesse consultar outra bruxa capaz de controlar a energia do sol.

Eu estava no escuro. A única pessoa que poderia nos ajudar era o pai dela, *nosso* pai, e não o víamos desde aquela noite no hotel.

Como se entrava em contato com um anjo? Eu precisava perguntar por aí.

Olhei para minha irmã, mas ela estava de costas para mim, impedindo que eu visse seu rosto. Mesmo assim, estava certa de que encontraria a mesma frustração de antes. A pobre garota precisava de um descanso.

– Almoçar parece uma ótima ideia. O que acha, Shay?

A mais nova se virou com a menção.

– Posso comer panquecas? Com xarope de bordo de verdade?

Ri diante do sorriso esperançoso em seu rosto.

– É claro.

Seus dentes reluziram ao sol e, por um instante, vi o rosto de nosso pai.

– Legal. – Sem dizer mais nada, Shay deu meia-volta e correu para a saída de emergência do telhado.

– Espere por nós! – Segui atrás dela.

– Duvido que ela tenha ouvido. – Jade dobrou sua cadeira e a colocou debaixo do braço.

– Sim. – Suspirei. – Ou então só *fingiu* não ouvir. Quando chegarmos ao saguão, ela já estará sentada, esperando por nós, no restaurante de Valen.

– Está preocupada, não é? – O ombro de Jade encostou no meu. – Sobre o fato da magia dela não se manifestar.

– Um pouco. – Não adiantava mentir. – Shay já deveria conseguir invocá-la. Ela precisa conseguir se proteger. Seu poder está lá, em algum lugar. Ela o usou para me salvar. Só precisamos descobrir como extraí-lo.

– Shay é jovem – respondeu, como se isso explicasse tudo.

– Eu tinha a idade dela quando comecei a controlar minha magia – falei, lembrando-me de como minha mãe tinha sido paciente comigo e de como eu me sentira frustrada e saturada até meus poderes aparecerem. – Mas a habilidade dela é diferente da minha. Acho que estou fazendo tudo errado. Talvez esteja piorando as coisas.

– Acho que não. – Elsa balançou a cabeça e franziu o rosto, pensando. – Está no caminho certo. Seu poder é o mais parecido com o dela, e você está mostrando a forma como ele responde ao seu chamado.

– Então, por que não está funcionando?

A mais velha franziu os lábios.

– Eu não sei. Tenho certeza de que vão conseguir. Vocês só precisam continuar trabalhando nisso.

Assenti, mas isso não diminuiu a apreensão que, lentamente, se formou no fundo do meu estômago. Shay não estava mostrando *nenhum* sinal de magia. E isso era um problema.

Peguei meu celular.

– Eu deveria avisar Valen que estamos indo.

Eu: “*Só para você saber, Shay está a caminho do restaurante. Ela quer panquecas. Estarei aí em breve.*”

– Como vão as coisas? – perguntou Elsa, arrastando sua cadeira dobrável. – Tudo indo bem?

Coloquei meu celular no bolso e fui para a porta.

– Sim, muito bem. – Eu sabia que ela estava se referindo à Shay e não a mim. A mudança para o grande e luxuoso apartamento de Valen estava indo melhor do que eu esperara. Só o quarto da minha irmã tinha o dobro do tamanho do meu antigo apartamento, sem contar que ela também tinha seu próprio banheiro. Shay parecia muito mais feliz lá do que no décimo terceiro andar do hotel. E eu acho que sabia o motivo. – Valen a mima.

Elsa deu uma risadinha.

– Não estou surpresa. Ele adora aquela garota.

Meu coração se aqueceu com o comentário.

– É verdade. Depois do que ela passou, merece ser mimada.

Como gigante, Valen era programado para ser um protetor, um guardião. A coisa toda meio que estava em seu DNA. Contudo, eu também notara um lado paternal nele, algo que surgira com o aparecimento de Shay e que, desde então, só aumentara. Os dois haviam se tornado muito próximos, e eu adorava ver como ele cuidava dela com carinho. Esse seu lado, por alguma razão, deixava meus hormônios descontrolados. Era muito sexy.

– Você sabe o que vem a seguir, não é? – Jade abriu a porta, e nós atravessamos logo atrás dela.

Ao entrarmos no corredor do décimo terceiro andar, meus ouvidos foram inundados por músicas, vozes de televisão e sons de conversas. Olhei para o meu antigo apartamento, o que eu havia dado a Catelyn, e vi a porta aberta. Ela não morava mais lá. Após conseguir controlar seu lado gigante, havia se mudado para ficar próxima da família. Catelyn me devolvera as chaves na semana anterior, e eu as aceitara, é claro. Agora, utilizava o espaço como escritório e sede para mim e meus amigos.

– O que foi? – perguntei quando as duas colocaram suas cadeiras dobráveis na entrada do escritório.

Os olhos de Jade se arregalaram.

– Estou ouvindo sinos de igreja.

O calor subiu ao meu rosto como se eu tivesse apontado um lança-chamas para ele.

– É um pouco cedo demais para falar de casamento. Estou divorciada há apenas um mês e meio – acrescentei enquanto atravessávamos o corredor em direção ao elevador.

Elsa deu de ombros.

– E daí? O que isso tem a ver? Quando é para ser, acontece.

Pressionei o botão no painel de controle.

– Não estou pronta para me casar. – Mas *estava* preparada para comer um bom sanduíche de queijo grelhado.

Não que eu não tivesse considerado a ideia. Havia pensado *muito* sobre como seria estar casada com um gigante, um gigante atraente e

extremamente sexy, diga-se de passagem, mas também forte, confiável e charmoso.

Elsa franziu o nariz enquanto pensava.

– É sempre melhor se casar com um homem da sua idade. À medida que você perde a beleza, ele perde a visão.

Soltei uma risada.

– Valen também não me pediu em casamento.

Não, teria sido rápido demais. E eu tinha a sensação de que ele não estava pronto. O gigante havia perdido a primeira esposa para o câncer, e eu não iria pressioná-lo a entrar em outro casamento.

– Que casamento?

Virei a cabeça ao ouvir a pergunta, e avistei um homem alto e atraente se aproximando. Ele usava uma camiseta branca justa que destacava seus músculos firmes e seu corpo atlético.

– Valen a pediu em casamento? – A voz de Julian ecoou no corredor como se ele tivesse usado um megafone.

– Shhh! – Mortificada, estendi a mão e agarrei seu braço, puxando-o para perto de mim. – Fique quieto. Ninguém pediu nada – sussurrei, com o rosto em chamas.

Olhei por cima do ombro dele e deparei-me com uma metamorfa mais velha me observando com um sorriso no rosto. Seu nome era Linette. Eu sabia que aquele sorriso dizia que ela estava prestes a espalhar um boato pelo décimo terceiro andar. Se a paranormal fizesse isso, o andar inteiro saberia do “falso pedido de casamento” antes mesmo que o elevador chegasse no saguão. Fantástico.

– Certo, certo – disse Julian, passando os dedos pelo cabelo castanho curto. – Desculpe, ouvi errado.

Ele não parecia nem um pouco arrependido, parecia mais estar gostando de me ver com o rosto vermelho e horrorizado. Apontei um dedo na sua direção.

– Você vai pagar por isso.

Julian riu ainda mais.

– Eu disse que sentia muito.

Quando as portas do elevador se abriram, entrei e dei meia-volta.

– E quanto a você? Já pediu Cassandra em casamento?

Seu rosto se contraiu intensamente, e juro que percebi algo semelhante ao medo em seus olhos. Ele ficou ali, parado como um zumbi, sem responder. Acho que atingi um ponto sensível.

– Vem para o Depois do Escuro conosco? – perguntou Jade, sentindo um pouco de tensão enquanto olhava para seu amigo bruxo com preocupação. Até parecia que ele estava doente ou algo assim.

Julian apenas assentiu e entrou no elevador atrás de Elsa. Olhei de relance para o bruxo alto, mas ele se recusou a fazer contato visual comigo. Se fosse adivinhar, diria que o cara *realmente* estava pensando

em pedi-la em casamento. Os dois estavam namorando há cerca de um mês, e eu sabia que ele estava apaixonado por ela, tipo, desde muito tempo. Além disso, Julian adorava as filhas gêmeas de Cassandra. Porém, no momento, parecia que ele estava na merda.

Mordi a bochecha para não rir quando o elevador deu um solavanco e começou a descer. Alguns segundos depois, as portas se abriram e adentramos um saguão amplo com tetos elevados, muitas superfícies de vidro, pintura em tons de cinza e detalhes em vermelho.

Um homem pálido, trajando um terno caro de três peças em cinza-escuro, encontrava-se atrás da recepção, no extremo do saguão, digitando em um tablet. Tratava-se de Errol, o metamorfo lagarto e também recepcionista do hotel.

Ele olhou para cima, e seus olhos claros se fixaram em mim por alguns instantes. Uma crueldade pairava por trás da tranquilidade de suas feições, além de uma expressão de desprezo camuflada na postura natural de seu corpo. Sim, ele ainda me odiava, mas eu não o culpava. Afinal, *quase* o matara um mês atrás, quando havia perdido a paciência e o jogado do outro lado do saguão com minha magia estelar. Ops. O metamorfo já me odiava antes disso, então não havia relação para consertar.

Segui meus amigos pela porta da frente do hotel e, juntos, entramos no restaurante de Valen, que, convenientemente, ficava localizado ao lado. A fachada era protegida por um toldo cinza e exibia uma placa que dizia: “DEPOIS DO ESCURO”.

A porta do restaurante bateu atrás de nós quando entramos. O espaço interno moderno apresentava muitos móveis em tons de cinza-escuro. Assim como no apartamento do andar superior, tratava-se de um salão de conceito aberto, com tetos de três metros de altura, vigas e canos expostos.

– Sua delinquente juvenil está ali.

Virei-me e dei de cara com minha anfitriã favorita (cujo nome nunca me dera o trabalho de lembrar), que vestia uma camisa branca e uma saia preta curta. A mulher estava olhando para uma menina sentada sozinha como se pensasse que ela fosse portadora do vírus Ebola.

Com seus cabelos castanhos longos esvoaçantes e sua silhueta perfeitamente esbelta, a paranormal lembrava uma sereia. Se eu a olhasse de perto, poderia jurar que via um par de guelras ou escamas.

A anfitriã nutria certo ódio por mim, e eu suspeitava que isso se dava porque ela estava apaixonada por Valen. Bem, parecia que ele preferia mulheres de sangue quente em vez de sushi frio.

– Obrigada, sardinha – falei, sorrindo ao vê-la puxar uma respiração forte, e caminhei por entre as mesas ocupadas. Os paranormais olharam brevemente na minha direção quando passei por

eles e me aproximei de Shay. – Você poderia ter esperado por nós – disse antes de ocupar a cadeira vazia ao seu lado.

O rosto da menina estava enterrado no cardápio.

– Eu estava com fome.

Eu ri.

– Você está sempre com fome. – Ainda bem que Valen não cobrava pela comida que consumíamos em seu restaurante. Do contrário, eu estaria falida só de alimentá-la. Quem diria que crianças comiam tanto?

– Esteve treinando a garota desde as oito da manhã. É claro que ela está com fome – disse Elsa ao puxar um assento e se acomodar nele. – Por que esta cadeira é menor? – Ela se remexeu, tentando ficar confortável.

Jade deu uma risadinha.

– Ela não é menor, foi sua bunda que cresceu.

– Que absurdo – esbravejou a mais velha, com as bochechas ligeiramente coradas.

– Bem, a cadeira não encolheu – riu Jade, enfiando os óculos escuros no cabelo.

Julian se deixou cair em outro assento. Ele esfregou as mãos e disse:

– Depois de todo o exercício que fiz com Cassandra na noite passada, eu poderia devorar um bife enorme.

– Eca. – Jade pegou a cadeira vazia ao lado dele e se sentou. – Não precisa falar dos detalhes. Estamos prestes a comer.

– Por favor – Julian se inclinou sobre a mesa. – Sei que você tem feito muito sexo com Jimmy. Vocês transam todos os dias, duas vezes aos domingos, estou certo?

– O quê? – Ela escondeu o rosto com as mãos, mas não antes de vermos sua vermelhidão.

Olhei para o bruxo e, depois, rapidamente para a pequena presença que, agora, estava totalmente atenta à nossa conversa de adultos. Ele disse um “desculpe” com um sorriso bobo no rosto.

– Suas panquecas de banana estão a caminho – disse uma voz grave e rouca.

Virei a cabeça para observar o homem que havia se aproximado de nossa mesa. Seu belo rosto se desenhou em um sorriso, causando uma sensação de calor formigante na minha pele. A camisa preta que ele usava devia ser feita de algum material elástico, senão todos aqueles músculos enormes já a teriam rasgado. As tatuagens que apareciam por baixo de suas mangas apenas acrescentavam outra camada de sensualidade e perigo à mistura. Gostei do que vi. Gostei muito.

– Com xarope de bordo de *verdade* – disse Shay quando desviei meus olhos do gigante e fitei seu rosto sorridente.

Valen deu uma risada suave.

– Com xarope de bordo de verdade. – Seus olhos escuros se voltaram para os meus, ardendo com um tipo de intensidade que me fez revirar por dentro.

Há dois meses, havia acidentalmente batido meu rosto em seu peito largo, e ele fora extremamente rude. Porém, agora... compartilhávamos, entre muitas outras coisas, uma cama.

O gigante puxou um pequeno bloco de notas.

– Vou anotar os pedidos de vocês. – Ele afastou uma mecha do seu cabelo escuro ondulado e pontuado com algumas madeixas grisalhas nas têmporas, o que apenas o tornava ainda mais atraente.

– Bem – disse Elsa, colocando seus óculos de leitura na ponta do nariz enquanto lia o cardápio –, quero o frango com parmesão. Por favor, peça ao cozinheiro para não queimar o queijo. Detesto quando ele está queimado. Tira o sabor.

Os lábios de Valen se curvaram em um sorriso.

– Anotado. – Ele olhou para mim. – O que vai...

Um grito ecoou pelo salão.

Virei-me a tempo de ver uma cliente correndo para fora do banheiro feminino.

– Ela está morta! Está morta! – gritou a mulher de olhos arregalados enquanto apontava na direção em que viera. Seus cabelos grisalhos estavam bagunçados, como se não os escovasse há anos, e seus olhos azuis estavam cheios de lágrimas e medo.

Nossos olhos se encontraram e seus lábios tremeram, mas nenhuma outra palavra foi dita. Tive a sensação de que a conhecia, contudo, o pensamento desapareceu rapidamente.

– Mas que diabos? – Levantei-me com o coração aos pulos e corri para o banheiro, que ficava à esquerda da entrada.

Atravessei o corredor e virei. Abri a porta que tinha a imagem de uma lobisomem trajando um vestido e segurando uma sombrinha. Pouco depois, congelei.

Uma sensação de enjoo me envolveu ao encarar um rosto magro, semelhante ao de uma múmia, e um corpo murcho deitado de lado. Pela estatura, largura dos ombros e delicadeza e tamanho das mãos, era possível identificar que se tratava de uma mulher.

A pele de seu rosto, mãos e pescoço estava seca, como se todo o sangue e fluidos tivessem sido drenados. Seus dentes pareciam grandes demais, e mal se via a ponta do seu nariz.

Meus lábios se abriram enquanto passava os olhos pelo corpo. Sim, era de fato um corpo. Ninguém poderia estar vivo com uma aparência como aquela.

Quem quer que ela fosse, estava morta.

CAPÍTULO 2

Fiquei parada, experimentando uma sensação de repulsa e, ao mesmo tempo, uma curiosidade peculiar. O que isso dizia sobre mim? Em minha defesa, dar de cara com um corpo completamente sugado era algo pelo qual eu não havia passado antes. De onde eu estava, não era possível ver qualquer marca de perfuração, o que teria explicado o que tinha acontecido, mas isso não significava que não houvesse nenhuma.

Fazer algo assim sem magia só seria possível em um laboratório ou com equipamentos médicos. Nenhuma pessoa sozinha em um banheiro e sem nenhum tipo de ferramenta teria sido capaz de retirar todos os líquidos da mulher. Ou seja, a explicação mais simples e plausível era de que magia fora utilizada.

Só havia uma maneira de descobrir.

Concentrando-me, canalizei minhas luzes estelares. Apesar da limitação do dia, eu não precisaria de muita energia.

Um leve puxão indicou que minha magia estava respondendo. Com um impulso mental, minhas luzes estelares voaram como delicados dentes-de-leão brancos, posicionando-se sobre a mulher morta e fazendo-a brilhar. Elas eram como sensores em miniatura, transmitindo-me tudo o que sentiam. E, neste momento, minhas luzes não sentiam nada.

Busquei por qualquer energia paranormal que pudesse me auxiliar a distinguir qual era a raça da vítima, mas não detectei nada. Não havia substância nela. Nenhum traço de sangue, essência ou magia. Não mais.

Senti uma presença atrás de mim e vi Valen entrar no banheiro com uma expressão de horror no rosto.

– Ela está morta – falei, não que ele não pudesse perceber só de olhar para a mulher. Ousando chegar mais perto, ajoelhei-me ao lado dela e afastei o cabelo de seu rosto. – Ah, droga. Seu pescoço está quebrado. Está bem feio. – A garganta estava dobrada em um ângulo estranho. Ainda assim, uma coisa me pareceu familiar. A fratura se assemelhava a vez em que Catelyn matara Adele com suas mãos gigantes. Contudo, esse não era o caso aqui. Estranho.

– Macacos me mordam – disse Elsa ao entrar no banheiro. Ela segurou o medalhão junto ao peito, da mesma forma que eu vira muitos católicos segurarem seus rosários, buscando conforto na

oração. Infelizmente, nenhuma reza poderia salvar essa mulher.

– Puta merda. – Julian parou ao ver a cena, fazendo com que Jade se chocasse contra suas costas.

A bruxa espiou por cima do ombro dele.

– Ah, meu Deus. O rosto dela. – Jade cobriu a boca com as mãos quando um gemido escapou.

Olhei para Valen. Ele estava com o maxilar cerrado, fitando o corpo como se estivesse prestes a socar as paredes e, talvez, também arrancar algumas privadas.

– Sabe quem ela é? – Elsa deu um passo à frente, e seus músculos faciais se contraíram. – É uma de nós?

– Não estou sentindo nenhuma vibração paranormal – respondi ao liberar minhas luzes estelares. – Porém, pode ser apenas porque restou pouco da sua essência. – Além disso, como era dia, minha magia estava fraca. Também era possível que quem a matara tivesse se assegurado de que não seria descoberto. Não tinha sido um acidente. Fora intencional. Mas por quê?

– Uau. – Shay se espremeu entre Julian e Elsa. – Isso é uma múmia?

– Shay! – Levantei-me, agarrei minha irmãzinha pelos ombros e a empurrei para fora. Quando estávamos no corredor, inclinei-me e disse – Volte para a nossa mesa e espere por mim. Não há nada para ver aqui, tá?

Ela cruzou os braços em uma postura desafiadora.

– Por quê? Eu já vi. Não estou com medo, não sou um bebê.

Suspirei, vendo que a menina ia dificultar as coisas.

– Sei que não é, mas não quero que veja isso. Nenhuma criança de onze anos deveria.

– Onze e meio.

– É uma cena terrível, Shay. – Não, ela era muito jovem para testemunhar algo tão perturbador. Na sua idade, eu teria pesadelos. O mais preocupante era perceber que Shay não demonstrara estar tão impactada com a situação, mas eu pensaria sobre isso mais tarde. – Além disso, pode ser fruto de um crime. Ninguém deve colocar um pé lá até que eu tenha tido a oportunidade de investigar mais.

– Você acha que ela foi assassinada? – perguntou, com os olhos verdes arregalados e as sobrancelhas erguidas em interesse. Ela inclinou a cabeça, tentando dar uma espiada atrás de mim.

Puxei-a para a frente, utilizando meu corpo como escudo e protegendo sua visão do banheiro.

– Ainda não sei. Preciso de mais informações. Pode demorar um pouco.

– Eu posso ajudar – disse Shay. – Sei das coisas. Posso ser sua assistente – acrescentou com um sorriso esperançoso.

Ah, droga. Ela estava fazendo aquela expressão de novo, a com os olhos de cachorrinho que eu achava impossível de resistir. Contudo, tinha que me manter firme. Não queria que minha irmã chegasse perto do banheiro.

– Não. Só... vá se sentar e espere por mim, tá?

Shay fez uma careta, mas se virou e voltou para a nossa mesa. Caramba! Ela era tão teimosa quanto eu.

Esperei até vê-la se jogar na cadeira e começar a bater no copo de água com o garfo. Depois, retornei.

Valen me fitou quando entrei.

– Shay voltou para a mesa? – Seu tom não conseguiu disfarçar sua tensão. Ele estava tão chateado quanto eu pelo fato de a menina ter testemunhado isso.

– Sim.

– Que bom – disse com a voz cheia de preocupação, o que apenas aumentou minha própria tensão. – Ela não deveria ter visto isso. – Sua atenção se voltou para a mulher.

– Eu sei. – Infelizmente, já era tarde demais.

– Acha que quem fez isso continua aqui? – perguntou Jade, olhando por cima do ombro como se temesse um ataque iminente, como se fosse a próxima.

Ponderei por um momento.

– Acho que não. O culpado já se foi. – Porque quem quer que ele fosse, não queria ser pego. – Isso não pode ter ocorrido há tanto tempo, talvez apenas alguns minutos atrás.

– Mas ela parece uma múmia. – Julian fez uma careta.

Olhei para o bruxo.

– Eu sei, porém, este é um restaurante movimentado. Ela não pode estar assim há muito tempo. Alguém a teria visto. – Isso me dava uma hora aproximada da morte, ou melhor dizendo, um período aproximado. – Há câmeras aqui? – perguntei ao gigante, esperando descobrir a identidade do nosso assassino.

Valen ficou em silêncio por um momento.

– Aqui dentro, não. Apenas lá fora, nos fundos.

– Hum. – Isso não ajudava em nada. Teríamos que nos contentar com o que tínhamos. Meus olhos se voltaram para a vítima. – Já ouvi falar de vampiros antigos, milenares, que podem drenar uma pessoa. Acha que um deles pode ser o culpado? – lancei a pergunta para Valen, mas também esperava ouvir meus amigos.

Apesar de ser uma Merlin experiente, era a primeira vez que via algo do tipo. Precisaria de toda ajuda disponível, assumindo, é claro, que isso fosse um caso. Será que era realmente um?

– Talvez – respondeu Elsa, com um tom amargo. – Embora eu nunca tenha visto um vampiro fazer algo *assim*, nem mesmo um

ancião. Isso não é exsanguinação.

– Está mais para mumificação – murmurou Julian.

Elsa apontou na direção da mulher.

– Se foi um vampiro, deve haver marcas de perfuração perto da jugular ou nos pulsos.

Valen se moveu primeiro, ajoelhando-se ao lado do corpo. Observei enquanto ele movia meticulosamente a gola da camisa para verificar se encontrava alguma marca. Ajoelhei-me ao seu lado, tentando não chegar muito perto do pescoço da vítima ou do osso que estava para fora.

– Achou alguma coisa?

O gigante balançou a cabeça, e sua expressão pesarosa se aprofundou.

– Nada em seu pescoço.

Passei meus olhos pelo local. Nem parecia um pescoço, assemelhava-se mais a um joelho quebrado. De perto, era ainda pior. A ponta branca exposta na pele lembrava uma coxa de frango partida ao meio. Todavia, não havia sangue escorrendo do ferimento. Era como se sua garganta tivesse sido quebrada após a morte. Ainda assim, teria sido possível ver alguma evidência de fluido corporal, mas ela estava tão seca quanto um pretzel.

– Verifique os pulsos – instruiu Elsa com um tom de esperança, apontando um dedo para mim.

Não me incomodei com o fato de ela estar me dando ordens. Todos estávamos profundamente abalados após encontrar o corpo. Aproximei-me e peguei sua mão, tentando não estremecer com a leveza e a finura. Dobrei a manga de sua blusa e virei seu pulso.

– Nada nesse aqui. – Fui até o outro lado e fiz o mesmo com o braço esquerdo. – Nada.

– Os vampiros anciões usam magia para dominar suas vítimas – afirmou Julian, apoiando as costas na parede mais afastada.

– É possível que ela nem tenha resistido ou se mexido, o que acabaria dificultando a detecção de marcas de dentes.

– Mesmo assim, teríamos algum indício do furo por onde os fluídos corporais foram extraídos.

– Belisquei sua pele logo acima do pulso, era como se eu estivesse tocando argila. – Não é possível tirar sangue sem deixar uma marca, seja de dente ou de agulha.

A não ser que eu estivesse enganada, contudo, o fato de ninguém ter discordado me disse que estava certa. Balancei a cabeça.

– A menos que sejam microscópicas, não há marcas de perfuração. – Encontrei os olhos de Valen. – Não tenho cem por cento de certeza, mas não parece que um vampiro ensandecido ou um ancião tenha feito isso. Pode ser outra coisa. – Como ele não disse nada, acrescentei

– Você a reconhece? Ela trabalha aqui?

Esse era o restaurante dele, então era provável que a mulher fosse uma cliente ou, talvez, uma das funcionárias. Porém, dada sua aparência, duvidava que até mesmo seus próprios pais pudessem reconhecê-la.

Valen balançou a cabeça.

– Não, não a reconheço. Ela não trabalha aqui. Deve ser uma cliente.

– Uma cliente morta – murmurou Julian, com o rosto franzido em uma carranca.

– Procure alguma identidade nos bolsos dela – ordenou Elsa.

– Sim. – Estremecendo, enfiou os dedos nos bolsos, fazendo o possível para não olhar para o seu rosto. Após revistá-los, endireitei-me. – Não tem nada aqui. Talvez tenha vindo com uma bolsa ou algo assim. Devemos checar os clientes. Ver quem está faltando entre eles.

Meu Deus, e se a mulher tivesse vindo fazer uma refeição com a família?

Não tínhamos ideia de quem ela era ou porque fora morta. Todavia, o que eu realmente queria saber era: por que aqui? Por que no restaurante de Valen?

– Quem poderia ter feito algo assim se não um vampiro? – Jade se abraçou, parecendo desejar nunca ter visto a cena.

Não a culpava, era terrível. Contudo, eu era uma Merlin. Ver coisas macabras fazia parte do trabalho.

– Não sei, mas olhe para o pescoço dela – falei, apontando para o óbvio. – Os vampiros não quebram os pescoços de suas vítimas. Não que eu me lembre. E, a julgar pela forma como o osso se sobressai, acho que ela foi atingida com força. Algo ou alguém muito forte o quebrou.

– Demônios? – Jade deu um passo cuidadoso para trás, seu rosto se enrugando em choque e medo.

– Não – respondi. – Não à luz do dia. – Eles não poderiam ter feito isso. No entanto, o culpado era igualmente forte.

– Um gigante.

Nós nos viramos e dirigimos nosso olhar para Valen.

– Somente um poderia quebrar o pescoço de uma pessoa assim – disse com a voz baixa. Ela retumbou no silêncio repentino. Ele gesticulou para a mulher. – Estão vendo como quase não há hematomas? Foi um golpe só. Um golpe forte.

Senti um nó na garganta, o que dificultou minha respiração; era como se meu próprio pescoço tivesse sido quebrado.

– O que está querendo dizer? – Eu sabia exatamente onde Valen queria chegar, contudo, precisava ouvir sair de seus lábios.

Seu olhar sombrio se fixou em mim.

– Estou dizendo que o culpado é um gigante. É o que parece.

– Pensei que não existissem outros aqui – falei, sentindo o olhar atento de meus amigos sobre nós. – Seus amigos da Alemanha já se foram. Só resta você.

– Eu e Catelyn. – Valen soltou um suspiro.

O medo me apunhalou por dentro.

– Você não acha... Não está achando que ela fez isso, certo? – Eu não queria admitir, mas Catelyn era uma gigante recém-transformada, ou melhor, *criada*. Era possível que ainda estivesse lutando com suas novas habilidades e tivesse acidentalmente atacado e matado a mulher.

– Pensei que tivesse dito que Catelyn estava indo bem – disse Julian, com a voz carregada de acusação. – Não foi por isso que ela se mudou e devolveu o apartamento? Para poder ficar com a família?

– Sim, eu disse. Acho que teremos que lhe fazer uma visita. – Não queria ter que admitir que Catelyn a poderia ter matado. Ainda assim, tínhamos que conversar para poder excluí-la da minha lista de suspeitos. Pois é, parece que, agora, eu tinha uma lista.

– Não podem se esquecer de mim – disse Valen.

Voltei a olhar para o gigante.

– Não, você não fez isso. – Me levantei, odiando como meus joelhos queimaram em protesto por ficar agachada por tanto tempo. Valen, em sua forma gigante, teria destruído o banheiro. Ele nem caberia.

– Não fiz – respondeu –, mas o Conselho das Sombras ainda vai querer me interrogar.

– Por quê? É porque precisamos informá-los? – perguntou Elsa, com as feições distorcidas. Era como se ela estivesse tentando pensar em uma desculpa para não os envolver.

– Sim, precisamos. – Passei a mão pelos cabelos e encontrei o olhar sombrio de Valen. – Tem algum inimigo que eu não conheço?

O gigante franziu a testa.

– Acha que alguém está tentando me incriminar?

– Se excluímos Catelyn, é uma possibilidade. Quero dizer, por que alguém cometeria um assassinato e deixaria o corpo no seu restaurante?

– Puta merda, ela tem razão. – Julian passou os dedos pelo cabelo.

– Cara, alguém está se passando por você.

O maxilar de Valen se contraiu, mas ele permaneceu em silêncio.

– Contudo, algo não está batendo – comentei.

– O quê? O que há de errado? – Elsa inclinou a cabeça para me ver melhor.

Olhei para o grupo.

– Sim, alguém extremamente forte quebrou o pescoço dela, mas,

até onde sei, gigantes não podem sugar os fluidos corporais de uma pessoa. – Ou podiam? Eles ainda eram um assunto novo para mim. Ainda tinha muito a aprender sobre a raça.

– Certo. – Julian assentiu. – Então, foi um vampiro gigante? – sugeriu.

Se eu não estivesse tão abalada, poderia ter achado graça. Porém, talvez...

– Isso existe? – perguntei a Valen.

Ele me fitou.

– Não sei, mas se existe... estamos com sérios problemas.

Os pelos da minha nuca se arrepiaram com a tensão em sua voz. Um gigante com traços de vampiro? É, não queria nem pensar nisso.

– O que está acontecendo? Ah! O que é isso?! – gritou minha anfitriã aquática favorita ao entrar no banheiro.

Valen a agarrou pelos ombros e a levou para fora.

– Simone, ouça. Preciso que feche o restaurante. Diga aos clientes que a comida é por conta da casa. – Escutei ele dizer quando me aproximei para ver seus rostos.

Ah, sim, o nome dela era Simone. Porém, será que me importaria em lembrar? Não, já tinha até esquecido.

– Mas que desculpa devo dar? – perguntou a paranormal, parada no corredor estreito, com os olhos cheios de lágrimas. Nem mesmo Shay havia chorado.

– Nenhuma. Apenas tire-os daqui. Todos eles. Tenho que entrar em contato com o Conselho das Sombras. Simone? Está me ouvindo?

Ela assentiu.

– Tá – disse, atordoada. – Tudo bem. Vou cuidar disso.

Por um segundo, achei que a anfitriã não se mexeria, mas, então, ela deu meia-volta e desapareceu.

Valen olhou para mim.

– Vou ligar para o conselho – informou, dirigindo-se para seu escritório.

Fiquei ali, observando enquanto ele abria a porta e ia até a mesa para pegar o telefone fixo. Suas costas estavam rígidas e seus movimentos pareciam pesados pela tensão.

Ponderei se havia alguma conexão entre seu restaurante e a vítima. Quem poderia ter feito isso? Alguém que desejava culpá-lo? Era possível.

Contudo, a verdadeira questão era: *tratava-se de um caso isolado ou aconteceria novamente?*

CAPÍTULO 3

Acordei cedo na manhã seguinte, sentindo-me cansada e grogue, mas, ao mesmo tempo, animada. Ficara acordada até as duas da manhã, no meu antigo apartamento do Hotel Crepúsculo, analisando o caso da mulher que encontramos no restaurante de Valen.

A equipe de limpeza levava seu corpo para o necrotério paranormal de Nova York. Eles o haviam ocultado usando um feitiço de invisibilidade, a fim de protegê-la dos clientes curiosos ou dos transeuntes humanos que poderiam estar do lado de fora, aguardando para descobrir o motivo pelo qual o restaurante tivera que fechar repentinamente. A equipe tinha tirado fotos e a levado embora, mas não antes de eu mesma documentar a cena.

Valen permanecera em silêncio enquanto eles trabalhavam, exibindo uma expressão predatória em seu rosto robusto, com os punhos alternando entre cerrados e abertos, como se estivesse aguardando a oportunidade para acertar alguém.

Entendia sua frustração. O corpo não só fora encontrado em seu restaurante, como também havia o fato de que a forma como ela fora assassinada sugeria que um gigante fosse o culpado. Eu estava mais inclinada a acreditar que alguém estava tentando sabotar a reputação de Valen; que queriam colocar a culpa nele. Mas quem? O gigante tinha inimigos? Essa era a pergunta que não queria calar.

Assim que o médico legista conseguisse identificar a vítima por meio da arcada dentária, descobriríamos sua identidade. Eu não vira sentido em tirar uma foto do rosto dela, já que não se assemelhava em nada a quem era quando viva, dada a sua condição praticamente mumificada.

Passara quase a noite toda explorando o banco de dados dos Merlins, examinando a lista de criaturas e seres reconhecidos por drenar o sangue de suas vítimas. Os vampiros, em sua maioria, e os demônios incubus e succubus estavam entre os poucos com tal habilidade. Todavia, nenhum deles quebrava o pescoço delas.

Isso ainda era um mistério, e eu não gostava nada das implicações. Algo grande e forte a havia matado, algo como um gigante.

Contudo, a principal razão pela qual optara por trabalhar no meu antigo apartamento fora, primeiramente, por se tratar do meu novo escritório e, em segundo lugar, porque não queria acordar Shay. Ela precisava dormir o máximo que pudesse.

Afinal, hoje, iria matricular minha meia-irmã de onze anos em uma nova escola de elite para paranormais, a Academia Fantasia. A instituição era destinada a bruxas, lobos, metamorfos, fadas e todos os outros tipos de seres sobrenaturais. Tínhamos outras escolas, mas ela era referência em desempenho, reservada apenas para os melhores, aqueles que demonstravam o maior potencial e eram mais proeminentes. Shay teria sorte em aprender em uma escola como essa. Sem falar que conheceria crianças paranormais de sua idade e, com sorte, faria alguns amigos.

E tudo isso graças a Valen.

O gigante devia ter mexido alguns pauzinhos para que ela fosse aceita em uma instituição tão prestigiada. Algumas semanas atrás, ele me dissera que, talvez, conseguisse uma vaga para Shay. Meus olhos tinham se arregalado quando revelara o valor da taxa de matrícula, que, por sinal, ele pagara. O gigante insistira após eu mencionar que não ganhava tanto.

Coisas assim faziam com que me apaixonasse ainda mais por ele. Como não amar alguém tão generoso, amoroso e tão, tão incrivelmente gostoso?

Para nossa sorte, a Academia Fantasia ficava em Manhattan, a apenas alguns quarteirões da nossa casa.

Esfreguei os olhos para afastar o sono, voltei meu olhar para a cama e percebi que Valen não estava lá. Ele também não estava na cama quando eu chegara de madrugada, mas imaginei que estivesse patrulhando as ruas em sua forma gigante. No entanto, já deveria ter voltado.

Soltei um suspiro, rolei para fora e fui para o banheiro. Após tomar um banho rápido e colocar um jeans escuro e uma camiseta preta com gola V, fui para o quarto de Shay.

Dei duas batidas e entrei.

– Shay? Está na hora de acordar. – Olhei para o volume sob o edredom listrado cinza-claro e branco. Ele se mexeu. Sorri e bati onde achava que estava sua cabeça. – Eu sei que está acordada. Está na hora de levantar, Shay. Você precisa se preparar para a escola. – Dei mais um tapinha para garantir.

Ela gemeu e afastou o edredom, revelando seu rosto.

– Não quero ir. Quero ficar aqui. Por que não quer me dar aulas em casa, assim como as outras crianças paranormais normais? – resmungou.

Lá vamos nós de novo.

– Como eu disse, não sou competente o suficiente para ensinar ninguém. Mal consigo cuidar de mim mesma, sequer sou capaz de digitar com mais de um dedo.

Shay riu.

– Que bobagem.

– Portanto, não quero ser responsável por arruinar sua educação. Sou uma professora horrível.

– Por que Valen não pode me ensinar, então? – perguntou, esperançosa. – Sei que seria bom. E ele tem magia de gigante.

Droga.

– Porque está ocupado. Valen tem um restaurante para administrar, funcionários e suas responsabilidades de gigante. Ele não tem tempo. – Se ela continuasse me encarando com aqueles olhos de cachorrinho, eu iria ceder.

Shay cruzou os braços sobre o peito e fez beicinho.

– Não vou. Não pode me obrigar. Você é minha irmã, não minha mãe. Não preciso ouvi-la.

Ah! Ela ia usar *essa* estratégia. Eu estava me perguntando quando faria isso. Como sabia que aconteceria, havia me preparado. A cama rangeu e balançou quando me sentei ao seu lado.

– Sei que sou apenas sua irmã, mas seu pai a deixou sob meus cuidados.

Suas bochechas ficaram coradas.

– Não sou um bebê.

– Eu sei.

– Já tenho idade suficiente para tomar minhas próprias decisões.

– Também sei disso.

– Então está tudo certo, eu não vou.

Suspirei.

– Olha, é uma *boa* escola. A melhor da nossa comunidade. Eu teria adorado ir para lá se tivesse tido a chance. Contudo, não pude, *você* pode. Tem a oportunidade de estudar em uma boa instituição. Você tem muita sorte, Shay. – Não é como se tivéssemos dinheiro para eu estudar lá quando tinha a idade dela. – Pense em todas as coisas maravilhosas que vai aprender. – Agora, ia usar a *minha* estratégia. – Valen também quer que você vá. Ele teve que mexer muitos pauzinhos para que fosse aceita. – Se eu não conseguisse convencê-la de outro modo, sabia que mencioná-lo poderia funcionar.

Shay piscou e, em seguida, jogou as cobertas sobre a cabeça.

– Ainda não entendo por que tenho que ir – disse entre os lençóis. – Posso aprender sozinha.

Ai meu Deus.

– Shay, você sabe que não é igual a todo mundo. É uma garota excepcional com um poder incrível.

– Não, não sou. Não tenho mais magia.

Senti uma pontada no peito ao ouvir a tristeza em sua voz.

– Ela aparecerá. E quando isso acontecer, precisará saber como usá-la, controlá-la e desenvolvê-la. Esta escola é o melhor lugar para

aprender a fazer isso.

Shay espiou por baixo das cobertas.

– Mas você estava me ensinando. – Seus olhos brilharam de tristeza. – Não quer continuar?

Senti como se tivesse levado um coice de uma mula no estômago.

– Não é isso. Você viu que não consigo ajudá-la. Nem sei o que fazer. Tentei, mas não posso ensiná-la a usar seus poderes. Esta escola está repleta de bruxos treinados e outros praticantes de magia que podem fazer mais por você do que eu. Confie em mim, eles sabem o que estão fazendo.

Também tinha a sensação de que, se continuássemos naquele caminho, eu certamente perderia a paciência, e ela acabaria se ressentindo comigo. Não queria isso. Nosso relacionamento ainda era recente e frágil, não desejava que voltássemos à estaca zero. Não, Shay precisava ser treinada por outras pessoas. Eu não queria estragar tudo. Era importante demais.

Ela me observou.

– Mas não quero ficar com crianças paranormais o dia todo. Elas são esquisitas.

Não pude deixar de rir.

– Você sabe que também é uma bruxa, certo? E que é tão esquisita quanto eles? Talvez mais?

Shay fez uma careta.

– Não sou esquisita. Sou excêntrica. E não quero ir para aquela escola.

Contemplei o rosto da minha irmã, observando os primeiros sinais de medo em seus grandes olhos verdes, bem como a forma como mordiscava o canto do lábio inferior, um hábito que notei que ela fazia quando estava assustada ou nervosa.

– Entendo que é assustador entrar em uma escola nova, especialmente quando vai aprender coisas que desconhece. Contudo, acredite em mim, quando chegar lá, perceberá que todos são como você, como nós. Todos eles também estão descobrindo as coisas. – Respirei fundo. – E... se você odiar, quero dizer, *odiar*, odiar mesmo, não vou forçá-la a ficar.

Shay finalmente se levantou e esfregou os olhos.

– Sério?

– Sério.

– Tá, vou para a sua escola idiota.

Sorri.

– Combinado. Agora, arrume-se. Não queremos nos atrasar para o seu primeiro dia.

Enquanto ela saía da cama e se dirigia para o banheiro, saí do quarto e fui direto para a máquina de café. Depois que a bebida ficou

pronta e preparei uma xícara para mim, peguei meu celular, passei o dedo na tela e mandei uma mensagem para Valen.

Eu: *“Onde está? Você não voltou para casa ontem à noite.”*

Se eu estivesse em meus vinte e poucos anos, talvez tivesse lutado com algumas inseguranças sobre o fato de meu homem não ter voltado para casa. Porém, agora, aos quarenta e poucos, tinha uma mentalidade do tipo “se for para ele trair, que se dane”. Eu não podia fazer nada para impedir isso. E, se acontecesse, o gigante me perderia para sempre.

O fato de Martin, meu ex-marido, ter sido um grande e velho traidor contribuía. No começo doera, mas, depois, eu havia ficado entorpecida e me concentrara no trabalho para não ter que pensar que estava casada com um traidor. Porém, isso tinha acabado. E eu havia mudado. Eu era forte, a vida havia me fortalecido. Também não ia perder a cabeça procurando por Valen. Não tinha mais idade para esse tipo de coisa.

Além disso, confiava nele. Eu sabia que o gigante devia estar procurando pelo assassino ou por uma explicação para o que havia acontecido com a cliente que havíamos encontrado em seu restaurante. Ele estava levando a questão muito a sério, o que me preocupava.

Assim que minha irmã saiu do chuveiro e após um rápido café da manhã com cereais, descemos as escadas do apartamento e saímos.

– Vamos pegar um táxi? – perguntou Shay, que estava linda com uma calça jeans nova, tênis Converse preto e uma blusa bonita com seu personagem favorito da Marvel, cujo nome eu não conseguia lembrar.

– Não, não é longe. Na verdade, fica a apenas algumas quadras daqui – respondi quando começamos a caminhar para o sul, na Fifth Avenue. Olhei para sua mochila. – Tinha mesmo que trazer isso com você?

Ela estreitou os olhos.

– Sim, por quê? O que há de errado com ela?

– Nada. – Desviei o olhar. Sabia que aquela mochila suja lhe dava certo conforto e segurança. Shay nunca saía de casa sem ela. Eu só esperava que a escola não a barrasse por conta dela.

Olhei o relógio do meu celular, havíamos caminhado por quinze minutos. Shay estava em silêncio. Eu não tinha ideia do que ela estava pensando.

Continuamos pelas movimentadas ruas de Manhattan, meus olhos vasculhando as calçadas cheias em busca de qualquer indício da escola oculta. Não tinha ideia de como era, apenas sabia que estava escondida dos olhos humanos por um feitiço, assim como o Hotel Crepúsculo.

Meu coração acelerou de emoção quando me aproximei do local onde sabia que ela deveria estar, na 777 West Nineteenth Street, entre a Sixth e Seventh Avenue.

– É aqui – falei, e minha irmã se posicionou ao meu lado.

À medida que nos aproximávamos, senti uma energia estranha emanando da área, como se o próprio ar ao meu redor estivesse impregnado de magia. Olhei em volta, tentando encontrar algum sinal da instituição.

Então, eu a vi.

Aninhada entre dois outros edifícios, a estrutura era antiga e desgastada, porém possuía uma beleza singular. A imponente construção, que lembrava um castelo, ostentava torres e torretas que se erguiam altas e orgulhosas contra o céu. Ela se destacava dos demais prédios do quarteirão, exibindo poder e mistério.

O feitiço era quase imperceptível, mas eu podia vê-lo. Era como se um véu tivesse sido retirado de meus olhos, revelando a verdadeira natureza do edifício. Definitivamente era um colégio paranormal oculto dos olhos dos humanos.

– Não parece uma escola – disse Shay. Percebi que ela tinha esperança de que tudo isso não passasse de um equívoco e de que voltaríamos para casa.

– Vamos lá. Estamos atrasadas. – E estávamos mesmo, dois minutos atrasadas. Droga.

Notei dois portões de metal cercando a propriedade. Eles eram altos e imponentes, com desenhos intrincados gravados no metal. Sem hesitar, abri-os e entrei.

No momento em que cruzei a soleira, o ar ao meu redor crepitou com magia. Senti uma onda de energia correndo em minhas veias, fazendo com que me sentisse mais viva do que nunca.

Uau. Se essa instituição me fazia sentir tão bem, também queria estudar aqui.

Enquanto explorava, não pude deixar de sentir admiração e entusiasmo. Esse era um lugar de magia e mistério, onde minha irmãzinha poderia aprender e se desenvolver como bruxa, um lugar ao qual ela poderia realmente pertencer.

Ao atravessarmos os portões, vi a apreensão no rosto de Shay. Rapidamente, desviei o olhar para não mudar de ideia e fazer algo idiota, como agarrá-la e sair correndo.

Subimos os degraus de pedra e bati duas vezes nas portas de carvalho maciço.

– Se fugirmos agora, eles nunca saberão que estivemos aqui – sussurrou a menina.

Fitei-a.

– Por que você está sussurrando? – perguntei, sussurrando

também.

Shay deu de ombros.

– Todo mundo sabe que as paredes das escolas mágicas têm ouvidos.

– Elas têm? – Eu não fazia ideia. Contudo, antes que pudesse lhe fazer mais perguntas, a porta se abriu, revelando um homem alto e magro com ombros estreitos sob uma cabeça brilhante e careca, um nariz pontudo e um sorriso malicioso.

– Sim? – disse ele. Sua voz tinha um tom meio meloso com traços de falsidade. O cheiro de incenso e de algo azedo invadiu meu nariz. Tive que me conter para não fazer uma careta. Uma rajada de ar passou pelas portas abertas, trazendo o aroma de ervas e especiarias, e pude sentir o zumbido da magia ao meu redor.

O cara me lembrava Errol, ainda assim, sorri.

– Olá! Sou Leana Fairchild, e esta é Shay. – Dei-lhe um tapinha no ombro com um pouco mais de força do que pretendia. – Ela vai começar as aulas hoje. – Esperei que o homem falasse alguma coisa, porém, quando ele permaneceu calado, continuei – Hum. Bem, acho que estavam esperando por ela. – Será que havia errado as datas?

– Sim – respondeu em um tom que esbanjava falso charme. Ele olhou para Shay. – Estávamos esperando você. Embora eu esteja surpreso com o fato de ter conseguido se matricular depois do primeiro semestre já ter começado. Normalmente, os alunos que se matriculam tardiamente precisam esperar pelo segundo semestre.

Valen.

– Sorte, eu acho.

O homem fez uma careta, e seus olhos se estreitaram até quase desaparecerem nas dobras de suas sobrancelhas.

– Não existe tal coisa.

– Quanta positividade e otimismo – retruquei, não gostando do seu tom. – Também não mataria se você mostrasse um sorriso.

– Leana – sibilou Shay.

Eu me controlei quando vi a vermelhidão em suas bochechas.

Olhei para o estranho novamente. Ele me observava com um sorriso que lembrava o de Errol. Era possível que fossem irmãos.

– Ela terá que se esforçar duas vezes mais para alcançar os outros alunos.

– Shay é muito esforçada.

Seu sorriso se alargou.

– Apenas três em cada dez alunos se formam. Receio que as chances não estejam a seu favor.

Fui tomada por uma raiva instantânea.

– Escuta aqui, seu filho da...

Shay puxou meu braço.

– Eu consigo.

– Tem certeza? – Porque eu não tinha mais tanta certeza. – Mudei de ideia – falei. Valen ia me matar. – Você não precisa mais ir para essa escola esnobe.

A instituição deveria ser voltada para bruxas e outros seres sobrenaturais, mas o que isso realmente significava? Será que minha irmã se encaixaria? Estaria segura? Se o idiota que nos cumprimentava na porta fosse uma indicação do que a esperava lá dentro, eu não queria que ela ficasse ali.

A menina sorriu para mim de um jeito que indicava que já havia tomado sua decisão.

– Eu vou. – Ao dizer isso, avançou um passo e se juntou ao esguio aspirante a Errol.

Ele a fitou como se sua presença tivesse contaminado os corredores da imponente escola.

– Sua primeira aula é na sala 101. Seu professor lhe dará os horários e mapas no pacote de boas-vindas.

Shay estava com uma expressão corajosa no rosto, contudo, eu podia ver o medo por trás de seus olhos.

Tentei segui-los, mas uma mão firme me empurrou para trás.

– Somente alunos podem entrar – disse o porteiro ou o que quer que ele fosse.

Levantei uma sobrelha.

– Você não parece um aluno, a menos que tenha repetido alguns séculos.

– Somente alunos e *professores* – corrigiu com aquela zombaria que eu desejava tirar aos chutes de sua voz.

– Você pode reivindicá-la às três da tarde.

Reivindicá-la? O que ela era, uma filhote de cachorro?

– Tudo bem. Estarei aqui. – Levantei a mão para me despedir, mas o homem empurrou minha irmã para frente, seu corpo a escondendo da minha visão. E, quando dei por mim, a porta já havia se fechado na minha cara. – Bela escola. Espero que ensinem boas maneiras – gritei.

Percebendo que havia atraído a atenção de alguns humanos que passavam por ali, dei meia-volta e retornei para os portões, seguindo para as ruas lotadas.

Meu rosto ardia de raiva e apreensão. Eu me sentia a maior idiota do universo. E se isso tivesse sido um erro terrível? E se essa instituição não fosse o que eu esperava?

O fato de eu ter que investigar o caso da mulher do restaurante não estava ajudando em nada com o meu humor. Ainda estava incerta sobre como ela tinha sido assassinada, quem era o responsável e, o mais crucial, por que motivo.

Parecia que esta seria uma daquelas semanas.

CAPÍTULO 4

Com o coração pesado, entrei no saguão do Hotel Crepúsculo. Minhas pernas pareciam ser feitas de chumbo enquanto eu procurava evitar contato visual com qualquer pessoa. Perguntava-me se tinha feito a coisa certa ao deixar Shay naquela nova escola. Parte de mim queria voltar correndo e tirá-la de lá, mas isso seria pura idiotice. Ela precisava estudar, e eu era a última pessoa que poderia lhe oferecer isso.

Ainda assim, temia que tivesse agido errado. Após o falecimento de minha avó e de minha mãe, sentira-me sozinha e sem família. Eu não podia considerar Martin como família. Ele era mais um carrapato sugador de sangue. Portanto, quando Shay entrara na minha vida, cerca de um mês atrás, sentira como se tivesse recebido uma segunda chance. E, com Valen, soubera que ela estava completa.

Porém, agora... simplesmente não queria estragar tudo. Não queria perder minha irmãzinha.

Balancei a cabeça para afastar aqueles pensamentos sombrios. Ainda não havia acontecido nada. Além disso, eu tinha uma morte para investigar. Precisava me concentrar.

Assim que passei pelas portas do saguão, percebi que algo estava errado. Os pisos de mármore estavam cobertos por um tapete felpudo rosa brilhante, e um globo de discoteca espelhado pendia do teto, espalhando luz por todo o ambiente. Luzes estroboscópicas piscavam ao ritmo de uma batida grave.

Parei, olhei em volta e não acreditei no que estava vendo.

– O que é isso? Parece que os Bee Gees vieram festejar.

O saguão tinha sido transformado em uma boate dos anos 70.

– Isso, minha querida, é o som do funk – disse um homem que vinha em minha direção. – Bem-vinda aos anos 70. – Um terno escuro envolvia seu corpo magro. Seu cabelo claro estava mais curto do que antes, indicando que o havia cortado. Ele sorriu para alguns hóspedes, caminhando com um andar confiante e agradável.

– Oi, Jimmy.

Sendo o gerente assistente do hotel, o metamorfo parecia calmo e tranquilo, como se nada estivesse fora do lugar, apesar da presença de um globo espelhado de discoteca gigante pendurado sobre nossas cabeças e de um tapete felpudo sob nossos pés.

Pensei sobre a primeira vez que o vi, quando ele ainda era um

ção de madeira, vítima de uma maldição da feiticeira Auria, e sobre o quanto Jimmy havia mudado desde que ela fora removida.

– Então – falou, dando-me um sorriso –, o que achou?

Eu ri, apontando para o globo espelhado e para as luzes pulsantes.

– Foi você?

Ele sorriu de orelha a orelha.

– Achei que precisávamos mudar um pouco as coisas. Os hóspedes parecem estar gostando.

Dei uma olhada rápida e vi alguns paranormais vestindo calças boca de sino, jeans desgastados, saias midi, vestidos maxi, tie-dye, blusas de camponeses e ponchos. Um grupo de vampiros, a julgar pela sua aparência exagerada, exibia gargantilhas, bandanas, lenços e joias feitas de madeira, pedras, penas e miçangas.

Ele estava certo. Os hóspedes estavam adorando.

Não pude deixar de rir do absurdo de tudo aquilo. Contudo, lembrei-me de Jimmy ter dito que, após o sucesso da Semana do Cassino de Basil, os temas seriam um evento mensal no hotel.

– Bem, tenho que admitir que, desta vez, você se superou. Nunca pensei que veria um globo neste hotel.

O metamorfo deu uma risadinha.

– O que importa é surpreender as pessoas, fazê-las sentir que estão imersas em uma aventura. Nunca se sabe o que vai acontecer. O hotel nunca esteve tão cheio.

– Estou feliz por você, Jimmy. – Eu realmente estava. – Vi Valen por aí?

– Não, por quê?

– Preciso conversar com ele sobre algumas coisas.

– Sobre a mulher morta que encontrou no restaurante dele?

– Jade lhe contou. – Não fiquei surpresa, os dois eram inseparáveis.

Ele assentiu.

– Eu não o vejo desde a noite passada.

– Leana!

Virei-me ao ouvir meu nome e vi Elsa e Jade. Bem, o que eu acreditava ser as duas.

– Ah, meu Deus. São... são Sonny e Cher.

Elsa tinha escondido seus cachos ruivos sob uma peruca curta marrom, e colara um bigode grosso abaixo do nariz. Ela vestia calças jeans boca de sino e uma camiseta vermelha psicodélica.

Jade, por outro lado, usava uma peruca longa e lisa de cor preta, com uma faixa enrolada em torno da cabeça. Ela as combinara com calças boca de sino com listras em vermelho e dourado, finalizando o visual com um colete franjado. Todos nós sabíamos que a bruxa era adepta dos anos 80 e adorava se vestir como tal. Aparentemente, isso

também incluía os anos 70.

– Estamos comemorando os anos 70, querida – disse Jade, radiante, juntando-se a nós. – Onde está a sua fantasia? – perguntou a Jimmy.

O gerente assistente deu uma risadinha.

– Lá em cima. Não tive tempo de me trocar.

Ela sorriu, parecendo aceitar a desculpa dele para não estar andando por aí de calça boca de sino. Seus olhos se arregalaram quando se fixaram em mim novamente.

– Se quiser, tenho uma roupa de Mulher Maravilha da Lynda Carter no meu armário – ofereceu. – Você ficaria incrível.

Não sei por que, mas olhei para os meus peitos.

– Obrigada, mas tenho um trabalho a fazer.

Que Deus me ajude, não queria usar aquilo. Se me lembro bem, a fantasia era curta, e eu também não tinha o corpo esguio e magro de Lynda Carter. Ninguém iria querer me ver usando a fantasia. Acredite em mim.

– Tem ideia de quem ela era? – perguntou Elsa, coçando a parte de cima da peruca. – Aquela pobre mulher. Foi terrível o que lhe aconteceu.

– Ainda não. Não encontramos nenhuma bolsa ou carteira. Devo receber notícias do necrotério ainda hoje. Espero que eles possam desvendar sua identidade. – O fato é que eu não poderia construir um caso sólido sem saber quem a vítima era.

– Aí está você.

Virei-me e dei de cara com Basil, o gerente do hotel. Seu cabelo branco estava penteado para trás e ele usava um terno de poliéster laranja brilhante.

– Meu Deus – murmurei, fazendo Jimmy rir.

– Leana, preciso que me ajude com as festividades. – O aroma de flores silvestres e folhas de pinheiro encheu meu nariz quando ele se aproximou mais, era o cheiro dos bruxos da luz – Estamos nos anos 70 – disse com a voz tensa.

Sorri.

– Tem certeza disso? Eu nem percebi.

Basil estreitou os olhos.

– Os anos 70 foram uma época excepcionalmente colorida. Quero que o hotel dê a sensação de ter entrado em uma máquina do tempo.

– Missão cumprida.

– Temos uma apresentação de boogie hoje à noite – informou, com um sorriso estampado no rosto, como se essa fosse a melhor notícia de todas. – Com dançarinos de disco.

Eu ri.

– Você é um deles?

Basil me deu um olhar incisivo.

– É claro que não. Não sei dançar. A questão é que preciso da sua ajuda para preparar tudo. Você deve recepcionar os hóspedes, e não se esqueça de mencionar que é a Merlin do hotel, esse tipo de coisa. Além disso, precisamos de mais purpurina – disse, segurando um pequeno frasco com uma substância dourada cintilante. – E você é a pessoa certa para conseguir isso para mim.

Jade deu uma risadinha, e eu tentei manter uma expressão séria ao responder:

– Desculpe, Basil, estou ocupada investigando a morte da mulher que encontrei no restaurante ao lado. Aquela que parecia ter sido embalsamada, sabe? Eu lhe dei um relato completo ontem, lembra?

O gerente me fitou com um olhar incrédulo.

– O que isso tem a ver com seu trabalho? A morte aconteceu no restaurante, não no hotel. Você não deveria estar envolvida.

Revirei os olhos.

– Mas estou. Desculpe, Basil, meu trabalho como Merlin vem em primeiro lugar. Talvez da próxima vez.

Ele inspirou e bufou como se estivesse hiperventilando, claramente insatisfeito com minha resposta.

– Tudo bem, mas não espere ser paga por hoje.

– O quê? Não pode estar falando sério.

Basil levantou o queixo.

– Pelo que me lembro, você trabalha para o hotel. Não para seu namorado.

– Isso não tem nada a ver com ele. Temos uma vítima.

– Não muda o fato de que a pagamos para ficar de olho nos hóspedes, moradores e funcionários *do hotel* e para garantir a segurança deles. *Esse* é o seu trabalho.

– E é exatamente isso que estou fazendo. Os hóspedes e moradores comem naquele restaurante.

Seu sorriso desapareceu, e ele se inclinou para mais perto de mim.

– Escute aqui, Leana. Esse assassinato aconteceu no *restaurante*, não aqui. Não tem nada a ver conosco.

Levantei uma sobrancelha.

– Tem, sim. A vítima pode ter sido uma hóspede do hotel, já pensou nisso?

Basil gesticulou em sinal de desdém.

– Não importa. Você não é uma detetive, é uma Merlin. Deixe Valen cuidar disso, o que eu tenho certeza de que ele já está fazendo. É o maldito restaurante dele. Temos hóspedes para atender. E preciso de você aqui agora mesmo.

– Não posso.

O gerente apoiou as mãos nos quadris.

– Eu sou seu chefe e estou dizendo que deve ficar.

Cerrei os dentes. Esse merdinha!

– Ah, é?

Jimmy pigarreou.

– Acho que aquela senhora ali precisa de ajuda.

Franzi a testa para meu amigo, que se afastava levando Jade e Elsa consigo. Jade olhou por cima do ombro e sorriu para mim antes de começar a cantar o refrão de Do You Believe in Life after Love, de Cher.

Bem, pelo menos ela estava se divertindo, ao contrário de mim.

Resmunguei, sabendo que não adiantava discutir com Basil.

– Tudo bem. Vou ajudá-lo. O que quer que eu faça?

– Ótimo! – exclamou, batendo palmas. – Preciso que auxilie com as decorações. Como eu disse, precisamos de mais glitter, mais luzes neon, mais... bem, mais tudo!

Eu queria vomitar.

– Os dançarinos só começam hoje à noite – continuou. – Certifique-se de cuidar do glitter. Vou falar com Polly para ter certeza de que está tudo pronto.

Observei Basil correr para a cozinha, com as pernas pesadas devido à roupa.

Quando ele se afastou, não pude deixar de sentir uma sensação de alívio. Eu não estava com vontade de dançar Stayin' Alive com um grupo de estranhos.

Então, quando o gerente não estava olhando, esgueirei-me até a recepção, com meus sapatos ecoando no piso de mármore. Errol se recusou a fazer contato visual comigo, em vez disso, ficou mexendo em alguns papéis.

O metamorfo lagarto, que também era recepcionista do hotel, me odiava. Eu não tinha ideia do motivo. Ah, sim, claro que eu sabia. Devia ser porque o havia atingido de propósito com minhas luzes estelares. Ops. Embora não tivesse sido legal da minha parte e nada profissional, ele tinha merecido. Perder a calma e agredir um colega de trabalho fora um erro. Sempre soube que nunca seríamos amigos, porém, agora, não havia qualquer noção de civilidade da parte dele. Errol sempre tivera uma atitude negativa em relação a mim, desde o primeiro momento em que nos conhecemos.

Com meu melhor sorriso falso, inclinei-me para a frente, apoiando os cotovelos no balcão, ciente de que ele detestava quando eu fazia isso.

– Olá, Errol. Tem alguma coisa para mim? – falei de forma suave e agradável, sem nenhum traço de desdém. Viu? Eu podia ser civilizada.

Ele não encontrou meu olhar, fitando atentamente a tela do computador à sua frente.

– Vá embora. Estou ocupado – esbravejou.

– Pode verificar se há alguma mensagem para mim? – perguntei, tentando manter meu tom leve, embora o lagarto já estivesse me irritando.

Errol soltou um suspiro de desgosto e se virou para vasculhar os papéis em sua mesa. Depois do que pareceu uma eternidade, se voltou para mim com um ar presunçoso no rosto.

– Não há mensagens para você – disse, entregando-me uma bandeja vazia. – Ninguém se importa com uma bruxa inútil.

– Ai, você feriu meus sentimentos. – Ri, tocando meu coração. – Como posso viver depois disso?

– Não tenho tempo para falar com pessoas idiotas – sibilou. Eu praticamente podia ouvir sua cauda se contorcendo de irritação.

Reprimi um rosnado.

– É sempre um prazer, Errol.

– Você é sempre uma vadia, Leana.

Cerrando os dentes, dei meia-volta e fui embora antes que fizesse alguma besteira novamente.

– Ah, esqueci. *Tem, sim*, uma mensagem para você.

Virei-me para encará-lo.

– Tem? – Voltei.

Errol jogou o cartão de mensagem como se tivesse sujado seus dedos só de tocá-lo.

Eu o peguei do balcão.

Prezada Leana Fairchild,

Sua presença é requisitada no edifício da sede do Conselho das Sombras de Nova York, às 9h. Soubemos da morte recente de uma mulher encontrada no restaurante Depois do Escuro. Você nos fornecerá seu relato dos acontecimentos.

Com os melhores cumprimentos,

Clive Vespertine

Investigador do Conselho das Sombras

O medo me atingiu com força. Clive Vespertine havia me prendido pelo assassinato de Adele, sua falecida namorada. Nossa relação não era exatamente amistosa. Ele era o investigador do Conselho das Sombras. Na última vez que o vira, o sujeito estava sorrindo e fechando a porta de uma cela na minha cara. Eu não tinha planejado vê-lo novamente, nunca mais.

Por que o paranormal estava interessado nessa morte? Não fazia sentido.

Olhei para o relógio do meu celular.

– São quase dez. – Droga. Já estava imperdoavelmente atrasada.

Contudo, as coisas não estavam batendo. O cartão de mensagem não poderia ter chegado agora. – Quando recebeu isso?

Errol deu de ombros.

– Não lembro.

– Você não *lembra*? – A raiva corou minhas bochechas.

– Estou atolado de trabalho. Talvez tenha chegado ontem à noite. Devo ter me esquecido. Ou, quem sabe, simplesmente não me importe o suficiente para lembrar.

– Que tal eu lhe dar um lembrete da próxima vez com um pé na sua bunda?

O recepcionista enrijeceu.

– Está me ameaçando? – Ele olhou por cima do meu ombro. – Desta vez, vou falar com Basil. – Errol apontou um dedo trêmulo para mim. – Não pense que não vou.

– Por que você não me deu a mensagem? – Droga. Faltar a uma reunião importante com um membro do Conselho das Sombras não seria bem-visto. Se eu tivesse o número de Clive, ligaria para ele. Porém, não tinha.

O metamorfo lagarto apenas me fitou fixamente. Ele não precisava dizer nada. Eu sabia o motivo. Era porque o havia machucado e humilhado.

Talvez eu não conseguisse explodi-lo novamente sem sofrer as consequências, mas tinha outra coisa em mente que poderia ajudar.

Inclinei-me sobre o balcão até que meu tronco ficasse apoiado sobre ele.

– Errol, querido, só queria que soubesse que eu o perdoo pelo que quer que esteja causando essa tensão entre nós – falei, emanando uma falsa doçura. – Talvez, um dia, possamos ser amigos.

Seus olhos se arregalaram de surpresa antes de se estreitarem em suspeita.

– Eu preferiria beber um balde de cianeto.

– Bem, me avisa quando for fazer isso. Eu estarei lá.

Ele fez uma careta e me deu as costas.

Coloquei o cartão no bolso da calça jeans e me virei, apoiando as costas na recepção e me sentindo um pouco mais leve depois de irritá-lo novamente. Sim, foi um pouco imaturo, mas Errol tinha começado.

Infelizmente, meu glorioso sorriso de vitória durou pouco, pois logo vi um homem entrar pela porta da frente do hotel.

Ele usava um terno preto de algum material caro e tinha uma expressão familiar no rosto. Seus olhos claros me encontraram enquanto dava uma tragada em seu cigarro.

Clive Vespertine.

CAPÍTULO 5

Ah, que inferno. Clive Vespertine era o último bruxo que eu imaginava ver hoje. Sua cara feia aparecendo no meu local de trabalho não me agradou muito. Talvez ele não tivesse me *visto* de verdade.

Com isso em mente, dei meia-volta, inclinei-me sobre o balcão da recepção e arrastei-me sobre ele até que todo o meu corpo estivesse horizontalmente estendido. Então, deslizei pelo outro lado, caindo desajeitadamente. Meu rosto atingiu o chão.

– O que está fazendo? – gritou Errol.

Olhei para ele do chão.

– Pensei em dar uma mãozinha para você. Hoje não é o “Dia de Ajudar Errol?” O que acha de começarmos com umas preliminares?

O recepcionista agarrou o peito como se eu tivesse acabado de agredi-lo. Nossa. Não me achava *tão* repulsiva.

Fiz uma careta.

– Foi uma *piada*. Pode ficar com suas calças de lagartixa.

– Saia! – gritou. – Somente o recepcionista e o gerente do hotel têm permissão para entrar aqui. Os *criados* não podem!

– Shhh! – sussurrei enquanto rolava e me agachava. Queria dizer que ele também era considerado um “criado”, mas estava muito ocupada tentando me esconder. – Finja que está trabalhando. Ignore-me. Eu não estou aqui. – Mexi meus dedos como os mágicos faziam na TV.

– Se não sair agora, vou chamar... a segurança! – ameaçou o metamorfo lagarto.

– Adivinha só, *eu* faço parte da segurança.

Ele não estava ajudando.

Olhei para o lado, procurando uma maneira de escapar. A única rota era pelo escritório de Basil. Que assim seja. Ignorando a explosão contínua de Errol, rastejei para a esquerda, vendo minha liberdade a apenas alguns metros de distância.

– Leana Fairchild – disse uma voz acima de mim que definitivamente não era a de Deus.

Estremeci, virei a cabeça e ergui o olhar. O desgraçado do Clive Vespertine estava me fitando do lado oposto da recepção.

– Está tentando me evitar? – acusou com um rosnado.

– Claro que não. – Fiquei de pé, limpando a sujeira do meu jeans.

O rosto do bruxo se contraiu, e ele deu uma longa tragada no cigarro.

– Achou que poderia se esconder de mim? Logo de mim? – repetiu, como se eu não tivesse entendido da primeira vez.

– Este é um hotel para não fumantes. Diga a ele, Errol. – Virei-me, mas o recepcionista estava no final da recepção, de costas para nós.

Clive expeliu uma nuvem de fumaça pelo nariz.

– Você não é tão inteligente quanto dizem.

Sorri.

– As pessoas me acham inteligente? – Parabéns para mim!

Ele me encarou por um momento, enquanto pensamentos se formavam em sua mente.

– Uma bruxa inteligente não ignoraria uma reunião com o Conselho das Sombras.

– Foi um desencontro de informações – respondi, permanecendo atrás do balcão como se isso fosse me proteger dele.

Não que eu tivesse medo do bruxo... Bem, talvez devesse ter. Da última vez que o vira, ele me imobilizara com suas algemas antimagia e me arrastara direto para uma cela. Não queria que isso acontecesse novamente, especialmente agora que tinha Shay em minha vida. Ela precisava de mim.

Clive me fitou com os olhos vazios e sem expressão antes de dizer:

– Você sempre foi uma mentirosa.

A raiva brotou em mim.

– Não estou mentindo. Não recebi a mensagem a tempo. Eu não tinha ideia da reunião. Errol, diga a ele. – Virei a cabeça na direção do metamorfo lagarto, que preferiu me ignorar. É claro que ele faria isso. Provavelmente estava gostando do seu sucesso em me colocar em apuros e, possivelmente, em me fazer perder meu emprego.

O bruxo se aproximou e apoiou uma mão na recepção. A luz do saguão do hotel refletiu em seu cabelo escuro e liso.

Eu nunca havia prestado muita atenção em seu rosto, mas, agora, era impossível ignorá-lo. Parecia um maracujá-de-gaveta.

Clive soltou uma pequena risada e deu outra tragada no cigarro.

– Não gosto muito de você – disse. – Na verdade, eu a desprezo.

– Ah, e eu achando que não tínhamos nada em comum. – Por algum motivo estranho, isso me deixou feliz.

Seus olhos ficaram severos.

– Você tirou alguém de mim, merece uma vida inteira na Cidadela Grimway. Não deveria estar andando pelas ruas, aproveitando sua vida. Deveria estar atrás das grades, suportando uma vida inteira de miséria e tortura.

– Só para sua informação, fui absolvida das acusações.

Droga. Ele ainda não havia deixado a morte de Adele de lado.

Porém, não tinha sido eu que a matara, fora Catelyn, e com razão. A gigante havia se apresentado ao Conselho das Sombras e explicado que havia matado a bruxa da luz após ser sequestrada e transformada à força.

Adele não batia bem da cabeça e estava recebendo ordens de Darius. Outro maluco. Eu estava feliz por ambos terem partido.

Os dentes de Clive ficaram à mostra quando seus lábios se curvaram em um sorriso de escárnio.

– Sim. Que conveniente!

Dei de ombros.

– Era apenas uma questão de tempo até que ela fosse detida. Você sabe que Adele estava envolvida com muitas coisas *ilegais*, certo? – A menos que ele concordasse com seus planos. O fato de o investigador não ter respondido me disse *tudo*. Clive sabia, e estava de acordo com isso.

– Você é uma bruxa desprezível e intrometida – acusou com um tom tão frio quanto sua pele branca.

– Vou considerar isso como um elogio.

Senti olhares em mim. Quando me virei, notei que Basil nos fitava com uma expressão que parecia sugerir que a presença de Clive arruinaria o tema dos anos 70. Na verdade, como se *eu* fosse estragar tudo. Ele me viu olhando e ergueu as mãos, encarando-me como se a culpa fosse minha. Acho que era.

O investigador se apoiou na recepção com seu cigarro perigosamente perto do meu rosto. Os primeiros sinais de uma barba por fazer estavam aparecendo em seu queixo.

– Porém, não é só você, não é mesmo? Seus... *amigos* são tão intrometidos quanto você.

Cerrei os dentes, fazendo o possível para não deixar meu temperamento levar a melhor.

– Deixe-os fora dessa, *Clivy*.

Ele sorriu amargamente.

– Ou o quê? – perguntou, com fumaça saindo de sua boca. – Está ameaçando um membro do Conselho das Sombras? – Quando não respondi, o bruxo continuou – Sabe o que acontece com bruxas inúteis que ameaçam o conselho?

Pisquei rapidamente.

– Se eu disser que sim, você vai embora?

Maldito fosse. Eu não me dava bem com as autoridades, o que explicava por que gostava de ser uma Merlin. O trabalho me dava independência e, na maior parte do tempo, me permitia ser minha própria chefe. Raramente tinha que envolver um membro do Conselho das Sombras em minhas tarefas. Bem, ao menos era assim *antes* de eu aceitar o emprego no Hotel Crepúsculo. Agora, parecia que eles

estavam sempre com o nariz enfiado em meus assuntos. O fato de serem os donos do local não ajudava.

– Nunca mais se ouve falar delas. – Ele riu de maneira áspera e emitiu um som de animação. Quando mostrou os dentes mais uma vez, percebi que eles estavam amarelados e com manchas marrons.

– Já estamos no fim desse delicioso interrogatório? – Estava farta disso. – O que você quer? Tá, eu perdi uma reunião. Grande coisa. Acontece, não é o fim do mundo. Pode me repreender ou qualquer outra coisa, mas vá embora. Foi por isso que veio, não foi?

Por um momento, seu olhar se desviou para minhas mãos, e pensei ter notado um brilho malicioso, como se ele estivesse se contendo para não usar sua magia para me punir

. Então, o bruxo voltou a se concentrar em mim.

– Estou aqui por conta da bruxa encontrada no restaurante ao lado.

A informação despertou meu interesse. Então, ela tinha magia, contudo, isso não fora suficiente para salvá-la. Se bem que nem todas as bruxas eram iguais. Além disso, talvez a mulher não tivesse o conhecimento ou a experiência necessária para se defender. Veja o meu caso. Eu era praticamente um fracasso quando era mais nova.

Engoli em seco.

– Ela era uma bruxa? Como sabe disso?

Um sorriso malicioso e satisfeito apareceu em seu rosto.

– Você saberia se tivesse se preocupado em participar da reunião quando recebeu a ordem.

A ordem? Eu não era um cachorro.

– Como disse, não recebi a mensagem. – Recuei um pouco. A fumaça do seu cigarro estava me deixando tonta.

– Primeiro strike, Leana. Primeiro strike – disse Clive, com um tom descontraído, como se fôssemos velhos amigos.

Eu realmente odiava esse cara.

– Qual é o interesse do Conselho das Sombras nela?

Pelo que sabia, eles não enviavam seus cães a menos que categorizassem algo como importante. Uma única paranormal morta não deveria ser o bastante para envolvê-los. Algo mais estava acontecendo. Ou, então, eles sabiam de algo que eu não sabia.

Clive se afastou e jogou a bituca no chão.

– Engraçado, não é?

Tá, eu ia participar de seu joguinho.

– O que é engraçado?

– A forma como seu pescoço foi quebrado. Parece quase como... se um gigante o tivesse torcido como um galho, não acha?

Meu coração acelerou.

– Não.

– Bem, não foi isso que o legista disse, algo que você também

saberia se tivesse aparecido na reunião.

– Sei o que está insinuando. Ele não é o culpado. – Não gostei do fato de os resultados do legista terem chegado e eu não ter recebido uma cópia. Fiz uma anotação mental para ligar para ele após lidar com esse idiota.

Clive sorriu.

– Talvez, sim, talvez, não. Mesmo assim, qualquer coisa suspeita que envolva você... também é assunto *meu*, ou seja, tudo o que acontece no hotel ou no restaurante do seu namorado agora é da minha conta – disse. Sua voz permaneceu casual, como se estivesse percorrendo sobre o tecido de seu terno, enquanto reverberava sobre os sons dos convidados e a música dos anos 70.

– Por quê? Sou uma Merlin. Sou perfeitamente capaz de lidar com esse caso sozinha. Não preciso de uma babá.

O bruxo riu.

– Ah, mas você precisa. Está sob suspeita. O Conselho das Sombras a considera uma marca negra, a organização Merlin também. Você é como uma erva daninha que precisa ser erradicada, uma maçã podre.

Ah! Agora, eu entendia.

– Então, está me *vigiando*? Que pervertido. Não pode simplesmente me seguir no Facebook como o resto do mundo?

– De agora em diante, tudo o que você faz passará pelo Conselho das Sombras. – Seus lábios se abriram em um sorriso lento quando disse – Por mim.

Digerei a informação.

Eles haviam perdido a confiança em mim. Não podia dizer que estava surpresa. Afinal, havia exposto um dos seus. Sabia que, um dia, isso voltaria para me morder na bunda. E tinha quase certeza de que Darius não era a única maçã podre no conselho. Era provável que outros também quisessem acabar comigo.

Bem, eu não deixaria.

Se havia ervas daninhas, elas estavam dentro do Conselho das Sombras, e eu definitivamente ia capinar naquele jardim.

Quando olhei novamente para Clive, seu rosto tinha traços de profunda satisfação e algo que não consegui distinguir; era como se ele estivesse escondendo algo que era pior do que me perseguir. O que podia ser pior do que isso? Ele me perseguir nu. Sim, definitivamente pior.

– Tem mais alguma coisa, não tem? – Meus músculos se contraíram involuntariamente.

O sorriso que o investigador me deu fez meu sangue gelar.

– Há um boato sobre uma menina. Uma menina com um poder *incrível*.

Ah, droga.

– O Conselho das Sombras está *muito* interessado nela – continuou, e uma pontada de medo me atingiu. – Dizem que ela tem um dom extraordinário. Um em um bilhão. E ouvi dizer que está com você.

Meu coração bateu tão forte contra o peito que achei que todos no saguão podiam ouvir.

– Não sei do que está falando. Você bebeu água do chuveiro enquanto tomava banho de novo?

– Sei que está com ela.

A raiva substituiu meu medo e sanidade, consolidando-se em minhas entranhas. Depois do que Shay havia feito com Darius e parte de seus capangas, sabia que isso poderia acontecer. Alguns deles haviam escapado e, aparentemente, tinham aberto o bico. Eu deveria tê-los matado, mas não era uma assassina impiedosa. Tinha consciência. Ainda assim, não estava pronta para enfrentar esse desafio. Não tinha um plano. Sentia-me encurralada. E odiava o fato de que Clive sabia disso.

– Sim, você está. Posso ver no seu rosto – disse ele, parecendo levemente entretido.

– Isso se chama cara de bunda. É a expressão que geralmente faço na presença de idiotas.

– Você é uma péssima mentirosa – respondeu com um sorriso malicioso nos lábios. – E uma péssima bruxa. É engraçado, sabe? Porque ouvi outro boato. Dizem que ela é sua irmã. – Ele enfiou a mão dentro do paletó e retirou uma pequena caixa de metal. Ao abri-la, levou um cigarro aos lábios e o acendeu com um isqueiro.

Uma sensação de fúria e violência tomou conta de mim. Tive que lutar com todas as minhas forças para mantê-la contida.

– Fique bem longe dela – rosnei. Não fazia sentido mais mentir. Era evidente que alguém havia me dedurado, e que ele tinha me investigado.

Chame de instinto materno ou simplesmente de um impulso esmagador de proteger qualquer criança, mas isso despertou em mim um profundo senso de proteção, um sentimento antigo, nascido antes mesmo da razão ou da lógica. Era algo guiado pela necessidade materna de cuidado. A sensação me envolveu.

O bruxo deu uma breve baforada. Depois, deixou cair o isqueiro e a caixa de metal no bolso do paletó. Ele expeliu fumaça pelas narinas.

– Acho que não. Veja bem, o conselho gostaria muito de conhecer... *Shay*.

– Sobre meu cadáver. – Eu sabia que isso envolveria uma reunião. Eles a levariam embora e eu nunca mais a veria. O conselho a exploraria e a testaria incansavelmente até que não restasse nada daquela garotinha linda, independente e impetuosa. A raiva me sacudiu violentamente, fazendo-me inclinar para a frente até ficar bem

próxima a Clive. – Se chegar perto dela, irei matá-lo. – Sabia que esse não era o caminho, mas tinha perdido o controle.

Clive soltou uma gargalhada.

– É uma ameaça? Você sabe que posso mandar prendê-la por isso.

– Prender? – disse uma voz.

Levantei o olhar, vendo Elsa e Jade se aproximando da recepção.

– Leana, o que está acontecendo? – perguntou a mais velha.

Mantive meu olhar fixo no rosto presunçoso do investigador.

– Nada.

Eu tinha a sensação de que ele não me prenderia. Ainda não. Sabia que o bruxo desejava me levar de volta para aquela cela, contudo, ele não tinha nada contra mim. Se realmente estivesse me observando como havia afirmado, esperaria nas sombras até que eu cometesse um erro, algo que acontecia com frequência.

Elsa, ainda com a fantasia de Sonny, colocou as mãos nos quadris.

– Você está acusando-a de alguma coisa?

Clive a fitou e soprou fumaça no seu rosto.

– Ainda não.

– Então, deixe-a em paz – disse ela, no momento em que seu bigode escorregou e se soltou, ficando pendurado apenas de um lado.

– Ou vou registrar uma queixa de assédio no Conselho das Sombras. Não pense que não o farei.

– Está tudo bem, Elsa. Ele já estava de saída. – Eu queria lhe dizer que fora o conselho que o havia enviado, mas deixaria isso para mais tarde.

O fato de Clive não ter me prendido provava que não tinha nada contra mim, exceto por Shay, o que era um problema colossal.

– Voltarei logo – garantiu o investigador. Um sorriso perverso se desenhava em seu rosto ao acrescentar – E não descansarei até que você esteja atrás das grades, aprisionada em uma cela pelo resto da sua miserável vida. – Uma alegria sombria fervilhava no fundo de seus olhos, maligna e absoluta. – Espere ouvir notícias minhas.

– Vá se danar. – Eu o encarei quando ele me deu as costas, ainda tragando seu cigarro como se fosse oxigênio, e foi embora.

– Esse bruxo é perverso – disse Elsa, com os dedos se contorcendo ao lado do corpo, como se o estivesse amaldiçoando silenciosamente.

– Qual é o problema dele? – perguntou Jade, encostando-se no balcão e lançando olhares maldosos na direção de Clive.

Suspirei e disse:

– Eu. Eu sou o problema dele.

Infelizmente, sabia que essa não seria a última vez que o veria.

CAPÍTULO 6

— Olá! Bem-vinda ao Hotel Crepúsculo. – Forcei o milionésimo sorriso quando uma lobisomem idosa atravessou as portas do hotel, trazendo um cheiro de cachorro molhado consigo.

Ela não sorriu de volta, em vez disso, me lançou um olhar malicioso. A vovó lobo não tinha ido com minha cara.

Meus músculos faciais protestaram quando tentei dar outro sorriso. Talvez parecesse mais que eu estivesse com prisão de ventre. Era uma opção plausível. Estava ali há mais de quatro horas. Meu rosto simplesmente não tinha mais nenhum resquício de simpatia.

Eu desprezava essa parte do trabalho, ser anfitriã ou o que quer que fosse isso. Eu era uma Merlin, droga, não alguém do serviço de entretenimento. Infelizmente, Basil havia deixado claro que, se quisesse continuar como funcionária do hotel e ser paga, deveria cumprimentar os hóspedes de vez em quando. O bruxinho queria que eu informasse a todos que entrassem pelas portas sobre minha função, como se isso fosse tranquilizá-los. Após uma série de encontros infelizes com demônios e outros incidentes, o hotel tinha adquirido certa reputação.

Contudo, me recusava a fazer isso. Parecia idiotice.

Além disso, minha cabeça e meu coração não estavam dispostos. Eu ainda estava me recuperando do encontro com Clive. Agora que sabia que ele estava me observando, a questão virara um problema, pois implicava que o bruxo estava esperando que eu cometesse um erro para me colocar de volta na prisão.

Sabia que ele me odiava, mas imaginara que quando o Conselho das Sombras tomasse conhecimento das ações de Adele, incluindo seus atos ilegais de utilizar humanos como cobaias e transformá-los em paranormais, me deixaria em paz.

Tinha me enganado.

Agora, Clive estava ainda mais determinado a me incriminar ou, simplesmente, me condenar a passar o resto da vida na Cidadela Grimway, a penitenciária para bruxas localizada no norte do estado de Nova York. Claramente, o sujeito ainda me culpava pela morte de sua namorada. Eu estava vagamente ligada a ela, era verdade, porém, fora Catelyn que a matara. A bruxa merecia o que recebeu.

Tirar Clive de cima de mim ia ser complicado. Depois de nosso pequeno encontro de hoje, percebi que ele nunca desistiria.

O fumante inveterado estava montando um caso contra mim. Com três strikes, eu estaria fora. De agora em diante, teria que fazer tudo conforme as regras – as regras dos Merlins –, se quisesse evitar a prisão.

Eu estava furiosa por ter que lidar com esse idiota, mas sabia que poderia enfrentar qualquer coisa que ele lançasse contra mim, até mais. Não estava assustada com suas táticas. Muito pelo contrário. Se ele estava envolvido romanticamente com Adele, certamente sabia sobre seus planos e concordava com ela. Sim, o bruxo era sujo e duvidoso, e eu tinha a sensação de que estava em conluio com os membros corruptos que ainda faziam parte do Conselho das Sombras.

Para conseguir me livrar dele, também precisaria dar um jeito neles.

Apesar das ameaças pairando sobre minha cabeça, estava mais preocupada com o interesse repentino que o investigador demonstrara por Shay.

Shay, minha única parente viva e meia-irmã, estava sob o radar do Conselho das Sombras, o que não me agradava nem um pouco. E se eles a levassem embora? Será que eu poderia impedir?

Minha mente estava a mil. Pensei em fugir. Talvez eu devesse. Talvez precisasse esconder Shay. Mas será que viver escondida seria o melhor para ela? A menina tinha acabado de começar os estudos. Não queria tirar isso dela. Porém, se significasse que poderia salvar sua vida, eu o faria. Faria qualquer coisa.

Peguei meu celular e tentei falar com Valen novamente. Precisava conversar com ele. Talvez o gigante tivesse alguma ideia sobre o que fazer. Depois de quatro toques, a ligação foi para a caixa postal, então, desliguei. Já havia deixado duas mensagens. Era o suficiente. Eu sabia que ele estava ocupado, mas estava cansada de esperar e de sorrir forçadamente para estranhos.

Quando um grupo de quatro hóspedes paranormais entrou pela porta, com suas roupas e expressões exalando dinheiro e desdém, atingi meu limite.

Precisava encontrar Valen.

No momento em que me virei para sair, Sonny e Cher apareceram com suas calças boca de sino e blusas coloridas que praticamente brilhavam sob as luzes fracas do saguão.

– Ficou presa aqui esse tempo todo? – questionou Elsa, com o bigode de volta no lugar.

– Que sorte a minha, hein? – respondi, olhando novamente para suas roupas com diversão. Eu queria dar um sorriso autêntico, mas meu rosto já não tinha as habilidades motoras necessárias. Era como se estivesse entorpecido pelo excesso de Botox. Ainda assim, não pude deixar de achar engraçado o modo como elas haviam adotado

totalmente o clima dos anos 70.

Jade colocou uma mecha de sua longa peruca preta atrás das costas.

– Você parece exausta.

– Exausta de sorrir e fingir que amo meu trabalho – falei.

Elsa girou sua taça de vinho tinto na mão.

– Eu deveria conversar com Basil. Como ele pôde fazê-la trabalhar desse jeito?

– Não tem problema. São ossos do ofício. – A parte que eu odiava.

– Se eu quiser continuar trabalhando aqui, preciso cumprimentar os hóspedes de vez em quando.

– Então – Jade se inclinou para a frente e sussurrou –, e aquele tal de Clive? Ele é um verdadeiro idiota. O que nós vamos fazer com ele?

Meu coração se aqueceu com o uso da palavra *nós*. Era como se meus problemas também fossem seus problemas. Ter amigos tão bons e dispostos a ir contra um investigador do Conselho das Sombras ainda era algo muito novo para mim.

– Por enquanto, nada. Contudo, vou tentar descobrir alguma sujeira sobre ele.

Seus olhos se arregalaram.

– Aaah. Parece divertido. Conte comigo.

– Comigo também – disse Elsa. Ela esfregou seu medalhão por um momento. – Mas tenha cuidado, Leana. Sinto uma espécie de desespero nele, em sua aura. Um homem que não tem nada a perder pode fazer quase tudo.

Assenti, pois tinha a mesma impressão.

– Eu sei. Ele me culpa pela morte de Adele. Tenho a sensação de que só está esperando que eu faça besteira.

– Então, não faça uma – disse Elsa, tomando um gole de vinho.

Dei-lhe um olhar incisivo.

– Vou tentar. – Eu não estava planejando fazer besteira, porém, com Clive no meu pé, não faria diferença. Tinha o pressentimento de que ele iria fazer alguma armação e me culpar por algo que não fiz. Sim, era mais o estilo dele. – Estou mais preocupada com Shay.

As bochechas da mais velha perderam a cor, e ela voltou a tocar em seu medalhão.

– Do que está falando?

Olhei para minhas amigas.

– O Conselho das Sombras sabe sobre ela.

– Maldito Darius – rosnou Jade. – Ele abriu o bico antes de morrer.

– Talvez, sim, talvez, não – respondi. – Alguns de seus capangas escaparam. Tenho certeza de que eles contaram aos membros.

– Talvez o fato de o Conselho das Sombras saber sobre Shay seja uma coisa boa – sugeriu Elsa.

Balancei a cabeça.

– Pela forma como Clive a mencionou, não foi o que pareceu. Era mais como se fossem levá-la para que eu nunca mais a visse.

Jade respirou fundo.

– Eles não podem fazer algo assim, podem?

– Claro que podem – falei. – O Conselho das Sombras pode fazer o que quiser. Se tirarem Shay de mim, podem escondê-la ou colocá-la em uma escola em outro país. Eu nunca mais a veria.

– Então, vamos escondê-la primeiro. – O bigode de Elsa caiu em sua taça de vinho com um leve *ploft*. – Nós a colocaremos em um lugar onde nunca pensarão em procurá-la.

Passei a mão pela parte de trás do meu pescoço.

– Pensei nisso, mas não sei se ela estará disposta a viver fugindo. Quero dizer... será que realmente quero fazer isso com uma criança de onze anos?

– Talvez você não tenha escolha – disse Elsa. – Precisa colocá-la em primeiro lugar. Se acha que a vida dela está em perigo, precisa agir rápido.

– Acha que eles vão machucá-la? – Os olhos de Jade brilharam com lágrimas contidas.

Engoli em seco.

– Não sei. – Soltei um suspiro. – Talvez. Se estamos nos referindo àqueles indivíduos duvidosos que eram associados a Darius, então, sim. O bruxo a desejava por seu poder. Estou bastante certa de que é o mesmo com eles.

– PARA ONDE VOCÊS IRIAM? – O rosto de Elsa ficou vermelho. Pela tensão em sua voz, pude perceber que ela estava se esforçando para manter a calma. A ideia de deixá-las era tão difícil para mim quanto para elas.

– Não sei. Ainda não pensei sobre isso. – O que era verdade. – Preciso falar com Valen e Shay antes de tomar qualquer decisão.

– E quanto ao seu pai? – perguntou Jade. – Com certeza ele pode ajudar.

– Sim, bem pensado, Jade – falou Elsa, levando a taça à boca para tomar um gole.

– Espere! – Apontei para a bebida. – Você deixou cair uma coisa.

– Ah, nossa. – Elsa riu. Enquanto ela tirava o bigode molhado, pude ver pequenas lágrimas no canto dos seus olhos. – Não gostaria de me engasgar com isso. Enfim, e quanto ao seu pai? Talvez ele possa ajudar.

Já havia considerado a ideia.

– Talvez. Só preciso descobrir como encontrá-lo. Nunca tive que entrar em contato com um anjo antes, mas tenho certeza de que vou

conseguir. – Havia encontrado algumas informações no banco de dados dos Merlins sobre invocações celestiais. Talvez tivesse que testar.

– Aposto que Valen tem outras casas pelo mundo – disse Jade. – Por ser um gigante e tudo mais. Talvez até na Nova Zelândia – acrescentou com um sorriso. – Vocês poderiam fazer a excursão a Hobbiton. Eu adoraria morar no condado.

Soltei outro suspiro.

– Detesto fazer isso com Shay. Por enquanto, vou conversar com ela e ver o que acha.

– Sim – disse Elsa. – Mas não se preocupe. As crianças são mais fortes do que imaginamos. Elas se recuperam rápido.

Assenti, esperando que ela estivesse certa. Shay já havia enfrentado dificuldades e perdas o suficiente. Não queria fazê-la sofrer mais. Conversaríamos antes de eu tomar uma decisão. Ela tinha o direito de dar sua opinião.

– Não acham que Jimmy parece um sonho?

Segui o olhar de Jade e vi o metamorfo vestindo um terno branco de poliéster, uma camisa preta com colarinho largo, que delineava os músculos de seu peito, e um par de óculos escuros. Ele lembrava John Travolta no filme *Os Embalos de Sábado à Noite*.

– Ele está realmente arrasando com esse visual – falei, o que era verdade. Isso apenas intensificou seu olhar de adoração. Ela o encarava como uma fã olhando para uma celebridade.

– Leana, por que não está fantasiada? – Os olhos de Elsa se estreitaram. Era como se estivesse tentando ler minha mente. – Ainda tem tempo para vestir algo escandaloso.

Balancei a cabeça.

– Não estou com ânimo para ir à discoteca hoje

. Além disso, tenho trabalho a fazer.

A bruxa revirou os olhos.

– Acho que já fez o suficiente. Está na hora de relaxar um pouco. Você precisa se soltar de vez em quando.

– Vou relaxar quando estiver morta.

Elsa apontou o dedo na minha cara.

– Não brinca com essas coisas.

– Por que não?

– Porque elas podem se tornar realidade – acrescentou Jade, embora seus olhos ainda estivessem fixos em Jimmy.

Ele a pegou olhando, e ela acenou com o dedo.

Cara, esses dois eram fofos. Tão fofos que me davam vontade de vomitar.

– Você pode fazer um intervalo de dez minutos e tomar um drinque com seus amigos, não pode? – Elsa esperou minha resposta, já

prevendo que eu não teria escolha.

Jade se virou.

– Sabe... Tenho outra fantasia de Cher que poderia lhe emprestar. Podíamos ser gêmeas Cher!

– Ah... – Dei de ombros novamente, sem saber o que dizer. Elas tinham razão, mas minha mente ainda estava concentrada no caso. E ainda mais em Shay. – Talvez mais tarde – falei por fim, tentando parecer evasiva. – Preciso conversar com Valen.

Jade levantou uma sobrancelha para mim.

– Certo, bem, se mudar de ideia, estaremos aqui.

Quando comecei a me afastar, Elsa agarrou meu braço.

– Leana, é sério, tire um tempo para você. Não deixe que o trabalho lhe consuma.

Suspirei, sabendo que ela estava certa.

– Obrigada, Elsa. Vou tentar.

– Ótimo – respondeu, dando um tapinha em minha mão. – Agora, vá aproveitar um pouco da diversão que está perdendo com seu gigante.

Meu rosto corou, mas eu ri.

– Acho que vou.

– Lá vem o Basil. Abaixese! – sibilou Jade, fazendo uma cortina com sua longa peruca preta para cobrir o rosto, como se isso fosse escondê-la.

Era tarde demais. O gerente tinha me visto e estava vindo em minha direção.

– Por que não está fantasiada? – Basil se aproximou, distribuindo sorrisos falsos aos hóspedes que passavam.

– Deixei um macacão cinza metálico muito bonito para você na recepção.

– Errol o queimou – menti, embora essa fosse uma possibilidade. – O lagarto me odeia. Não pode confiar nele com nada que seja meu. – Tipo mensagens, por exemplo.

Basil estava usando o mesmo terno laranja de uma peça só, agora, com o acréscimo de uma carranca no rosto.

– Você precisa se trocar.

– Preciso de um intervalo. Estou aqui há mais de quatro horas.

Ele inclinou a cabeça para o lado, como se estivesse pensando em uma resposta.

– Acho que uma pausa de dez minutos não prejudicaria a imagem do hotel. Sabe, tenho falado para os hóspedes tudo sobre você...

– Conversamos mais tarde. – Saí de fininho antes que o bruxo pudesse me deter, rindo enquanto atravessava as portas. Percebi que uma mulher paranormal, talvez da minha idade, me observava com uma expressão reservada aos doidos... como eu.

Ri ainda mais quando cheguei à calçada. Caminhei por mais vinte segundos e entrei no restaurante de Valen, sentindo meu humor um pouco mais leve. Talvez elas estivessem certas. Talvez fosse necessário mesmo fazer uma pausa e relaxar um pouco.

Ainda bem que eu sabia quem poderia remediar isso.

CAPÍTULO 7

Valen estava sentado em sua mesa no escritório, com os olhos no laptop, parecendo grande demais para aquela simples cadeira giratória e devastadoramente bonito em sua camisa branca e jeans escuro. O que quer que estivesse vendo prendia toda a sua atenção.

Ele nem sequer havia me notado parada na porta, observando-o como a stalker que eu era, embora preferisse fazer isso quando o gigante estava nu, como acontecia quando ele dormia.

Pigarreei.

– Talvez se eu tirar minhas roupas, finalmente vou conseguir chamar sua atenção.

– Leana. – Valen se levantou. – Eu sei. Deveria ter ligado para você, sinto muito. Estive analisando o relatório do legista.

Franzi a testa. Realmente precisava colocar minhas mãos em uma cópia. Ele tentou se aproximar, mas o impedi com um aceno de mão.

– Sente-se. Estou mais curiosa para saber o que o legista tem a dizer. – Peguei outra cadeira e a puxei para perto dele, de modo que pudesse dar uma boa olhada na tela de seu laptop. Seu cheiro de almíscar e um pouco de loção pós-barba me envolveu. Que delícia. Ele tinha um cheiro incrível. Quem diria que os gigantes cheiravam tão bem.

Valen soltou um suspiro e se sentou.

– Nada que já não tenhamos adivinhado. A vítima morreu de insuficiência cardíaca. Seu corpo cessou a função após ter sido drenado. Essa é a causa oficial do óbito.

Inclinei-me para frente.

– Então, ela sentiu tudo. Droga. – Suprimi o desconforto em meu estômago.

A paranormal estava viva quando extraíram seu sangue e seus líquidos corporais. Deve ter sido excruciante.

O gigante olhou para a tela.

– Seu pescoço foi quebrado após a morte.

Que nojo.

– Eles sabem como a drenaram? Encontraram marcas de perfuração? – O fato de não termos encontrado furos não significava que não havia nenhum. As marcas poderiam ser muito pequenas para podermos detectá-las.

Valen me encarou.

– Não. – Seus olhos escuros estavam fixos em mim. – Acreditam que seus fluidos foram removidos por *magia*.

Minha boca se abriu.

– Por magia?

– Sim.

– Como é possível?

– Você é a bruxa. Achei que teria uma ideia.

Inclinei minha cabeça.

– Não sou esse tipo de bruxa. – Como bruxa estelar, minha magia residia nas estrelas. Porém, isso não significava que não tivesse estudado e lido sobre o que as bruxas da luz e das trevas podiam fazer. Afinal, eu as invejava. Estalei a língua, pensando e recordando algo que tinha lido. – Pode ter sido obra de um demônio. Eles são conhecidos por sugar a força vital dos mortais. O único problema é que era dia. Os demônios não podem andar à luz do dia. – A menos que estivéssemos lidando com um novo tipo de entidade?

– Então, quem foi?

Agora que sabia que havia magia por trás disso, algo me ocorreu.

– As bruxas das trevas são capazes de algo assim. As da luz também, mas principalmente as das trevas. Elas podem drenar os poderes de outra bruxa, o que, por sua vez, as torna mais poderosas.

– Sério? – Valen arqueou as sobrancelhas em surpresa, inclinándose para trás na cadeira e cruzando os braços robustos e musculosos sobre o peito. Eu realmente gostava desses braços. – Porém, não sabemos a identidade da vítima. Ela podia ser humana.

– Não, era uma bruxa.

O gigante piscou rapidamente.

– Quem lhe disse isso?

Aqui estava a parte da conversa que eu queria evitar.

– Clive veio me fazer uma visita.

Um vislumbre de fúria brilhou em seus olhos. Valen desviou o olhar. Os músculos do seu pescoço se contraíram quando ele abaixou as mãos sobre a mesa, tentando se recompor, mas sem sucesso. Seu rosto se fechou em uma expressão carrancuda. Era evidente que minhas palavras o tinham afetado, refletindo-se na rigidez de sua postura e na tensão de sua expressão.

Eu sabia que a *menção* o deixaria irritado, lembrando-o da época em que se sentira impotente. Ele não pudera me salvar quando aqueles malditos do Conselho das Sombras me levaram embora.

Nada daquilo fora sua culpa, mas Valen se culpara do mesmo jeito.

O gigante virou a cabeça lentamente.

– O que ele queria?

Se seu tom de voz pudesse matar, Clive estaria morto.

– Fui convocada para uma reunião esta manhã. Errol se esqueceu

de me informar que havia uma mensagem para mim. De qualquer forma, Clive veio me encontrar. Ele mencionou a bruxa morta e o interesse do conselho por ela. Basicamente, advertiu que estará me vigiando de agora em diante, esperando que eu cometa algum erro para me colocar na prisão novamente.

– Isso não vai acontecer – rosnou.

Era errado isso ter me excitado?

– Ele vai ficar de olho em mim, em quaisquer outros infortúnios que possam surgir em meu caminho, e investigar o assassinato que aconteceu aqui. O cara nutre um desejo de vingança contra mim e ainda me culpa pela morte de Adele.

– Você não a matou.

– Sei disso, e ele também, mas prefere culpar alguém. Eu, no caso. – Senti meu humor mudar só de mencionar aquele fumante inveterado. – Clive insinuou que um gigante matou a bruxa, o que, conforme o relatório do legista, agora sabemos que é impossível. Se ele tivesse um cérebro, teria lido a parte que diz que os fluidos dela foram extraídos por magia. Os gigantes não têm habilidades mágicas. Nenhum poderia ter feito isso, certo? – Senti alívio pelo fato de Valen e Catelyn estarem de fora com essa nova informação. Acho que deveria mandar uma mensagem para o investigador dizendo para ele ir se ferrar. Quem dera eu tivesse o número dele.

– Não necessariamente.

Encarei-o.

– O que quer dizer?

– Os gigantes *podem* fazer magia – respondeu, como se todos soubessem desse detalhe. – Na verdade, somos ótimos nisso.

Fiz uma careta.

– Tá brincando comigo.

Valen balançou a cabeça.

– Não estou. – Ele tirou o cabelo dos olhos e puxou as mangas da camisa para cima, revelando um antebraço forte, tatuado e musculoso. Muito bonito.

Eu sabia que os gigantes possuíam uma espécie de magia inata e algumas habilidades de cura. Contudo, nunca os vira como bruxos. Tentei imaginá-lo com um chapéu alto e pontudo e uma túnica. Não deu certo.

– Está me dizendo que alguns gigantes são como magos e bruxos? – Não me preocupei em esconder o choque em minha voz.

Ele assentiu.

– Não da mesma forma que você, mas sim, alguns são conhecidos por se envolverem com as artes mágicas.

– Isso é loucura. – Porém, explicava por que Clive ainda considerava a possibilidade de que Valen ou outro gigante pudesse ter

sido o responsável pela morte da mulher. Apesar disso, as coisas ainda não batiam. – Por que um gigante mataria uma bruxa aleatória? E drenaria seus fluidos, não sua magia?

Valen exalou.

– Meu palpite é o mesmo que o seu. Para obter mais poder? Não sei.

– Mas você é o único por aqui. Bem, você e Catelyn. É impossível que tenha feito isso. Você é muito inteligente. Nunca mataria alguém em seu próprio restaurante. Isso é simplesmente estúpido, algo que você não é.

– Obrigado – respondeu, dando um pequeno sorriso. – Conseguiu falar com Catelyn?

– Não – falei, não acreditando nem por um segundo que ela poderia estar envolvida. A recém-criada estava começando a se habituar a ser uma gigante. De modo algum teria tido tempo para um assassinato e para aprender magia avançada, porque, pelo que eu entendia, fazer algo assim com uma bruxa exigia uma magia muito poderosa. – Vou continuar tentando até conseguir. – Estendi o braço e passei a mão em seu antebraço musculoso. – Você está preocupado com essa morte.

– Detesto a ideia de ter um assassino em minha cidade, ainda mais alguém que agiu em meu restaurante.

– Acha que é uma mensagem?

O gigante ficou em silêncio por um momento.

– Acho.

Droga.

– Você tem uma lista de inimigos?

Valen deu uma risada sombria.

– Precisaria de muito tempo para escrever uma. Fiz muitos desde que me mudei para cá. Tive que dar uma lição em algumas matilhas de lobisomens, que se recusavam a obedecer a nossas leis, com alguns ossos quebrados. E também tive desavenças com um bom número de vampiros, fadas, trolls e ogros.

– Ugh! – Suspirei e deixei minha cabeça cair em seu braço, lutando com o que ele havia dito, porém, mais ainda com o que eu tinha a dizer em seguida. – Há algo sobre a visita de Clive que não lhe contei.

Minha testa escorregou quando os músculos do seu antebraço ficaram tensos.

– O quê? – perguntou com um tom áspero. Percebi que ele estava lutando para controlar o temperamento, mas falhando miseravelmente.

– É sobre Shay...

Valen levantou o braço, fazendo com que eu tirasse a cabeça.

– O que tem ela?

– Ele sabe sobre Shay. O conselho também – disse rapidamente. – Clive disse que o Conselho das Sombras estava *muito* interessado nela. Você sabe o que isso significa. Significa que eles pretendem usar sua magia solar especial. – Não tinha dúvidas de que era isso que planejavam fazer. Era exatamente o que Darius intentara: usá-la como uma ferramenta a seu favor.

Valen agarrou a borda de sua mesa, e os nós dos seus dedos ficaram brancos.

– Eles não vão tocá-la. Nós a esconderemos.

– Foi o que pensei. Mas onde? E por quanto tempo?

O gigante olhou para mim.

– Pelo tempo que for necessário. Eles não vão levá-la.

Meu coração quase explodiu com a exibição de seu amor feroz.

– Eu esperava que você tivesse uma casa em algum lugar do Canadá, uma da qual ninguém soubesse.

Ele soltou a borda de sua mesa.

– No Canadá, não. Porém, tenho uma cabana em Wolf Brook, em Nova York. Fica a quatro horas de carro. Fico lá quando quero me afastar da cidade. Ninguém sabe sobre ela.

– Perfeito. Posso levar Shay até lá. Não sei se ela ficaria feliz, mas acho que já tem idade e inteligência suficientes para entender o perigo que está correndo.

Mesmo assim, não queria que nos escondêssemos para sempre. Mais cedo ou mais tarde, eu teria que cuidar de Clive e dos membros do conselho para os quais ele estava trabalhando.

– Não vou deixar vocês irem sem mim. – Valen me encarou, seus olhos brilhavam ferozmente, prontos para enfrentar qualquer um que tentasse machucar Shay. Era uma qualidade incrível para um homem, um gigante. Me senti ainda mais apaixonada por ele, o que aumentou minha excitação.

– E quanto ao restaurante? Sua vida aqui? Não sei quanto tempo ficaremos lá. – Escondidas.

Parecia tão estranho. Até para mim. Será que estava pronta para deixar meu novo emprego? Meus novos amigos? Justamente quando havia encontrado o meu lugar e estava feliz, teria que abdicar de tudo. Era excruciante só de pensar. Contudo, por Shay... isso não era nada. Ela era mais importante para mim.

– Simone pode gerenciar as coisas enquanto eu estiver fora – disse.

– Ah, claro. A sardinha.

– O quê?

Balancei a cabeça, tentando parecer inocente.

– O quê?

Valen me observou por um instante.

– O restaurante se administra sozinho. E eu posso fazer a maior

parte do trabalho administrativo remotamente. Não preciso estar aqui.

– Se você estiver certo sobre isso, tudo bem. Obrigada. – Eu era um pouco egoísta quando se tratava do meu gigante, mas estava feliz por ele planejar vir conosco.

Valen colocou as mãos em volta da minha cintura e, subitamente, me puxou para o seu colo, colocando minhas pernas ao seu redor.

Sorri.

– Essa é minha avaliação de desempenho como funcionária? – sussurrei, inclinando-me. *Fala que sim, por favor!*

Ele sorriu timidamente.

– Algo assim.

– Entendi. – Olhei fixamente para seus lábios. Seus dedos me seguravam com firmeza, e seus olhos transbordavam de luxúria e desejo. Levantei os braços, envolvendo seu pescoço. – Fui uma boa funcionária? Segui todas as regras?

Valen me puxou para mais perto, fazendo meus seios se chocarem contra seu peito, e passou os braços ao meu redor.

– Você chegou tarde algumas vezes. E não, não seguiu as regras. Isso merece uma punição.

– Que tipo de punição? Do tipo nua e amarrada na cama?

Seu olhar era inebriante.

– Talvez. Você tem sido muito, muito malvada. A pior funcionária que já tive.

Eu ri, imaginando que estava enfiando a cabeça da sereia no vaso sanitário.

– Quando começa a minha punição?

Ele se inclinou para mais perto. Então, seus lábios roçaram no meu rosto, causando pequenos formigamentos no meu corpo.

– Paciência, minha bruxinha.

– Não sou paciente, ainda não percebeu?

Ele abriu os lábios, percorrendo meu rosto e minha boca enquanto aspirava o meu perfume.

Passsei a língua nos meus lábios para provocá-lo.

– Se eu não for punida logo, não sei o que farei.

Valen soltou um rosnado.

– Ah, você vai receber o que merece.

Dei uma risadinha, embora minhas partes íntimas estivessem pegando fogo.

– Aprese-se, chefe, ou vou procurar outro emprego.

Sua respiração oscilou enquanto suas mãos me apertavam com firmeza. Sentia seu desejo e sua necessidade. Ele abaixou a cabeça e beijou um canto da minha boca, depois, o outro lado, mordiscando suavemente meus lábios para me provocar.

Minha pele formigou quando passou as mãos por baixo da minha

camiseta. O calor subiu, e meu próprio desejo pulsou dentro de mim.

Então, Valen selou meus lábios com os seus e deslizou a língua entre eles. Minha respiração ficou acelerada quando ele a introduziu profundamente. Soltei um pequeno gemido e entrelacei meus dedos em sua nuca, puxando-o para mais perto. Seus beijos me faziam desejar mais.

Parte do meu cérebro gritava que isso era loucura, principalmente em um momento como esse, mas nós dois precisávamos disso, era um lembrete de que estávamos aqui, apoiando um ao outro.

Eu o beijei mais profundamente, e ele emitiu um som de surpresa quando o toque se intensificou. Um impulso de desejo percorreu meu âmagô, enviando uma onda de calor para minhas partes mais íntimas.

Parte de mim queria arrancar suas roupas e sentir seu corpo contra o meu. Eu adorava transas espontâneas. Era excitante, emocionante. Talvez tivéssemos tempo.

E, talvez, eu devesse ter fechado a porta.

– Valen! Blake está morto!

Dei um pulo e virei a cabeça, deparando-me com um homem baixo e magro, cujos olhos amarelos lembravam os de um gato.

O gigante me pegou e me colocou no chão.

– O que você quer dizer com Blake está morto?

O metamorfo, provavelmente um felino, tremia visivelmente. Sua testa estava coberta de suor.

– Ele está na cozinha. Está... ele está... Algo aconteceu. Seu pescoço está quebrado, e Blake está todo... merda... ele está todo seco ou algo assim.

Olhei para Valen e vi a mesma conclusão refletida em seus olhos.

Droga, era outra vítima.

CAPÍTULO 8

Eu estava em uma espaçosa cozinha, equipada com robustos e sofisticados eletrodomésticos de aço inoxidável que provavelmente ultrapassavam o valor do meu salário anual. As estações de preparo e as bancadas reluziam. Nunca havia entrado na cozinha do restaurante antes. Ela estava tão arrumada e limpa quanto o apartamento de Valen e o resto do prédio, exceto, é claro, pelo corpo estendido no chão de ladrilhos.

O homem, chamado Blake, jazia completamente seco. O cheiro de morte pairava no ar. Tive que lutar contra a vontade de vomitar. Ele estava de costas para uma das bancadas de preparação, sem qualquer sinal de sangue ou fluidos. Seu pescoço estava quebrado, torcido em um ângulo estranho, com alguns ossos atravessando a pele, indicando uso de força bruta.

Sem dúvida, a causa de sua morte era a mesma da bruxa. Tínhamos outra vítima em nossas mãos e, para piorar, ela tinha, mais uma vez, sido encontrada no restaurante de Valen.

Se eu ainda tivesse alguma dúvida de que se tratava de um crime planejado ou de que as mortes eram uma mensagem para o gigante, agora elas haviam se dissipado. Quem quer que tivesse feito isso queria incriminá-lo.

Valen andava de um lado para o outro, claramente agitado. Percebi como isso estava pesando sobre seus ombros e desejei poder fazer algo para acalmar sua mente. Ele parou, com o rosto franzido, posicionando-se sobre o corpo de seu empregado. A julgar pelo seu uniforme branco, Blake devia ser o cozinheiro ou alguém que trabalhava na cozinha.

O gigante permaneceu em silêncio. Sua expressão era severa, e seus olhos estavam cheios de fúria.

– Blake era um bruxo? – Tive que perguntar. Se seguíssemos a teoria de que alguém estava retirando o poder de bruxos e bruxas, extraindo seus fluidos, seu sangue mágico e sua essência, só podia presumir que ele também era um de nós.

– Sim. – A mandíbula de Valen estava cerrada, sua tensão passou de raiva para tristeza. – Um bruxo de poções e um excelente cozinheiro.

Quis perguntar como os gigantes manipulavam a magia, porém, não soube por onde começar. Se essa era uma ação de outro gigante,

quem seria ele? E qual seria o motivo por trás dos crimes? Seria para ganhar poder? Não podia ser apenas isso. Contudo, talvez fosse. Talvez a resposta fosse simples, geralmente era. De qualquer forma, tudo estava conectado. Eu só não sabia ainda qual era essa conexão.

– Todos os clientes foram embora – disse o mesmo paranormal de antes ao aparecer na cozinha. – Simone instruiu que os funcionários fossem para casa e usassem o dia como licença médica.

– Obrigado, Vince – respondeu Valen. Ele virou a cabeça e olhou para seu funcionário. – Vá para casa. Liguei para você.

O paranormal deu um leve aceno de cabeça, com os dedos se contorcendo ao lado do corpo. Seus olhos amarelos se detiveram em mim por um segundo antes de pousar novamente no bruxo. Uma expressão de terror apareceu em seu rosto, e o medo refletiu em seus olhos. Ele se virou, desaparecendo pelas portas da cozinha como se estivesse ansioso para ir embora. O metamorfo estava com medo de ser o próximo.

Não o culpei. Era algo horrível de se ver. Porém, Vince não era um bruxo. Se nossa teoria fosse verdadeira, ele estava a salvo. Só que o funcionário não sabia disso.

Eu não precisava ser uma médica ou um legista paranormal para perceber que o bruxo havia morrido exatamente da mesma forma que nossa primeira vítima, cujo nome ainda não sabíamos. Era o mesmo *modus operandi*. O mesmo assassino. Tinha certeza disso.

Será que tínhamos um serial killer em nossas mãos? Um assassino de bruxas? Esperava que não.

O medo se enraizou profundamente em mim enquanto eu lutava para evitar olhar para o rosto do cozinheiro. Seus olhos estavam vazios, sem qualquer vestígio de alma. Era assustador.

– Acho que não preciso dizer o quanto isso é ruim, Valen – falei, olhando por cima do ombro e me certificando de que a cozinha estava vazia. – Quando ele não respondeu, acrescentei – Você sabe o que isso significa, certo? Alguém está tentando incriminá-lo.

O gigante havia dito que tinha muitos inimigos. Alguém capaz de fazer algo tão extremo, tão hediondo e macabro, realmente só podia ter algo contra ele. Era a única coisa que fazia sentido. Mas quem? Quem faria isso com Valen?

– Preciso fechar o restaurante – disse o gigante, em meio à quietude. Seu tom carregava um leve toque de preocupação com a revelação de que se tratava de uma ação intencional.

– Sério?

Não sei por que disse isso, afinal, sabia que ele tinha que fechá-lo. Quem iria querer comer em um restaurante, sabendo que poderia acabar morto antes mesmo de provar a sobremesa?

– Até que eu encontre o filho da puta que fez isso. – Suas mãos

estavam fechadas, parecia que ele estava prestes a quebrar alguma coisa. – Ninguém está seguro aqui. Estão usando meu restaurante para escolher suas vítimas. Não vou permitir isso.

Ondulações de energia fluíram ao nosso redor, envolvendo-nos, e eu soube que elas vinham de Valen. Ele estava controlando sua fera interior, seu gigante. Não que eu fosse reclamar de vê-lo nu. Contudo, esse não era o momento. Droga.

– Não é culpa sua, Valen. Espero que saiba disso.

Ele me fitou.

– É claro que a culpa é *minha*. Dois bruxos morreram em meu restaurante. *Meu* restaurante, Leana. Não tem como ver de outro jeito. A culpa é minha.

– Você não pediu que isso acontecesse.

Um músculo se tensionou ao longo da sua mandíbula.

– Não importa. Eles cometeram os crimes para me prender. – O estresse percorreu seu corpo, enrijecendo sua postura.

Eu nunca deixaria isso acontecer.

– Nós os encontraremos. – Dei um passo à frente e coloquei uma mão em seu ombro. – Mesmo que isso signifique que tenhamos que examinar sua lista de inimigos um a um. Sei que ela é longa, mas vamos encontrá-los e acabar com isso. – De preferência, com minha bota na bunda deles.

Os tremores em minha barriga competiam com o anseio que surgiu em meu peito ao ver sua angústia. Não gostava de vê-lo tão perturbado. Não gostava de ver alguém mexendo com meu gigante. É isso mesmo, *meu* gigante. Mexer com Valen era mexer comigo. Nós éramos um só agora, um pacote bruxo-gigante.

– Ora, ora, ora. Isso não é interessante?

Estremeci, embora não precisasse olhar para saber a quem pertencia aquela voz. Cerrando os dentes e com o coração batendo no peito, virei-me lentamente.

Clive estava na cozinha, com um cigarro em uma das mãos, dando-nos um sorriso podre e vitorioso.

– Você praticamente resolveu o meu caso. Eu não poderia ter pedido por uma prova mais valiosa para culpar o gigante. – Ele riu, estendendo as mãos. – Foi muito fácil, muito obrigado.

Minha raiva se inflamou, e dei um passo à frente.

– Valen não fez isso. – Apontei para o cozinheiro, embora não soubesse por quê.

Clive soltou um jato de fumaça pela boca e se aproximou. Seus olhos pálidos deslizaram até o bruxo, fixando-se em seu pescoço.

– Não é o que parece para mim. Parece que o seu gigante perdeu a paciência e matou esse pobre coitado. Engraçado. É exatamente igual ao modo como a outra vítima foi encontrada, não é? – Ele apontou o

dedo para Blake. – Pela forma como o pescoço dele foi quebrado. Como eu disse, muito fácil.

– Ele está sendo vítima de uma armadilha – retorqui. – Ninguém com um cérebro no lugar mataria alguém em seu próprio restaurante. Qualquer pessoa com um pouco de intelecto veria isso. Como você disse, é uma resposta fácil demais.

Clive riu.

– Boa tentativa. Todos nós sabemos que os gigantes têm temperamentos fortes. Eles são mais bestiais do que nós. Às vezes, simplesmente perdem o controle. Não conseguem evitar. Então, matam.

– Blake era funcionário de Valen – gritei, sentindo que estava perdendo a calma. – Você não mata sua equipe só porque ela chegou atrasada.

O investigador olhou para cima e encontrou o olhar mortal de Valen.

– Parece que esse gigante matou.

Um lento ardor de raiva se enraizou em mim. Tive que me conter para não usar minha magia estelar. Embora ela não fosse muito eficaz a essa hora do dia, eu só precisaria do suficiente para mandar uma rajada em suas bolas.

– Olhe para ele – falei, apontando na direção de Blake. – É preciso magia para fazer isso com um bruxo. Essa foi a conclusão do relatório da autópsia. O relatório que você leu. Valen não tem magia. – Tecnicamente, isso era uma mentira, contudo, Clive não precisava saber.

O bruxo não pareceu se impressionar.

– Qualquer idiota pode obter os feitiços e as maldições necessárias. Alguém com recursos, como o gigante aqui, pode facilmente comprar um capaz de remover a força vital de uma pessoa, sua essência mágica. Seu ponto não é válido.

Suas palavras me atingiram como uma marreta no estômago. Cerrei os dentes.

– Que diabos você está fazendo aqui?

Valen e eu nem sequer tínhamos tido a chance de avisar ninguém. Não era possível que o Conselho das Sombras já soubesse do assassinato. Ainda não. Então, como diabos ele sabia? A não ser que estivesse espionando o restaurante. Meu estômago se agitou. Sim, o desgraçado estava esperando que algo assim acontecesse. Ele basicamente me dissera isso.

– Vi o tumulto lá fora, os clientes sendo retirados – disse o bruxo, como se tivesse lido meus pensamentos. – Pensei em vir até aqui e dar uma olhada.

– Pensou em manipular a cena, isso sim.

Droga. Eu odiava esse cara. Por que um lixo como ele sempre conseguia chegar ao topo?

A fumaça saiu de suas narinas. Ele olhou para mim e, depois, para Valen.

– Parece que cheguei bem na hora. O Conselho das Sombras foi informado?

– Ainda não – respondeu Valen, dirigindo-lhe um olhar letal.

Clive nem sequer ligou. Uma pessoa normal e decente provavelmente teria se borrado se um gigante a fitasse dessa forma. Seus olhos praticamente diziam: “vou esmagar seu cérebro até virar um bagaço”.

O investigador riu. Ele se aproximou do corpo e o chutou como se estivesse se certificando de que Blake estava *realmente* morto, ou talvez porque fosse simplesmente vil e gostasse de chutar as pessoas quando elas já estavam no chão, nesse caso, mortas. Sua indiferença e desrespeito fez com que eu o odiasse ainda mais.

– Hum – disse, com o rosto contraído como se tivesse sentido um cheiro ruim.

Cruzei os braços.

– O que você quer dizer com *hum*?

Clive olhou para mim e falou:

– Parece que vocês estavam prestes a encobrir essa morte.

Minha boca se abriu.

– O quê? Não pode estar falando sério. Não estávamos tentando encobrir nada.

O bruxo mostrou os dentes.

– Não é isso que aparecerá no meu relatório. Direi que estavam prestes a esconder o corpo quando *eu* os interceptei.

– Seu filho da puta! – Minhas pernas se moveram antes que meu cérebro as alcançasse. Corri na direção do bruxo com os punhos prontos. Se Valen não tivesse agarrado meu braço, eu teria dado um soco na cara dele.

– Cuidado – sussurrou o gigante em meu ouvido. – É isso que ele quer. Está brincando com você. Ele quer que você estrague tudo, lembra? Não lhe dê isso. Relaxe.

Embora não quisesse nada mais do que estrangular o maldito bruxo, deixei de lado minha raiva – bem, parte dela – e relaxei, sabendo que Valen estava certo. Eu tinha perdido a calma. Se tivesse batido em Clive, ele teria arrastado meu traseiro de volta para aquela cela. Eu não seria útil para ninguém lá.

O investigador estremeceu, fingindo estar assustado.

– Aaaah. Que temperamento. As mulheres são tão emotivas. – Ele olhou para o gigante. – Você precisa controlar sua cadelinha.

Ah, não, ele não disse isso.

– Do que você me chamou? – Já havia sido chamada de coisas piores, muito piores, mas o fato de ter saído da sua maldita boca me tirou do sério.

– Leana – alertou Valen, embora não precisasse. Eu não ia arriscar ser arrastada de volta para a prisão, não quando Shay dependia de mim, não quando Clive estava tentando culpá-lo pelos assassinatos.

– Estou bem – respondi. – Estou bem.

O riso baixo e zombeteiro do bruxo se intensificou, mas, depois, se dissipou com um som amargo.

– Não por muito tempo – disse. – O Conselho das Sombras não vai gostar do que tenho a dizer sobre vocês dois. E, acredite, tenho muito a dizer.

A tensão me envolveu, e soltei um rosnado ao perceber o prazer em sua voz.

– Não fizemos nada de errado. Você não tem nada contra nós, seu fumante inveterado. – Não tinha certeza se um xingamento me levaria para a prisão, porém, naquele momento, não me importei.

Ele deu uma risadinha e uma tragada em seu cigarro.

– Não é o que eu acho. – Clive lançou um olhar de desgosto mal disfarçado para Valen. – Parece que você vai ficar longe por *muito* tempo – disse com um tom divertido.

– Se vai me acusar de alguma coisa, faça logo – desafiou o gigante.

Observei-o liberar a tensão do corpo. Ele parecia tão tenso quanto eu. Se eu não perdesse a paciência em breve, Valen o faria.

Clive fez uma careta.

– Ainda não. – Ele olhou para mim e disse – Pelo que sei, há dois gigantes nesta cidade. Este é uma mulher. Ela é sua amiga, não é?

Catelyn.

– E daí? Ela também não é a culpada.

O bruxo riu.

– Bem, um deles é responsável. E logo descobrirei quem. Você não pode continuar encobrindo-os. Vou descobrir quem foi. E, então... o traseiro deles será meu.

Droga. Eu precisava avisar Catelyn. Ela tinha que deixar a cidade até descobrirmos quem havia matado as vítimas.

Clive ainda sorria para mim como se soubesse de algo que eu não sabia. Não gostei.

– O que foi?

– Com o seu gigante fora do caminho e você se juntando a ele em breve – disse –, nada me impedirá de chegar à sua irmã. Ou devo dizer, à Joia do Sol?

Fechei minhas mãos em punhos.

– Fique longe dela. Não importa para qual conselho você trabalha. Estou lhe avisando.

– Você está me avisando? – O bruxo riu e jogou sua bituca em Blake, como se o corpo daquele pobre bruxo não significasse nada. – O Conselho das Sombras a terá, quer goste ou não. Isso está além do seu poder.

– Não está. Ela é minha irmã e é menor de idade. Não pode levá-la a menos que eu permita. E eu estou lhe dando um grande *não*. – Pelo que sabia das leis do nosso mundo, não era possível levar uma criança sem o consentimento dos pais ou do responsável, que, no caso, era eu.

– É verdade – disse Clive, embora parecesse mais vitorioso do que eu gostaria. – Contudo, quando você estiver presa naquele buraco novamente, perderá todos os seus direitos sobre ela. A garota pertencerá ao Conselho das Sombras.

Droga. Olhei para o gigante, vendo a preocupação cruzar suas feições. Fazia sentido.

– Shay não pertence a ninguém. Ela é uma pessoa, não um objeto.

– Ela pertence ao conselho – repetiu o bruxo, e uma onda de pânico me tomou. – Mandá-la para escola foi uma boa escolha. Sim, nós sabemos que ela está lá. O Conselho das Sombras aprova. Porém, sua irmã não vai ficar lá por muito tempo.

– Não pode fazer isso – falei, odiando o medo em minha voz.

Uma onda de desespero me atingiu, fazendo-me sentir como se estivesse me afogando, como se tivesse falhado com Shay. Eles não podiam tirá-la de mim. Não podiam. Eu não deixaria.

Parece que teríamos que fugir muito mais cedo do que eu pensava.

Clive tirou o celular do bolso do paletó e apontou para nós.

– Não vão a lugar nenhum – disse ele, embora eu não soubesse se estava se referindo a este momento ou se podia sentir o que eu estava planejando fazer. – Eu já volto.

Vi o odioso bruxo dar as costas e sair da cozinha com o celular no ouvido.

– Shay – disse Valen. O medo em sua voz aumentou o meu.

Fitei-o.

– Eu sei... nós precisamos...

Ah, não!

– Que horas são?

Peguei meu celular, mas o gigante respondeu:

– Quatro e dez. Por quê?

– Droga, esqueci de ir buscá-la na escola. – E justo no seu primeiro dia. *Boa, Leana.*

Valen me puxou, e passamos por cima de Blake para chegarmos ao outro lado da cozinha.

– Ali está a porta dos fundos. Pode ir, eu vou ficar aqui.

– Tem certeza? – Odiava ter que deixá-lo sozinho nessa confusão, mas precisava buscar Shay.

– Sim. Vá. Vá buscá-la. Rápido.

Lancei um último olhar em sua direção, empurrei a porta dos fundos, e saí a galope pelo beco atrás do restaurante.

CAPÍTULO 9

Não é preciso dizer que Shay estava de mau humor quando cheguei aos portões da Academia Fantasia, que ficava há cerca de doze minutos correndo e mancando, já que eu havia torcido o tornozelo na calçada.

Vê-la sentada, sozinha, nos degraus, partiu meu coração. Suas bochechas estavam vermelhas, assim como seus olhos, como se tivesse chorado.

Droga. Eu era uma grande idiota.

Ela olhou para cima quando me aproximei cambaleando.

– Você se esqueceu de mim.

Eu queria morrer.

– Sinto muito.

– Tanto faz. – Shay se levantou, colocou a mochila no ombro e passou por mim.

Sim, ela me odiava mesmo. Não a culpava, também me odiava. Era idiotice esquecer sua irmãzinha no primeiro dia em uma escola nova, especialmente quando sabia como ela devia estar nervosa. Eu devia parecer uma guardiã horrível para o corpo docente da escola, porém, não me importava com o que eles pensavam, apenas com o que Shay pensava.

Corri atrás dela.

– Vá mais devagar – gemi. – Ai. Eu torci o tornozelo. – Meus tornozelos de quarenta e um anos já não se recuperavam tão rápido quanto os de vinte.

– Eu nem queria ir para essa escola idiota – respondeu com a voz um pouco aguda. – E você nem apareceu.

Manquei e me arrastei, tentando acompanhá-la, embora ela estivesse apenas quinze metros à minha frente.

– Sinto muito. Posso explicar. Por favor, vá devagar. Deixe-me explicar.

– Você me fez parecer uma idiota – disse Shay, seguindo com a mesma rapidez (de propósito, eu tinha certeza).

Os pedestres riram quando me viram pulando atrás de uma garotinha.

– Não tem nada para ver aqui. Podem seguir em frente. Vamos andando – falei, o que só fez com que eles rissem mais.

Uma das mulheres apontou o celular para mim, ela estava

gravando tudo. Que ótimo!

– Eu sei que está com raiva de mim. – Continuei caminhando e estremecendo enquanto meu tornozelo latejava e queimava de dor. – E tem todo o direito de estar.

– Tanto faz.

Será que tornozelos torcidos deveriam doer tanto assim?

– Aconteceu uma coisa no restaurante – disse, ofegante. – E eu acabei esquecendo. – Era uma desculpa esfarrapada, mas era a verdade.

Shay parou e se virou. Seu olhar mortal me fez congelar em uma estranha pose, que parecia saída de uma aula de yoga. Esperei que gritasse comigo ou dissesse algo, contudo, ela permaneceu em silêncio. Em vez disso, seu olhar raivoso deu lugar a um brilho de olhos marejados. Minha irmã se virou antes que as lágrimas pudessem escapar. Ela não queria que eu as visse.

Que droga. Eu a tinha feito chorar em seu primeiro dia de aula. Era a pior irmã mais velha do mundo.

Shay não me dirigiu sequer uma palavra enquanto a seguia pelas ruas e calçadas movimentadas da cidade. Ela também não diminuiu o ritmo nem olhou para trás quando chegou ao apartamento de Valen, desaparecendo sem me esperar.

Desviei os olhos para a placa de "fechado" na porta do restaurante, ponderando se deveria verificar como o gigante estava. Todavia, sabia que, se fizesse isso, meu relacionamento com minha irmãzinha estaria acabado. Ela nunca me perdoaria por tê-la abandonado duas vezes.

Eu era péssima nessa coisa de ser mãe e irmã mais velha, um fracasso colossal. Tinha feito Shay se sentir indesejada e esquecida. Como poderia compensar isso?

As lágrimas não derramadas eram as piores. Contudo, tinha a ouvido fungar no caminho, então talvez ela tivesse chorado.

Suspirei e abri o portão.

– Ah, droga. – Amaldiçoei as escadas que tinha que subir.

Nessas horas, desejava ser uma bruxa da luz e poder subi-las com ajuda de algum feitiço ou vassoura mágica. Minhas luzes estelares poderiam ter ajudado na caminhada, mas ainda era dia, o que significava que elas não seriam suficientes.

Com o tornozelo torcido e o coração pesado, subi os degraus do apartamento de bunda, nada menos que isso, arrastando-me um de cada vez até finalmente chegar ao patamar. Pelo menos Shay havia deixado a porta aberta, ou talvez tivesse se esquecido de fechar.

Entrei, sem vê-la na sala de estar ou na cozinha.

– Shay – chamei, movendo-me como uma mulher de cem anos.

A porta do seu quarto estava fechada. Imaginei que ela estivesse lá. Sentia-me perdida. O que deveria fazer? O que os pais faziam nesse

tipo de situação?

Comida.

– Está com fome? – esperei, e nada. – Vou fazer um sanduíche de queijo grelhado para você. – Eu sabia que minha irmã gostava. Era uma espécie de comida de consolo para ela. Também era minha comida de consolo. Qualquer coisa com queijo geralmente era. Além disso, era uma das poucas coisas que eu sabia fazer.

Usando a parede como apoio, caminhei até a cozinha, praguejei e abri a porta da geladeira.

– O que aconteceu com seu pé?

Estremeci e quase soltei a porta. Então, pulando em um pé só, consegui me virar. Valen estava atrás de mim, com uma expressão de preocupação.

– Torci meu tornozelo. Nada de mais.

– Não parece bom. Continuou andando com ele?

– Não tive escolha. – Eu teria chamado um táxi na volta, mas não podia deixar Shay. Ela estava me ignorando. Provavelmente, não aceitaria pegar um comigo.

– Aqui. Venha se sentar. Vou cuidar do seu tornozelo.

Deixei que Valen me levasse até uma das cadeiras da mesa de jantar. Ele colocou um assento na minha frente e se sentou. Em seguida, pegou meu pé e o colocou em seu colo.

– Isso deve melhorar – disse.

Senti uma onda de magia formigar em minha pele; era quente e leve, como uma brisa de verão. Quando ele pôs as mãos sobre meu tornozelo, uma luz dourada emanou de seu toque, e uma sensação calmante me tomou, como se o gigante tivesse esfregado um pouco de gel para anestesiá-lo.

Só que não era isso que ele estava fazendo, percebi. Valen estava me *curando*.

– Conte o que aconteceu – pediu enquanto a sensação de calor continuava a se espalhar pelo meu tornozelo e parte da minha perna. – Como torceu o tornozelo?

– Caminhando. – Ri. – Andando rápido. Estava tentando chegar até Shay. – Deixei escapar um suspiro. – Eu estava atrasada para buscá-la na escola, lembra? – falei baixo, porque tinha a sensação de que minha irmã estava ouvindo. – Ela estava me esperando nos degraus da escola e estava furiosa. – Não mencionei que também havia chorado. Não queria constrangê-la. Já tinha feito o suficiente por hoje.

Valen deslizou os dedos sobre meu tornozelo, enviando sua magia de cura, e provocando uma sensação profunda em cada nervo do meu corpo. Isso era para acontecer?

– Tentou explicar a situação? – Ele continuou a me acariciar, agora, com o polegar, e tive que resistir à vontade de gemer.

Que tipo de magia de cura era essa?

– Tentei, mas ela não quis ouvir. Nem sequer olhava para mim. Basicamente, eu a persegui o caminho todo até aqui. Parecia uma aberração saltitante. – Senti uma pontada no peito ao lembrar da menina marchando para longe. Odiava o fato de tê-la machucado. Só queria que ela tivesse me deixado explicar. – Sou péssima nisso, sabe?

– Em quê? – Usando as duas mãos, Valen esfregou os dedos no meu tornozelo, como se estivesse fazendo uma massagem.

Não mencionei que achava a fricção particularmente estimulante. Estava lutando para não ver isso como algo erótico, mas a magia elevava as sensações a outro patamar. Tive que me esforçar para manter minha voz calma e controlada.

– Em ser uma guardiã, uma irmã mais velha. Não é como se nosso pai tivesse me dado um manual. Nunca fui mãe, sempre estive sozinha. Tudo isso é muito novo para mim, e estou sendo um completo fracasso.

– Também é algo novo para ela – respondeu suavemente o gigante, como se isso não fosse nada de mais. – As brigas são um processo natural para as famílias. Vocês vão brigar de novo. É inevitável.

Balancei a cabeça.

– Essa poderia ter sido evitada. Eu queria saber como foi a escola, como ela se sentiu. Se a odiou, se fez algum amigo. – Na idade em que estava, Shay precisava de amigos.

Valen sorriu, fitando-me com o olhar cheio de compaixão.

– Ela estará melhor amanhã. Dê-lhe algum tempo.

– Duvido. Você não viu a cara dela, como estava furiosa. – Todavia, eu tinha a sensação de que a menina estava mais magoada do que qualquer outra coisa.

Ele se aproximou e estendeu a mão para acariciar minha bochecha.

– Está sendo muito dura consigo mesma. Dê tempo ao tempo.

Senti seu olhar sobre mim, intenso e penetrante, e meu corpo reagiu instantaneamente, esquentando. De repente, percebi-me à beira do controle. A parte impulsiva em mim queria agarrá-lo. Droga. O que havia naquela magia dele? Tesão instantâneo?

– Contou a ela sobre o Conselho das Sombras? – perguntou, deslizando seus dedos experientes pelo meu calcanhar, subindo pela minha perna novamente e causando arrepios deliciosos em todo o meu corpo.

– Como? Shay me ignorou o caminho todo até aqui. Depois, se trancou no quarto.

Ela estava tão brava que decidi não mencionar que o conselho estava interessado nela até que se acalmasse um pouco. Talvez também não fosse o melhor momento para falar sobre ir embora, ou melhor, fugir. Minha irmã estava finalmente começando a se sentir

confortável com a nossa convivência e adorava a gangue do décimo terceiro andar tanto quanto eu, portanto, sair agora poderia não ser uma boa ideia.

– Ela só precisa de tempo – disse o gigante, esfregando sua doce magia em mim. Eu tinha a sensação de que ele estava me excitando de propósito. – Shay vai voltar atrás. Porém, precisa saber sobre o Conselho das Sombras.

– Eu sei. Vou contar. Falando nisso... O que aconteceu com Clive depois que eu saí? Ele não o prendeu, pelo que vejo. – Era óbvio, já que Valen estava aqui, tocando-me de uma forma que provavelmente era ilegal em alguns países.

O gigante parou a carícia, deixando-me desapontada.

– Não. A equipe de limpeza chegou momentos depois, e o bruxo fez mais algumas ameaças sobre Catelyn e eu. – Ele soltou um rosnado suave. – Clive tem evidências suficientes para me prender.

Me remexi na cadeira.

– O quê? Não. Ele não pode.

– Pode. E o fará assim que receber a autorização do Conselho das Sombras.

Meu coração bateu forte no peito. Olhei de relance para a porta do quarto de Shay.

– Então, vamos embora hoje à noite. Vamos para a sua cabana.

Uma linha de preocupação surgiu na testa de Valen.

– Não posso deixar Catelyn. Ela precisa saber que ele também irá atrás dela.

– Vamos ligar para ela.

– Tenho tentado desde que você saiu – disse. – Ela não está atendendo.

Senti um nó na garganta de preocupação.

– Acha que ele a pegou? – Droga, talvez Clive já tivesse prendido Catelyn e a jogado em alguma cela, assim como havia feito comigo.

Valen se inclinou para trás e passou os dedos pelo cabelo, deixando-o todo emaranhado e muito sexy.

– Não tenho certeza. Espero que não.

– Acha que Catelyn pode ter feito isso? – Eu odiava ter que perguntar, mas precisava. Não achava que ela fosse a culpada, porém, não sabia o que era ser uma gigante e ter que controlar meus impulsos. Somente outro gigante entenderia.

Seu olhar se voltou para mim.

– Não sei. Talvez.

– Talvez? – Puxa vida. – Mas por quê? Catelyn adora você. É como um mentor para ela. – Não queria acreditar que a recém-criada pudesse fazer algo tão maligno, mas não era especialista em gigantes.

Valen estendeu a mão e segurou meu tornozelo novamente,

contudo, dessa vez, não senti nenhuma magia.

– Ela pode estar agindo de forma estranha. Pode ter perdido o controle sobre seu poder. É possível, especialmente no caso dela. Catelyn não é uma gigante nata, foi criada. Talvez nem saiba que está fazendo isso.

– Meu Deus, isso é ainda pior. – Balancei a cabeça. – Eu a conheço. Ela nunca faria algo assim. – Pelo menos não intencionalmente.

– Eu sei, mas, como disse, Catelyn pode estar fora de controle.

Soltei um suspiro e me recostei na cadeira, esfregando as têmporas. Tentei aliviar a tensão que havia se acumulado em minha cabeça, suspirando pesadamente.

– Shay deve estar morrendo de fome. Não comeu nada desde o almoço.

– Vou preparar algo para ela. – Antes que eu pudesse reagir, Valen passou as mãos por baixo de minhas pernas e me puxou para seus braços.

Sorrindo, envolvi seu pescoço.

– O que está fazendo?

– Concluindo o processo de cura – respondeu, com um sorriso presunçoso. A intensidade de seu olhar fez minhas partes íntimas pulsarem.

– Pensei que fosse preparar algo para Shay comer.

– Eu vou, mas, agora, você precisa de mais... cura... e ela ainda está muito brava para nos escutar.

– Certo. E quanto tempo isso vai levar?

– Uma hora deve ser suficiente.

Uma hora para fazer *aquilo*.

– Acho que tem razão – respondi, tentando suprimir o entusiasmo na minha voz e falhando miseravelmente

. – Preciso de muito mais cura. O que tem em mente?

Valen deu de ombros com um sorriso malicioso nos lábios.

– Bem, vou começar esfregando mais um pouco.

– Gosto disso.

– Talvez algumas mordiscadas e apertos – disse, dando alguns passos para fora da sala de jantar.

– São os meus favoritos.

– Parece que você precisa relaxar um pouco.

– Isso seria bom. Muito, muito bom – falei, com a voz baixa e rouca.

Então, seus lábios encontraram os meus. Sua boca era quente e determinada. Soltei um gemido suave, e minhas mãos se enroscaram em seu cabelo enquanto ele me puxava para mais perto, pressionando seu corpo contra o meu. Nos beijamos dessa forma pelo que pareceu uma eternidade, perdidos no calor da nossa paixão.

Quando finalmente nos separamos, ofegantes e sem fôlego, Valen me girou e caminhou em direção ao nosso quarto.

– Vamos – disse, com a voz baixa e sexy. – Está na hora de curá-la.

– Mal posso esperar. – Realmente não podia. Minhas regiões íntimas estavam martelando no mesmo ritmo do meu coração.

Estava tensa desde que vira Clive. Se não a liberasse logo, poderia explodir.

Valen me conduziu para seu quarto, que agora compartilhávamos, e fechou a porta com um empurrão do pé.

– Será que ela não vai nos ouvir?

O fato de minha irmã estar no cômodo ao lado não estava exatamente melhorando o clima. Nossas transas, que, por sinal, não tinham sido muitas, tinham acontecido no meu antigo apartamento, algumas vezes no escritório de Valen, mas, em sua maioria, aqui, quando Shay saía para visitar a gangue do décimo terceiro andar. Tudo era mantido em segredo.

– Ela não vai – respondeu, colocando-me na cama. – Fiz alguns ajustes. Paredes mágicas à prova de som.

Arqueei as sobancelhas.

– Sério? Uau. – Com meus hormônios em alta, não tinha percebido a leve vibração, uma que não estava presente hoje de manhã. – Foi você que fez isso? – perguntei. Ele havia me dito que os gigantes eram mais do que capazes de fazer magia.

– Um amigo meu. Ele me devia alguns favores.

– Legal. – Muito legal. E seria útil, porque eu tinha a sensação de que seria muito barulhenta.

– Achei que poderia gostar.

Eu ri, sentindo a tensão e o estresse do dia se dissiparem sob seu sorriso contagiante.

– Achou mesmo? – falei, balançando a cabeça em descrença.

Valen deu de ombros com um brilho malicioso nos olhos.

– Sim – respondeu, puxando-me para perto. – E também tenho outra coisa em mente. – Ele voltou a me beijar, deixando sua mão passear pelo meu corpo. – Senti falta disso – sussurrou roucamente enquanto mordiscava meu lábio inferior.

– Também senti – respondi, sem fôlego, passando os dedos por seus cabelos grossos.

Sorri e o beijei. Nossas línguas se entrelaçaram avidamente enquanto explorávamos a boca um do outro. Gemi baixinho, meu corpo formigando de desejo.

– Droga, Leana – ele gemeu com a voz áspera. – Você é tão sexy.

Dei uma risadinha, sentindo minhas bochechas corarem.

– Aposto que diz isso a todas as mulheres.

Valen riu, beijando-me novamente antes de passar os lábios pelo

meu pescoço. Suas mãos deslizaram da minha cintura até a barra da minha camisa, e eu arqueei as costas, silenciosamente implorando para que a retirasse.

– Paciência, querida – ele murmurou contra minha pele. Seus dedos brincavam com o tecido. – Boas coisas vêm para aqueles que sabem esperar.

Gemi de frustração quando Valen finalmente passou a mão por baixo da minha camiseta, subindo para tocar meus seios através do sutiã. Ele passou os polegares sobre meus mamilos, fazendo-os endurecer, e eu arfei.

– Tire a calça antes que eu o mate – ofeguei. Meus quadris se chocavam contra ele.

O gigante se afastou para me fitar, e um sorriso presunçoso surgiu em seu rosto.

– Foi uma ordem?

Assenti ansiosamente, com os olhos fixos nos dele.

– Sim. Agora. – Antes que eu exploda.

Ele riu e se inclinou para me beijar novamente. Então, se afastou e sussurrou em meu ouvido:

– Como quiser, meu amor.

Eu estava perdida no momento, perdida no calor de nossa paixão. Nós nos beijamos, nos tocamos e exploramos o corpo um do outro até que ambos estávamos nos contorcendo de prazer.

Depois, ficamos deitados, saciados e satisfeitos, com nossos corpos entrelaçados. Valen olhou para mim, seus olhos brilhavam de amor e adoração.

Eu poderia ter adormecido, mas não consegui.

Esperava ter mais tempo para passar com ele, desfrutando de sua presença e da convivência juntos, contudo, essas mortes estavam acabando com tudo.

Além disso, eu precisava falar com Catelyn. Precisava descobrir se ela era a responsável pelos crimes.

Não dormiria enquanto não o fizesse.

CAPÍTULO 10

Saltei do trem e segui em direção à Eighty-Third Street, em Bay Ridge, no Brooklyn. Sim, eu disse "saltei". Valen tinha restaurado completamente meu tornozelo, deixando-o como novo, possivelmente até melhor do que antes

. Ainda não tinha ideia de como sua magia de cura funcionava, mas, contanto que funcionasse, não me importava

. Agora, tinha um tornozelo totalmente funcional que me permitia andar e, se necessário, correr.

Depois de nossa magnífica transa da tarde de uma hora, tínhamos decidido que ele falaria com Shay sobre o Conselho das Sombras e eu tentaria encontrar Catelyn.

– Será melhor se eu falar – dissera, deslizando o polegar pela minha bochecha enquanto ainda estávamos deitados de costas e nus na cama. – Vou fazer seu prato favorito.

– Pizza de pepperoni – eu falara. Pelo menos isso eu sabia.

– E nós conversaremos. Ela vai me ouvir, confie em mim. Sou bom com crianças.

– Notei.

Ele era mesmo, tinha um talento especial para isso, ao passo que eu fracassava em todos os aspectos possíveis.

– Shay é inteligente – continuara o gigante. – Ela vai entender por que você se atrasou. E vai lhe perdoar.

Aproximara-me e beijara seu peito.

– Vai contar sobre nossos planos de fugir para a sua cabana?

– Sim. – Seus olhos se fixaram nos meus. – Vai ficar tudo bem. Prometo.

Após tomar banho, me aprontar e dar a Valen e a Shay um pouco de privacidade e tempo para conversarem enquanto comiam, eu saíra, ouvindo a voz deles ecoando na cozinha.

Não olhara para trás. Não queria estragar o que o gigante já havia conseguido com muito esforço. Além disso, como ele dissera, era melhor nisso do que eu.

Agora, uma hora depois, estava em Bay Ridge, no Brooklyn, a caminho da casa dos pais de Catelyn, onde eu sabia que ela estava hospedada. Era ali que ela preferia estar, com a família, em vez de vivendo com a gangue no hotel, o que era completamente compreensível.

Afinal, ela era humana. Catelyn não crescera da mesma forma que os outros paranormais. Porém, agora, fazia parte de dois mundos. E eu sabia que estava lutando para se adaptar.

Os edifícios formavam uma mescla de complexos de apartamentos de arenito, garagens e algumas lojas com aspecto desgastado. Era como se estivesse em uma zona industrial da cidade, uma paisagem urbana de concreto, vidro, aço e pedra. As ruas eram mais estreitas do que o habitual e, quando o sol se escondia atrás de um dos arranha-céus, tudo mergulhava na sombra.

Minha tensão aumentou quando lembrei minha conversa com Valen sobre sua crença de que, de alguma forma, Catelyn havia perdido o controle e cometido os assassinatos. Parte de mim não acreditava que ela fosse capaz disso. Não fazia sentido. Por que faria isso? A recém-criada não odiava Valen, ela o respeitava. Ele a ajudara, ensinando-a a controlar sua gigante interior. Por que Catelyn se voltaria contra ele? Será que estava doente ou algo assim? Ser transformada em uma gigante era uma experiência totalmente diferente de ter nascido uma

. Todos nós sabíamos o que havia acontecido com os paranormais criados por Adele. Eles tinham enlouquecido.

Era isso que estava acontecendo com Catelyn? Estava ficando louca? Estava perdida dentro de sua própria cabeça?

Pensara que ela estava a salvo. Fazia meses que havia se transformado e nunca demonstrara nenhum sinal de agressividade ou loucura, mas talvez eu estivesse errada. Talvez ela estivesse se transformando lentamente naqueles paranormais feitos em laboratório.

Por falar em laboratórios, ponderei se deveria tentar entrar em contato com Bellamy. Se alguém poderia esclarecer um pouco mais sobre isso, seria aquele cientista bruxo. Sim, ele era um bosta, ainda assim, sabia muito mais sobre a transferência mágica do que qualquer outra pessoa que eu conhecia.

Fiz uma anotação mental para falar com ele se não encontrasse Catelyn.

Movida por uma súbita onda de raiva gerada pelo que Bellamy e seu grupo haviam feito com ela, andei o mais rápido que pude sem parecer um corredor drogado. Alguns humanos, ignorantes dos perigos e horrores paranormais que os cercavam, passaram por mim enquanto eu subia a rua.

Um prédio considerável de quatro andares se estendia no final. Algumas luzes brilhavam nas janelas que cobriam a maior parte da fachada. Um nome estava exibido acima da entrada principal, com letras desbotadas e desgastadas pelo tempo, apenas uma sombra do que era antes. Poderia ter sido uma loja de departamentos em algum

momento. Os números acima das portas de vidro diziam: 858, o endereço que Catelyn havia me dado.

A fumaça dos escapamentos, o asfalto quente e o odor de lixo impregnavam o ar noturno enquanto eu cruzava a rua. A escuridão avançava rapidamente, ocupando os espaços onde as luzes não alcançavam.

Aproximei-me do prédio, abri a porta e entrei. A casa dos pais dela ficava no quarto andar. Como não vi um elevador, subi as escadas, agradecendo silenciosamente a Valen. Não sentia nenhuma dor em meu tornozelo. Ele era um verdadeiro curandeiro. A ideia de agradecê-lo mais tarde trouxe um sorriso ao meu rosto.

Luminárias fluorescentes queimadas pendiam do teto da escada, suas lâmpadas tubulares estavam cobertas de poeira e teias de aranha.

Respirei fundo e massageei a cãibra que senti na perna, um pouco tonta ao finalmente chegar ao quarto andar.

– Droga. Realmente preciso fazer uns exercícios aeróbicos. – Eles eram especialmente importantes para uma bruxa estelar como eu, que não podia voar nem pegar carona em uma vassoura mágica.

Entreí no corredor escuro e percebi que a maioria das luzes estava apagada, exceto uma. Mesmo assim, consegui me orientar facilmente.

Quando dobrei no canto, vi uma porta com um adesivo desbotado que indicava 4B. Estendi a mão e congelei.

A porta estava entreaberta, havia uma fresta quase imperceptível.

Bem, isso não é bom. Uma porta aberta era um convite para problemas. Ainda bem que eu era ótima com eles.

– Olá? – chamei depois de bater duas vezes. Dei uma olhada pela fresta, mas não consegui ver muita coisa. – Olá? – tentei novamente. – Catelyn?

Meu coração batia forte. Abri-a o mais silenciosamente possível e entrei. O apartamento era de um tamanho moderado para os padrões de Nova York, iluminado apenas por algumas luminárias de mesa, que projetavam sombras longas e assustadoras. Que ótimo.

Os tetos tinham pelo menos três metros de altura, o que não era incomum nos prédios mais antigos, e as paredes estavam cobertas com um papel de parede saído diretamente dos anos oitenta.

No entanto, não foi isso que fez meus braços e pernas ficarem paralisados.

Dois corpos jaziam no chão da sala de estar, suas peles pálidas refletindo sob a luz fraca. As sombras acentuavam seus ossos salientes, mandíbulas angulares e olhos afundados. Suas bocas estavam abertas, como se tentassem gritar ou deter o horror que havia se desenrolado ali.

Assim como as outras vítimas do restaurante, suas cabeças estavam inclinadas em ângulos estranhos, com vislumbres de suas vértebras

cervicais através da pele ressecada. Não havia cheiro de decomposição, sangue ou sinais de luta, exceto pelos seus pescoços quebrados.

Era quase impossível distingui-los. Eles estavam muito emaciados para distinguir suas características. No entanto, pelas roupas que usavam, o corpo que estava mais próximo de mim era de uma mulher. O outro, deitado ao lado do sofá, provavelmente era do sexo masculino.

Eu estava olhando para os pais de Catelyn. *Ela* havia feito isso? Estava ficando cada vez mais evidente que era a responsável.

Será que tinha feito algum feitiço para roubar a energia vital deles? Para se tornar... mais poderosa? Até onde eu sabia, seus pais eram humanos sem um pinga de sangue paranormal em seus corpos. Então, por que eles se pareciam exatamente com as vítimas bruxas?

Não era possível que um dos inimigos de Valen tivesse vindo até aqui para matar a família de Catelyn. Não fazia sentido. Não havia motivo por trás disso. Não. Era um puro massacre.

As evidências indicavam que Catelyn havia matado sua própria família.

Meu Deus...

– Catelyn. – Respirei fundo. – O que você fez?

– Uau – disse uma voz jovem atrás de mim, fazendo-me estremecer.

Me virei.

– Shay? Que diabos está fazendo aqui?

Sim, minha irmã mais nova, aquela que deveria estar me odiando neste momento, estava a menos de um metro de mim, com sua mochila nas costas e uma expressão de choque no rosto.

– Eu a segui – respondeu, dando de ombros, como se isso fosse uma coisa totalmente normal de se fazer.

Que menina levada! Essa era a terceira vez que ela me seguia. A primeira fora quando eu saíra para me encontrar com Bellamy no hotel sujo em que ele estava hospedado, e a segunda fora no prédio do Conselho das Sombras, onde Darius tentara me matar.

– Você me seguiu no trem? – Essa garota era mais furtiva do que eu jamais poderia ser. Ela era uma espiã nata

Shay deu de ombros novamente.

– Foi fácil. Você não é muito boa em se esconder.

E eu pensando que minha discrição tinha me mantido nos negócios pelos últimos dez anos.

– Não era para ter me seguido. Você não estava com Valen? Achei que ele iria preparar o jantar e que poderiam conversar.

– Sim, nós conversamos enquanto você estava no banho. Eu saí de

fininho depois que você saiu.

– Como conseguiu fazer isso?

– Eu disse que estava indo dormir.

Levantei uma sobancelha.

– Um pouco cedo para você ir para a cama.

Shay sorriu.

– Ele não sabe disso. Sabia que você ia pegar o trem, então, corri para a estação e a encontrei lá. Fácil, fácil.

– Meu Deus, Shay. – Me aproximei dela. – Pensei que não estava falando comigo.

Ela evitou meu olhar.

– Valen me contou por que você se atrasou. Ele também me contou sobre o Conselho das Sombras.

Senti um nó na garganta.

– Certo. E... o que acha disso?

Eu não queria ter essa conversa agora, na frente de duas pessoas mortas, mas ela finalmente estava falando comigo. Não queria que parasse. Não até que ficasse com raiva de mim novamente, é claro.

– É uma droga – respondeu, encolhendo os ombros.

Ela estava certa sobre isso.

– É verdade. Ele mencionou a cabana na floresta?

– Sim. – Shay deu uma olhada no apartamento.

– E? *Tudo bem* com isso? Quero dizer... ir para um lugar novo, mais uma vez? – Odiava ter que fazer isso, mas ela não estava segura. Não até que eu descobrisse quem no Conselho das Sombras queria colocar as mãos na minha irmãzinha.

– Tanto faz. Não me importo.

Encarei-a, sabendo que isso era um código para dizer que ela se *importava*.

– Sinto muito, Shay. Sei que não foi isso que conversamos. Tínhamos concordado em morar com Valen e que você iria para aquela escola. Ah! Como foi seu primeiro dia? Tirando a parte em que cheguei atrasada.

A menina deu de ombros novamente, ainda evitando me olhar.

– Foi tudo bem, eu acho. Não foi tão ruim quanto eu pensava.

– Sério? – Isso foi interessante e desolador ao mesmo tempo. – Você gostou, não foi?

Shay olhou para mim, depois, desviou o olhar.

– Tanto faz. Não importa.

Observei enquanto ela se afastava, claramente não querendo discutir o assunto. Falaríamos sobre isso mais tarde.

– Eles parecem múmias. Como a que estava no restaurante de Valen. – Shay olhou para a mulher, que eu presumi ser a mãe de Catelyn.

– Sim – respondi, aproximando-me e juntando-me a ela. – Você não deveria estar aqui, vendo isso. Por que me seguiu, Shay?

– Ouvi vocês conversando na cozinha – respondeu, passando os olhos pelas vítimas. – Eu queria ajudar a encontrar Catelyn. É aqui que ela mora?

– Sim.

Sua boca se abriu quando ligou os pontos.

– São os pais dela?

– É o que eu acho. Está na hora de irmos embora.

Shay franziu a testa.

– Quem fez isso?

Respirei fundo, sem querer dizer o que pensava. No entanto, a garota tinha o dom de detectar quando eu mentia e sempre parecia saber coisas que não deveria.

– Acho... acho que foi Catelyn.

– Não... – disse, franzindo a testa. – Ela não faria isso. Você está errada. Catelyn não faria isso, eu sei.

– Todas as evidências apontam para ela. – Apesar dos motivos não estarem claros.

– Está errada – repetiu, mais alto dessa vez. – Ela é minha amiga. Catelyn é boa, não mataria sua mãe e seu pai. Não faria isso.

Pousei a mão em seu ombro, mas ela se afastou de mim.

– Catelyn é diferente do resto de nós. Ela não nasceu gigante. Foi criada.

– Eu sei – disse Shay, com a mandíbula travada de raiva.

– E os outros como ela, os paranormais criados em laboratório, se tornaram agressivos, violentos. Eles se perderam em sua loucura e mataram muitas pessoas inocentes. Nós achávamos, eu achava, que Catelyn era diferente, pois não *se transformou* como eles. Achei que ficaria bem.

Shay assentiu, mas não disse nada.

– Ela também é minha amiga – falei. – E quero ajudá-la. Contudo, tenho que encontrá-la antes que machuque mais alguém.

Quando minha irmã finalmente me encarou, tinha lágrimas nos olhos.

– Você vai matá-la, não vai?

Fiquei parada por um momento, surpresa com seu comentário.

– Não, não quero matá-la. – Era a verdade. Tinha vindo para avisá-la e, agora, diante do que encontrara, estava aqui como amiga, queria ajudá-la.

Talvez Catelyn nunca mais pudesse viver entre nós ou entre os humanos, mas havia lugares e instituições para onde ela poderia ir. Eu não iria matá-la, apenas precisava fazê-la parar.

– Está mentindo – disse Shay.

– Não estou, de verdade. Só quero ajudá-la. Prometo. – Olhei em volta do apartamento. – Ela precisa de ajuda. Nossa ajuda. Tenho que encontrá-la antes que outros a encontrem.

– Porque eles querem matá-la – acusou, mais como uma afirmação do que como uma pergunta.

Assenti.

– Sim.

– Então, vou ajudar. – Shay ajustou as alças de sua mochila. – Eu posso ajudar – repetiu, percebendo minha objeção.

– Ouça – falei, aproximando-me dela. – Catelyn não está sã neste momento. Ela é perigosa. E é uma gigante.

– Giganta – corrigiu minha irmã.

– Certo. Ela é muito forte. Além disso – disse, acenando para os corpos –, sabe lidar com magia. Não quero que nada aconteça com você, sem falar que deveria estar fazendo as malas.

– Quero ficar aqui, com você – disse minha irmã. – Por favor. Eu posso ajudar.

O desespero em seus olhos apertou meu coração. Eu sabia que essa era sua tentativa de me mostrar que não era inútil, que ela tinha magia, que era forte.

– Tudo bem – respondi, não acreditando que tinha acabado de concordar. Felizmente, as chances de encontrar a gigante hoje à noite eram mínimas. Eu a levaria em uma busca pela cidade e, depois, para casa. – Vamos – falei, agarrando seu braço e puxando-a comigo.

– Mas e quanto aos dois?

– É tarde demais para eles – respondi.

Não chamaria o Conselho das Sombras. Isso só os alertaria sobre Catelyn. Eu precisava de tempo para encontrá-la.

– O que estão fazendo aqui? – disse uma voz vinda da porta.

Catelyn entrou em seu apartamento, com um sorriso de surpresa no rosto por nos ver.

Parece que a gigante tinha nos encontrado primeiro.

CAPÍTULO II

Catelyn trazia sacolas de compras em suas mãos.

– Leana? – Ela olhou para Shay e para mim. – Tínhamos algo planejado? Será que esqueci...

Seus olhos caíram sobre os dois corpos na sala de estar.

Um estrondo ecoou, como o som de vidro quebrando, quando as sacolas caíram no chão.

Então, bem, então os gritos começaram. Catelyn soltou um uivo dilacerante que eu não pensava ser humanamente possível. Os cabelos da minha nuca se arrepiaram quando ela correu e se ajoelhou ao lado do corpo de sua mãe.

Shay olhou para mim, seus olhos verdes estavam cheios de medo e incerteza.

Levantei a mão, fazendo um gesto para que ficasse onde estava, enquanto eu me colocava ao lado da gigante.

– Não, não, não – gritou Catelyn, balançando-se para frente e para trás com o corpo da mãe entre os braços e soluçando freneticamente.

Meu peito se contraiu diante de sua dor. Eu já havia sofrido perdas antes, a perda de uma mãe, mas não fora de uma forma tão trágica. Esse havia sido um ataque sem sentido, e ela havia perdido os dois pais em uma noite. Era difícil imaginar esse tipo de dor.

Observei enquanto ela continuava a se balançar, murmurando coisas sem sentido entre soluços. Com o corpo de sua mãe ainda em seus braços, a gigante bateu com um dos punhos várias vezes no piso de madeira.

Ela estava chocada, devastada. Tomada pela tristeza. Não era uma reação que eu acreditava ser possível vir de alguém que havia matado seus pais. Muito pelo contrário. Contudo, era possível que ela não se lembrasse de ter *cometido* os assassinatos, que tivesse perdido o controle, como Valen havia sugerido. Era o que eu temia, que a loucura que havia tomado conta dos outros paranormais criados em laboratório pudesse, um dia, tomá-la também. Agora, eu não tinha mais certeza de sua sanidade.

– Leana? – sussurrou Shay. Eu me virei ao perceber o nervosismo em sua voz. Ela estava se mexendo de um pé para o outro, parecendo prestes a sair correndo do apartamento.

Levantei minha mão novamente.

– Vai ficar tudo bem. Fique aí.

Voltei minha atenção para a gigante. Seus gritos haviam se transformado em soluços chorosos. Então, ela desabou no chão, seu corpo encolhido em uma posição fetal, tremendo ao lado de sua mãe.

Droga. Considerei ligar para Valen, mas não tinha certeza do que ele poderia fazer que eu não pudesse. Ainda assim, ele precisava saber que eu havia encontrado Catelyn e que Shay havia fugido.

Peguei meu celular, decidida a ligar para o meu gigante, e passei o dedo na tela.

– Leana – chamou Shay, em pânico.

– Não se preocupe. Estou ligando para Valen.

Ela soltou um pequeno som de horror. Fitei-a, percebendo que a garota tinha se aproximado da porta e que, agora, estava paralisada, com os olhos arregalados e fixos em algo atrás de mim.

A adrenalina subiu quando me virei. Catelyn estava de pé, encarando-me.

Me encolhi, não esperando por isso. Nem sequer ouvira ou sentira seu movimento.

– Uau. Você se levantou bem rápido.

Fiquei observando a mulher diante de mim. Ela era alta, talvez quase tão alta quanto eu, mas onde eu não tinha curvas ou busto, Catelyn tinha em abundância. Mechas de cabelo castanho-claro caíam sobre seu rosto parcialmente oculto, molhadas de lágrimas e chegando abaixo dos ombros. À primeira vista, ela parecia ser uma mulher comum, mas era o oposto de normal ou mesmo humana. Catelyn era uma gigante. E o que se refletia em seus olhos naquele momento era apenas ódio... por mim.

Coloquei meu celular no bolso.

– Catelyn. – Encarei minha amiga e vi traços de suspeita em seu rosto. Era como se ela achasse que *eu* havia matado seus pais.

Ah, não.

– Você os matou – gritou, com os olhos marejados. Foi então que percebi que a tinha perdido. – Você fez isso! Matou meus pais!

Levantei minhas mãos em sinal de rendição, ciente de que Shay estava atrás de mim e mais perto da porta.

– Não fiz. Eu juro. Nunca faria mal aos seus pais. Você me conhece. Sabe que eu nunca faria isso, Catelyn.

Uma fúria flamejava em seus olhos.

– Você os assassinou. Matou minha única família. – Ela levantou a mão e puxou os cabelos. – Acreditei em você, mas vocês são todos iguais. Todos vocês! Não se importam conosco. Só querem nos *usar* e nos matar!

Ela soltou um grito e, em seguida, começou a se contorcer e convulsionar enquanto uma onda de magia emanava no ar. Soltando um lampejo de luz, Catelyn caiu de joelhos novamente, uivando à

medida que seu rosto e seu corpo se alteravam e cresciam em proporções sobrenaturais.

Certo, *agora* era hora de entrar em pânico.

Catelyn mudou e cresceu até ficar com o triplo de seu tamanho normal. O chão rangeu e tremeu quando ela se levantou. O rosto de minha amiga ainda estava lá, só que maior, com uma sobranalha proeminente e um maxilar superior saliente, o que lhe dava uma aparência mais neandertal. Suas roupas tinham se esticado e rasgado, mal conseguindo conter sua estrutura expandida. Agora, reduzidas a trapos, mal cobriam sua pele, expondo muito mais do que eu me sentia confortável em ver.

Sim, muito estranho.

Ela estava curvada, com a cabeça quase tocando o teto. Seu corpo de quatro metros era simplesmente alto demais para o apartamento. Ela podia não ser tão grande quanto Valen, mas ainda era assustadoramente robusta.

E uma oponente muito forte para eu lutar, especialmente enquanto tinha que proteger minha irmãzinha.

Prendi a respiração. A Catelyn humana havia desaparecido. Estava tudo acabado, estávamos ferradas.

– *Vou matá-la* – rosnou. Sua voz era tão alta que fez tremer as paredes. Ela sorriu para mim, com uma expressão distorcida que, de alguma forma, não combinava com seu rosto, tornando-o ainda mais hediondo.

Mantendo meus olhos na gigante, dei alguns passos cuidadosos para trás, bloqueando Shay de sua visão. Virei ligeiramente a cabeça e sussurrei:

– Quando eu disser para você correr, corra, entendeu? – instruí minha irmãzinha.

– Tudo bem – respondeu logo atrás de mim, parecendo assustada, o que só me alimentou com uma raiva repentina e um sentimento esmagador de proteção.

Eu tinha que tirá-la daqui. Nunca deixaria que nada acontecesse a Shay.

Não queria ferir ou até mesmo matar Catelyn, mas se ela fosse atrás da minha irmã... eu não teria escolha. Isso me assombraria pelo resto de minha vida, mas não pensaria duas vezes antes de revidar.

O sol havia se posto, o que significava que Shay estava indefesa. Mas eu não.

Com o coração aos pulos, respirei fundo, entrei em contato com meu eu interior e canalizei a energia mágica do poder das estrelas. Um arrepio frio de magia tomou conta de mim, e eu me segurei a ele.

Estava pronta para ela. Contudo, ainda esperava poder conversar com a gigante de alguma forma. Parte da mulher humana que me

conhecia, minha amiga, ainda devia estar lá dentro.

– Catelyn, você me conhece – falei e dei mais um passo para trás. – Sabe que eu nunca faria nada para prejudicar você ou sua família. Eu a ajudei. Ajudei a se instalar no hotel. Eu lhe dei meu apartamento. Tudo bem, você o devolveu, mas, mesmo assim, isso deve ter significado algo, não acha? Somos *amigas*.

A recém-criada inclinou a cabeça como um cachorro faz quando está tentando entender o que você está dizendo.

– *Vou esmagar o cérebro de vocês* – berrou.

– Isso é realmente necessário? Gosto do meu cérebro onde ele está.

Um sorriso malicioso se estendeu pelo seu rosto, fazendo-a parecer ainda mais com um Neandertal.

– *Você vai morrer. Vou arrancar suas pernas e seus braços e vê-la sangrar até a morte. Depois, vou bater em você até não sobrar nada.*

– E eu achando que éramos amigas. Até lhe emprestei meu elástico de cabelo. Ele é seu, pode ficar.

– *Você é uma cadela assassina!* – Cuspe voou da boca da gigante. – *Matou meus pais. Por que fez isso? Por quê? Não importa. Você está morta.*

Soltei um suspiro trêmulo.

– Tá, acho que conversar não vai resolver nada. Parece que vai ser no soco mesmo. Luzes estelares e socos.

A gigante golpeou o chão com ambos os punhos. Estilhaços e fragmentos de madeira voaram em todas as direções com o impacto. Ela recuou e, com um poderoso impulso, avançou em nossa direção com seus peitos grandes e seminus balançando. Droga, essa cena ficaria gravada na minha mente para sempre.

– Foi uma boa conversa.

Certo, era hora do plano B. Qual era o plano B? Ah, sim, correr.

– Corra!

Girei, empurrando Shay para a frente. Um estrondo ensurdecador reverberou nos meus ouvidos, como se uma granada tivesse acabado de explodir. As tábuas do chão se ergueram quando um punho colossal atingiu o lugar onde estávamos apenas alguns segundos antes.

Merda. Merda. Merda.

– Vá para as escadas! – gritei quando Shay desapareceu pela porta da frente do apartamento.

Eu não tive tanta sorte.

Algo segurou minha perna e, quando dei por mim, estava levitando horizontalmente. Tá, sim, eu sempre quis voar, mas não desse jeito.

Era perfeitamente aceitável entrar em pânico nesse momento.

E foi o que fiz.

O terror se instalou, e eu me joguei para frente, sabendo o que viria a seguir. A dor se intensificou quando minhas costas se chocaram

contra a parede sólida.

Com os dentes cerrados, estendi a mão e canalizei minhas luzes estelares. Sim, eu estava com dor em todos os lugares e parecia que tinha caído em um moedor de carne, mas ainda podia fazer magia. Não morreria como uma covarde. Eu era uma Merlin. Não seria esmagada por uma gigante seminua, furiosa e enlouquecida.

Os instintos me impulsionaram, e levantei no exato momento em que a mulher imponente, com uma boca capaz de engolir minha cabeça inteira, avançou em minha direção com os punhos cerrados, prontos para me golpear até a morte, conforme havia ameaçado.

Ainda bem que eu não tinha soltado minhas luzes estelares.

Meu corpo foi inundado pela energia formigante.

O chão tremeu sob o peso de Catelyn quando seu corpo maciço se lançou contra mim, fazendo com que as tábuas do assoalho se partissem e se erguessem em um completo cenário de demolição.

Ela ergueu os punhos e atacou.

Uma explosão de luz branca irrompeu dos meus dedos estendidos, atingindo-a em cheio no peito e envolvendo seu corpo com uma camada brilhante.

A gigante soltou um grito de dor, seus imensos membros se contorciam como se tentasse nadar para trás enquanto ela atravessava o apartamento, chocando-se contra a parede de drywall e desaparecendo através do buraco que havia feito.

– Ela está morta? – Shay apareceu ao meu lado, seus olhos estavam fixos no grande buraco à nossa frente.

– Shay. – Eu a encarei com incredulidade. – Eu disse para você sair. – Que diabos ela ainda estava fazendo aqui?

A menina olhou para mim.

– Não queria ir embora. Ela queria matar você. E eu posso ajudar.

– Sei que você quer, mas lutar contra uma gigante é como lutar contra um dinossauro. Nem sei se *eu conseguirei* derrotá-la. Catelyn é muito, muito forte.

É claro que a recém-criada escolheu aquele exato momento para aparecer novamente.

– *Bruxa! Vou matar você!*

A gigante emergiu do buraco na parede, com gesso, poeira e fragmentos de drywall cobrindo seu cabelo, rosto e corpo. Em seguida, soltou um grito furioso e partiu para o ataque.

Suspirei fundo.

– Estou ficando velha demais para essa porcaria.

Ela estava quase em cima de mim, suas pernas enormes a impulsionando em uma velocidade que eu não imaginava ser possível.

– Para trás! – Empurrei Shay, plantei meus pés no chão e usei minha magia estelar.

Novamente, o poder das estrelas respondeu.

Juntei meus pulsos e estendi minhas mãos. Um feixe de luz branca foi disparado, atingindo-a do lado esquerdo do peito. Ela não caiu, mas consegui desequilibrá-la por alguns segundos.

Segundos preciosos.

– Vamos embora! – Agarrando Shay pelo braço, puxei-a com um pouco de força demais e saí do apartamento. Por um momento, temi que tivesse deslocado seu ombro. – O teto é baixo. Ela não pode passar por aqui.

A enorme explosão atrás de nós disse o contrário.

Meu Deus, odeio quando estou errada.

A gigante se agachou como um gorila enfurecido. Nessa posição, sua mobilidade era limitada, mas isso não a impediu de se aproximar de nós. Seus olhos, porém, não eram os da minha amiga; eles estavam repletos de loucura, carregados de ressentimento e ódio por mim.

Catelyn irrompeu pelo corredor, e de repente, pareceu notar minha irmã mais nova. Seus lábios se curvaram em um sorriso grotesco, seus olhos frios e calculistas se alargaram com um prazer doentio ante a perspectiva de esmagar os miolos da menina. Um sentimento de repulsa subiu pela minha garganta.

– Vá para as escadas e saia! Agora!

Freneticamente, empurrei Shay.

Contudo, a gigante foi mais rápida.

Shay correu para a escada, olhou por cima do ombro e tropeçou.

Naquele momento, meu mundo inteiro pareceu desacelerar. Os eventos se desdobraram em câmera lenta diante dos meus olhos: minha irmã caindo, Catelyn se aproximando dela enquanto eu permanecia ali, parada como um idiota, apenas observando.

Então, fiz a única coisa que poderia fazer.

Sem pensar muito, corri para frente e me atirei contra a gigante, com os braços abertos como se fosse lhe dar um abraço de urso. Será que eu conseguiria apertá-la até a morte? Sem chance.

Choquei-me contra Catelyn, agarrando-a como um bebê chimpanzé. Ela se encolheu, surpresa. Seu rosnado revelou que não estava nada contente com aquilo.

Fitei-a e sorri.

– Achei que precisava de um abraço.

– *Argh!* – gritou ela, puxando-me e sacudindo-me como se eu fosse uma sanguessuga.

Vislumbrei Shay se escondendo na escada, seus olhos arregalados de medo, no instante em que a gigante me lançou pelo corredor como se eu fosse uma boneca de pano. Bati no chão e rolei até parar. Ai. Eu ia precisar muito do toque de cura de Valen depois disso. Não que estivesse reclamando.

Mesmo assim, ainda não estava vencida. E tinha que pensar em Shay. Levantei-me enquanto a gigante se agachava.

Um vazio atingiu meu âmagão ao observar sua expressão. Seu olhar estava fixo em Shay, seu rosto perturbado e seus olhos frenéticos. Nos encaramos e, por um instante, percebi um lampejo de reconhecimento. Então, ela estreitou os olhos e mostrou os dentes como um gato sibilando.

Catelyn foi atrás da minha irmãzinha novamente, enquanto pedaços de drywall caíam do teto, do ponto onde suas costas tocavam.

Droga.

– Aqui! Aqui, sua gigante feia! Ela não teve nada a ver com a morte dos seus pais. Foi tudo eu. Eu! Fui eu que fiz isso! Eu os matei!

Diante do comentário, a mulher colossal parou abruptamente, seus olhos ardiam com uma fúria gélida e malévola.

– Sim, é isso mesmo. É a mim que você quer. – Olhei de relance para Shay, tentando lhe dizer com meus olhos para dar o fora daqui, mas a garota era teimosa. Parecia que nós duas havíamos herdado esse gene.

Catelyn gritou de raiva.

– *Vou matar você!* – Ela se arrastou em minha direção mais rápido do que antes, parecendo um caranguejo.

E, então, eu avancei, dando um chute forte no seu estômago. Grunhindo de dor, a recém-criada cambaleou para trás. Infelizmente, isso não durou muito.

– Cuidado! – gritou Shay.

– O quê?

Caí para trás e rolei no chão. Senti uma brisa acima de minha cabeça. No instante seguinte, fui golpeada nas costas por algo sólido, enquanto o hálito quente da gigante envolvia meu rosto. Caímos juntas, minha cabeça batendo contra o solo ao passo que sujeira e sei lá mais o que deslizavam sobre meu rosto.

Sibilando entre os dentes, rolei, sem esperar que Catelyn me esmagasse até a morte. Deslizei por debaixo dela e me pus de pé. Ela desferiu um soco em minha direção, como se eu fosse uma mosca irritante, mas consegui me esquivar e dei-lhe um chute no joelho com toda a força que pude.

A gigante mal recuou, porém, pareceu ainda mais furiosa. Seus olhos brilhavam com ira e uma fome selvagem de esmagar meu cérebro.

– Ótimo. – Isso tinha que parar.

Decidida, reuni minha determinação e toda a minha força, estendendo minha mão direita e soltando minha magia.

O feixe de luz branca atingiu a gigante bem no meio de sua testa.

Eu estava mirando em seu peito, mas não importava.

Ela cambaleou para trás, atordoada. Depois, observei seus olhos se fecharem. Catelyn caiu de cara no chão.

Um estrondo ecoou ao nosso redor com o impacto. A próxima coisa que vi foi o corpo da gigante brilhando e, então, suas feições e seus membros começaram a se transformar e encolher até ela retornar ao seu tamanho humano.

Shay estava ao meu lado no segundo seguinte.

– Ela está morta?

– Não sei. – Eu a tinha acertado com força, com muita força, e com uma grande quantidade de magia estelar. – Deixe-me ver. Fica para trás – avisei enquanto avançava e me ajoelhava ao lado da mulher inconsciente. Estendi a mão e pressionei meus dedos em seu pescoço.

– Ela tem pulso. – Fiquei aliviada e um pouco nervosa. Não estava ansiosa pelo momento em que Catelyn acordaria novamente.

Levantei-me e corri de volta para o apartamento dela.

– O que está procurando? – Shay correu para perto de mim.

– Preciso de algo para cobri-la. – Fui para um dos quartos, encontrei um roupão de banho branco e o peguei. – E precisamos amarrá-la. Veja se consegue encontrar algumas cordas ou amarras. – Não gostava disso, mas não tinha escolha.

Voltei para o corredor e coloquei o roupão de banho sobre Catelyn. Não queria ter que pensar se tinha sido realmente ela que matara aqueles bruxos e sua família. Todas as evidências apontavam em sua direção, e eu tinha visto a loucura em seus olhos. Contudo, era a mesma loucura dos outros paranormais criados em laboratório ou apenas um lampejo de insanidade temporária por ver seus pais mortos?

Eu teria que descobrir.

Mas, primeiro, peguei meu celular e liguei para Valen.

CAPÍTULO 12

Acomodei-me no sofá do meu antigo apartamento, segurando uma xícara de café quente entre as mãos enquanto refletia sobre os eventos envolvendo Catelyn.

Valen chegara em dez minutos. Após fazermos o possível para limpar parte dos destroços e da bagunça, havíamos fechado a porta do apartamento e saído. Ele carregara a gigante, ainda inconsciente, embora com os pulsos e os pés amarrados, até seu Range Rover Sport e a colocara no porta-malas.

– Não vamos chamar o Conselho das Sombras? – perguntara Shay.

Ela sabia mais sobre a política do nosso mundo do que eu quando tinha a sua idade. Além disso, não estava disposta a mentir sobre minhas suspeitas de que nem todos os membros eram confiáveis.

– Não. Não confio neles. Não podemos nos arriscar. Não até sabermos mais.

Conhecendo aquele maldito do Clive, ele poderia usar os acontecimentos para levar Catelyn embora e talvez até Shay. Por isso, decidira contatar as autoridades humanas, fazendo uma ligação anônima para o 911 do restaurante mais próximo. Os pais dela eram humanos, então, deveria ser um caso para a polícia humana resolver. Tá, tudo bem. Não se tratava simplesmente de um caso humano. Na verdade, era mais paranormal do que qualquer outra coisa, mas, por ora, pensara que era melhor deixar que eles lidassem com isso.

Após concordarmos que Catelyn estaria mais segura no hotel, além de ser o melhor local para mantê-la sob vigilância enquanto tentávamos descobrir o que havia acontecido e porque ela agira daquela forma, Valen a levava até meu antigo apartamento. Alguns inquilinos tinham nos olhado de relance, contudo, ninguém nos parara ou dera mais atenção. Parece que carregar mulheres paranormais inconscientes era algo comum no décimo terceiro andar.

Ainda assim, a notícia se espalhara como um vírus, então, naturalmente, toda a gangue aparecera alguns momentos depois.

– Não posso acreditar – disse Elsa, que entrara correndo. – E você acha que ela matou os pais? Não, não acredito nisso. Catelyn nunca mataria sua família. Ela os amava, mudou-se justamente para ficar com eles.

Balancei a cabeça e olhei para Shay, que estava muito quieta ao meu lado. Catelyn era sua amiga, e eu sabia que toda a experiência

tinha sido traumatizante. Apesar de ser uma bruxa que já enfrentara muitas dificuldades em sua curta vida, ela não deveria ter sido alvo do desejo assassino da gigante.

Pensei em estender a mão e apertar seu ombro, mas, depois, pensei melhor. Achei que ela não iria querer isso.

– Acredite – respondi, olhando para a mais velha com uma carranca no rosto. – Eu estava lá.

– Acha que a loucura está assumindo o controle dela como aconteceu com os outros? – Julian se sentou em uma das poltronas, olhando para a porta do quarto, onde Catelyn ainda estava dormindo.

– Talvez. – As imagens do casal morto passaram pela minha mente. – É preciso estar muito louco para fazer algo assim com sua família. Bem, com pais que você ama, é claro. E eu sei que ela os amava. Ninguém em sã consciência poderia fazer algo tão horrível.

– Mas ela estava bem – disse Elsa, com descrença e negação ainda em seu rosto. – Catelyn era uma de nós. Ela conseguia controlar a transformação e não demonstrou nenhum sinal de violência. Nem uma única vez. Nunca.

– Não sei o que dizer, Elsa. Todas as evidências apontam para ela – falei. – Talvez tenha começado a agir de forma diferente quando se mudou, mas não estávamos lá para ver. – Talvez nunca devêssemos ter deixado Catelyn partir. Se não tivéssemos, talvez nada disso tivesse acontecido.

– Deveríamos tê-la mantido aqui. – A voz de Jade estava carregada de emoções. – Teríamos visto se algo estivesse errado. Poderíamos tê-la ajudado, tê-la impedido.

– Não sei se poderíamos – falei. – Não há cura para isso. Ela foi criada assim. Pensei que fosse diferente dos outros paranormais produzidos em laboratório, especialmente porque o sangue de Valen foi utilizado nela. Talvez, devido às suas habilidades de cura, eu tenha achado que ela estava imune a essa insanidade.

– Aparentemente, não – disse Julian. Ele olhou ao redor com uma expressão de desaprovação em seu belo rosto. – Onde está Valen?

– Voltou ao apartamento dela para garantir que a polícia humana aparecesse, não o Conselho das Sombras. Se eles vissem o que aconteceu... nunca mais veríamos Catelyn.

– Mas a culpa não é dela. – Jade puxou a parte da frente de sua camiseta do Def Leppard. A bruxa não estava vestida de Cher hoje. – Você mesmo disse que ela estava descontrolada. Catelyn poderia alegar insanidade temporária.

– Você assiste TV demais – esbravejou Elsa. – Isso não existe em nosso mundo. Eles vão prendê-la ou coisa pior.

Jade respirou fundo.

– Acha que vão matá-la?

Elsa empalideceu.

– Não. Acho que vão estudá-la e fazer coisas terríveis, horrendas.

Eu sabia exatamente a que tipo de *coisas* ela estava se referindo. O Conselho das Sombras havia levado todos os equipamentos e arquivos dos laboratórios de transferência de Adele. Eles poderiam simplesmente tê-los destruído, mas não o fizeram. Sempre me perguntei se tentariam usá-los para criar seus próprios exércitos paranormais, como Adele havia planejado. Eu tinha certeza de que era por isso que haviam guardado tudo.

Afastei esse pensamento. No momento, precisava me concentrar em Catelyn. Pensaria nisso mais tarde.

– Preciso me sentar. – Elsa foi até a sala de jantar, pegou uma cadeira e a levou para a sala de estar. – Não acredito que isso esteja acontecendo. Ela estava indo tão bem. Mas... o que vamos fazer agora? Se, como você disse, não há cura, o que faremos quando Catelyn acordar?

Eu tinha considerado as possibilidades.

– Algum de vocês tem feitiços ou poções para dormir? Precisamos mantê-la em sua forma humana até descobirmos o que fazer. Sedada seria melhor. – Quanto mais tempo a gigante pudesse dormir e não pensar nos eventos horríveis, melhor.

– Deixa comigo. – Julian se levantou. – Tenho um bom sonífero. É mais como uma vela para dormir, na verdade. Você a acende e a fumaça age como um gás do sono, semelhante ao vapor de halotano. Dura cerca de quatro horas.

– Ótimo. Pode pegá-la agora?

– Volto já.

Fiquei observando enquanto ele desaparecia pela porta aberta. Mal tinha tomado dois goles do meu café quando retornou, carregando uma vela azul. Sem dizer uma palavra, Julian entrou no quarto de Catelyn e fechou a porta.

– Não entendo – disse Jade, com a voz elevada pelo nervosismo. – Acha que ela também matou aquelas duas pessoas no restaurante de Valen?

– Eles morreram da mesma forma, com o pescoço quebrado. Talvez Catelyn tenha tido um surto de loucura e os matou sem perceber o que estava fazendo. – Eu admitia que era uma péssima teoria. E ainda estava cética quanto ao fato de ela ter usado magia para drenar suas vítimas. Porém, a essa altura, a gigante era nossa única suspeita.

– Sem um motivo ou uma razão real, tudo parece um pouco estranho. – Elsa esfregou o medalhão com as duas mãos. – Tentou falar com ela? Tenho certeza de que teria vindo com você se tivessem conversado.

Estremeci ao me lembrar da dor que a recém-criada sentira ao ver

seus pais. Com um estalo, a Catelyn que eu conhecia desaparecera.

– Acredite em mim, *tentei* conversar. Não deu certo. Ela estava fora de si. – Conhecia bem a sensação, já tinha passado por isso. – Ela nos atacou, queria nos matar. Eu e Shay. – Olhei para minha irmã novamente. Sua cabeça estava inclinada sobre o tablet, mas a tela estava preta. Ela não olhava para nenhum de nós. – Poderia ter sido muito pior. Foi sorte ter conseguido nocauteá-la. – Tinha certeza de que a gigante teria esmagado meu cérebro se eu não tivesse conseguido.

Julian saiu do quarto e fechou a porta.

– Será o suficiente por algumas horas ou até que a vela se apague. – O bruxo foi até a sala de estar e se sentou em sua cadeira.

– Obrigada – disse, suspirando. – Isso vai nos dar tempo para descobrir o que fazer.

Julian se recostou na cadeira e passou os dedos pelos cabelos.

– Não vai mesmo alertar o Conselho das Sombras?

– Não.

– Eles vão descobrir – falou. – Talvez não hoje à noite, mas provavelmente amanhã já saberão sobre as mortes.

– E farão a conexão com Catelyn – disse Jade. Sua voz estava calma e áspera. – Eles têm todas as informações sobre ela. Sabem tudo sobre seus pais e onde moram.

A ideia da recém-criada amarrada a uma máquina de diálise mágica mexeu comigo. Tive que desviar o olhar antes que meu rosto me denunciasse.

Dei um longo suspiro, buscando aliviar um pouco da tensão em meus ombros e preparando minha mente para se concentrar.

– Então, não temos muito tempo.

Elsa olhou na direção do quarto.

– Ela não pode ficar aqui – disse. Sua voz vacilou um pouco quando voltou a olhar para nós. A bruxa exibia uma expressão pensativa, suas bochechas estavam coradas. Percebi que sua pressão estava subindo.

– Não, não pode – concordei, sentindo os olhos de Shay em mim. – Este é o primeiro lugar onde vão procurá-la. Eles sabem que ela morava aqui e que somos seus amigos. Temos que encontrar um lugar melhor para escondê-la.

Contudo, por quanto tempo? Assim que Catelyn acordasse daquela vela enfeitiçada, se lembraria do que aconteceu com sua família e me culparia novamente, então, se transformaria e voltaríamos ao ponto de partida.

– Se for ela que estiver matando pessoas – começou Julian –, talvez entrar em contato com o Conselho das Sombras não seja uma ideia tão ruim...

– Enlouqueceu? – gritou Jade. – Eles vão torturá-la.

O bruxo levantou as mãos.

– Talvez. Porém, já pensou que talvez não façam isso? E se eles forem os únicos que possam lidar com alguém na situação dela? Talvez o Conselho das Sombras seja o lugar perfeito para ela. Só estou dizendo.

– Odeio você neste momento – resmungou Jade, e percebi que Shay olhava para Julian com raiva.

– Não me importo. Contudo, vocês precisam me ouvir – disse ele. – Eu gosto de Catelyn, gosto mesmo, mas se ela enlouqueceu como você disse, como pretendem controlá-la? Como vão impedi-la de matar outras pessoas? E se ela surtar novamente e ferir um de nós? Nos matar? E aí? O que vão fazer? Ela quase matou vocês duas esta noite, não foi? Talvez não tenhamos tanta sorte da próxima vez.

Odiava admitir, mas Julian estava certo. No entanto, eu não estava pronta para desistir.

– Conhece alguma poção ou feitiço que possa ajudar? Algo para acalmá-la?

– Tipo Valium? – Elsa piscou. – Posso conseguir um pouco. Ele a acalmará em sua forma humana. Porém, na forma de gigante, não sei se vai funcionar.

– Vamos lhe dar enquanto é humana – disse Jade. – Sim, vai funcionar.

– Então, o seu plano é mantê-la desacordada pelo resto da vida? – Julian balançou a cabeça. – Essa é sua grande ideia? Detesto ter que dizer, mas é péssima.

Jade se levantou.

– Tem uma melhor, gênio?

Seus olhos brilharam de irritação.

– Sim, entregue-a ao Conselho das Sombras.

Elsa se levantou da cadeira e os três começaram a gritar. Meus ouvidos zumbiram enquanto a sala mergulhava no caos de gritos, choros e discussões, com Julian sendo o mais estridente de todos.

Olhei para Shay.

– Ei, você está bem?

Ela manteve os olhos na tela preta de seu tablet e deu de ombros.

A culpa revirou meu estômago. A menina nunca deveria ter estado envolvida nisso. Eu desejava saber o que ela estava pensando. Era um fardo pesado demais para uma mente de onze anos. Parte de mim queria abraçá-la, mas será que ela aceitaria? Não tinha certeza.

Um silêncio repentino se fez e, quando olhei para cima, vi Valen entrando no apartamento.

– Então? – Levantei-me quando ele se juntou a nós na sala de estar.

Seus olhos foram direto para o quarto onde havia colocado

Catelyn.

– Ela ainda está dormindo? – A surpresa estava estampada em seu rosto.

– Julian acendeu uma vela sonífera – falei, sem saber como chamar aquilo. – Ela ficará inconsciente e não poderá machucar ninguém. Pelo menos, não por um tempo.

Valen olhou para mim e disse:

– Catelyn não matou seus pais.

Foi como se uma bola de chumbo tivesse caído no fundo do meu estômago. Minha boca se abriu e precisei respirar fundo para recuperar o controle.

– O quê? Tem certeza? – Pelo canto dos olhos, vi Shay jogar seu tablet de lado. Sua atenção estava voltada para o gigante.

– Tenho certeza – disse. – Como não consegui falar com ela por telefone, pedi a um meu amigo, Arther, que a seguisse hoje. Ele confirmou que Catelyn passou o dia todo trabalhando em seu novo emprego, portanto, não poderia tê-los matado.

Tudo começou a fazer sentido. A recém-criada teria que estar em sua forma gigante para assassinar seus pais. E eu tinha visto o que isso fizera com seu apartamento. Quando Shay e eu chegamos, não vimos sinais de danos no assoalho ou nas paredes.

Catelyn era inocente.

– Graças aos deuses. – Elsa segurou o medalhão com as mãos, olhando para o teto como se estivesse prestes a oferecê-lo à deusa.

Jade começou a chorar, e Julian a abraçou.

Droga, se eles não parassem com isso, eu também cairia no choro.

Pisquei rapidamente.

– Então, Catelyn é inocente – falei. Minha garganta estava seca e apertada. – Ela apenas reagiu quando nos viu. Pensou que eu tinha matado sua família e enlouqueceu. – Totalmente normal, dadas as circunstâncias.

Valen deu um breve sorriso.

– Sim. Ao ver seus pais, ela pode não ter conseguido controlar seu lado gigante. Leva anos para dominarmos nossas emoções. Temos um temperamento forte.

Sorri.

– Notei.

Olhei para Shay. Ela estava olhando para um ponto no carpete, com os olhos vermelhos, esforçando-se para não chorar. Meu Deus, a menina era tão parecida comigo. Era assustador.

– E Catelyn é uma recém-criada – continuou Valen. – Não tinha como ela controlar suas emoções, não depois de encontrar seus pais daquela maneira. Porém, com o tempo, conseguirá. – Pelo tom de sua voz, percebi que ele estava feliz com essa revelação, mas que algo

ainda o incomodava. Achei que sabia o que era.

Voltei minha cabeça para a porta do quarto e cruzei os braços.

– Ainda precisamos encontrar um lugar para escondê-la até resolvermos tudo isso.

– Ela pode ficar com Arther – informou. – Já fiz os preparativos. Ele está esperando do lado de fora do hotel.

– Está bem. – Não tinha certeza se essa era a melhor coisa. – Quem é ele mesmo?

O gigante acariciou meu braço, parecendo ter percebido minha hesitação.

– Ela estará segura. Conheço Arther minha vida toda. Ele é o principal motivo de eu ter me mudado para Nova York. Ele se tornou líder da matilha aqui há alguns anos. É um bom homem e um ótimo lobisomem. Vai protegê-la como se fosse um membro de sua matilha.

Um líder de uma matilha de lobisomens? Isso me fez sentir um pouco melhor.

– Então, se ela não matou seus pais nem os bruxos no seu restaurante... quem matou?

Ele mostrou uma expressão preocupada.

– Não sei. A única conexão é o fato de Catelyn e eu sermos gigantes.

Assenti.

– Mas isso ainda não faz sentido. Poucos sabem quem ela é, apenas nós e o Conselho das Sombras. Então, por que matar seus pais?

Valen balançou a cabeça.

– Não sei.

Meu estômago revirava de raiva, dúvida, medo e arrependimento. Estava muito decepcionada comigo mesma por ter rapidamente a culpado e condenado, mas era complicado tomar decisões sensatas quando se tinha uma gigante ameaçando esmagar seu crânio.

– Eles queriam atingir vocês dois – falei, percebendo isso de repente. – Difamar suas reputações, atribuindo-lhes a culpa por algo que não cometeram.

– Concordo – disse Elsa, com o rosto corado. – Mas quem são eles?

– Ainda não sei.

Minhas emoções giraram em um turbilhão até que uma sensação de náusea me atingiu. Um tremor percorreu meu corpo. Quem era essa pessoa que tentava manchar a reputação dos meus amigos? Que os estava culpando

por assassinatos que não cometeram?

Parecia... *pessoal*, como se eu estivesse conectada com tudo isso.

Então, quem era? Quem faria isso? Não fazia sentido. Por que eles estavam atacando meus amigos?

Subitamente, me dei conta. Apenas uma pessoa me conhecia e

sabia da minha ligação com Catelyn e Valen.

– Já sei o que vamos fazer – falei, com o coração batendo forte de emoção.

– O quê? – perguntaram Jade e Julian juntos.

Elsa piscou rapidamente.

– Leana? No que está pensando?

Olhei para meus amigos, minha irmã e, finalmente, fixei meu olhar em Valen.

– Vamos sequestrar Clive.

CAPÍTULO 13

Depois que Valen cuidadosamente pegou Catelyn, ainda adormecida, nos braços, tomando cuidado para não inalar o cheiro da vela, e a levou até Arther – um lobisomem bonito, incrivelmente musculoso, de cabelos loiros e aparência de viking, na casa dos quarenta anos e com olhos azuis penetrantes capazes de hipnotizar qualquer mulher –, que esperava do lado de fora com sua SUV preta, comecei a fazer os planos.

Eles basicamente incluíam eu e meu gigante invadindo o prédio do Conselho das Sombras e sequestrando Clive. Era um bom plano, embora insano.

Chamei-o de *Operação Homem Chaminé*. É, brega, eu sei. Acontece que eu adorava breguice.

Sim, ele tinha falhas e problemas graves. Sabia que, se o seguisse, provavelmente perderia minha licença de Merlin ou, pior ainda, acabaria na mesma prisão de bruxas para a qual Clive tanto queria que eu fosse. Contudo, não havia outra alternativa.

O investigador era o denominador comum do caso, digamos assim. Ele não apenas ameaçara a mim, minha irmã e Valen, como também era traçoeiro. Eu o considerava esperto o suficiente para fazer algo assim. O cara trabalhava para o Conselho das Sombras, portanto, sabia tudo sobre Catelyn. Mesmo que não fosse diretamente culpado, estava envolvido. E, se não fosse o responsável, teria que me dizer quem era.

Assim como Adele, eu tinha certeza de que ele estava trabalhando para algum membro do conselho.

E o obrigaria a me contar.

O outro problema era Shay. Ela queria vir conosco, e eu não permitiria isso de jeito nenhum.

– Por favor, quero ir com você – implorara pela quinta vez.

– Não.

– Por que não?

– Hum, porque você é uma criança. E deveria estar fazendo a lição de casa. Você sabe, coisas de criança.

Shay me lançara um olhar irritado.

– Eles não passam lição de casa no primeiro dia.

Como diabos eu poderia saber disso?

– Tudo bem, sem lição de casa. De qualquer forma, já é tarde, tipo, nove horas ou algo assim, e você tem escola amanhã. Talvez fiquemos

fora a noite toda.

– E daí? Também posso ficar acordada a noite toda. – Seu rosto estava franzido em uma expressão determinada. – Deixe-me ajudar. Catelyn também é minha amiga. Quero ajudar a encontrar os culpados por matar seus pais.

Pelo tom de voz e pelo brilho feroz em seus olhos, pude ver o quão importante aquilo era para ela. Darius havia matado sua mãe para chegar até ela, e eu imaginava que a mulher havia morrido tentando proteger a filha daquele desgraçado. Era um assunto de extrema importância para Shay.

De qualquer modo, isso a estava impactando profundamente. Era uma questão pessoal demais para a menina. Até então, não tinha percebido que os pais de Catelyn estavam reavivando toda aquela dor nela. Minha irmã ainda não havia se recuperado daquela tragédia. Como alguém poderia se recuperar após testemunhar algo assim?

Era meu dever protegê-la. E era o que eu faria. Se isso resultasse em seu ódio por mim, que assim fosse. Era para o bem dela.

Dentro de mim, um turbilhão de emoções pulsava, tornando impossível manter a fachada de frieza. Eu era forte, mas não era um robô.

– Quero ir, por favor – insistira mais uma vez, os lábios delicados e pequenos se comprimindo em uma linha firme.

Meu Deus, como amava essa garota.

– Shay, escuta. Sei que quer vir, mas será perigoso. Não posso tentar sequestrar Clive e me preocupar com os capangas dele tentando chegar até você. Ele quer levá-la, sabia? Além disso, você precisa controlar melhor a sua magia. Nem sei se ela funcionaria à noite. Ainda não chegamos nessa parte.

Shay abriu a boca em sinal de protesto, mas a fechou logo em seguida.

– Jade, Elsa e Julian vão ficar com você – falara. Era o melhor que eu poderia fazer. – Apenas Valen e eu iremos. Retornaremos antes que perceba. – Eu duvidava muito disso, mas queria que ela acreditasse.

A cara feia em seu rosto me disse que não.

– Tanto faz. Você é um saco.

Julian riu enquanto eu observava minha irritada irmã mais nova marchando para seu antigo quarto e batendo a porta.

– Ai – dissera o bruxo. – Isso deve ter doído.

– Não tanto quanto perdê-la – eu respondera com uma careta.

Ele se afastara, parecendo desconfortável. Valeria a pena ser odiada por um tempo se isso significasse que estaria salvando sua vida.

Virara-me para Elsa, que estava preparando o que parecia ser um chocolate quente para Shay, pelo aroma doce que se espalhava.

– Fique de olho na nossa fugitiva. Ela é esperta.

– Ah, eu sei – dissera enquanto despejava o chocolate quente recém-preparado em duas canecas. – Mas não tanto quanto eu. Tenho os olhos de um falcão e as orelhas de uma raposa.

– Ela não enganou você antes? – murmurara Jade com um sorriso.

– Se você continuar falando, vou colocar cubos de cocô de gnomos no seu chocolate quente – zombara Elsa.

Eu rira enquanto me dirigia para a porta com Valen. Isso aliviara um pouco o meu nível de estresse. Estava extremamente tensa. Meus nervos pareciam tão esticados quanto as cordas de um violão.

Eu odiava deixar minha irmã, mas ela ficaria bem com a gangue do décimo terceiro andar. No entanto, Shay nunca estaria realmente segura até que eu detivesse Clive, o que planejava fazer esta noite.

Quando deixamos o hotel, entrei no Range Rover Sport de Valen, que estava nos aguardando do lado de fora. O gigante pressionou o botão de ignição e o SUV ligou.

A viagem até o prédio do Conselho das Sombras foi tranquila. Eu não ia lá desde o dia em que Darius tentara me matar. Não que estivesse ansiosa para voltar, contudo, Valen me informara que seus contatos, sejam quem fossem, haviam confirmado que Clive possuía um escritório no segundo andar. Na verdade, de acordo com eles, o bruxo chaminé praticamente morava lá. Era um bom lugar para começar.

– Como quer fazer isso? – perguntou o gigante com sua voz grave.

Eu e meus planos.

– Do jeito de sempre. Vamos improvisar. – Me remexi no banco, tentando aliviar a dor aguda nas costas, mas não funcionou. Valen se oferecera para me curar com sua magia, mas eu ignorara a oferta. A empolgação havia disfarçado momentaneamente a dor. Agora, eu estava arrependida.

Ele deu um sorriso. Seus olhos escuros me encararam por um momento antes de voltarem a focar na estrada à frente.

– Você fez a coisa certa para Shay.

Ri.

– Não tenho tanta certeza disso. Eu a forcei a ir para uma nova escola e, agora, estou basicamente deixando-a de castigo para o seu próprio bem. Como isso pode ser uma coisa boa?

– Ela não compreende a situação, ainda é muito jovem. Contudo, precisa entender que é apenas uma criança. E que não deve se envolver com esse tipo de coisa.

– Sei disso. Tente dizer isso a ela.

Um sorriso se estendeu pelos seus lábios quentes e beijáveis.

– Ela vai superar. Elsa é ótima com crianças. E os outros também estão lá. Shay vai ver que não está sendo excluída e vai se recuperar.

– Eu sei. Ela é uma ótima garota. E é inteligente demais para o meu gosto.

Valen riu.

– Nem me fala.

– Ainda bem que as paredes do nosso quarto são magicamente à prova de som.

Ele riu ainda mais.

– Concordo.

O gigante possuía uma qualidade distintamente masculina. Sua proteção, embora não excessivamente dominante, era reconfortante, e eu a recebia de bom grado. Era bom saber que alguém assim estava cuidando de mim e da minha irmãzinha. Ele tinha aberto sua vida para nós, seu apartamento e tudo o mais, e era incrível com Shay. Valen tinha aquela coisa paternal ou de irmão mais velho. Eu invejava isso.

Era mais difícil para mim, não tinha vergonha de admitir. Minha vida inteira havia mudado quando Shay aparecera. Não que ela fosse mil maravilhas antes, mas eu não mudaria nada. Agora que a menina fazia parte dela, não conseguia me imaginar sem ela.

Pisquei rapidamente, sentindo um aperto na garganta devido à emoção.

– Sabe, nunca agradeci adequadamente por deixar que nós morássemos com você.

O gigante me lançou um olhar.

– Achei que tinha feito isso algumas horas atrás – brincou em um tom presunçoso.

Senti um calor subir.

– Ha. Ha. Não, estou falando sério. Não é qualquer cara que aceitaria uma mulher e sua irmã de onze anos.

Meu ex teria me jogado na rua junto com ela. Talvez até teria rido na minha cara. Sim, ele era um idiota. Ainda bem que Valen havia dado uma lição no cara. Infelizmente, eu ainda tinha a estranha sensação de que veria Martin de novo.

O gigante se virou e nossos olhares se encontraram. Observei os músculos de sua mandíbula se contraírem. Seus olhos revelavam indícios de algo oculto.

Ele estava tentando me dizer algo, mas o quê?

– Não sou um cara qualquer – disse, finalmente.

– Você é um gigante. Sei disso. Eu só... queria que soubesse o quanto aprecio isso. Shay também. Ela adora morar e conviver com você. Ela o ama, você sabe.

Sua expressão permaneceu inalterada. Eu não tinha ideia do que ele estava sentindo, mas o gigante ficou em silêncio.

Humm. Por quê?

– Sei que ela pode dar trabalho – falei, pensando em como a menina era parecida comigo naquela idade. Se bem que eu tinha sido pior.

– Shay é uma ótima garota – disse Valen, depois de um momento. – E é mais forte do que parece.

– Ah, não se preocupe. Eu sei. – Ela era uma danadinha esperta. – O pai dela, *nosso* pai, não tem aparecido por aqui há algum tempo. Me pergunto por quê.

Ele deveria vir toda semana, mas estava ausente. E eu havia percebido que isso estava afetando Shay. Ela devia estar se sentindo esquecida ou abandonada.

– Talvez esteja ocupado com coisas de anjo.

Levantei uma sobrancelha.

– Que coisas de anjo? Limpar suas auréolas? Aprumar suas asas? – Será que eles tinham asas?

Seus lábios se curvaram nos cantos.

– Você tem um senso de humor estranho.

– É por isso que você me amaaaaa – provoqueei. Espera, será que algum de nós já tinha mencionado a palavra com "A"? Achava que não.

Meu coração parou. E, depois, começou a bater novamente.

O gigante me deu um de seus sorrisos do tipo “*eu sei que você me quer*” e disse:

– Acho que ele sabe que ela está em boas mãos. Não se preocupe. Tenho certeza de que seu pai tem um bom motivo.

– É bom mesmo, porque da próxima vez que eu o vir, talvez não seja tão educada. – Revirei os olhos para seu rosto bonito, achando-o cada vez mais sexy e atraente. – Lamento que tenha tido que fechar o restaurante – disse depois de um minuto de silêncio.

– Não é culpa sua.

– Não sei. Parece que sim.

– Clive vai nos contar – disse Valen.

– Então, concorda comigo que ele deve estar envolvido.

Elsa, Jade e Julian não estavam convencidos da minha teoria. Embora não se opusessem à ideia de sequestrar e possivelmente machucar Clive para obter respostas, viam falhas, especialmente na conexão entre os assassinatos e o envolvimento do Conselho das Sombras. Depois de Darius, pensei que estariam mais receptivos à ideia de que nem todos os membros do conselho eram bons.

Mesmo assim, se não fosse Clive em conluio com eles, quem mais seria? Quem poderia estar interessado em mim? Ou, talvez, isso estivesse realmente relacionado a Valen? Ainda não estava convencida. Eu lidaria com Clive primeiro e veria onde isso nos levaria.

Fiquei olhando pela janela, tentando me concentrar em nossa situação com o Conselho das Sombras, mas meus pensamentos estavam confusos.

Me remexi no banco quando Valen entrou em um grande estacionamento. O relógio no painel mostrava 22h12 quando encontrou uma vaga e desligou o motor.

O gigante se virou para me olhar.

– Pronta para o show?

Sorri.

– Pode apostar.

Saímos do Range Rover e nos dirigimos às portas duplas de vidro na entrada do edifício. Ele tinha a mesma aparência de quando estivera aqui pela última vez: era um prédio de médio porte, comum, feito de pedra cinza e sem atrativos. Ele emitia uma vibração discreta de magia, o feitiço que mantinha os humanos afastados.

Apenas lembranças ruins vinham à mente quando o via. Eu o odiava.

– Vamos entrar de forma furtiva? – Sorri, talvez feliz demais por estar fazendo isso com Valen.

O gigante deu uma risadinha.

– Sim, senhora.

– Tem certeza de que ele está aqui?

– Minhas fontes me disseram que ainda não foi embora.

– Elas são bem informadas. – Quantos informantes Valen tinha?

O gigante abriu as portas de vidro com facilidade e entrou primeiro.

Eu o segui de perto.

– Eles não trancam as portas desse lugar? – Olhei para trás, achando estranho, talvez suspeito, que elas não estivessem trancadas.

– Eles sabem que nenhum humano entrará, então, por que se preocupar?

Era verdade. Acompanhei-o até uma ampla entrada de dois andares, com janelas imponentes, e optei por seguir diretamente para a escada em vez do elevador. É claro que tive que dar uma olhada na porta de metal preta ao lado dos elevadores, a que levava às celas da prisão abaixo, onde eu havia passado três dias.

Minha raiva aumentou. Mal podia esperar para colocar minhas mãos em Clive. Tínhamos tantaaaa coisa para conversar. Sequer conseguia me conter.

Valen subiu as escadas, dois degraus de cada vez. Segui o exemplo nos primeiros quatro degraus. Depois, subi um de cada vez. Não ia me esforçar muito antes de enfrentar Clive. Precisava de toda a minha força.

Ainda assim, cheguei ao topo da escada apenas alguns segundos

atrás dele. O gigante abriu a porta e entramos no corredor do segundo andar. Nossos sapatos foram amortecidos pelo carpete cinza enquanto avançávamos.

Olhei para as portas que ladeavam o corredor.

– Sabe qual é a certa? – sussurrei.

Valen assentiu, e eu o segui por mais alguns passos até que ele parou diante de uma porta cinza simples. Uma placa de metal com a inscrição “*Clive Vespertine, Investigador do Conselho das Sombras*”, estava pendurada ao lado.

Um murmúrio de vozes chamou minha atenção. Cantos e sussurros vinham de dentro, sendo repetidos várias vezes, como se fosse um feitiço. O ar ficou denso com a magia, que se intensificava à medida que as vozes ficavam furiosas e desenfreadas.

Ora, ora, ora, Clive. O que temos aqui?

Sorri. *Operação Homem Chaminé, aqui vou eu.*

O gigante se virou e sussurrou:

– Batemos na porta? – O pequeno sorriso em seus lábios me disse que ele já sabia minha resposta.

Arqueei uma sobrancelha e sorri de volta.

– Claro que não.

Valen se afastou.

– Primeiro as damas.

Ainda sorrindo e com o coração batendo forte com uma mistura de adrenalina e excitação, segurei a maçaneta, girei-a e a empurrei. Abri a porta o mais silenciosamente possível antes de entrar.

E deixe-me dizer, eu *não* esperava ver a cena que estava diante de mim.

O escritório era de um tamanho moderado para os padrões de Nova York, iluminado apenas com algumas velas no piso de ladrilho, que projetavam sombras assustadoras nas paredes.

A primeira coisa que me chamou a atenção foi o cheiro forte de velas misturado com o fedor de sangue. Em seguida, vi o grande círculo de pedra no meio da sala com seis cabeças de galinha espalhadas uniformemente e a cabeça de um bode preto no centro, acima de um triângulo desenhado com sangue. Runas, que reconheci como magia negra, mais especificamente, letras e símbolos demoníacos, estavam escritas com sangue fresco dentro do círculo. Os símbolos eram usados para invocar demônios. O ar estava impregnado de energia, algo evidenciado pelas nuvens de faíscas esvoaçantes, semelhantes à estática, que dançavam ao redor.

Circundando-o, havia sete pessoas encapuzadas.

E, é claro, sob suas capas, todas elas estavam nuas.

Que ótimo.

CAPÍTULO 14

Foi difícil manter a cara séria enquanto os sujeitos encapuzados, uma combinação de jovens e velhos, de ambos os sexos, se viravam com expressões de surpresa.

O cheiro forte de enxofre e vinagre fez meu nariz arder. Bruxos das trevas.

Em pé, um pouco afastado do círculo, usando um amuleto e segurando o que parecia ser um cajado de madeira com runas e símbolos gravados, estava ninguém menos do que meu amigo Clive.

Seus lábios estavam entreabertos, como se tivesse parado no meio de um encantamento. Havia uma expressão de surpresa e descrença estampada em seu rosto.

Fiquei arrepiada.

Eu *não* queria ver seu membro, mas era tarde demais. Meus olhos se desviaram para baixo e não consegui conter a gargalhada que escapou.

– Isso explica tudo.

Seu semblante adquiriu um tom mais sombrio.

– Não tem ideia do que acabou de fazer.

– Você me pegou, Clivy – zombei. – Quero dizer, caramba! Isso é tão constrangedor quanto assistir a uma cena erótica na TV ao lado de seus pais. Todos nós já passamos por isso.

– Vai pagar por isso.

– Já que mencionou – falei –, o que diabos é isso? Pensei que as bruxas tivessem abandonado essa coisa de ficarem nuas há um século. A menos que... seja um tipo de orgia bizarra? Clivy. Seu bruxo pervertido.

O olhar de ódio do investigador se concentrou em mim.

– Você é a vilã aqui, não eu.

– Considerando o seu histórico, duvido muito. Mas, falando sério, o que é isso? Parece que está se envolvendo com magia que não é para o seu bico. E qual é a dessa nudez toda? – Ri de novo. Não pude evitar.

– Você não tem ideia do que é bruxaria *de verdade* – respondeu, com a voz carregada de condescendência. – Não é nem mesmo uma bruxa. Você não é nada. Nunca terá o poder que nós temos. É apenas uma humana brincando de ser paranormal.

Dei de ombros.

– Já ouvi isso antes, tem algo melhor?

Valen olhou para mim.

– Vamos nos insultar a noite toda ou partir para a briga?

Pelo brilho em seus olhos, percebi que o gigante estava ansioso para acertar a cabeça de Clive. Afinal, ele era o responsável por fechar seu restaurante e matar a família de Catelyn. Bem, ao menos era isso que eu achava. Sendo assim, ele merecia uma boa e velha surra.

– Em um minuto, querido – falei, com os olhos voltados para Clive.

– Estou gostando de ver a bunda nua dele tremer.

– Clive – alertou uma das mulheres, a única de pele escura. – O que quer que façamos?

Ri.

– Sim, Clivy. Por favor, conte-nos. – Encarei os outros, constatando pelo intenso cheiro de vinagre no ar, que fazia meus olhos lacrimejarem, que todos eram bruxos das trevas. Eu me perguntava se algum deles, ou se todos, estavam envolvidos na morte da família de Catelyn e dos dois paranormais do restaurante.

– A intromissão de vocês facilitou muito o meu trabalho – disse Clive, com aquele sorriso arrogante de volta ao rosto.

– O meu também. Contudo, você precisa repensar seriamente seu guarda-roupa. Pode pegar um resfriado. – Meus olhos se voltaram para suas partes íntimas. – Parece que o pequeno Clivy está com frio.

Um dos bruxos apoiou as mãos nos quadris e mostrou sua grande barriga de cerveja, como se isso devesse me assustar. Talvez tenha assustado um pouco.

Alguém chiou para mim, provavelmente a mesma mulher que havia falado. Eu não conhecia muitos homens que chiavam.

– Não tem o direito de estar aqui – disse o investigador, sem se preocupar em esconder sua salsichinha com o manto. – Eu vou tirar sua licença de Merlin por isso. Acredite em mim. Você está acabada, acabada.

– Sim – respondi, enquanto dava mais alguns passos à frente. – Pensei que diria isso. A questão é que, depois que *eu* acabar com você, tenho quase certeza de que não terei mais uma licença. Então, quem se importa, certo?

Clive estreitou os olhos diante da minha ameaça. Ele fechou a palma da mão e, quando a abriu novamente, uma chama alta dançou sobre ela.

– Belo truque – falei, vendo Valen ao meu lado, ainda em sua forma humana –, mas isso não vai salvá-lo. – Invoquei minha luz estelar e a segurei. Não havia uma nuvem no céu, apenas estrelas, então eu estava pronta. – Vai me dizer por que está tentando culpar Valen por aqueles assassinatos. Eu sei que foi você. Matar os pais de Catelyn? Isso foi um golpe baixo.

Clive, ainda nu, fez uma careta.

– Você não sabe de nada. – Ele desviou os olhos de mim para Valen. – E está em desvantagem numérica. Se quiser lutar, saiba que vai morrer.

– Acho que não. – Eu odiava esse cara, mas não o mataria até que ele confessasse o que havia feito e me dissesse quem mais estava metido nisso. Só então Shay estaria a salvo e nós poderíamos ter nossas vidas de volta.

Eu teria preferido lutar contra um bruxo totalmente vestido, mas nem sempre se consegue o que quer. Parecia que ia ser uma festa de paranormais seminus.

Clive virou a palma da mão na minha direção.

– Vai se arrepender disso.

– Não tanto quanto você se arrependerá de interferir na minha vida.

O sorriso feroz, porém nojento, que ele me deu foi assustador. Seus lábios se moviam enquanto o investigador proferia seu feitiço das trevas. Ou ele ia lançar magia de fogo, ou iria me amaldiçoar com outra coisa.

O ar se encheu com um cheiro repentino de enxofre e podridão. O bruxo levantou as mãos, movendo os lábios enquanto um vento selvagem e rodopiante se erguia ao seu redor, o que acabou por erguer sua capa e nos dar uma visão completa de seu pênis minúsculo e de suas pernas magras de frango. A imagem ficaria gravada em minha mente pelo resto de meus dias.

– Tokziat! – gritou.

Tá, ele tinha magia, mas eu também.

Com vontade, canalizei meu poder e bati palmas uma vez.

Um disco branco e brilhante surgiu na minha frente, formando uma armadura. A magia de fogo de Clive o atingiu e ricocheteou.

A surpresa e a raiva no seu rosto me fizeram sentir muuuuito melhor.

Me mantive firme, com a luz das estrelas correndo em minhas veias como uma injeção de adrenalina.

– Terá que fazer muito mais do que isso – falei.

– Ichtzir! – gritou outro bruxo, levantando a palma e lançando uma gavinha de energia roxa.

Ela atingiu meu escudo, fazendo-o tremer e brilhar. Então, ele caiu.

– Tá, assim foi melhor.

O paranormal sorriu.

– Isso é por arruinar nossa sessão.

– De nada – respondi sem soltar minha luz estelar. – Nós só queremos Clive, mas, se interferirem nos meus planos de acabar com o traseiro nu dele, irei machucá-los.

O mesmo bruxo – vamos chamá-lo de Salsichão por razões óbvias

–, deu um passo à frente, balançando as mãos.

– Você está morta, assim como sua aberração.

Fiz uma careta.

– Aberração? Diz o bruxo que está prestes a estrear um filme pornô caseiro.

Ao meu lado, Valen rosnou e, com seus braços musculosos, arrancou suas roupas rapidamente. Então, com um súbito lampejo de luz branca, seu corpo cresceu, transformando-se em uma criatura de noventa quilos, fortemente musculosa, que poderia facilmente matar alguém com um chute de suas pernas robustas como troncos de árvore.

Há alguns meses, ele teria pensado duas vezes antes de revelar sua forma gigante. Agora, não mais. Não quando praticamente toda a comunidade sabia de sua existência, especialmente esse bando de bruxos desprezíveis.

Seu corpo era enorme. Ainda bem que os tetos eram altos. Ele coube, mas por pouco.

– O que quer que você faça – eu disse a ele –, não pule.

Valen, o gigante, me deu um sorriso malicioso.

– *Vou tentar.*

Ele era a única pessoa na sala cuja nudez eu não me importava de ver.

O ar ficou denso e pesado com uma energia súbita, um poder que crescia e se transformava em uma corrente feroz. Era o poder dos bruxos das trevas.

Naquele instante, eles começaram a se mover pela sala, fechando o cerco ao nosso redor. Suas vozes murmuravam em tons sombrios e lentos.

O Salsichão deu dois passos em minha direção e lançou as duas mãos para a frente, enquanto recitava seus feitiços. Um raio de energia púrpura atingiu meu rosto.

Droga. Me joguei para trás e caí rolando no chão. Senti uma brisa ao meu lado, e o cheiro de cabelo queimado inundou meu nariz. Pelo canto do olho, vi Valen enfrentando dois paranormais. Eles o atingiram em rápida sucessão com sua magia.

O gigante vacilou por um segundo, mas se endireitou e golpeou o bruxo mais próximo. Ele não se levantou novamente.

– Deixe-os atordoados, mas não cause danos letais – gritei, esperando que tivesse entendido minha referência à *Jornada nas Estrelas*. Eu já teria problemas suficientes após agredir Clive e seus amigos, não queria acrescentar *assassinato* à lista.

Valen assentiu e se virou para avançar sobre o outro bruxo.

Virei-me para encarar o Salsichão. Seus olhos azuis brilhavam sob suas sobrancelhas grossas. Ele sacudiu o pulso.

Me ajoelhei e invoquei todo o poder que consegui reunir naquele instante enquanto estendia minha mão direita. Uma rajada de magia estelar o atingiu bem nas bolas.

Juro que não tive a intenção. Minha magia simplesmente assumiu o controle.

O Salsichão parou subitamente e levou as mãos à virilha, soltando um grito agudo antes de cair com um grunhido.

Ouvi um estalo e me virei a tempo de ver o gigante derrubar outro paranormal.

Droga. Eu não queria machucar nenhum deles, só queria Clive.

Avistei o bruxo chaminé atrás de dois outros, a mulher que havia chiado para mim e o sujeito barriga de chope.

Invocando minha luz estelar, corri para lá.

A bruxa entrou em meu caminho. Seus lábios se retorceram em uma careta.

– Você está acabada. Vai chorar como um bebê. – Ela estendeu as mãos como se fosse oferecer algo à deusa.

– Da próxima vez que lutar com um adversário, que tal vestir umas roupas?

A paranormal riu. Sua confiança me irritava.

– Então, você é puritana.

– Não sou puritana, apenas opto por manter minhas partes cobertas. Vamos encarar, você não tem mais vinte anos. Ninguém deveria ver isso.

A bruxa rosnou para mim, e eu soube que havia tocado em seu ponto fraco.

– Adele era minha amiga, e você a matou. Isso é vingança, vadia.

Lá vamos nós de novo.

– Não, eu não a matei. Ela causou a própria morte. Agora, afaste-se, tenho um assunto a tratar com seu chefe.

A mulher fez uma careta.

– Terá que passar por mim.

– Tudo bem. – Puxei minha luz estelar e a soltei. Feixes brancos saíram de minhas mãos e a atingiram no peito. A onda de energia que emiti me deixou com falta de ar.

A bruxa cambaleou para trás enquanto minha magia explodia. Eu sabia que ela não a mataria, apenas a queimariam um pouquinho.

Avancei, buscando por Clive, mas fui impedida pelo Barriga de Chope.

Ele soltou um rosnado.

– Vai pagar por isso.

– Vamos ver.

O sujeito se aproximou, e sua magia fez com que os pelos da minha nuca se eriçassem.

– Seu poder estelar é fraco. Sou mais forte e maior do que você.

– Talvez.

Seu rosto se transformou em uma careta feia.

– Tenho o poder dos demônios – acrescentou, presunçoso, aproximando-se ainda mais. – O que você tem?

– Isso...

Levantei o pé e acertei seu saco o mais forte que pude. Foram dois chutes seguidos. O que isso dizia sobre minhas habilidades de luta?

Ele gritou e caiu de joelhos, com as mãos cobrindo seu precioso membro. Então, dei uma joelhada em seu rosto. O homem caiu para trás, sua capa preta se enrolando enquanto ele tombava no chão.

– Viu? Nesse caso, maior não significa melhor...

Uma luz verde brilhou diante de meus olhos. Algo atingiu meu quadril e uma dor aguda me tomou. Caí com força no chão, mas os instintos entraram em ação, e eu girei, ficando de joelhos enquanto a luz das estrelas brilhava em minhas mãos.

Uma dor lancinante me atingiu na cabeça, e eu cerrei os dentes para não gritar.

Quando meus olhos encontraram Clive, seus lábios se contorceram em uma careta. Ele apontava os dedos para mim. Maldito. Tá, então o bruxo tinha habilidades, mas eu não estava nem perto de me render.

Mãos grandes envolveram minha cintura, erguendo-me e colocando-me de pé.

– *Você está bem?* – perguntou o gigante, com sua voz estrondosa.

– Nunca estive melhor. – Eu estava bem, apenas irritada por estar demorando tanto.

Olhei novamente para Clive. Agora, ele estava sorrindo. Por quê? Valen se mexeu ao meu lado, e eu soube que também estava preocupado com o sorriso no rosto do bruxo. O investigador deveria estar cagando nas calças, não parecendo vitorioso.

Então, vi o porquê.

Clive e os dois últimos de seus amigos nus deram as mãos enquanto entoavam cânticos. O ar se tornou pesado, enquanto tentáculos de energia verde e roxa dançavam entre eles como um fio cintilante. Seus olhos irradiavam a mesma energia. Entendi imediatamente o que estava acontecendo. Já tinha testemunhado isso antes. Eles estavam unindo forças, combinando seu poder.

O sorriso do bruxo se alargou, expressando a convicção de que verdadeiramente acreditava ter triunfado e de que eu estava prestes a morrer.

– Isso é por Adele.

Revirei os olhos.

– De novo não. Dá um tempo.

– Depois que eu terminar com você – prosseguiu –, vou destruir

sua irmã. Ela é uma florzinha tão bonitinha, pena que não será por muito tempo. – O sorriso sádico que ele me deu gelou meu coração.

Não, Shay não.

Uma mistura de raiva e medo percorreu meu âmagô. A imagem de minha irmãzinha morta saltou para o primeiro plano dos meus pensamentos.

Ela era tudo em que eu conseguia pensar. Meu peito se partiu com a ideia de perdê-la.

Então, algo dentro de mim estalou.

Um tentáculo de magia roxa e verde irrompeu dos peitos dos bruxos. Clive e os dois paranormais restantes soltaram gritos ao passo que a onda de energia vinha diretamente em minha direção.

Senti uma brisa quando o gigante veio em meu auxílio. Mas eu não precisava de ajuda. Sabia exatamente o que estava fazendo.

Eu nunca havia sentido esse tipo de raiva antes. Não conseguia nem a descrever.

Em vez de me encolher ou me abrigar, empurrei o poder inimigo com minha luz estelar, usando-a como impulso, e disparei para o lado rapidamente.

A sala tremeu quando uma explosão atingiu as paredes atrás de mim.

Levitei para cima e para baixo, como um personagem de quadrinhos da Marvel. Nunca tinha feito isso antes. Nunca pensei que *pudesse* fazer isso. Voar. Eu *estava* voando. Não havia outra maneira de descrever. Foi incrível, apesar de não ter tido tempo para me *maravilhar* com o fato. Tinha que acabar com isso agora.

Ainda pairando no ar, girei a tempo de ver o gigante agarrar os ajudantes de Clive e esmagar suas cabeças. Com um golpe, ele os lançou como se fossem roupas velhas

. Não fazia ideia se eles estavam vivos ou não. Não me importava.

Guardando o melhor para o final, fiz um gesto de "pistola" com o dedo, sorri para o último bruxo em pé e disparei um feixe de luz estelar direto em sua cabeça.

Clive balançou e suas pernas se ergueram antes que ele caísse de costas.

Soltei meu poder e caí no chão. Infelizmente, não foi uma aterrissagem tão incrível como eu pretendia. Levantei-me e caminhei até o investigador, vendo que ele ainda respirava.

– Você não é tão resistente, não é mesmo?

– Evitei dar um chute nele.

– *Ele está vivo?* – indagou o gigante, aproximando-se.

– Sim – concordei com um sorriso. – Que pena para ele.

CAPÍTULO 15

O restaurante estava escuro, apenas algumas luzes cintilavam no elegante e moderno ambiente, principalmente a que estava ao lado do maldito amarrado à cadeira. O Depois do Escuro ainda estava fechado, portanto, não havia ninguém lá dentro, exceto nós três.

– Acorde! – gritei, estalando os dedos ao lado de suas orelhas, sem obter muita reação.

Então, fiz o que qualquer bruxa inteligente, durona e, agora, voadora faria nessa situação. Dei-lhe um tapa no rosto com toda a força que pude.

– O quê? O que está acontecendo? Onde estou? – Clive olhou ao redor.

Ele pousou seus olhos em mim momentaneamente, depois, se voltou para Valen, que estava de volta à sua forma humana. Com os braços amarrados nas costas, o bruxo chaminé não parecia tão ameaçador. Contudo, ainda estava nu. Eu não estava disposta a procurar calças para ele, então, basicamente, havíamos o envolvido em sua capa preta. Seu membro estava coberto, o que era o mais importante. Eu não poderia fazer um interrogatório sério com a salsicha dele me espiando.

Estalei meus dedos na sua cara.

– Aí está! Teve um bom cochilo?

– O que você fez?! – O bruxo puxou suas amarras, a cadeira deslizou e balançou com seu esforço. – Ah. – Ele riu quando parou. – Acabou de assinar sua sentença de morte, sua vadia estúpida. – Sua risada desapareceu, sendo substituída por uma careta. – O que fez comigo? Estou me sentindo... diferente? O que é isso? O que você fez?!

– Ah, isso aí? – Bati palmas em uma felicidade simulada. – Elas são tão incríveis! Vou lhe contar um segredinho. São algemas que o impedem de fazer seus pequenos truques. Você sabe, como aquelas que colocou em mim, lembra? Bem, acabei conhecendo uma bruxa que fez algumas para mim. Não são iguais, mas são bem parecidas. Gostou?

– Vai ser presa por isso. – O bruxo tossiu, depois, disse – Você agrediu e sequestrou um investigador do Conselho das Sombras! Toda a sua família será presa. Está ferrada. Desse dia em diante, desejará nunca ter me conhecido. – Ele começou a rir novamente. Isso me

irritou, mas eu deixei.

Olhei para Valen. Ele estava ao meu lado, fitando-o como se esperasse o momento de dar um golpe nele. Tudo a seu tempo.

– Vamos começar? – perguntei ao meu gigante supersexy.

Ele olhou para mim com a sobrancelha levantada.

– Este é o seu show. Você está no comando.

– Excelente. – Dei um passo à frente até ficar cara a cara com Clive.

O investigador estreitou os olhos para Valen.

– Vou mandá-lo para a cadeia por ajudar em meu sequestro. Todos vocês serão presos.

– A única autoridade que terá depois que eu acabar com você é a de limpar a própria bunda. Porque estará na cadeia. Não nós. – Eu não tinha certeza se Clive acabaria atrás das grades, mas não gostei da forma como estava ameaçando o gigante. – Vamos começar com algumas perguntas. Você gosta delas, certo? Quero dizer, faz parte do seu trabalho. Ah é, você também realiza rituais de nudez. Que fofo.

– Não vou falar com você – zombou o bruxo. – Nunca direi nada. Acha que nunca fui interrogado? Fui treinado para isso. Claramente não tem ideia do que está fazendo.

– Vamos ver.

Era verdade que esse era meu primeiro sequestro e tortura, mas eu tinha tudo planejado. Não o deixaria sair daquela cadeia se ele não me desse as respostas que estava procurando.

Estendi a mão para invocar minha luz estelar. O ar zumbia e pulsava com energia enquanto eu invocava os elementos mágicos das estrelas. O poder vibrou contra minha pele quando uma esfera de luz branca radiante emergiu sobre minha palma.

– Isso é para me assustar? – perguntou Clive, rindo.

Sorri.

– É.

– Mas não assusta.

– Ah, mas vai. – Respirei fundo e soprei em minha palma. A esfera explodiu em milhares de minúsculos orbes brilhantes, que se prenderam a ele como um enxame de abelhas.

O bruxo se sacudiu, e sua expressão mudou. Agora, estava lutando para manter a compostura. Ele tentava disfarçar o quanto minhas luzes estelares o afetavam, mas não estava sendo bem-sucedido.

Esperei até que todo o seu corpo e rosto estivessem cobertos com elas.

– Muito bem. Primeira pergunta. Você matou os paranormais encontrados no restaurante de Valen? E os pais de Catelyn?

Clive cerrou os dentes.

– Não vou dizer nada a você.

– Como quiser. – Canalizando minhas luzes estelares, comandeique o *queimassem*.

O bruxo fez uma careta por meio segundo, em seguida, sua boca se abriu em um uivo silencioso, seguido de um grito de dor.

Eu teria que acrescentar tortura à minha lista de habilidades. Acho que ia subir de cargo.

Ainda assim, não estava animada com a ideia de queimar esse maldito, e ele estava certo. Muito provavelmente perderia minha licença de Merlin depois disso. Contudo, Clive havia ameaçado Shay, e eu não pararia até que ele me desse algumas respostas. Eu não ia matá-lo. Não era tão psicótica assim. Mas *ele* não sabia disso.

Soltei minha magia.

– Dói, não dói?

Seus olhos ardiam de fúria.

– Vai se foder!

– Aposto que está morrendo de vontade de fumar um cigarro, não é?

O bruxo baixou a cabeça, mas não respondeu.

Olhei para Valen para ver se ele reprovava minhas táticas de tortura, mas seu rosto estava inexpressivo. Sua postura, no entanto, mostrava que estava ansioso para usar seus próprios métodos, como seus punhos gigantes.

– Você matou aqueles bruxos. – Tentei novamente.

Clive suspirou para esconder o medo. Ele me fitou e seus olhos exibiram uma expressão de afronta.

– Torture-me o quanto quiser. Não vou falar. Não sou um rato.

– Ah, mas você é, sim. – Invoquei minhas luzes estelares e dei mais um comando.

Clive gritou de dor enquanto lágrimas escorriam pelo seu rosto.

– Diga por que as matou – exige novamente. – Foi para culpar Valen? Por que o Conselho das Sombras está interessado nele?

Com um grito, o investigador se contorceu na cadeira, e o cheiro de cabelo queimado fez meu estômago revirar. Sim, foi nojento. Sua cabeça tremeu enquanto murmurava “não” repetidamente. Então, seu corpo paralisou repentinamente e relaxou. Logo depois, seus ombros tremeram e ele começou a rir.

– Como eu disse – falou o bruxo, com um tom zombeteiro –, não vou falar nada.

Valen se aproximou mais de mim.

– Você quer que eu tente? – Ele estalou os dedos, mostrando-me o prazer que teria ao bater um pouco em Clive. Ele iria gostar *demais* disso.

Liberei minha luz das estrelas.

– Ainda não. – Dei-lhe um breve sorriso. Parte de mim desejava

que estivéssemos no andar de cima, aproveitando as novas paredes mágicas à prova de som, mas eu precisava fazer isso. – Estou apenas me aquecendo.

Dirigi minha atenção a Clive. As áreas visíveis de seu rosto, mãos e outras partes estavam avermelhadas e apresentavam bolhas. Deviam estar doendo muito.

– Isso foi só uma amostra, mas poderia parar se você cooperar.

O bruxo deu um sorriso.

– Está perdendo seu tempo.

– Vamos ver. – Dei de ombros. – Tudo bem, então. – Voltei a canalizar minhas luzes estelares e disse – Para quem está trabalhando? Quem no Conselho das Sombras quer Shay?

Clive riu.

– Vai se foder!

– Achei que diria isso. – A energia da magia irrompeu de mim como um jato.

O bruxo jogou a cabeça para trás e gemeu de raiva e dor. Pude até ouvir seus dentes rangerem. Claramente, ele estava sofrendo muito, mas, ainda assim, se recusava a falar.

Depois de mais vinte minutos de tortura, Clive ainda não havia falado.

Respirando com dificuldade, estremeci de cansaço. Canalizar tanta energia era como correr uma maratona. Uma súbita fraqueza em meus membros me fez cambalear.

Contudo, não iria desistir. Não hoje, nem nunca. Não quando a vida de Shay estava em jogo.

Canalizei minha magia com mais força.

– Diga quem matou aquelas pessoas! Foi você? Fala, droga!

Seu corpo inteiro tremeu e convulsionou, enquanto baba escorria pelos cantos de sua boca. Ele olhou para mim, ainda tremendo, e conseguiu sorrir.

Foi quando eu soube que ele realmente não falaria. Como dissera, tinha sido treinado para suportar esse tipo de dor. Que tipo de organização fazia algo assim? Se o Conselho das Sombras fosse responsável por isso, não tinha certeza de como me sentia.

A expressão do bruxo se transformou; o sorriso deu lugar à apatia, e suas feições se tornaram distantes. Logo depois, sua cabeça se inclinou para frente.

– Droga. – Soltei minhas luzes estelares. – Acho que ele desmaiou.

– Clive não vai falar – disse Valen, lendo meus pensamentos. – Foi treinado para isso. Ele pode aguentar mais, mas não tenho certeza se você pode.

Levantei uma sobrancelha.

– Eu posso. Não estou cansada.

O gigante olhou para mim, e sua expressão ficou um pouco mais suave.

– Não é isso que quero dizer. Você... nunca fez algo assim antes. E, se continuar, isso terá um efeito sobre você.

– Não vai – menti, embora já pudesse sentir uma certa agitação interna.

Valen estendeu a mão e me puxou para o seu peito forte.

– Não me importo se esse canalha morrer. Eu me importo com você e como isso vai afetá-la. Você não pode continuar. Isso muda uma pessoa. – Ele se calou, e fiquei imaginando se a tortura também fazia parte de sua lista de habilidades. Parece que fazia.

O fato de ele se preocupar tanto significava muito para mim. Deixei-me levar pela respiração dele por um momento, fingindo que tudo estava bem em nosso mundo. Teria sido tão fácil continuar ali.

Relutantemente, me afastei.

– Vamos dar um tempo.

– Talvez devêssemos parar. Ele não vai falar.

– Ah, vai, sim. – Se minha luz das estrelas não funcionasse, tinha outros meios.

– Leana – disse Valen. Seu sorriso desapareceu e seus olhos ficaram sérios.

– Tenho outra coisa que pode funcionar – falei. – Algo que ainda não tentamos. Talvez tenhamos que esperar mais alguns minutos até que esteja pronto.

Ele ergueu as sobrancelhas.

– Até *o que* estar pronto?

Quase como um sinal, o ruído da porta principal do restaurante se fechando atraiu minha atenção. Pouco depois, Julian surgiu no escritório de Valen.

– Aqui está – disse ele, me entregando um frasco com um líquido verde-claro. – Este é o soro da verdade de que falei.

Sorri ao pegá-lo.

– Acho que vale a pena ter um bruxo de poções como amigo. Obrigada.

– Sim. – Julian olhou para Clive. – Idiota, espero que ele perceba que foi ele próprio quem causou isso.

Quando tínhamos chegado ao restaurante, enquanto Valen o levava para o escritório, eu havia ligado para Julian e perguntado se ele tinha algo parecido com um soro da verdade.

– Sim, vou precisar de uns vinte e cinco minutos para prepará-lo – respondera.

– Certo. Estamos no Depois do Escuro, no escritório de Valen. – Desligara o celular, sentindo-me um pouco melhor em relação à minha tentativa de tortura e sabendo que, se minhas táticas não

funcionassem, as de Julian talvez funcionariam.

Mesmo que Clive tivesse sido treinado para suportar todos os tipos de tortura física, não achava que ele teria muito o que negociar com um soro mágico da verdade. O investigador já estava incapacitado com minhas fabulosas algemas antimagia, o soro cuidaria do resto. Tinha que cuidar.

– Fiz alguns ajustes para que ele funcione com as algemas – Julian olhou para mim. – Ligue se precisar de mais alguma coisa.

– Eu vou. Obrigada.

– Sem problemas. – Com um último sorriso na direção de Clive, ele saiu do escritório.

– Pediu para Julian preparar uma poção da verdade? – Valen olhou para o frasco em minha mão.

Dei-lhe um sorriso.

– Está impressionado com minhas habilidades de tortura?

– Talvez. – Ele deu um risinho. – Talvez eu esteja errado, talvez você estivesse destinada a fazer isso.

Droga. Eu nem queria pensar nisso.

– Está bem. Acho que devemos acordá-lo.

– Deixa comigo. – Valen pegou o copo de água em sua mesa e o jogou no rosto de Clive.

O bruxo estremeceu e revirou os olhos, finalmente direcionando o olhar para o gigante. Ele olhou ao redor, lembrando-se de onde estava. Então, cuspiu um pouco de água da boca.

– Posso fazer isso a noite toda. Não vou falar. Sua magia não pode me obrigar.

– Está muitíssimo orgulhoso disso, não é? – Esfreguei o frasco em minha mão. – Bem, isso vai fazer você falar. – Coloquei-o na frente dele. – Sabe o que é?

Seus olhos se arregalaram. Parece que ele sabia.

– Isso é ilegal. Não pode usá-lo em mim.

– É mesmo? – Olhei para o frasco, imaginando se era verdade. Será que Julian estava preparando poções ilegais em seu apartamento? É claro que sim. – Não me importo. Você vai falar agora. Valen, abra a boca dele, por favor.

Clive travou a mandíbula, mas assim que Valen colocou suas mãos grandes e másculas sobre a cabeça do bruxo e a inclinou para trás, ela se abriu como se nada a estivesse segurando.

– Pronto.

– Obrigada, querido. – Inclinei-me sobre o investigador e me contorci. Olhar para a boca de outra pessoa era muito nojento. Resistindo à vontade de vomitar, tirei a rolha do frasco e despejei o conteúdo em sua garganta.

Ele se engasgou e tossiu, mas Valen forçou sua mandíbula a se

fechar e a manteve presa até que engolissem a última gota. Uma vez satisfeito, soltou-o e se afastou.

– O que achou? É bom? – zombei. Eu não tinha nenhuma compaixão pelo bruxo. Parte de mim desejava que ele tivesse se engasgado.

– Não vai funcionar. – O rosto de Clive estava vermelho e com bolhas por causa da minha magia estelar. Nada que uma pomada curativa não pudesse resolver. – Tenho um instinto natural de contramagia. Está perdendo seu tempo. Nenhum soro da verdade irá funcionar.

– Vamos ver. – Verifiquei o relógio do meu celular. Havia esquecido de perguntar a Julian em quanto tempo veria os efeitos. Talvez dez minutos? Meia hora? Imediatamente? Esperava que fosse logo.

Clive ainda estava com aquele sorriso presunçoso, mas eu não me importava. Era agora ou nunca.

– Para quem está trabalhando no Conselho das Sombras?

O bruxo piscou e seus olhos ficaram desfocados.

– Freida Pavlov.

Ah, merda. Estava funcionando. Radiante e tentando controlar minha súbita animação, olhei para Valen.

– Você a conhece?

A expressão do gigante ficou sombria.

– Ela é uma vampira. Uma vampira velha.

– Vampira? – Que diabos estava acontecendo? Voltei-me para Clive, vendo sua cabeça inclinada para o lado, com um fio de baba pendurado no canto esquerdo. Que ótimo!

– Ela não é alguém que queira enfrentar – alertou Valen. Senti a preocupação em seu tom, o que só aumentou a minha.

– O que ela quer com Shay? – perguntei a Clive, embora tivesse a impressão de que já sabia a resposta.

– Quer seu poder. Todo ele – respondeu o bruxo, com a voz um pouco baixa e arrastada, como se estivesse falando enquanto dormia.

Meu coração estava batendo forte; não mais de animação, mas, sim, de pavor.

– Por que ela quer o poder de Shay?

– Para que possa dominar o restante dos membros do conselho – falou Clive.

É claro que sim.

– Ela quer que eles a temam?

– Sim.

Respirei fundo.

– Mas Shay é única. Não pode matá-la e presumir que vai aproveitar seu poder. Não é assim que funciona, ela não pode morrer.

– Freida pode controlá-la. Ela obedecerá, e fará o que for mandada.

O que diabos significa isso?

– Como uma escrava?

– Sim.

Aquela vadia. Eu precisava cuidar dessa vampira velha.

– Quem mais no Conselho das Sombras quer usar minha irmã?

Clive piscou algumas vezes.

– Apenas Freida.

Levantei as sobrancelhas em surpresa.

– Ela é a única?

– Sim.

Olhei de relance para Valen antes de voltar a fitar o bruxo.

– Quem mais no Conselho das Sombras quer me colocar na prisão?

– Apenas Freida – respondeu.

– Então, só Freida e Darius.

Sua boca se abriu.

– Sim.

Tá bom. Um já foi, falta a outra.

– Estou feliz por estarmos tendo essa conversa. Parece até que somos amigos.

– Não somos amigos – murmurou o bruxo.

– Graças aos deuses.

Essa era uma boa informação, uma ótima informação. Eu tinha um nome e uma confissão de que ela buscava utilizar o poder de minha irmãzinha para seus próprios fins. Levaria dias, talvez meses, para descobrir os nomes dos membros corruptos do conselho, mas eu ainda não havia terminado.

– Por que Frieda mandou que matasse aqueles bruxos no restaurante de Valen?

Clive piscou rapidamente.

– Ela não fez isso.

– O quê? – Me aproximei mais. – Quem os matou, então?

Ele hesitou um pouco. Depois, disse:

– Não sei.

Que estranho.

– Quem matou os pais de Catelyn? Quem assassinou a família dela?

Novamente, o bruxo hesitou, como se estivesse tentando pensar.

– Não sei.

Cambaleei para trás, olhando para Valen em busca de apoio.

– Mas que diabos?

Ele me fitava intensa e fixamente. Desejei poder ler sua mente, contudo, o gigante parecia tão confuso quanto eu.

O medo bateu forte. Talvez Clive estivesse me enganando. Talvez

estivesse fingindo que estava magicamente induzido pelo soro da verdade. Não. Julian era especialista em poções e venenos. Ele sabia o quanto isso era importante. Não me daria uma poção ruim.

Mesmo assim, tinha que testar a teoria.

– Clive, você tem um pênis pequeno? – Nenhum homem em sã consciência diria que sim. A menos que você tenha jogado um feitiço nele, é claro.

– Sim – respondeu no mesmo tom sonolento.

Valen balançou a cabeça.

– Você é louca.

– Antes louca do que entediante. Clive – tentei novamente, não gostando de como minha voz estava agitada e aguda –, acha que o Conselho das Sombras tem alguma coisa a ver com esses assassinatos?

– Não – respondeu o bruxo.

Caramba!

Me inclinei para trás, com o coração batendo forte. Se eles não eram os responsáveis, quem era? Quem havia matado aqueles bruxos e os pais de Catelyn?

Eu não tinha ideia de como resolveria isso. Só sabia que não podia desistir.

Parecia que tinha muito mais trabalho a fazer.

CAPÍTULO 16

Atravessei os portões principais com as pernas rígidas e cansadas. Minha exaustão era ainda mais evidente devido à falta de sono. Após o episódio de tortura com Clive, mal conseguira dormir. Como poderia? Agora, sabia que uma vampira velhota queria pegar minha irmã e ainda não tinha ideia de quem havia matado os bruxos e os pais de Catelyn. Eu estava de volta à estaca zero.

Pensei na lista de inimigos de Valen, mas mesmo isso não fazia muito sentido. Para começar, o que eles tinham a ver com Catelyn? A menos que pensassem que ela era sua irmã ou amiga? Ou talvez simplesmente odiassem gigantes?

Basicamente, eu não tinha nada para continuar.

Depois de extrair tudo o que podia de Clive, tínhamos decidido levá-lo de volta ao prédio do Conselho das Sombras, de onde o havíamos raptado. Ao final da nossa sessão de perguntas, o bruxo acabara cochilando e roncando alto.

– Ele nos deu informações confidenciais sobre Freida – Valen dissera no caminho de volta à sede do conselho. – Acho que terá vergonha de revelar à vampira sua traição. Ele manterá a boca fechada. Pode apostar.

Nisso eu acreditava. O investigador era arrogante demais para deixar que seus colegas soubessem que ele tinha aberto o bico. Afinal, gabara-se de que a tortura física não teria efeito sobre si. Contudo, não levava em conta que teria que lutar contra um soro da verdade. No final, tinha funcionado. Valeu, Julian!

Tínhamos o deixado roncando no meio de seu círculo ritualístico. Os outros bruxos haviam ido embora, então, ele ficara sozinho.

Eu não conseguira todas as respostas que queria, como quem matara os pais de Catelyn e quem estava tentando culpar Valen pelas mortes dos dois corpos encontrados em seu restaurante. Porém, pelo menos tinha o bastante por enquanto. E, vendo pelo lado positivo, achava que não veria Clive por um bom tempo, o que significava que estava livre para fazer minha própria investigação.

Infelizmente, Shay ainda não estava a salvo das garras daquela vampira. Eu ia investigar essa tal de Freida. Começaria assim que deixasse minha irmãzinha na escola.

– Você está agindo de forma estranha – disse Shay, subindo os degraus da Academia Fantasia.

Achei estranho não ter visto nenhuma outra criança com seus pais a caminho da instituição. Talvez eles já tivessem ido embora.

– Hum? Ah, desculpe. Tenho muitas coisas na cabeça. – Tipo uma vampira maldita.

Tinha pensado seriamente em deixar que a menina ficasse em casa hoje, mas ela me dissera que queria ir, o que me surpreendera. Shay gostava da escola.

Além disso, pelo que havia lido no catálogo de regras e regulamentos que ela trouxera ontem, ninguém tinha permissão para entrar nas dependências da instituição, nem mesmo o Conselho das Sombras, apenas os professores e os alunos. Portanto, sabia que minha irmã estaria segura até eu descobrir o que fazer. Ainda tínhamos a opção de fugir.

Shay deu de ombros.

– Tanto faz.

Suspirei.

– Por favor, não fique brava comigo. Sei que você queria vir ontem à noite, mas acredite em mim, não ia querer ver o que vimos. – Lembrei dos bruxos nus. Também estava feliz por ela não ter testemunhado a parte da tortura. Nenhuma criança deveria ver algo assim. Notei que isso se devia principalmente ao fato de eu não querer que me visse fazendo aquilo. Eu me importava com a imagem que ela tinha de mim.

Shay parou quando chegamos à porta da frente.

– Você o encontrou?

– Sim.

– Conseguiu o que estava procurando?

Apertei meus lábios.

– Sim e não. Mais sim do que não.

Ela franziu a testa.

– Você é tão estranha.

Sorri.

– Eu sei.

A porta se abriu. Eu tinha colocado um sorriso falso, esperando ver o mesmo careca oleoso da equipe da escola. Em vez disso, uma mulher apareceu. Sua magia mexeu com meus sentidos, mas não consegui descobrir se ela era uma bruxa da luz ou das trevas. Ainda assim, senti uma forte sensação de déjà-vu. A mulher parecia... familiar para mim. Será que a tinha visto em algum lugar? Podia ser. Eu tinha uma memória terrível, era ainda pior com nomes. Talvez a tivesse conhecido e nem me lembrasse. Uma joia com a mais magnífica pedra azul que já tinha visto adornava seu pescoço. A safira em formato oval era mantida segura por quatro garras de dragões.

Desviei meus olhos do pingente e a vi me encarando.

Seu olhar se fixou brevemente em mim, mas, depois, se ampliou quando ela se concentrou em Shay.

– Ah, olá, Shay. É bom lhe ver de novo.

– Olá, Sra. Barclay – respondeu com as bochechas coradas. Seu tom de voz era educado. Percebi que ela gostava da professora. Que bom! Isso era ótimo.

A Sra. Barclay tinha longos cabelos loiros, que estavam cuidadosamente penteados para trás. Sem sinais de idade, aparentava estar na faixa dos quarenta anos e em boa forma, embora um tanto magra. Seus olhos cinzentos e grandes me fitaram novamente.

– Obrigada por chegar na hora certa hoje.

– Hã... claro. Não tem de quê. – *Não tem de quê?*

Shay riu.

– Meu Deus, você é esquisita. Nos vemos mais tarde.

– Até mais. – Acenei quando ela passou pela mulher e desapareceu atrás das portas.

– Vejo-a em breve, Leana – disse a Sra. Barclay antes de fechar a porta na minha cara.

Abaixei a mão e fiquei olhando para ela por um instante. Após cerca de um minuto, suspirei e me virei, colidindo com a cabeça de Jade.

– Ah! O que estão fazendo aqui? – Me afastei, vendo Elsa, Jade e Julian atrás de mim.

– Nós a seguimos – disse a mais velha alegremente, com seus tamancos verdes aparecendo sob sua longa saia laranja.

Esfreguei minha testa, já podia sentir um galo latejando.

– Vocês me seguiram?

Jade riu, esfregando o lado oposto de sua cabeça, que estava envolta em uma faixa rosa, enquanto seus brincos de plástico rosa balançavam.

– Você tem uma cabeça muito dura.

Ela usava um macacão azul pastel amarrado com um cinto branco largo na cintura. Com seu cabelo loiro preso no topo da cabeça em um rabo de cavalo alto, a bruxa parecia ter acabado de sair de uma máquina do tempo dos anos 80.

– Sim, nós a seguimos. – Elsa colocou as mãos nos quadris, sorrindo enquanto admirava a escola. – Eu sempre quis ver o interior da Academia Fantasia. – Ela olhou para mim, depois, para a frente do prédio. – Meu filho não foi aceito. Acho que isso teve algo a ver com Adele. Depois que Cedric se recusou a deixá-la intimidá-lo, bem, ele perdeu o emprego e nós perdemos nosso bom nome.

Baixei a mão, lembrando-me de que ela havia me contado essa história.

– Adoraria levá-la para uma visita guiada, mas não podemos

entrar. Nem mesmo eu.

– Eu sei, não é legal? – Jade fitava a instituição com olhos sonhadores, como se fosse capaz de fazer qualquer coisa para a ter frequentado.

Agarrei meus amigos e os afastei antes que a Sra. Barclay nos visse por uma das muitas janelas. Quando ultrapassamos os portões, perguntei:

– Por que vocês me seguiram?

– Bem, depois do que nos contou ontem à noite, fizemos algumas pesquisas sobre sua amiga vampira, Freida – disse Elsa.

Havia contado à gangue as informações que valiam a pena serem mencionadas.

– Obrigada, pessoal – exalei, agradecendo a ajuda extra nesse caso. Parecia que eu ia precisar deles. – E então? Ela é tão maligna e calculista quanto imaginava?

– Pior. – Elsa olhou por cima do ombro. Depois, baixou a voz. – Parece que foi a responsável pelos massacres humanos em massa que aconteceram em Chicago, em 1809, e em Boston, em 1812. Milhares de pessoas morreram. Os humanos alegam que foi algum tipo de febre amarela, mas os registros mostram que foi ela. Freida e um grupo de vampiros assassinaram todos os humanos em que puderam pôr as mãos. Foi um verdadeiro banho de sangue.

– Literalmente – acrescentou Julian.

Fiquei enjoada.

– E eles a deixaram entrar no Conselho das Sombras?

– Ela mudou – zombou Jade, levando a mão ao peito. – Bem, é o que os registros dizem.

Duas mulheres humanas de trinta e poucos anos passaram por nós, olhando para Julian como se ele fosse um pedaço de carne em um espeto. Contudo, o belo bruxo nem sequer as notou. Sim, ele realmente estava apaixonado por Cassandra, a mãe das gêmeas.

– É mentira – falei, voltando a me concentrar. – Todos nós sabemos que as pessoas não mudam. Não tanto assim. – Se ela era uma psicopata assassina com sede de sangue naquela época, eu tinha certeza de que continuava sendo uma. – Não acredito que deram uma posição para ela. – Olhei para minha amiga bruxa, seus cabelos ruivos balançavam suavemente com a brisa da manhã. – Onde conseguiu todas essas informações?

Elsa sorriu e bateu na lateral do nariz.

– Tenho minhas fontes.

– Ela se refere à sua amiga, Luciana, que era secretária do Conselho das Sombras nos anos 90 – disse Jade. – A mulher se aposentou há uns quinze anos.

Elsa franziu a testa para a outra.

– A questão é que você não quer que alguém como ela pegue a sua irmã. O fato é que Freida é o pior tipo de pessoa. Ela não tem empatia, não gosta de humanos ou de qualquer outra raça paranormal, exceto a dela. A mulher só se importa com os vampiros. Para ela, todos nós somos seres inferiores. Freida é realmente um problema.

Levantei uma sobrancelha.

– Que ótimo.

– Teve notícias de Catelyn? – Julian me encarou.

– Ainda não – respondi. Elsa e Jade se aproximaram. – Valen foi até a casa de Arther para ver como ela está.

– Acha que ela estará mais segura lá do que com os amigos? – A expressão no rosto da mais velha deixava transparecer sua desaprovação. – Catelyn estava bem conosco. Acho que foi um erro levá-la para longe. Como ela pode ficar melhor com um grupo de estranhos?

– Você não a viu quando encontrou os pais – respondi. – Ela estava fora de controle. Não iria querer uma gigante enlouquecida no hotel. Ela facilmente destruiria todo o décimo terceiro andar. E mataria as pessoas.

– Não se estivessemos lá para ajudá-la – insistiu Elsa, fazendo-me perceber o quanto isto a estava incomodando.

– Não ajudaria em nada – falei, sentindo um pouco de culpa por a ter deixado com estranhos. – Pelo que Valen me disse, Arther vai levá-la para o norte amanhã. Para um lugar remoto, longe da população humana. Assim, se ela se transformar, e eu sei que fará isso, não fará mal a ninguém.

– Mas ela pode se machucar – disse Jade.

É verdade.

– Valen me prometeu que seu amigo sabe o que está fazendo. Tenho que confiar nele. Ele se preocupa com Catelyn, não a entregaria se não confiasse que cuidariam bem dela.

Elsa apertou os lábios com força, balançando a cabeça.

– Não estou gostando disso. Será que vamos vê-la novamente?

Boa pergunta.

– Tenho certeza que sim. – Na verdade, não tinha.

Meu peito se apertou ao pensar nisso, mas, com Catelyn fora de cena e segura, eu poderia me concentrar nas outras questões.

– Eu me pergunto... – comecei, organizando meus pensamentos enquanto inalava a fumaça dos escapamentos dos carros e táxis que passavam. – Se Darius e Freida estivessem trabalhando juntos para controlar Shay, teriam que compartilhar seu poder, certo? Contudo, não consigo vê-lo como alguém que gosta de compartilhar. Essa Freida também não.

– Eles teriam se matado – disse Julian, como se esse fosse o plano

deles desde o início. Ele olhou para nós. – Assim que surgisse a oportunidade, teriam tentado acabar um com o outro. E o vencedor teria o controle total de Shay.

Me arrepiei só de pensar. Ninguém devia ter controle sobre ninguém. Ponto final.

Julian gesticulou com a mão direita.

– Não é possível compartilhar algo assim. Não com esse tipo de gente.

– E você acha que ela é a única vampira perversa no conselho? Não há outros? – perguntou Jade. – Pode haver. E se todos eles forem ruins?

Eu tinha pensado nisso.

– De acordo com Clive, não. Darius e Freida são os únicos que estavam atrás de Shay. Não sei se os outros membros têm outros objetivos obscuros, mas, no que diz respeito a ela, eram apenas eles dois.

– Acredita nele? – perguntou Elsa, enfiando as mãos nos bolsos da saia.

– Ele estava sob a influência do soro da verdade de Julian.

– Certo. Bem, vocês arrasaram – disse, olhando para um Julian presunçoso.

– Então, resta apenas uma vampira poderosa – falei, imaginando se isso era pior do que uma bruxa poderosa.

Eu não sabia como ela era, onde morava ou onde estava naquele momento. Tinha muito trabalho pela frente se quisesse construir um caso contra a mulher. Se o que Clive havia dito era verdade, havia apenas duas maçãs podres no conselho. Bem, uma, agora que Darius estava fora de cena.

E eu tinha que me livrar dela antes que ela tentasse algo contra Shay.

– Vamos lá. – Elsa nos levou para a rua. – Conversaremos mais no décimo terceiro andar. Posso preparar um bom lanche para nós. Com o Depois do Escuro fechado e tudo mais, não temos muita escolha. Então, que seja no hotel.

Olhei de relance para a escola antes de me afastar e seguir os outros.

Os assassinatos não solucionados ainda pesavam sobre minha consciência. Apesar de não haver relatos de novas mortes, isso não significava que o problema havia sido resolvido. E o restaurante de Valen ainda se mantinha de portas fechadas por causa disso. Ele não reabriria até que o caso fosse resolvido.

Como se não fosse o bastante, eu tinha que, de alguma maneira, parar uma vampira velha e poderosa que, por acaso, era membro do Conselho das Sombras.

Muito fácil.

CAPÍTULO 17

Após atravessarmos o saguão do hotel, ainda imerso no tema de discoteca dos anos 70, me esgueirei por trás de um homem muito grande, tentando me esconder de Basil, que logo nos avistou. A princípio, achei que ele tinha me visto e que me forçaria a cumprimentar os hóspedes novamente, mas chegamos ao elevador sem interrupções.

Eu queria dizer "oi" para Jimmy, que estava maravilhoso em uma calça boca de sino e colete de couro com franjas, mas estava com muito medo de que isso atraísse a atenção do gerente.

Quando chegamos ao décimo terceiro andar, entramos em meu antigo apartamento. Dirigi-me imediatamente para a área onde havia apenas uma simples escrivaninha, um laptop e alguns livros que estava lendo, tudo encostado na parede ao lado da sala de jantar.

– Acho que vou fazer sanduíches de ovo e presunto grelhado – disse Elsa ao abrir a porta da geladeira, que, para minha surpresa, permanecia sempre abastecida com alimentos que eu nunca comprava.

– Humm. Vou ajudar. – Jade a seguiu até a cozinha, enquanto Julian se esticava no sofá e ligava a TV.

Por um momento, permaneci observando a nuca do bruxo, minha mente ocupada com Clive e o sucesso surpreendente do soro. A fluidez com que as palavras haviam saído da boca daquele maldito fora notável.

– Julian – chamei e esperei até que ele se virasse. – Tem mais daquele soro da verdade?

Ele sorriu.

– Está planejando usá-lo em uma certa vampira?

– Com certeza. – Se eu conseguisse colocar as mãos nela e lhe dar o soro, poderia fazê-la confessar em vídeo. Se fosse bem-sucedida, estaríamos salvos.

– Desculpe, Leana, mas não funcionará.

– Por que não? É porque ela é uma vampira *anciã*? – Isso era novidade para mim. Se bem que eu não sabia muito sobre os vampiros anciões, especialmente aqueles que queriam usar garotinhas em seu benefício.

– Não, não é porque ela é anciã – respondeu, com uma expressão pensativa. – É porque é uma *vampira*. Os soros da verdade, ou qualquer tipo de poção de manipulação da mente que eu conheço, não

funcionam neles.

Levantei as sobrelatas.

– Sério? Uau. Realmente preciso atualizar minha leitura sobre os vampiros. – Eu basicamente não sabia nada a respeito disso, e sabia ainda menos sobre como os soros e outras poções funcionavam.

– Sim. – Julian se virou e olhou para a TV. – Tem algo a ver com o sangue deles. É como se agisse como uma proteção. Ele é como um vírus que mata todos os outros vírus intrusos.

– Que pena. – Uma grande pena. Eu já tinha imaginado Freida amarrada a uma cadeira, contando tudo para a câmera. Acho que teria que pensar em outra maneira de fazê-la falar.

Duvidava que ela fosse uma vampira solitária. Provavelmente estava sempre acompanhada por uma comitiva, o que tornaria ainda mais difícil tentar... o quê? Atraí-la para uma armadilha? Sequestrá-la como havíamos feito com Clive? Tinha sido fácil pegar o investigador, embora tivéssemos tido que lutar com seus amigos nus. Eu tinha a sensação de que Freida seria muito mais difícil de alcançar.

Primeiro, se quisesse enfrentá-la, precisaria saber onde ela morava ou onde estava. Talvez a paranormal tivesse um covil? Ou, talvez, eu estivesse assistindo TV demais.

– Como está Cassandra? – perguntei a Julian, e vi seus ombros enrijecerem.

Quando ele se virou, vi um rubor em suas bochechas.

– Está bem.

Levantei uma sobrelata.

– Ela deve estar bem mesmo. – Vi Elsa sorrindo, enquanto Jade segurava a mão sobre a boca. Seus olhos brilhavam de diversão.

O bruxo deu uma risadinha.

– Ela está. E as gêmeas também. Pronto. Já terminou seu interrogatório?

– Nem de perto. – Apontei um dedo para ele. – Será que preciso lembrá-lo de todas as perguntas que fez quando nos conhecemos? Pode esperar, depois farei mais. – Ri quando ele se virou, com as pontas das orelhas vermelhas.

– Aqui. – Elsa apareceu na minha mesa e depositou uma xícara de café fumegante. – Parece que precisa disso.

– Elsa, você é a melhor – respondi, pegando-a, tomando um gole e saboreando o delicioso sabor amargo.

A bruxa sorriu.

– Isso não é novidade.

Cuspi um pouco de café quando ouvi Jade rindo na cozinha e, em seguida, liguei meu laptop. Pensei em acessar o banco de dados dos Merlins e ver o que poderia encontrar sobre Freida.

– Então, alguma novidade sobre os bruxos mortos? – perguntou

Jade, com uma faca na mão enquanto cortava o que parecia ser um tomate. – Alguma pista?

Tomei outro gole de café.

– Na verdade, não. A única coisa em que consigo pensar é que alguém quer que Valen seja culpado por isso.

– Mas qual é a relação com a família de Catelyn? – Elsa colocou um grande saco de pães na ilha da cozinha.

Balancei a cabeça.

– Esse é o problema. Não sei se existe uma. Quero dizer, não faz sentido. Nada disso faz.

– Porém, não houve mais assassinatos. – Jade cortou o tomate com força, como se imaginasse que fosse o pescoço do assassino.

– Não que saibamos.

– Valen tem muitos inimigos? – perguntou Elsa, cortando um bagel ao meio.

– Aparentemente, sim.

Ela estreitou os olhos.

– Isso não parece com ele. Valen é tão querido, quem se ressentiria com ele?

Julian pigarreou.

– Bem, até mesmo *nós* nos ressentíamos antes de Leana se atracar com o cara.

Cuspi mais um pouco do meu café.

– Ei, isso não é justo.

– Só estou dizendo que o gigante não era tão receptivo antes de conhecer você – falou. – Frequentávamos seu restaurante porque a comida é incrível, mas ele era um completo idiota.

O bruxo tinha razão, contudo, Valen estava passando por muitas coisas.

– Ele não é perfeito, mas acredito que aqueles que podem lhe desejar mal são os indivíduos mais perigosos e duvidosos, afinal, ele teve que os enfrentar e expulsar de suas áreas por um bom motivo.

– Enfiando seu nariz gigante onde não devia – acrescentou Julian.

Lancei um olhar em sua direção.

– De qualquer forma, a lista é *longa*, então pode demorar um pouco. – Tipo alguns meses.

– Bem, acho que Valen é um homem maravilhoso – declarou Elsa, com o queixo erguido, aguardando para ver se alguém a contradiria. – E estou feliz por ele a ter encontrado, Leana.

Sorri.

– Também estou.

– Quero dizer – continuou, manuseando a faca como uma cozinheira experiente –, ele está muito mais amável do que antes e sorri bem mais agora. Acho que não me lembro de ter visto seus

dentes antes de você aparecer. Ele tem dentes muito bonitos.

Ri.

– Esta é uma conversa estranha.

Passsei o dedo no mouse pad do meu laptop e abri o navegador. Digitei o endereço do banco de dados dos Merlins e aguardei a página inicial carregar. Quando ela apareceu, inseri meu login e senha e pressionei enter, então...

CREDENCIAIS INVÁLIDAS.

Fiquei encarando a mensagem em letras vermelhas grandes e em negrito.

Meu coração parou.

– Que diabos é isso? – Fiquei olhando para a tela.

– Qual é o problema? – ouvi Elsa perguntar.

– Não tenho certeza. – Digitei novamente minhas informações, pressionei enter e me deparei com a mesma mensagem de erro. Eu não tinha esquecido minha senha. Ela era a mesma há mais de dez anos. Se não estava conseguindo fazer o login, significava que... – Ah, não!

– Ah, não? – Ouvi passos se aproximando. – O que quer dizer com isso? – O ombro da mais velha encostou no meu ao passo que se inclinava e olhava para o meu computador. – *Credenciais inválidas* – leu. – Leana? O que isso significa?

Soltei um longo suspiro enquanto meu coração disparava novamente.

– Acho... acho não, tenho certeza de que minha licença de Merlin foi caçada.

– O quê? – gritaram Elsa e Jade ao mesmo tempo, fazendo com que eu me sacudisse na cadeira.

– Do que está falando? – A voz de Julian soou mais alta quando apareceu ao meu lado.

Jade esbarrou em Elsa.

Recostei-me em minha cadeira e apontei para as letras vermelhas horrorosas.

– Ou perdi minha licença, ou fui suspensa. De qualquer forma, isso não parece bom. – Droga, era a última coisa de que eu precisava.

Elsa segurou seu medalhão.

– Mas não faz sentido. Esse pessoal não manda um aviso antes de fazer algo assim? Eles *podem* fazer isso?

– Podem – respondi, ainda olhando para a tela. – Porém, normalmente, enviam um e-mail ou uma carta.

– Você verificou seu e-mail? – perguntou Jade, com a voz carregada de ansiedade.

– Ainda não. – Abri outra janela e o conferi. – Não tem nada aqui. Apenas lixo eletrônico. É possível que tenha acabado de acontecer. Talvez eu receba algo nas próximas 24 horas.

– Bem, isso é horrível – resmungou Elsa. – Tem que ser um erro. Pode recorrer?

Dei de ombros.

– Não tenho certeza. Nunca tive que recorrer antes. – Nunca havia perdido minha licença.

– Por que isso aconteceu com *você*, especificamente? – Julian cruzou os braços. – Quem tem autoridade para tirar a licença de um Merlin?

Somente uma pessoa que eu conhecia.

– Clive.

Elsa e Jade respiraram fundo.

– Não nos disse ontem à noite que ele não diria nada? – Julian se aproximou.

– Sim.

Havia lhes contado todos os acontecimentos envolvendo o investigador e como tínhamos nos livrado dele, presumindo que ele estaria muito envergonhado para revelar algo.

– Bem, estava errada – disse o bruxo. – Clive abriu o bico. Talvez também tenha contado a Freida. E, se foi ele que tirou sua licença – falou, apontando para o computador –, pode apostar que contou a ela.

Voltei a olhar para a tela. A raiva contraiu meu estômago.

– Não tenho certeza. Não, acho que não contou. Se tivesse dito, já haveria oficiais do Conselho das Sombras aqui para me prender. Acho que essa foi a única coisa que Clive pôde fazer sem chamar atenção para si. – Era a única maneira do desgraçado me impedir de descobrir mais sobre sua comparsa vampira.

– Aquele filho da mãe nojento – acusou Jade.

– Sim, e fica pior. – Tamborilei meus dedos sobre a mesa. – Agora, não posso me conectar e investigar Freida. Foi por isso que ele fez isso. Para tornar difícil, e talvez até impossível, investigá-la. Não poderei vinculá-la a nenhuma organização desonesta, nada. – Maldito bruxo chaminé.

– Mas você pode recuperá-la, certo? – Elsa me observou. – Se Clive não conseguir sustentar suas afirmações sem envolver sua chefe, não terá nenhuma vantagem.

– É verdade. – Exalei. – Contudo, vai demorar um pouco até que eu consiga recuperar meu acesso ao banco de dados. Talvez semanas. Terei que descobrir outra maneira de saber mais sobre Freida.

Jade bateu em meu ombro.

– Não se preocupe. Nós a ajudaremos. Vou entrar em contato com minha amiga, Margorie. Ela é casada com Oscar Maben, que faz parte do Conselho das Sombras, lembra? Foi ela quem contou ao marido que Adele queria destruir o hotel.

– Sim, sim – respondi, lembrando-me vagamente daquela conversa.

– Passamos a conversar com mais regularidade desde aquela noite. Você vai ver. Há outras maneiras de obtermos informações sobre essa vampira.

– Obrigada.

Seu afeto, suas palavras e sua disposição em me ajudar tranquilizou meus sentidos. Eu sabia que meus amigos ajudariam, mesmo que não pedisse. Era difícil imaginar trabalhar em um caso sem eles.

– Mas, primeiro, vamos comer. O lanche está pronto. – Elsa voltou para a cozinha, com Jade logo atrás dela.

Levantei-me, olhando para a tela, enquanto ouvia Julian seguindo as bruxas. Não era possível invadir o banco de dados dos Merlins. Disso eu tinha certeza. Ele era protegido por mágica, coisa que os computadores humanos não tinham. Recorrer da decisão era minha única escolha, e isso levaria semanas.

Depois de uma boa refeição com sanduíches de ovo e presunto grelhado feitos por Elsa, todos nós nos recostamos em nossas cadeiras, satisfeitos e com alguns quilos a mais do que antes.

Jade recebeu uma notificação e sacou o celular do bolso.

– Margorie acabou de me responder.

Sentei-me mais ereta.

– Ah, e?

– Isso deve ser bom. – Elsa empurrou sua cadeira para trás. – Vou pegar um pouco de vinho.

Desviei os olhos dos cabelos ruivos da mais velha e voltei a olhar para Jade.

– O que perguntou exatamente?

– Tudo o que ela sabia sobre Freida – respondeu, com os olhos deslizando sobre a tela do celular. – Certo. Ela mora em uma mansão no norte do estado de Nova York.

– Seu covil – murmurei.

– Margorie não tem o endereço, mas disse que vai dar uma olhada – Jade falou rapidamente. – Também disse que o marido não gosta dela. Aparentemente, a mulher não é muito querida.

– Deve ser o hálito de vampiro – comentou Julian. Ele deu de ombros quando o encaramos. – O quê? Todos eles têm mau hálito, é um fato conhecido.

– Não sabia. – Olhei para Jade. – O que mais?

– Ela está tentando forçar a substituição de Darius por um de seus amigos vampiros, e o restante dos membros do conselho não está feliz com isso. Eles deveriam votar em um novo membro. Não se pode escolher qualquer um.

– Freida não parece se importar. – E eu tinha a sensação de que ela geralmente conseguia o que queria. – Mais alguma coisa? – Até agora,

não tínhamos muito. Eu queria o endereço da casa dela. Com isso, poderia fazer planos. Poderia arquitetar uma operação de vigilância.

O rosto de Jade se iluminou.

– Ah! Tem uma reunião amanhã, às dez da manhã, no prédio do Conselho das Sombras. – Ela olhou para mim. – E Freida estará lá.

– Certo, isso é bom. – Assenti para mim mesma. – Mais alguma coisa?

Jade balançou a cabeça.

– Não, é isso.

– Você está planejando sequestrá-la na frente de todo o conselho? – perguntou Julian, olhando para mim como se eu estivesse louca.

– Não. – Mas a ideia passou pela minha cabeça. – Contudo, poderei dar uma boa olhada nela. E o mais importante, em quantos guardacostas estarão com a vampira.

– Inteligente. – Elsa me fitava com orgulho. – É por isso que é uma Merlin. Você pensa nessas coisas de detetive.

Era uma Merlin. Não, eu ainda continuava sendo. Não precisava de um documento plastificado para provar isso.

– E, então, eu a seguirei – continuei. – Se tiver sorte, ela me levará direto para seu covil. – Depois... Ainda não tinha pensado nisso. Contudo, estava certa de que Valen gostaria de ser informado sobre meus planos envolvendo uma suposta vampira velha.

– Um covil cheio de vampiros. – Julian sacudiu o garfo para mim. – Está louca?

– Achei que já tínhamos passado dessa parte.

Ele espetou um pedaço de tomate.

– Leana, use sua cabeça. Ela é poderosa. Os vampiros que a estarão acompanhando também. O que você vai fazer? Invadir e soltar sua luz estelar?

Dei de ombros.

– Mais ou menos isso.

– Enlouqueceu? – Sua voz se elevou. – Não vai durar nem um minuto lá dentro. Eles serão fortes, mais resistentes e mais perigosos do que pode imaginar. Alguns podem ser tão velhos quanto ela. Nós não sabemos. Você precisa pensar bem, porque se entrar lá de cabeça quente e com suas emoções à flor da pele, vai morrer.

Estreitei os olhos, não gostando de seu comentário.

– Estou brincando – falei, embora não tivesse certeza se estava.

Com a ameaça sobre Shay, não podia garantir que não iria simplesmente invadir o covil com minha luz estelar. Afinal, tinha que fazer alguma coisa. Tinha que proteger minha irmã dessa vampira maligna.

Eu a seguiria amanhã e, depois, decidiria acerca de minha abordagem. Sorri. Esse era um bom começo.

Um ruído alto veio do corredor. Quando me virei, vi Valen correndo em nossa direção.

Sorri novamente, sentindo-me melhor agora que tinha um plano. Logo descobriria onde Freida guardava seu caixão.

– Ei, o que está fazendo aqui? Você parece preocupado.

– É Shay – disse o gigante, e meu coração quase parou.

– Ah, meu Deus. Ela a levou? – Dei um pulo da cadeira.

Valen balançou a mão.

– Não é isso, Shay está bem. Quero dizer, não, não está. A escola me ligou. Ela está doente, então, temos que buscá-la. Eles disseram que não conseguiram falar com você.

Deixei escapar um suspiro nervoso. Merda. Tirei o celular do bolso com a mão trêmula.

– Droga. Acabou a bateria. – Afastei-me da mesa e corri para a minha escrivaninha, procurando o carregador. Assim que o achei, conectei-o rapidamente. – Vou deixar carregando. Ela está bem? É sério? – perguntei enquanto voltava.

– Eles não me disseram muita coisa – respondeu. – Falaram apenas que estava com febre e que as normas exigiam que fosse mantida longe das outras crianças para evitar a disseminação do que quer que isso seja. Estacionei o carro em frente ao hotel.

Pobre Shay. Era tudo o que ela precisava agora, ser apontada como portadora de um vírus.

– Vá. – Elsa me empurrou de leve. – Vá buscá-la. Podemos pedir para Polly dar uma olhada nela se isso fizer você se sentir melhor, mas tenho certeza de que não é nada.

– Sim – disse a mim mesma, sem muita convicção. A menina estava bem hoje de manhã. – Certo. Volto daqui a pouco.

Segui Valen até a saída, e todos os pensamentos e planos de dar uma surra em Freida desapareceram, pois eu só tinha espaço para uma coisa:

Shay.

CAPÍTULO 18

O Range Rover Sport de Valen encostou no meio-fio do portão da escola. Antes que ele desligasse o motor, abri minha porta e saí correndo.

Não precisei ir muito longe. Shay estava sentada no topo dos degraus.

Senti uma raiva se enraizar em minhas entranhas. Como eles tinham deixado uma menina doente de onze anos sozinha do lado de fora?

– Shay. – Quando a alcancei, sentei-me ao seu lado e imediatamente pressionei minha mão em sua testa.

Ela a afastou com um tapa.

– Estou me sentindo bem. Não faça uma cena. – Minha irmã olhou por cima do ombro, como se suspeitasse que os professores estivessem observando.

– Não foi isso que a escola disse. E você está quente. – Mais quente do que eu gostaria.

Seu rosto estava pálido, mas suas bochechas estavam coradas e suas têmporas apresentavam uma leve transpiração. Então, sim, ela definitivamente estava com alguma coisa.

– Acho que a Sra. Barclay exagerou – respondeu. – Ela não precisava chamar vocês.

– Precisava, sim. Venha, vamos levá-la para casa. Bem, para o décimo terceiro andar. Polly vai dar uma olhada em você.

– Ei, pequena – disse Valen, se aproximando de nós. – Como está se sentindo?

Shay deu de ombros.

– Tudo bem.

Olhei para ele e balancei a cabeça. A preocupação em seus olhos me dizia que o gigante sabia que era pior do que ela estava deixando transparecer. Infelizmente, Shay era teimosa. Não queria que as pessoas se preocupassem com ela.

– Vamos. – Tentei pegar sua mão, mas minha irmã a arrancou de mim.

Em vez disso, seguiu Valen de volta ao carro. Parece que ainda estava brava comigo por não a ter deixado ir conosco encontrar Clive.

Suspirando, segui os dois e entrei no Range Rover.

O motor do SUV ganhou vida, e Valen pisou no acelerador. Saímos

em alta velocidade.

Coloquei o cinto de segurança e me virei.

– Como está se sentindo? De verdade? – Era minha imaginação, ou suas bochechas estavam mais coradas?

Shay olhava pela janela. Ela deu de ombros.

– Do mesmo jeito.

– Parece um pouco quente. Você está com calor?

A garota encolheu os ombros.

O zumbido do motor ficou estável enquanto eu mantinha meus olhos nela. Fiquei feliz que a escola tivesse ligado. Shay estava mais doente do que queria admitir.

Virei-me no banco, e encontrei o olhar de Valen em mim.

– É só um resfriado ou algo assim – acalmou ele, com os olhos voltados para a estrada. – Ela vai ficar bem.

– Humm.

Pobre Shay. Ficar doente em seu segundo dia de aula devia ter sido difícil. Se tivéssemos sorte, com um pouco de descanso e o que quer que Polly tivesse para combater resfriados, logo voltaria para a escola. Ela realmente parecia gostar de lá.

– Então, já fez algum amigo? – perguntei, mantendo meus olhos voltados para a frente, na estrada.

– Não sei – respondeu.

– Como são as aulas?

– São aulas – ela disse.

Olhei para Valen, que estava sorrindo. Ele estava gostando disso? Sim, estava.

– Que tipo de magia estão lhe ensinando? – perguntei, ainda fitando o gigante. – Você não é uma bruxa da luz ou das trevas, então estou curiosa. – Na verdade, estava mais curiosa para saber se meus métodos de ensino eram corretos.

– Quer saber se eles estão me ensinando da mesma forma que você?

Pois é, a garota era perspicaz.

– Sim. Estão?

– Não.

– Não? – Me virei no banco. – Então, como a estão ensinando?

Como Shay não era uma bruxa elementar, não poderiam estar lhe dando lições sobre como extrair poderes da terra. Eu queria saber qual era a abordagem da escola.

– Nós meditamos – disse.

– Meditação? É só isso?

Ela piscou rapidamente.

– É meu segundo dia.

– Certo. Desculpe. – Me virei, sem saber onde minha cabeça estava.

É claro que eles teriam que começar devagar, e a meditação era uma ótima maneira de acalmar e aprender a controlar suas emoções. Fazia sentido.

Quando olhei para Valen, ele ainda estava sorrindo.

– O quê?

– Nada – respondeu, sem tirar o sorriso de seus lábios.

Tá, então ele achava que eu estava exagerando um pouco nas minhas perguntas. Talvez estivesse.

Afastei meu olhar de seu rosto e olhei pela janela. Eu precisava começar a planejar o que faria com Freida. Sabia onde ela estaria amanhã. Era a oportunidade perfeita. E sabe o que mais era perfeito? Ter um gigante como aliado.

O ronco sutil do motor do SUV mal se destacava diante do tumulto de pensamentos e emoções que ecoava na minha mente.

– Tenho novas informações sobre Freida – falei. – Sei onde ela vai estar amanhã. Haverá uma reunião do Conselho das Sombras, e ela comparecerá.

– Como sabe disso?

– Uma amiga de Jade do Facebook nos disse, aquela cujo marido trabalha no conselho. – Decidi não mencionar o pequeno contratempo com minha licença de Merlin. Não queria falar sobre isso na frente de Shay, não queria preocupá-la.

– O que quer fazer a respeito? – perguntou o gigante.

– Segui-la e descobrir onde fica sua toca ou qualquer coisa do tipo – falei. – Achei que você poderia vir comigo.

– Certo. Porque precisa de uma carona, acertei?

– Sim. É tão óbvio assim?

– Um pouco. – Ele deu uma risadinha.

Me ajeitei no banco.

– Então, temos muito o que conversar mais tarde. Shay, Polly vai mandar que fique descansando, então não pode ficar com raiva de mim dessa vez.

A última coisa que eu queria era que minha irmãzinha ficasse chateada novamente por ser deixada para trás, mas isso era coisa de adulto, meu trabalho. Não podia permitir que ela rondasse um perigoso covil de vampiros.

– Shay? Você me ouviu? – Girei no banco. – Shay? – Sua cabeça estava encostada no vidro. A menina estava com os olhos fechados. – Shay? – chamei novamente.

Ela estava dormindo? As suas bochechas não estavam mais coradas, contudo, exibiam uma tonalidade esverdeada. Isso não era normal.

– Tem algo errado? – Valen perguntou.

– Shay! – Agora eu estava gritando. – Shay, acorde! Acorde, Shay!

– Uma mistura nauseante de pavor e medo fez meus joelhos tremerem. Respirei fundo e segurei a respiração para não ficar enjoada. – Por que não está acordando? Valen, ela não está acordando!

– Estamos quase lá – disse ele, ao virar à direita, com um leve traço de temor em sua voz suave e controlada.

– Ela está muito pálida – falei. Um profundo terror me atingiu como uma pedra no estômago. Por que minha irmã não estava acordando? O que estava acontecendo? – Ela estava bem, estava falando. O que há de errado?

– Não sei – disse Valen. – Parece que pode ter desmaiado devido à febre.

As pessoas desmaiavam por estarem febris? Eu não tinha a menor ideia. Não era uma curandeira e não sabia quase nada sobre remédios, curativos e esse tipo de coisa.

O pânico tomou conta de mim. Definitivamente, isso *não* era normal. Ela estava bem hoje de manhã. E, agora, isso?

Meus lábios se abriram ao me dar conta do que estava acontecendo.

– Shay foi amaldiçoada. – Assim que pronunciei as palavras em voz alta, soube que eram verdadeiras.

Era a única explicação. Um resfriado ou gripe típicos não agiam tão rápido. Shay era uma criança saudável, sem problemas de saúde, nem mesmo alergias. Eu não era especialista, mas não conhecia nenhum vírus capaz de fazer alguém saudável desmaiar dentro de um período de duas horas.

– O quê? – disse Valen alto, emanando tensão. – Tem certeza?

– Sim, alguém a amaldiçoou – respondi, com um nó na garganta, enquanto tentava controlar o tsunami de emoções que ameaçava me afogar. – Não há dúvidas.

Não podia acreditar. Senti uma tontura, era como se tivesse tomado muitas taças de vinho ao mesmo tempo. Isso era loucura. Quem iria querer machucar a menina? Ela era apenas uma criança inocente. Será que tinha algo a ver com sua capacidade de controlar o poder do sol? Teria sido obra de Freida? Ou estaria Clive se vingando de mim? O cara era um bruxo, portanto, esse tipo de maldição deveria ser fácil para ele. Contudo, se sua mestra queria usar o poder de minha irmã, por que faria isso? Não, não tinha sido ele ou a vampira.

Tirei o cinto de segurança, me inclinei para trás para pegar sua mão e estremeci. Shay estava gelada, literalmente. Era como se estivesse tocando um cubo de gelo.

– Ela está tão fria, tão gelada. – Pisquei algumas vezes para afastar as lágrimas. – Agente firme, Shay. Por favor, agente firme.

– Quem faria isso? Ela é apenas uma criança – rosnou Valen, respirando com dificuldade, como se estivesse fazendo o melhor que

podia para controlar sua raiva.

Cerrei os dentes, incapaz de responder; não por medo de cair em lágrimas, mas devido à raiva que fervilhava em minhas entranhas. Esse era um daqueles momentos em que eu desejava ser um tipo diferente de bruxa. Uma bruxa da luz capaz de conjurar um feitiço de cura, algo para combater a maldição. Poderia até mesmo invocar um demônio e fazer um acordo com ele se isso significasse que minha irmã ficaria bem. Eu lhe daria *qualquer coisa*.

Todavia, como uma bruxa estelar, não podia fazer nada além de observar sua saúde se esvaír. Minha magia não curava. Era inútil.

Amaldiçoar uma criança pequena, alguém sem o conhecimento e os meios para se defender, tinha sido um ato covarde. Quando eu encontrasse o maldito que fizera isso, cabeças voariam.

– Chegamos.

Meus lábios tremiam enquanto assentia, pois minha voz falhara.

Valen estacionou no meio-fio em frente ao Hotel Crepúsculo. Era um espaço reservado para os hóspedes, mas quem se importava.

Pulei do carro, bati a porta atrás de mim e corri para o outro lado. O gigante já estava lá, puxando Shay para seus braços.

Sem dizer uma palavra, galopei até a porta da frente e a abri enquanto Valen passava.

– Shay? – Elsa atravessou o saguão e veio correndo até nós. – O que aconteceu com ela?

– Acho que foi amaldiçoada – falei com o coração batendo tão forte que temi ter um ataque cardíaco. – Pode chamar Polly? Vamos levá-la para cima.

– Eu vou buscá-la – disse Jade, aparecendo momentos depois. Fiquei olhando enquanto ela corria para a cozinha.

– Leana? O que está acontecendo aqui? – Basil veio andando em nossa direção. – Por que você está fazendo uma cena?

– Leve-a para o elevador – instruí Valen assim que o gerente se juntou a nós.

– Os hóspedes estão olhando – sibilou ele, espiando por cima do ombro e dando um sorriso falso para um grupo de curiosos que fitava a menina nos braços do gigante.

Eu gostava de Basil; ele era um bom chefe, mas, se ficasse no nosso caminho, eu perderia a cabeça. Estava com as emoções à flor da pele. Você não pode me culpar pelo que poderia fazer.

– Basil – disse Elsa, entrelaçando o braço no do gerente. – Eu queria lhe mostrar um defeito no carpete. Receio que seja muito desagradável.

– Um defeito? Bem, não posso aceitar isso – disse o bruxo, afastando-se com ela.

Quando me virei, Valen estava nos elevadores. Corri para me

juntar a ele.

– Como ela está?

– Não está acordando – respondeu.

Eu ainda podia sentir olhos sobre nós, mas não me importei. Naquele momento, só havia eu, Shay e Valen. Nada mais importava.

– O que aconteceu com ela?

Me virei e encontrei Jimmy caminhando em nossa direção.

– Foi amaldiçoada – falei, vendo seus olhos se arregalarem com minhas palavras. O gerente assistente sabia tudo sobre maldições, pois tinha vivido com uma por décadas. – É o que acho. – Engoli em seco e acrescentei – Jade foi buscar Polly. Espero que ela possa ajudar.

– Polly é incrível. Vai dar certo – disse Jimmy, contudo, não me senti muito confortada. Afinal, a curandeira não tinha conseguido remover sua maldição.

Afastei esse pensamento, não era o momento de duvidar de suas habilidades.

Com um tilintar, as portas do elevador se abriram.

– Diga a Jade e a Polly que subimos. Jimmy?

Ele olhava fixamente para algo, com os dentes cerrados, enquanto uma mescla de ódio e medo se refletia em seus olhos.

– Jimmy? – Segui seu olhar. Ele estava encarando uma mulher magra e loira. Eu a reconheci. – Você conhece a Sra. Barclay?

Ela nos observava fixamente, exibindo um sorriso no rosto.

– Essa não é a Srta. Barclay – disse Jimmy ao voltar sua atenção para mim. – É Auria, a feiticeira que me amaldiçoou.

Senti como se alguém tivesse jogado um balde de gelo em meu rosto. Meu sangue esfriou.

Me virei e olhei para Valen.

– Leve Shay para cima. Eu já volto.

Ouvi ele chamar por mim, mas sua voz se perdeu no ruído branco que preenchia meus ouvidos. Mantive o foco em Auria, observando-a sorrir enquanto se virava e seguia em direção às portas da frente, sumindo entre os muitos hóspedes dispersos naquele instante.

Acelerei, impulsionada pela adrenalina e pelo temor de perder minha irmã. Alcancei as portas, as abri e fui para a calçada.

– Auria! – gritei, girando e procurando a feiticeira.

Infelizmente, não havia sinal da mulher.

Ela tinha ido embora.

CAPÍTULO 19

— Quando foi que notou a mudança em Shay? – perguntou uma mulher bondosa de bochechas vermelhas. Seu cabelo loiro estava cuidadosamente escondido sob um gorro de lã. Ela geralmente exibia um rosto sorridente, porém, no momento, sua expressão estava cuidadosamente cautelosa.

– Hã... – Olhei para minha irmã, deitada, imóvel, no sofá, com a pele pálida e a respiração superficial. – Quando a vi nos degraus da escola. Parecia que ela estava com febre.

– Antes não? – Polly, a curandeira e chefe de cozinha do hotel, enfiou as mãos nos bolsos do seu avental branco e manchado, esticando os botões até o limite, e tirou o que parecia ser um pequeno frasco de pomada. Ela girou a tampa e espalhou a substância branca, parecida com um creme, na testa de Shay. Seus lábios se moveram em um feitiço, e a magia alterou meus sentidos.

– Não. Estava bem esta manhã. Eu não a teria deixado lá se achasse que estava mal. Ela não parecia doente. Fomos juntas até a escola. Shay estava normal.

Meus olhos encontraram Valen parado à minha frente. Seus braços grandes e musculosos estavam cruzados sobre o peito largo, e seu rosto estava distorcido em uma máscara de medo e raiva. Ele a amava, assim como eu. Podia ver o tumulto de emoções por trás de seus olhos escuros. Não precisávamos trocar palavras para saber que estávamos sentindo a mesma coisa.

– Bem, isso nos dá uma janela de tempo – disse Polly. – Você disse que chegou à escola dela às nove, e Valen recebeu a ligação por volta das onze e meia, ou seja, Shay foi enfeitiçada ou amaldiçoada durante esse tempo.

– Isso significa alguma coisa? – Minha voz saiu um pouco áspera.

A paranormal me encarou com uma expressão vazia.

– Significa que a pegou nos estágios iniciais.

– E isso é bom?

– Sim, nos dará mais tempo para resolver as coisas antes... que a magia se aprofunde e Shay piore. Quanto mais fraco o corpo dela estiver, mais difícil será curá-la. Portanto, precisamos agir rápido.

Assenti, piscando rapidamente. Minha garganta ardia enquanto eu tentava engolir.

– Tudo o que você precisar, é só me dizer. Apenas... por favor,

ajude minha irmã. – A última palavra saiu como uma súplica. A ideia de perdê-la era muito difícil.

A imagem do sorriso vitorioso de Auria, agora mesmo no saguão, surgiu em minha mente. Ela tinha vindo para ver seu trabalho em ação, para se alegrar com minha reação. A mulher queria que eu soubesse que fora obra sua.

Assim que Shay estivesse bem e estável, iria caçar aquela feiticeira. Quando acabasse com ela, a maldita amaldiçoaria o dia em que encostara o dedo na menina.

Uma mão apertou meu ombro.

– Não é culpa sua, Leana – disse Jade.

– É, sim. Auria a amaldiçoou por minha causa. – Se Shay morresse, a culpa seria *minha*.

– Não. Foi culpa minha – disse Jimmy, do outro lado. – Se não tivesse ido atrás dela por causa daquele livro, nada disso estaria acontecendo. Se quer culpar alguém, culpe a mim.

Fitei-o, vendo dor em suas feições.

– Isso não é culpa sua.

– E nem sua – disse ele.

– A culpa é da maldita feiticeira – disse Elsa, dando a volta no sofá para ver melhor Shay.

O único que faltava em nosso grupo era Julian. Ele provavelmente estava com Cassandra. Estaria aqui se soubesse que algo havia acontecido.

Polly passou a última gota da pomada e enfiou o frasco no bolso.

– O que isso faz?

Ela manteve os olhos fixos na menina.

– Dirá com que tipo de maldição ou feitiço estamos lidando. Shay terá mais chances se soubermos o que a feiticeira fez.

– Mas como ela conseguiu amaldiçoá-la na escola? – Envolvi meus braços ao redor do meu corpo, tentando acalmar meu coração. Não deu certo. – Pensei que o local fosse protegido contra esse tipo de coisa. Alguém a teria visto, não? Ninguém disse nada sobre a Sra. Barclay ter enfeitado minha irmãzinha.

– Bem – disse Polly, respirando profundamente. – Se eu fosse adivinhar, diria que provavelmente colocou o feitiço ou maldição em algo que Shay tocou ou ingeriu. Pode ter sido um objeto tão mundano quanto um copo de suco ou até mesmo uma caneta. A magia teria sido transferida sem alertar a equipe, sem que ninguém soubesse até que ela começasse a apresentar sinais.

Esfreguei meus olhos.

– Se eu a tivesse impedido de ir para aquela escola, ela estaria bem. Por que tive que forçá-la? Nunca deveria tê-la perdido de vista. Por que fiz isso?

– Você não pode se culpar por isso. – Valen me observou. – Auria teria encontrado outra maneira de chegar até Shay.

– Ele tem razão – disse Jimmy. – Ela é engenhosa, se não louca. Teria encontrado outra maneira de amaldiçoá-la, acredite. A escola foi apenas um meio para um fim.

Fiquei olhando para os lábios cinzentos de minha irmã, lutando contra um soluço que ameaçava escapar. Ajoelhei-me ao lado do sofá e peguei sua mão pequena e gelada. Quando olhei de volta para seu rosto, a pomada em sua testa havia mudado de cor e ficado preta. E eu podia ver pequenas manchas amarelas.

Fitei Polly.

– Está preto e amarelo. O que isso quer dizer?

A curandeira olhou para mim. A preocupação cruzou sua expressão.

– Amarelo significa que é uma maldição.

Isso eu já sabia.

– E o preto?

– A maioria dos bruxos e, nesse caso, das feiticeiras, usa tais feitiços com o propósito de causar infortúnio e danos a uma pessoa – respondeu. – Isso me parece ser a Marca da Morte, uma das maldições mais difíceis de realizar e a mais mortal.

– Parece? Mas que diabos? – Olhei fixamente para a curandeira. – O que quer dizer com isso? É ou não é? É melhor não me dizer que não há cura ou contramaldição.

Polly me encarou e, pelo movimento de sua boca, percebi que estava lutando com o que estava prestes a me dizer.

– Um contrafeitiço para a maldição da Marca da Morte é raro. Não conheço ninguém que tenha sobrevivido a esse ataque.

– Raro, mas não impossível, certo? – Eu ia estrangulá-la com seu próprio gorro se ela dissesse que não havia nada que pudéssemos fazer para salvar minha irmã.

A curandeira baixou os olhos.

– Auria é conhecida por conjurar maldições complexas. Ela usa elementos que a maioria das bruxas nunca ouviu falar. Eu disse que se *parece* com a maldição da Marca da Morte porque é a verdade, contudo, também vejo que há diferenças. Ela foi alterada. Ajudaria se eu soubesse quais elementos a mulher usou. Auria é uma feiticeira talentosa e poderosa. Não tenho certeza se...

– Não diga! – gritei. – Nem ouse! – Eu estava prestes a perder a cabeça.

– Estou dizendo que Auria é poderosa – continuou, fitando-me com cautela. – As maldições são seu forte, o que faz de melhor. Veja o que ela fez com Jimmy. Não conseguimos quebrar o feitiço até que você descobrisse o que ela tinha usado.

Algo me ocorreu. Levantei-me, corri para o meu antigo quarto, fui até a cômoda, abri a primeira gaveta, peguei um livro e corri de volta.

– Aqui – falei, entregando-o a Polly. – Este é o grimório que roubei dela. Foi nele que encontramos a contramaldição para Jimmy. Deve haver algo sobre a maldição da Marca da Morte.

– O livro dela! – Elsa bateu palmas. – Esqueci que você ainda o tinha.

Tanto Elsa quanto Jade encararam Polly com expressões esperançosas no rosto. A paranormal pegou o livro e se afastou para poder folheá-lo. Era isso. Se alguma coisa poderia nos dizer o que aquela feiticeira horrenda usava, seria o seu próprio grimório.

Depois do que pareceu uma eternidade, a curandeira voltou. O livro de maldições estava aberto em seus braços.

– A Marca da Morte não está aqui.

– O quê? É impossível! – Fui pegá-lo dela, mas Polly o afastou.

– Não é – disse, praticamente rosnando. Ela me encarou até eu abaixar minhas mãos. – Auria deve ter criado a maldição recentemente. Se este é o seu antigo grimório, é provável que tenha um novo.

Meu coração se partiu. Senti que a pouca esperança que eu tinha se esvaía.

– Então... – Não consegui dizer que esse seria o fim de Shay...

– Deixe-me tentar.

Todos nós olhamos para Valen.

– Pode não ser o bastante, mas talvez eu consiga aliviar a febre e eliminar um pouco da sua dor – disse.

Meu peito se contraiu.

– Qualquer coisa, por favor. Por favor, ajude-a.

O silêncio tomou conta da sala enquanto todos nós observávamos o gigante se ajoelhar ao lado do sofá. Ele respirou fundo e colocou a mão direita sobre a testa pálida de Shay.

Prendi a respiração, sem saber por que, enquanto Valen fechava os olhos, com as sobrancelhas franzidas em concentração. Um brilho suave e dourado emanava de sua mão, sua magia de cura, a mesma que havia usado em meu tornozelo.

Sem saber o que esperar ou quanto tempo isso levaria, aproximei-me até que meu joelho tocou o sofá, enquanto observava o rosto de minha irmã.

Contudo, depois de um minuto ou mais, não vi nenhuma mudança. Ela ainda parecia muito doente.

Valen soltou um suspiro e se inclinou para trás. Observei uma gota de suor deslizar pelas laterais de suas têmporas, como se ele tivesse comido algo extremamente picante ou tivesse sido drenado de grande parte de sua energia.

Ainda assim, Shay não parecia diferente.

– Funcionou? – perguntou Jade, tirando as palavras da minha boca.

Minha garganta se contraiu. Valen havia tentado e falhado.

– Acho que não. Ela parece igual. – Meu coração parou. – Espere um segundo... a pele dela está recuperando a cor.

Realmente, as bochechas pálidas de Shay, quase cinzentas, passavam por uma transformação gradual, tornando-se lentamente rosadas. A próxima coisa que notei foram seus lábios, que também voltaram à cor rosada.

Então, suas pálpebras se agitaram e se abriram.

CAPÍTULO 20

– Shay? – Eu me inclinei, quase passando por cima de Valen em minha tentativa de me aproximar. – Como está se sentindo?

Ela franziu a testa.

– Estou bem, eu acho. Por que está me encarando desse jeito? – Seus olhos percorreram a sala. – O que estou fazendo aqui?

Passei os braços ao redor de seu pescoço antes que pudesse me conter e a abracei. Ainda não tínhamos definido se seríamos do tipo que se abraça, mas não me importava. Tudo em que conseguia pensar naquele momento era que ela estava viva. E que o gigante a havia curado.

– Não consigo respirar – disse contra minha cabeça.

– Desculpe. – Eu me afastei e a soltei, enxugando rapidamente a única lágrima que havia escorrido do meu olho direito. Então, me virei e ataquei Valen com minha boca.

Eu o beijei profundamente, com paixão. Tentei lhe dizer tudo o que sentia por meio daquele toque – a gratidão, o desespero, o amor. O gigante me beijou de volta com entusiasmo. Todas aquelas emoções reprimidas estavam me deixando tonta e um pouco louca. Queria arrancar suas roupas e pular em cima dele agora mesmo para mostrar-lhe o quanto apreciava o que tinha feito. Valen apertou minha cintura, e eu soube que entendia exatamente o que eu estava pensando. Pensamentos muito, muito perversos.

– Eca. Arrumem um quarto – disse Shay.

Eu me afastei e ri.

– Você está bem! Está bem! – Olhei de relance para Valen. – Como? Eu... Obrigada.

O gigante sorriu, e foi então que notei as olheiras sob seus olhos. Ele parecia um pouco pálido.

– Eu faria qualquer coisa por essa garotinha.

Um grande soluço me fez virar de joelhos. Testemunhei Elsa e Jade chorando copiosamente enquanto se abraçavam.

– O que aconteceu? – Shay se levantou e se sentou no sofá. Ela me encarou, e pude ver um pouco de preocupação em seus grandes olhos verdes.

– Você foi amaldiçoada – falei, enquanto a culpa me atingia como uma marreta. – Foi a Srta. Barclay. – Ao ver sua expressão carrancuda e o protesto que viria a seguir, acrescentei – Ela não é quem pensa que

é. A mulher é uma feiticeira.

– Uma feiticeira maligna – disse Elsa, assoando o nariz com um lenço de papel.

– Seu nome verdadeiro é Auria – falei. – Ela amaldiçoou Jimmy há muitos anos, transformando-o em um cão de brinquedo de madeira. Ele não podia sair do hotel. Não até que encontramos a contramaldição e o salvamos.

Shay piscou e olhou para Jimmy.

– Espere. Você era um brinquedo?

Ele lhe deu um sorriso.

– Sim. Um beagle de madeira.

Ela deu de ombros.

– Legal.

Levantei-me e sentei-me ao seu lado.

– A questão é que Auria é maligna, perigosa e vingativa.

– Mas por que iria querer me amaldiçoar? – perguntou. Sua voz ficou trêmula, e eu soube que a informação a havia perturbado.

Suspirei fundo.

– É uma vingança por eu ter quebrado a maldição que usou em Jimmy. E também porque dei uma surra nela. Auria quer me machucar – acrescentei, sabendo que era verdade. – Tirei algo seu, agora ela tentou tirar algo de mim.

Shay olhou para os dedos.

– Mas eu estou bem, né? Não estou mais doente, não me sinto mal.

Sorri.

– Não. Graças a Valen. – Meus olhos se voltaram para o gigante novamente, e meu coração se encheu com a emoção que cruzou suas feições. – Você está bem.

– Isso não é exatamente verdade – disse Polly.

Virei a cabeça para trás e meu sorriso desapareceu ao ver a expressão preocupada no seu rosto.

– Do que está falando? Olhe para ela, Shay está bem. Está acordada e parece saudável. – Eu podia sentir uma certa irritação. Minha irmã já havia passado por muita coisa. Não queria que a curandeira a assustasse.

Polly se aproximou e tocou a testa da menina.

– A febre dela baixou. – Em seguida, tirou do bolso do casaco um instrumento que parecia um monitor de pressão, pegou o braço de Shay, enrolou uma parte plana em volta dele e começou a bombear. Depois de um momento, retirou o aparelho e voltou seu olhar para o gigante. – Você andou escondendo essa magia de mim – acusou com um sorriso.

Valen soltou uma risada baixa enquanto se levantava.

– Não tinha certeza se ajudaria.

– Ajudou.

– E? Ela está bem, não está? – Olhei para Shay, com o peito apertado novamente. Ele ficou ainda mais apertado quando Polly não respondeu de imediato.

– Sei que parece bem para você – falou depois de um momento. – E provavelmente se sente bem, mas não está.

Cerrei os dentes.

– O que quer dizer?

– Estou dizendo... – Polly exalou. – Que a magia do gigante eliminou sua febre e a maior parte da doença, assim como lhe deu um pouco de energia, mas é apenas temporário. A maldição ainda está presente. Ainda está muito viva em seu corpo.

Senti como se tivesse acabado de me dar um soco no estômago.

– Então, ela vai ficar doente de novo? Shay vai... – Não consegui dizer as palavras.

Peguei a mão da menina e, dessa vez, ela não tentou puxá-la. Sua palma estava quente, nada parecida com a temperatura de antes. Parecia normal, saudável. Talvez a curandeira estivesse errada, contudo, a vizinha dentro da minha cabeça me dizia que ela estava certa.

Se essa maldição fosse parecida com a de Jimmy, minha irmã precisaria de uma contramaldição, não apenas da magia do gigante.

– Talvez – respondeu Polly. – Feitiços como esse são complexos, e os de Auria são ainda mais.

Os olhos de Shay ficaram marejados enquanto mantinha o foco em suas pernas. Eu sabia que ela estava lutando contra as lágrimas. Droga.

Apertei sua mão gentilmente.

– Nós vamos resolver isso. Não se preocupe. Eu prometo.

Piscando rapidamente, a menina apenas deu de ombros. Felizmente, não se afastou. Isso mexeu com minhas emoções, que já estavam por um fio.

Olhei para a curandeira.

– Quanto tempo falta para voltar a ter efeito total? – O que eu realmente queria saber era quanto tempo Shay ainda tinha de vida, mas não podia usar essas palavras, não na frente dela.

– Bem – disse, enfiando as mãos nos bolsos da frente –, eu diria que, considerando o que está em jogo, o nível da maldição e também a julgar pela cor de sua pele, a perda da febre, sua pressão arterial estável... não mais do que vinte e quatro horas.

Meu coração deu um salto. Que bom! Era melhor do que eu esperava.

– Me diga do que precisa. O que preciso fazer para eliminar essa maldita coisa?

Polly olhou para mim.

– Sem conhecer os verdadeiros elementos da maldição, a única maneira de salvar sua irmã é fazer com que Auria lhe diga *o que* usou. Então, poderemos removê-la.

– Ela nunca vai me contar. – Foi exatamente isso que aconteceu com Jimmy.

Polly assentiu.

– Não, não vai. Pelo menos não por vontade própria. Você terá que obrigá-la.

– Não tenho nenhum problema com isso. Já lhe dei uma surra, posso dar outra.

Obviamente, eu era impotente durante o dia, mas, como a curandeira dissera, tinha vinte e quatro horas, mais ou menos. Poderia esperar o pôr do sol e, então, o traseiro da velha vadia seria meu.

– Leana – Jimmy estava com uma expressão estranha no rosto –, não notou algo diferente em Auria?

Ponderei por um momento.

– Sim, ela está bem mais jovem. – Foi por isso que a Sra. Barclay me pareceu tão familiar. Porque eu estava olhando para a feiticeira, uma versão mais jovem dela. – Não posso acreditar. Pensei que fosse uma professora. Nem de longe se parecia com a mulher que conheci. Nenhuma cirurgia plástica poderia fazer *aquilo*.

– Exatamente – disse Jimmy. – Quando lutou com ela, Auria era velha, certo? Foi isso que me disse.

– Ela parecia mais uma múmia, como se suas cinzas estivessem prontas para serem levadas pela brisa. Por quê?

– Não sei como, mas encontrou uma forma de rejuvenescer – falou em um tom preocupado. – Não é mais uma velha e frágil feiticeira.

Levantei uma sobrancelha.

– Nunca pensei que ela fosse frágil, apenas que cheirava mal. – Franzi o nariz, lembrando-me do aroma desagradável. Era bem nojento, como se a mulher não tivesse tomado banho desde os anos sessenta.

– Você não está escutando. – Jimmy me encarou com firmeza. – Ela estará muito mais poderosa do que antes. Voltou ao seu auge. Auria era exatamente assim quando... – Ele hesitou, com o rosto sério, provavelmente relembrando algo sombrio. – Quando me amaldiçoou.

– E nós *desamaldiçoamos* você. Ela não é invencível. Ninguém é. – E eu ia provar isso. Não ia desistir de procurá-la. Eu a encontraria e *faria* com que me contasse o que havia usado em Shay.

– Precisa ficar atenta – disse o gerente assistente, com um tom de voz preocupado. – Não se deixe enganar. Lembre-se de que ela é uma mentirosa que adora fazer joguinhos.

– Pode deixar.

– Nós vamos ajudar. – Jade apontou para si mesma e, depois, para Elsa. – Vamos com você. E, antes que diga qualquer coisa, nada irá nos impedir.

– Sim – concordou a outra bruxa. Eu lhe dei um sorriso caloroso, bem, o mais caloroso que pude. – Podemos criar uma distração enquanto você se concentra na vadia.

Levantei as sobrancelhas.

– Pode apostar que eu vou. Tudo bem – acrescentei com um sorriso presunçoso, feliz que elas viriam comigo. Se o que Jimmy disse fosse verdade, poderia usar o apoio. Olhei de relance para minha irmãzinha. – Vai ficar bem sem mim por um tempo? Ainda não vou embora, só daqui a algumas horas.

Shay me deu outro de seus encolhimentos de ombros característicos.

– Sim.

Odiava ter que deixá-la, principalmente quando estava infectada por uma maldição, mas não tinha escolha. Se quisesse salvá-la, teria de encontrar a feiticeira e os elementos usados no feitiço.

– Você vai nos levar? – perguntei a Valen.

O gigante abriu a boca, mas Polly o interrompeu.

– Ele fica aqui – ordenou, e todos nós olhamos para ela. Quando fitei Valen, ele não pareceu surpreso. – Preciso da sua magia de cura. Ela impedirá que Shay... Manterá a maldição sob controle. – A paranormal encarou o gigante. – Pode fazer isso?

Ele olhou para a menina quando disse:

– Qualquer coisa por essa pequena.

Um sorriso se estendeu no rosto de Shay, o primeiro que vi em um bom tempo. Pelo menos Valen estaria com ela. E eu sabia que a protegeria como se fosse sua própria filha.

Isso me deu o conforto e a força de que precisava para chutar a bunda fedorenta da feiticeira.

Prepare-se, Auria. Estou chegando.

CAPÍTULO 21

A ponte de Manhattan estava exatamente como lembrava de ter visto da última vez em que estivera aqui, alguns meses atrás – vasta, imponente e tranquila. Estávamos na Cherry Street, sob o céu noturno. O sol havia desaparecido assim que chegamos de táxi. Estava escuro, o que era perfeito.

– É aqui que ela mora? – Jade olhou para o píer e para as ruas vizinhas, com as mãos no par de patins que pendia de seu pescoço como um cachecol.

– Por quê? Não é o que esperava? – Olhei por cima do ombro, certificando-me de que não havia humanos por perto.

– Não sei. Meio que havia imaginado que ela morava em uma cabana com uma fogueira no meio, cantando e rabiscando suas maldições.

Elsa riu.

– Ela é um troll, merece viver embaixo de uma ponte. Ah! Veja. Tem uma porta.

Segui seu olhar e vi o contorno de uma porta entalhada na pedra, exatamente como antes. Porém, dessa vez, a mulher não se preocupara em escondê-la com um feitiço, algo do qual não gostei.

Olhei para minhas amigas.

– Fiquem atentas. Ela não é uma simples feiticeira. – Não, era uma fedorenta.

Elsa olhou para Jade antes de responder.

– Podemos nos virar. Temos o poder dos elementos. Não precisa se preocupar conosco.

– Está bem. – Olhei para trás, em direção à porta, quando canalizei minha magia estelar. – Cuidado com as armadilhas – falei, dando um passo em direção ao píer de pedra.

– Acha que ela sabe que estamos vindo? – perguntou Elsa, que esfregava seu medalhão como se esperasse que um gênio pudesse aparecer e ajudá-la.

– Sim – respondi. – Auria sabe.

Ela *queria* que eu a visse no saguão do hotel para que pudesse se gabar. Sabia que eu acabaria voltando aqui.

– Então, o que está dizendo é que estamos caindo em uma armadilha? – As luzes azuis no cabelo de Jade refletiram ao luar.

– Muito provavelmente. Se quiser, pode esperar aqui fora.

– De jeito nenhum – respondeu, parecendo determinada. – Quero pegá-la tanto quanto você. Eu amo Shay. Todos nós amamos. A mulher merece pagar pelo que fez. Além disso, tenho uma conta pessoal para acertar com ela. – A bruxa ergueu as sobrancelhas. Eu sabia exatamente o que estava insinuando. Jade se referia a Jimmy.

– Que bom que se sente assim. Vamos lá. – Colocando meu ombro contra a porta e usando meu peso, abri-a e entrei.

Estávamos no mesmo corredor curto com teto baixo que eu recordava. O ar estava impregnado com uma magia familiar – a magia de Auria. Não era intensa, parecia mais com um eco de seu poder, embora ainda presente. Seria essa a primeira armadilha? Não parecia uma maldição. Não querendo correr riscos, canalizei minha luz estelar. Uma energia pulsante percorreu minha pele enquanto a magia dançava sobre mim. Disparei um feixe brilhante, inundando o corredor e dissolvendo a escuridão.

Agucei meus sentidos em busca de uma maldição, um feitiço, qualquer coisa. Minhas luzes estelares não conseguiram detectar nenhum. Estranho, mas isso não significava que não houvesse alguma armadilha. Talvez elas só não pudessem detectá-la ainda.

– Que cheiro é esse? – Jade levou a mão à boca, parecendo prestes a vomitar.

Elsa teve uma reação semelhante, evidenciada pela careta e pelo leve rubor em seu rosto, que sugeriam que estava prendendo a respiração.

– Isso, minhas amigas, é o fedor de Auria – falei, tentando respirar pela boca. Logo me arrependi, eu praticamente podia sentir o gosto em minha língua.

O lugar cheirava a mofo, xixi de gato e outras coisas mais nojentas em que preferia não pensar. Franzindo o nariz, caminhei pelo corredor de terra batida, que estava parcialmente iluminado pelas chamas brilhantes de algumas tochas na parede.

– Para que lado? – perguntou Elsa, parecendo desejar ter ficado no hotel, onde o ar era limpo.

Eu ri.

– Siga o fedor.

– Isso é *tããã* nojento. – Jade encostou a mão na parede de pedra e a afastou, esfregando algo entre os dedos. – Parece que ela não é fã de limpeza.

Elsa tossiu.

– Parece que não é fã de tomar banho.

Cerrei os dentes para não rir. Isso era sério. Eu precisava me concentrar. Além disso, mais cedo ou mais tarde, nos acostumaríamos com o cheiro. O que isso dizia sobre nós?

Continuamos a andar em silêncio. Eu tinha a sensação de que

minhas amigas não queriam falar para que o odor fétido não entrasse em suas bocas. Abaixei-me sob uma teia de aranha e continuei, segurando minhas luzes estelares o tempo todo. Enviei outra explosão de magia, procurando por algo frio e estranho. E, mais uma vez, minhas luzes estelares não sentiram nada além das paredes e da vibração da terra sob nossos pés.

O piso se elevava, levando a uma câmara maior. Deixei que um jato de minhas luzes estelares penetrasse o cômodo, iluminando uma pequena cozinha com uma mesa coberta por velas derretidas, caldeirões e um colchão manchado e encostado na parede mais distante, ao lado de estantes abarrotadas de livros.

O lugar estava exatamente igual a antes, exceto por um detalhe importante.

Auria, a feiticeira, não estava aqui.

– É aqui? – perguntou Jade. – Esta é a casa dela?

Soltei minhas luzes estelares.

– Sim. – Uma espessa camada de poeira cobria as prateleiras repletas de uma variedade de frascos contendo itens suspeitos. – Adoro o que ela fez com o lugar.

– Onde fica o banheiro? – Jade olhou ao redor da câmara.

– Está pisando nele.

– Ah! – gritou, sacudindo as mãos e as pernas como se tivesse pisado em um formigueiro.

Elsa a agarrou e a puxou de um lado para o outro.

– Já terminou? Nós estamos em uma missão.

Eu não chamaria exatamente de missão, mas quem se importava?

– Tá. Tá. – Jade tirou o cabelo dos olhos. – Vou precisar tomar banho com alvejante quando voltarmos.

Apesar de Elsa não ter feito nenhum comentário, seus olhos estavam voltados para seus tamancos, sugerindo que talvez desejasse ter usado suas botas de borracha.

– Ela não está aqui – falei, olhando ao redor. – Realmente pensei que estaria.

– Nós também – disse Elsa. – O que você acha que isso significa?

– Não faço ideia. – Jimmy havia dito que Auria gostava de fazer jogos. Talvez esse fosse o início de um deles. Fiquei olhando para a longa mesa coberta por livros e velas derretidas. – Rápido. Procure um grimório.

Corri para a mesa enquanto Jade e Elsa seguiam até as estantes altas e abarrotadas de livros.

– Como ele se parece? – Jade pegou um livro antigo, e as páginas caíram quando ela o abriu.

– Não sei. Procure algo que tenha maldições escritas. – Peguei um livreto com uma capa de couro vermelho brilhante. Parecia novo.

Novo o suficiente para ser seu novo grimório? Com o coração batendo forte, eu o abri. Cadáveres de borboletas e mariposas mortas se espalharam. – Que nojo.

Depois do que pareceram horas, havíamos percorrido cada centímetro daquele covil e não tínhamos encontrado nada.

Limpei minha testa com as costas da mão.

– Ela removeu todos os seus livros mágicos. Deve tê-los levado consigo.

Entrei em pânico. Auria não estava aqui, nem seu grimório. E agora? Como eu poderia encontrar os ingredientes da maldição? Meu coração disparou. Eu não podia entrar em pânico agora.

Jade exalou.

– Bem, isso foi um fracasso. – Ela abriu caminho em uma montanha de trapos e obras velhas.

Elsa pareceu perceber minha preocupação.

– Não se aflija. Nós a encontraremos. Se for preciso, procuraremos em toda a cidade.

– Sim – suspirei, com a tensão me envolvendo intensamente. – Acho que talvez tenhamos que fazer isso.

– Vamos tomar um pouco de ar fresco antes que eu desmaie – sugeriu. Gotas de suor se formavam em sua testa e em seu lábio superior.

– Boa ideia.

Fizemos o caminho de volta. Os sons dos nossos passos ressoavam à nossa volta, mas eu mal conseguia ouvi-los. Estava ocupada demais tentando pensar onde Auria poderia estar. Por que ela teria aparecido no hotel se não fosse para me provocar? Meu instinto me dizia que queria que eu a encontrasse, o que significava que ela deveria estar em algum lugar que eu *pensaria* em procurar.

Então, me dei conta.

– A escola. Ela está na escola. – É claro que estava. Por que não tinha pensado nisso antes?

As duas bruxas pararam bem diante da porta que dava acesso ao ar fresco.

Elsa olhou para mim com uma sobrancelha levantada.

– Então, vamos buscá-la.

Sorri, feliz por elas estarem comigo. Isso tornava as coisas menos entediantes. Há um ano, nunca teria imaginado trabalhar em um caso com outras bruxas. Agora, não conseguia me ver sem elas.

Sentindo uma onda de animação, abri a porta e praguejei.

Lá, no meio da Cherry Street, estavam três vultos encapuzados. Magia verde escorria de suas mãos. Bruxos das trevas.

O que estava no meio deu uma tragada em seu cigarro. Clive Vespertine.

Interessante.

CAPÍTULO 22

Saí do covil de Auria, com Jade e Elsa logo atrás de mim. A escuridão nos envolvia. As três figuras encapuzadas permaneceram nas sombras, com seus corpos ocultos por longas capas escuras. Suas auras e o som da magia que emanavam indicavam que não eram humanos, além dos raios verdes que serpenteavam em torno de seus dedos.

Jade enrugou o rosto como se tivesse chupado um limão.

– Aquele é...

Sorri.

– Clivy. Meu fumante favorito.

O investigador franziu a testa, mas não disse nada.

– Ah, ótimo, era exatamente o que precisávamos. Mais problemas – murmurou Jade.

– Que diabos ele está fazendo aqui? – sibilou Elsa. – Pensei que não seria mais um problema. Achei que você e Valen tinham cuidado dele.

– Parece que não fizemos um bom trabalho – respondi, embora estivesse *realmente* curiosa para saber por que o bruxo estava aqui. Achei que tínhamos deixado claro que ele deveria ficar longe de mim e da minha irmã. Pigarreei. – Você está me seguindo novamente? – indaguei. – Que pervertido.

Clive saiu da escuridão e jogou sua bituca no chão.

– Você sempre foi um grande porco. – Isso realmente me incomodava. O cara agia como se o mundo inteiro fosse seu cinzeiro.

Pelo canto do olho, vi Jade se ajoelhar e calçar um de seus patins.

O bruxo fumante franziu os lábios.

– Achou que poderia atacar e sequestrar um investigador do Conselho das Sombras sem nenhuma repercussão?

– Basicamente, foi o que pensei.

Os outros dois bruxos riram e, quando um deles se mexeu, notei uma barriga particularmente grande saindo de sua capa. Eu a reconheceria em qualquer lugar. Era o Barriga de Chope do ritual de ontem à noite. E, se tivesse que adivinhar, diria que a outra figura pertencia à paranormal que também conhecera lá.

– Bem, você estava errada – disse Clive, olhando para a rua. – E, agora, vai pagar pelo que fez comigo. – Seu tom estava carregado de malícia, fúria e um pouco de... humilhação. Do bolso de sua capa, ele

tirou uma caixa de metal plana e um cigarro. O investigador o levou aos lábios e acrescentou – Tirei sua licença de Merlin.

– Notei.

– Isso é poder. Controle. Algo que você não tem. – Clive o acendeu. A ponta ficou vermelha quando ele deu uma baforada e, depois, deixou cair o isqueiro e a caixa dentro de sua capa.

– Controle. – Dei uma risadinha. – É disso que chama o fato de ter me contado informações ultrassecretas? Você não tem controle sobre essa sua língua. E olha, falou muita coisa. Quando começou, não conseguiu mais parar. Ficou tagarelando pelos cotovelos...

– Você usou uma substância *ilegal* em um oficial do conselho – esbravejou. A luz da rua refletiu sobre a veia que latejava em sua testa.

– Pensei que fosse um investigador – retorqui, fazendo Jade rir.

A atenção de Clive se voltou para ela, depois, para Elsa.

– O que é isso? Seu reforço? – zombou, e seus dois capangas riram.

– Uma idosa e uma perdedora de meia-idade de patins. – Ele riu mais, assim como seus aliados.

A raiva me invadiu.

– A idade não importa, a menos que você seja um queijo ou um vinho. – Que delícia. Eu poderia comer uma fatia e tomar uma taça agora mesmo.

Clive deu uma tragada em seu cigarro com um sorriso malicioso e um olhar sombrio.

– Não dou a mínima para quem está do seu lado. Se elas interferirem, vão morrer. Assim como você.

Cerrei os dentes.

– Uau. Então, está aqui para me matar? Foi para isso que veio? Pensei que, como membro do Conselho das Sombras que você tanto venera, não estivesse autorizado a tirar uma vida.

– Ah, eu posso. Está nas letras miúdas. – O sorriso que ele me deu foi verdadeiramente cruel. – Posso matar, mas deve ser em legítima defesa. – O bruxo olhou para trás, para seus amigos. – E se houver testemunhas, estou em meu direito.

– Leana – disse Jade. Havia ansiedade em sua voz. – O que quer que façamos?

– Eu não estava planejando fazer vocês lutarem com esses malditos – respondi.

Uma feiticeira não era tão ruim, mas três bruxos das trevas poderiam ser um problema para elas.

Elsa me deu um tapinha reconfortante nas costas.

– Ah, você tem pouca fé, Leana. Não nasci ontem. Talvez tenha algumas rugas a mais do que gostaria, mas isso significa apenas que sou sábia e forte. A juventude não é uma conquista.

– É isso aí, amiga – disse Jade. – Pena que não tenho meu modelador de cachos no momento – acrescentou, com os olhos fixos em Clive. – Adoraria enfiá-lo em sua bunda arrogante.

Eu ri. Realmente não deveria estar rindo. Estávamos prestes a duelar, certo?

– Assim que você sair de cena – continuou Clive, com aquela fúria que nunca saía de seus olhos –, sua preciosa irmãzinha será toda minha.

Meu coração afundou.

– Deixe-a fora disso! – rosnei, dando um passo à frente enquanto uma fúria atravessava minha corrente sanguínea.

Sua gargalhada desencadeou mais uma onda de fúria. Apertei os dentes. Odiava aquele maldito.

O bruxo chaminé estalou a língua.

– Ah, eu a ofendi? Toquei em um assunto *delicado*? Que sensível. Vocês, mulheres, são *tão* emotivas.

Arqueei o quadril.

– Sim, sou emotiva, e você é o idiota cujo traseiro estou prestes a chutar.

Se ele pensava que eu estava tremendo em minhas calças de bruxa, estava enganado.

Apenas a luz dos postes iluminava seu rosto, porém era o suficiente para distinguir seu olhar de reprovação.

– Bem, então... – O investigador apagou o cigarro. – Está pronta para colocar suas habilidades de bruxa em ação? – Ele parecia ansioso enquanto as sombras brincavam sobre suas feições. Seus olhos estavam estreitos e sombrios.

– Pode vir! – respondi, canalizando minhas luzes estelares.

– Foi um erro ter me atacado – disse Clive, levantando as mãos em uma demonstração de magia e poder. – Um erro muito *grande*.

– Aaaah. Estou tremendo de medo – retorqui enquanto balançava a parte superior do corpo, parecendo mais um daqueles bonecos de ar. Precisava melhorar isso.

– Vou gostar de matar você, sua vadiazinha – sibilou Clive.

Fiz uma pistola com os dedos, apontei para ele e pisquei.

– Sim, sou uma vadia, mas não sou para o seu bico.

– Essa foi boa – riu Jade. O ar ao seu redor vibrou com sua magia. Enquanto ela murmurava algumas palavras, uma luz amarela fraca emanava de seus dedos.

Elsa avançou um passo, emitindo sílabas baixas e deliberadas. Seu corpo todo irradiava energia enquanto invocava sua magia branca.

Respirei fundo, usando minha própria magia estelar enquanto me concentrava no bruxo chaminé.

– Não deveria ter ameaçado minha irmã.

Clive balançou a cabeça.

– Posso fazer o que eu quiser. Sou um *investigador* do Conselho das Sombras.

Eu ri. Não pude evitar. Ele fez parecer que era o rei de Nova York ou algo assim, o que era ridículo.

Clive tremeu, não parecendo ter achado graça.

E, então, os bruxos se aproximaram.

Três chamas verdes de magia foram lançadas em nossa direção.

Mas eu estava pronta.

Me esquivei e estendi minhas mãos.

Minha luz estelar interceptou a magia de meus oponentes. Um estrondo fez a terra tremer ao nosso redor quando nossos poderes se chocaram. As bolas de fogo desapareceram, mas quando olhei de volta para Clive, vi que seus lábios se moviam enquanto ele preparava outro feitiço.

O investigador estendeu a palma para frente, e uma onda de poder irrompeu em nossa direção. Lancei outra salva de minhas luzes estelares. Mais uma vez, as magias colidiram e parte do meu poder foi absorvido pelo do bruxo, mas não todo.

Eu rosnei, preparando-me para o próximo ataque. Cambaleei, quase perdendo o equilíbrio, mas me endireitei, com os músculos dos braços tremendo com o esforço. Me mantendo firme apesar da poderosa investida, lancei minhas luzes estelares e avancei, eliminando o restante de sua magia.

Elas o atingiram, lançando-o para trás, a cerca de seis metros de distância. No entanto, o maldito rolou e se levantou. Ele arqueou a sobrancelha e rosnou para mim, evidentemente convencido de que sua magia superava a minha. Mas não era verdade.

Sorri.

– Desculpe, fiquei *emocionada* – disse, formando aspas com os dedos.

Ouvi um barulho de rodas se aproximando, e Jade parou, estendendo os braços.

– Vamos ver o que vocês têm, vadias – disse ela, ampliando meu sorriso. Ter Jade e Elsa comigo era realmente um presente.

O Barriga de Choje pronunciava cuidadosamente palavras em latim, ao passo que uma energia verde escorria de suas mãos. O ar estava impregnado de enxofre, o cheiro da magia negra. Mal tive tempo de piscar quando ele lançou outra bola mortal sobre nós.

– Mexam-se! – gritei.

Nos esquivamos e por pouco não fomos atingidas.

Então, Jade se lançou em seus patins, sussurrando um encantamento enquanto fazia círculos em volta do paranormal.

Ele estendeu as mãos novamente, e uma gavinha de magia verde

vouu em sua direção. Contudo, ela foi mais rápida, fazendo o tiro ir para longe.

A bruxa se abaixou e depois disparou na direção oposta, completando um giro. Em seguida, lançou uma explosão de sua própria magia de fogo contra ele.

O homem gritou o e caiu de costas no chão, desaparecendo sob uma nuvem de chamas mágicas.

Jade sorriu.

– Meia-idade uma ova.

As chamas se dispersaram. O Barriga de Chope se levantou e cambaleou por um momento. Uma espiral de fumaça emergiu de sua capa e de seu cabelo. Ele grunhiu e levantou as mãos, com faíscas de eletricidade dançando entre elas.

Ouvi um grito atrás de mim, e vi Elsa lutando sozinha contra Clive e a outra bruxa.

– Vá – disse Jade, com os olhos fixos no Barriga de Chope. – Eu cuido disso.

Sem dizer mais nada, corri para ajudar Elsa. Clive me viu, fez uma careta e jogou sua magia em mim.

Eu mergulhei no asfalto, expirando bruscamente com o impacto. A esfera de energia verde explodiu no pier de pedra, logo atrás de mim.

Olhei para cima e vi o investigador. Ele soltou uma risada doentia, que parecia muito com a de uma hiena, e voltou sua atenção para Elsa. Ela estava de costas para ele, contra-atacando a outra bruxa com explosões de magia de fogo.

Clive riu para mim. Depois, lançou sua magia nela.

– Elsa, atrás de você! – gritei enquanto me levantava, canalizando minhas luzes estelares.

Ela girou, com os braços erguidos enquanto invocava suas defesas, mas não foi rápida o suficiente.

A magia verde a atingiu em cheio. Seu rosto se contorceu de dor enquanto ela recuava e tombava para trás. O odor de enxofre foi substituído pelo cheiro de carne carbonizada, e minha amiga soltou um grito de dor.

– Seus malditos!

Rosnando como um animal selvagem, minha ira potencializou minha magia até que minha visão foi obscurecida pela ideia de matá-los. Eu estava determinada a incinerar esses malditos.

Me lancei na direção de Clive e o ataquei com minha luz estelar. Um feixe disparou na direção do bruxo chaminé, mas uma parede verde e semitransparente se ergueu sobre ele no momento em que o poder atingiu... sua proteção. Amaldiçoei ao ver que minhas luzes estelares não conseguiam penetrar em seu escudo.

Não esperei nem um segundo, pois sabia que Clive estava ocupado

invocando uma magia forte para mantê-lo erguido. Ele ficaria assim por algum tempo, então, me virei para a outra maldita.

Percebi uma brisa arrepiando os cabelos da minha nuca. A bruxa, vamos chamá-la de Otária, estava invocando sua magia.

– Ah, não, não vai.

Enfurecida, corri, erguendo minhas mãos.

Seus lábios se moveram enquanto ela canalizava sua magia.

O bom da magia estelar era que eu não precisava perder tempo murmurando feitiços e encantamentos. Ela era instantânea e rápida.

Antes que a Otária pudesse terminar seu feitiço, uma bola de luz estelar a atingiu no peito. A mulher soltou um grito de surpresa enquanto cambaleava para trás, com chamas brancas subindo acima de sua cabeça. Ela gritou uma palavra que não consegui decifrar e, depois, caiu no chão. O cheiro de cabelo queimado inundou meu nariz.

– Sua puta maldita – disse uma voz familiar e cruel.

Olhei para cima e vi Clive em minha frente, seus ombros tensos devido à tensão. Ele estava irritado. Ótimo, éramos dois. Agora podíamos brincar.

Vi de relance Jade parando ao lado de Elsa e ajudando-a a se levantar. O Barriga de Chope, o bruxo com quem estivera lutando, estava caído e parecia que não ia se levantar tão cedo. A dor estava estampada no rosto de Elsa, ela estava viva, mas estava ferida. Minha amiga precisava de uma curandeira, precisava de Polly.

– Você vai morrer – rosou Clive. – Adele a deveria ter matado, mas não importa. Vou terminar o trabalho e me divertir.

– Maravilha. – Fixei meu olhar no bruxo, meu ódio escorria por meus poros. – Mas lembre-se, você atacou primeiro – ofeguei, colocando os pés no chão enquanto concentrava toda a minha energia nele.

O bruxo soltou uma gargalhada.

– Sua magia estelar não vale nada. Você é uma piada. – Ele deu uma risadinha. – Há uma razão para não haver muitas de vocês. É porque sua magia é fraca. Obsoleta.

– Diga isso à sua amiga ali. – Balancei meu dedo na direção da Otária, só para o caso de o investigador não ter entendido.

– Você não é uma bruxa de verdade. Nós manipulamos as energias dos elementos e o poder dos demônios. Isso é magia. – Ele balançou a cabeça em um movimento lento e condescendente. – Você é patética. Não é nada. Vou acabar com sua existência.

Sorri ainda mais, sabendo que estava mexendo com ele.

– E você dizendo que eu era *emotiva*.

O bruxo avançou em minha direção em uma súbita explosão de velocidade, sua capa escura ondulando atrás dele como asas de

morcego gigantes.

Clive murmurava em latim, mas eu não conseguia entender as palavras, possivelmente porque estava um pouco enferrujada. O vento aumentava, lançando meu cabelo sobre o rosto. Ele estava concentrando toda a sua energia em seu ataque.

Esse era seu golpe fatal, o maior deles. O investigador queria acabar comigo.

Observei como se estivesse em câmera lenta enquanto ele entoava seu feitiço.

Ouvi meu nome. Jade, talvez?

Como Clive havia dito, eu era emotiva. E a magia se fortalecia com as emoções. Então, deixei que elas me consumissem, alimentando meu poder.

Gavinhas verdes se formaram em suas mãos estendidas, enquanto o fervor brilhava em seus olhos, mas eu estava preparada.

Com toda a energia reprimida de minhas *emoções*, direcionei minha luz estelar diretamente para sua magia.

No início, eu não tive certeza se isso faria alguma coisa. Então, quando os dois ataques se chocaram, o meu continuou, empurrando como um trem de carga. Em vez de derrubar o poder de Clive, minhas luzes estelares se chocaram contra ele, esmagando-o e achatando-o até não sobrar nada.

Sua boca se abriu em choque total.

– Impossível. Como?

Queria esfregar a vitória na cara dele, mas, em vez disso, usei aquele momento para atacar novamente. Com força total.

Clive foi jogado para trás quando o golpeei com minha luz estelar. Ele se chocou contra o chão, rolando, gemendo e se debatendo, à medida que minhas luzes estelares se soltavam de sua capa e roupas como fumaça. Embora eu não pudesse ver, tive a sensação de que a pele dele também estava queimada. Ótimo. Deixe-o assar um pouco. E, então, ele ficou imóvel.

– Foi mal – falei, dando de ombros. – Aqui estou eu, toda *emotiva* de novo.

Me aproximei e vi que o investigador respirava. Ele estava vivo. Parte de mim queria chutar o filho da puta. Contudo, tinha outras coisas mais importantes para fazer.

Peguei meu celular.

– Para quem está ligando?

Virei-me, vendo Jade e Elsa vindo em minha direção.

– Vou chamar um Uber para levá-las de volta ao hotel – disse, deslizando meus dedos sobre a tela. – Polly precisa cuidar de você.

Elsa estava com uma ferida ao lado da cabeça e parecia pálida, como se a luta tivesse sugado sua energia. Jade estava segurando um

de seus patins. Ele estava sem as rodas. O sangue fluía dos dois joelhos sobre suas calças jeans.

– Você não vem? – perguntou Jade, pulando para perto de mim e tentando espiar o que eu estava escrevendo.

– Não. – Coloquei meu celular no bolso. – Vou para a escola. Vou chamar um táxi quando chegar à Fifth Avenue.

– Sozinha? Não, não vai – disse Elsa, com o rosto contorcido pela angústia.

– Vamos com você – disse Jade.

Olhei para minhas amigas, e meu coração se aqueceu. Elas haviam lutado ferozmente. Ambas eram duronas, mas estavam feridas.

– Obrigada, mas vocês não podem vir comigo neste estado. – Levantei a mão diante do protesto que borbulhava nos lábios de Elsa. – Você está ferida e, no seu estado, só vai me atrasar. – Ou pior, ser morta. – Não pode enfrentar Auria assim.

– Não pode esperar que Polly nos cure? – Pelo tom de voz de Jade, ela sabia que eu já tinha tomado uma decisão e que não havia nada que ela ou Elsa pudessem fazer para me persuadir.

Suspirei.

– Polly é boa, contudo, não pode curar vocês em dez minutos. E Valen precisa guardar sua magia para minha irmã. Shay está ficando sem tempo. Polly disse que tínhamos cerca de vinte e quatro horas, mas e se estiver errada? Ela também disse que Auria era a rainha das maldições e que elas eram extremamente difíceis de decodificar. E se Shay ficar doente novamente? Não posso correr esse risco. Preciso ir agora.

– Nós entendemos – disse Elsa, abaixando-se no meio-fio com esforço. – Creio que não me resta muita energia para outra luta.

Estremeci ao ver a dor estampada em seu rosto. Talvez trazê-las comigo não tivesse sido uma boa ideia.

– E quanto a eles? – Jade apontou para os três bruxos inconscientes.

– Deixe-os aí – respondi. – Deixe a polícia humana lidar com eles. – Naquele momento, não poderia me importar menos em manter nossa vida paranormal em segredo.

– Leana – disse Elsa, com um tom preocupado. – Tenha cuidado. Dei um breve sorriso.

– Pode deixar. Vejo vocês mais tarde.

E, assim, avancei rapidamente, saltando sobre o corpo inerte e ainda emanando fumaça de Clive, e segui pela Cherry Street.

CAPÍTULO 23

A Academia Fantasia parecia mais assustadora à noite. Ela tinha um ar mais gótico, as torres pareciam facas apontando para o céu noturno. Sob a luz do luar, suas paredes de pedra brilhavam como se fossem uma cobertura negra reluzente sobre um bolo. Muito bonita. *Acho que gosto mais dela à noite.*

Os portões de ferro cintilaram enquanto eu cruzava o pátio e chegava às portas de carvalho, emolduradas por pedras cinzas. Dei uma olhada por cima do ombro, esperando que alguém me atacasse. Não tinha ideia se Auria era uma criatura solitária ou se tinha um bando de feiticeiros com ela. Eu não sabia muito sobre a mulher, exceto pelo fato de que amaldiçoara Jimmy e, agora, minha irmã.

Por precaução, disparei um feixe de luz estelar, observando minhas pequenas esferas voarem como vaga-lumes, mas apenas me deparei com o zumbido silencioso dos humanos. Nenhum ser mágico.

Me virei e fiquei de frente para a escola.

– Talvez você esteja aí dentro.

Ainda não tinha decidido como faria com que Auria me revelasse os ingredientes que usara para lançar a maldição em Shay. Ela havia se recusado a me dizer o que tinha usado em Jimmy, então, eu sabia que seria um desafio. Como forçar uma feiticeira maligna a revelar seus segredos? Eu não poderia matá-la. Tinha que forçá-la de alguma forma. Mas como? Teria que pensar em algo rápido.

Praguejei por não ter pedido a Julian um soro da verdade antes de partir. Talvez não funcionasse em vampiros, mas tinha a sensação de que poderia ter funcionado em Auria.

Tarde demais. Já estava aqui e não tinha tempo para voltar e esperar que ele fizesse um novo para mim.

Enquanto minha mão se aproximava da maçaneta, fiquei, por cerca de dois segundos, olhando para a porta, me perguntando se poderia estar amaldiçoada. Meus instintos de bruxa disseram que não. A mulher queria me enfrentar, queria lutar comigo. Ela estava me esperando lá dentro.

– Muito bem, Auria.

Com um esforço considerável, abri a porta *lentamente*, empurrando-a suavemente. Ela era muito mais pesada do que parecia. Ou isso, ou eu não tinha força alguma nos braços.

Puxei-a o suficiente para passar e entrei sorrateiramente, com o

coração acelerado enquanto me preparava mentalmente para o que estava prestes a enfrentar: um duelo épico entre feiticeira e bruxa. Bem, muito provavelmente. Eu sabia que Auria estava brava. Havia suspeitado que, algum dia, ela poderia retaliar a surra que eu havia lhe dado. Presumira que viria atrás de mim ou que se esqueceria completamente, dada sua idade avançada. Nunca me ocorrera que fosse atrás de Shay.

Fechei a porta e olhei em volta. A primeira coisa que despertou meus sinais de alerta foi a falta de segurança. Mais precisamente, a falta de proteções que certamente atacariam os intrusos.

Se a escola fosse como eu pensava e tinha lido a respeito, era uma instalação mágica altamente segura com apenas um objetivo: proteger os alunos.

E, neste momento, não estava fazendo isso. Eu tinha conseguido entrar sem qualquer dificuldade. Era muito errado.

Porém, ao adentrar o amplo saguão com tetos ornamentados, uma aura mágica, semelhante à que se experimenta ao entrar em um luxuoso hotel, despertou meus sentidos. Uma camada de magia se espalhava pelo edifício, protegendo-o de intrusões sobrenaturais, era o manto da escola. Também senti um formigamento percorrendo as paredes, que parecia emanar de todos os lugares ao mesmo tempo, envolvendo-me e ressoando como o batimento cardíaco de uma fera gigante. O coração da instituição.

Algumas arandelas emitiam uma suave luz amarela, proporcionando iluminação suficiente para uma visão clara do ambiente. E era uma bela vista.

Eu queria conhecer o interior desde que vira o local pela primeira vez. E aqui estava a minha chance. Pena que não era em circunstâncias mais agradáveis.

A sala era dominada por uma majestosa escadaria sinuosa, luxuosamente revestida em carpete vermelho e dourado, conectando elegantemente o segundo e terceiro andares. A escola era enorme. A cada direção que olhava, deparava-me com portas e grades de madeira lustrosa e polida, cortinas elegantes, bem como cadeiras e mesas posicionadas com precisão e estilo.

Era glorioso e majestoso, como um grande hotel em algum lugar da Europa. Mas nem mesmo sua nobre presença conseguiu afastar a sensação fria e implacável de pavor que subia pela minha espinha.

Cada passo que eu dava ecoava no piso de madeira escura e polida, mal conseguia ouvir o bater do meu próprio coração. Será que estava nervosa? Com certeza. Especialmente porque o resultado determinaria o que aconteceria com Shay. Eu não tinha vergonha de admitir isso.

Até o momento, as coisas estavam indo bem. Preocupara-me com a possibilidade de que a equipe tivesse reforçado as proteções dentro da

escola, mas, como ainda não virara pó, tomara isso como um sinal positivo.

O corredor era ladeado por várias portas. Pude observar que as salas de aula continham fileiras de carteiras para os alunos, com uma grande mesa à frente, presumivelmente reservada para o professor. Eu teria adorado estudar aqui. Entendia por que Shay gostava. Era uma escola única. Eu não tinha dúvidas de que a maioria das crianças aqui também possuía habilidades excepcionais. E, em sua singularidade, formavam um vínculo.

Verifiquei as outras três salas no primeiro andar. Novamente, não vi nenhum sinal de Auria. Se ela não estivesse aqui... eu estaria ferrada. Não sabia mais onde procurar.

Me aproximei de um par de portas duplas que conduziam ao último cômodo, ainda não explorado neste andar. A luz escapava por baixo delas, iluminando o chão.

Isso não é interessante?

Mantendo minhas luzes estelares por perto, empurrei as portas e entrei.

O ambiente era grande, talvez do tamanho do saguão do hotel, e de longe a sala de aula mais espaçosa que havia encontrado até então.

Adentrei uma vasta sala repleta de estantes abarrotadas de livros, potes de vidro e vinte mesas individuais com caldeirões. Alguns destes ainda fumegavam, com coisas não identificáveis flutuando dentro deles.

Era uma espécie de laboratório de poções, um cômodo onde os alunos podiam aprender a arte. Julian a teria adorado.

Naturalmente, era a sala onde Auria estava.

A mulher ocupava uma cadeira diante de mim, com os pés apoiados na escrivaninha de madeira, exibindo um semblante levemente entediado. Ela não tinha a aparência de uma idosa encurvada pelo peso da idade quando seus olhos se voltaram na minha direção. Não, ela era a jovem professora que eu havia conhecido, a Sra. Barclay.

Assim que entrei, pude sentir uma aura de grande poder emanando dela. Era evidente que a feiticeira havia feito um excelente trabalho em esconder sua verdadeira identidade. Se não tivesse, eu teria suspeitado de algo. Ou talvez tivesse pensado que ela era apenas uma professora poderosa.

Auria trocara suas vestes escolares por um vestido de seda preto esvoaçante, de estilo medieval, com mangas compridas e um corpete justo. No entalhe do decote, pendia o mesmo pingente adornado com uma pedra azul cintilante.

Ela revirou os olhos.

– Você demorou muito. – A mulher tirou os pés da mesa e deu a

volta.

- Estou aqui por causa da maldição que lançou sobre minha irmã.
- Não havia motivo para fazer rodeios.

Auria riu.

- Sim, achei que isso chamaria a sua atenção.
- Amaldiçoar garotinhas... Deve ser um novo recorde para você. – Fiquei onde estava. Eu não era idiota. A distância entre nós era boa, me daria algum tempo para descobrir como fazê-la falar.

Seus olhos cinzentos brilharam com uma alegria febril.

- Ah, entendi. Você foi à minha antiga casa. Não moro mais lá, já faz um tempo.

– Sério? Pensei que gostasse de viver em sua própria sujeira.

Auria sorriu. Seu sorriso era gélido, falso e carregado de perigo. Sua energia pulsava sobre sua pele, irradiando uma luz prateada que se movia como pequenas ondas, com faíscas cintilando sob a luz da sala.

Gesticulei com o dedo indicador, movendo-o para cima e para baixo ao longo do seu corpo.

- Então, como fez isso? – Imaginei que ela saberia que eu perguntaria isso e, a julgar pelo sorriso largo, estava feliz em compartilhar.

Auria pressionou uma mão bem cuidada contra o peito, suas unhas estavam um pouco longas demais para o meu gosto.

- O quê? Como me tornei jovem e bonita novamente, o objeto de desejo de todos os homens?

– Claro. Tanto faz. – Eu queria que ela continuasse falando para que pudesse pensar no próximo passo.

- Bem – começou enquanto deslizava o dedo sobre uma das carteiras –, apenas uma verdadeira mestra das artes das maldições possui o dom de manipular a energia vital dos outros e absorvê-la.

Levantei uma sobrancelha.

– Jura?

Auria caminhou por entre as mesas, aproximando-se de mim.

- Veja bem, para se tornar jovem novamente, é preciso encontrar um hospedeiro valioso.

– Você está dizendo que é um carrapato? – Em minha mente, ela era uma espécie de inseto, e não do tipo bonito.

A mulher exibiu mais um de seus sorrisos falsos.

- Foram necessários alguns hospedeiros para chegar ao nível que eu precisava. A cada vez que sugava a energia vital deles, os tornava meus.

Uma realização angustiante me atingiu.

- Você matou os bruxos no restaurante de Valen? Foi você! – É claro que tinha sido!

Um temor doentio se apoderou de mim. Tudo fazia sentido agora. Ela acabara de me contar. Auria sugara a energia vital daquelas pobres pessoas e, de alguma forma, a canalizou para si, como se estivesse recarregando uma bateria.

Então, com um sobressalto, percebi outra coisa: a mulher que vira sair apressada do banheiro do restaurante me parecia familiar. Era Auria, uma versão mais velha do que a que estava na minha frente agora.

Balancei a cabeça.

– Você quebrou o pescoço deles para parecer que um gigante os matara, mas por que fez isso lá? Por que Valen?

Uma expressão de desdém se formou em seus lábios.

– Porque queria que você sofresse. Naquela noite, quando veio à minha casa sem ser convidada, atacou uma mulher idosa e indefesa – acusou. Suas feições se contorceram, assumindo uma aparência mais feroz.

– Você era velha, mas nunca foi indefesa.

– Eu já tinha ouvido falar de seu relacionamento com o gigante. Ah, sim. Não é segredo. Eu queria que ele fosse acusado e condenado à morte. Queria que você pagasse pelo que fez comigo. Queria tirar algo que amava. Bem, esse era um ótimo plano.

– Então, foi atrás de Valen.

Sua boca se esticou em um sorriso selvagem.

– As pessoas têm medo deles, sempre tiveram e sempre terão. Os gigantes são... incomuns, não deveriam existir.

– Certo, porque você é super *comum*. – O que era isso, uma briga de raça? – Então... – Pisquei, tentando entender tudo. – Matou a família de Catelyn? Queria que ele também fosse culpado por isso.

Auria sorriu como se eu tivesse acabado de lhe fazer um elogio.

– Sim, fui eu. Gostou?

– Não, sua vadia psicótica – gritei, lembrando-me muito bem da dor de minha amiga. – Você é louca!

– Sou uma mulher com um plano, só isso – acrescentou. Seus olhos se concentraram em mim. – Não tem ideia de como é tirar a energia vital de outra pessoa, ver o medo em seus olhos quando sabem que estão prestes a morrer. – Ela tremeu de prazer. – Que sensação boa!

Eu odiava essa vadia.

– Não irá se safar. Não vou deixar!

Auria jogou a cabeça para trás e uivou.

– Ah, Leana, preciso agradecer. Eu não me divertia tanto... bem... desde que amaldiçoei Jimmy.

Cerrei os dentes, perdendo o controle.

– Você é maligna.

A feiticeira soltou uma risadinha como se fosse uma colegial.

Percebi uma convicção em suas maneiras e expressões, indicando algo além de um mero ego desenfreado. Era loucura. Simples assim. A vadia era louca.

Ela se virou e apoiou as costas em uma das mesas, ficando de frente para mim.

– E sabe o que mais?

– Tenho a sensação de que, mesmo que eu diga *não*, você vai me contar de qualquer maneira.

Auria apontou um dedo longo e bem cuidado para mim.

– Sabia que era inteligente. Veja bem, o fato de absorver essa energia vital...

– Você quer dizer roubar.

– É o que me torna mais forte – disse. – E mais poderosa. Os bruxos me deram seu poder. Os humanos? Bem, não foi muito, apenas um pouco de rejuvenescimento. – Ela riu. – Mas era necessário para seguir meu plano. – A mulher me encarou com os olhos arregalados, e o ar pareceu vibrar.

A energia da sala mudou e uma súbita cascata de magia fria e estranha me envolveu. Meu coração começou a palpitar descontroladamente, inundado pelo medo. A pedra no pingente em seu pescoço brilhava em um tom azul profundo. De alguma forma, tive a certeza de que aquilo não era um bom sinal.

– E vou fazer a mesma coisa com você – disse ela, em um tom de voz suave, como se estivesse compartilhando uma boa notícia. – Seu poder será meu. – Seu sorriso parecia vitorioso. – E, então, você vai morrer.

Que merda.

CAPÍTULO 24

Os dedos de Auria se contorceram enquanto preparava a maldição que iria lançar sobre mim.

Eu não ia simplesmente deixar que ela me matasse, porém, precisava agir com cautela. Tinha que ser criativa. Ainda precisava que a feiticeira removesse a maldição que lançara sobre Shay.

Eu precisava encontrar uma maneira de dominá-la e enfiar um soro da verdade em sua garganta. No entanto, como faria o líquido descer era outra história. Era um bom plano, mas não tinha ideia de como implementá-lo.

– Não poderá usar minhas luzes estelares – falei, pensando em como iria dominá-la. – Não é assim que funciona.

A feiticeira riu e, depois, fez uma careta.

– Talvez não, mas elas vão me proporcionar mais força e poder. – Seu corpo inteiro estremeceu quando sua magia a invadiu. – Você já viu a alma escapar pelos olhos de alguém? Já viu o medo quando eles percebem que estão prestes a morrer e não podem fazer nada a respeito?

– Não posso dizer que sim.

– É revigorante e muito, muito delicioso.

Eu queria vomitar.

– O sexo é revigorante. Você é apenas louca.

Ela me encarou por alguns segundos.

– As bruxas são tão críticas. Você chama isso de loucura, eu chamo de poder.

– Não, é loucura mesmo.

Um lampejo de fúria distorceu suas feições. Auria permaneceu imóvel, mas uma imensa onda de poder se formou acima de mim, como se ela estivesse prestes a me golpear com um martelo invisível.

– Espere! – Estendi a mão e coloquei minha melhor cara de “Estou com medo de você”. – E aquela maldição que lançou sobre minha irmã? – Uma sensação de tensão apertou meu peito.

Auria se levantou da escrivaninha, seu poder pulsava de tal forma que eu quase podia vê-lo.

– O que tem ela?

– É uma maldição muito poderosa. O que você usou?

A mulher empinou o quadril.

– Boa tentativa. Uma verdadeira feiticeira nunca revela seus

segredos, bobinha.

Firmei meus pés e canalizei minhas luzes estelares. Fingir fraqueza não ia adiantar.

– Eu lhe darei o que quiser. É só falar. – Não era sensato negociar com uma louca, mas eu faria qualquer coisa pela minha irmãzinha.

Auria deu mais um passo à frente. A safira em seu pescoço brilhava e pulsava com poder.

– Você não tem nada que eu queira, a não ser sua vida – acrescentou com uma gargalhada.

– Vamos lá. Deve haver algo mais. Dinheiro? Homens? Mulheres? – O quê? Eu estava desesperada. Precisava que ela me dissesse.

A feiticeira franziu a testa e, por um instante, pensei ter vislumbrado sua versão muito mais velha, com um semblante marcado por linhas e vincos da idade. Porém, logo em seguida, ela desapareceu.

– Você roubou algo de valor de mim.

– Jimmy? Não se pode roubar uma pessoa.

– Meu livro, sua idiota – gritou com os olhos fixos em mim. Pude ver a tempestade de fúria por trás deles.

– Você o quer de volta? – Talvez devesse tê-lo trazido comigo para negociar. – Eu o darei... Se me disser o que usou para fazer aquela maldição, ele é seu.

– Sério? Fácil assim? Me devolveria? – Auria me observou. Seus olhos eram inquietantes.

Soltei uma baforada de ar.

– Obviamente, terei que testar a contramaldição primeiro para ter certeza de que não está mentindo. Se Shay melhorar, devolvo o grimório.

– Como sei que não está mentindo?

– Não saberá. Terá que confiar em mim. Sou uma bruxa de palavra.

– Nem pensar – disse, com uma expressão desinteressada. – Não tenho mais utilidade para aquele livro. E nunca lhe direi o que usei. Nunca. Sua irmã vai morrer. Você vai morrer. E aquele seu gigante também. Todos morrerão!

– Está errada – rosnei entre os dentes. Minha raiva comprimiu minhas entranhas até sentir que iria explodir. Eu a obrigaria a me contar.

– Não estou – zombou em um tom decisivo. Não gostei disso.

Estiquei os braços e flexionei os dedos, preparando-me para a batalha que estava prestes a começar.

Seus olhos se estreitaram e seus lábios se curvaram em um sorriso malicioso.

– Está pronta para encontrar seu destino final, bruxa estelar?

Revirei os olhos.

– Realmente precisa melhorar seus insultos. Isso é tão clichê. Se bem que você é o clichê em pessoa.

Ela fez uma careta.

– Vou mostrar quem é o quê. – Com um aceno de mão, Auria enviou um raio de energia azul em minha direção.

Me esquivei para o lado e contra-ataquei com uma explosão de luz estelar, mas a mulher foi rápida, desviando-a com outro movimento de sua mão. Andamos em círculos, uma em volta da outra, esperando por uma abertura.

– Tenho que admitir, Auria – falei, sorrindo maliciosamente. – Seu look está perfeito hoje. Invadiu o guarda-roupa da Malévola?

Ela me encarou.

– Quero que saiba que essa é a última moda entre as feiticeiras. As roupas não vencem batalhas.

– Bem, você realmente deveria experimentar um dia. Um look arrasador pode fazer maravilhas pela sua autoconfiança.

Auria rosnou e enviou outra rajada de energia em minha direção, mas eu já havia previsto isso.

Canalizando minha luz estelar, contra-ataquei com um feixe poderoso.

As duas magias se chocaram, emaranhando-se no ar. Elas se retorceram enquanto lutavam como criaturas inteligentes, contudo, a magia de Auria era superior. Ela rompeu meu feixe de luz.

E veio direto para a minha cabeça.

Ergui meus braços e uma barreira se manifestou, estendendo-se pelo chão e sobre minha cabeça, redirecionando o ataque a ela.

A mulher cambaleou para trás, mas recuperou rapidamente o equilíbrio.

– Você vai pagar por isso, bruxa!

Sorri.

– Ah, não duvido disso.

– Você se diz uma bruxa, mas é apenas um erro. Uma falha em nosso mundo. Uma anomalia. – Auria zombou, rindo sarcasticamente.

– Está mais para uma fada do dente glorificada.

Comprimi meus lábios, refletindo.

– Nunca ouvi essa antes, mas elas são incríveis. Podem voar, fazer magia e realizar desejos.

Auria zombou:

– Isso não é nada comparado ao poder de uma feiticeira, a verdadeira arte das trevas.

– Ah, por favor – falei, revirando os olhos. – As artes das trevas são superestimadas. Quero dizer, quem quer sair por aí invocando demônios e sacrificando cabras? Isso é coisa de 1600.

A mulher fez uma careta.

– Acha que isso é uma piada?

– Não, mas é muito mais gratificante do que essa sua busca desenfreada pelo poder.

O rubor se manifestou gradualmente em seu rosto, surgindo em seu pescoço e se estendendo até suas bochechas.

Ela soltou um rosnado e enviou uma explosão de energia azul em minha direção. Mal tive tempo de me esquivar. Após cair e rolar pelo chão, ergui-me rapidamente e me posicionei para enfrentar a contínua investida da feiticeira.

Ficamos ali, uma de frente para a outra, ambas respirando pesadamente.

Tá, ela era mais rápida e poderosa do que eu havia previsto. Contudo, podia dar conta disso.

Auria fez uma careta e enviou outra onda de energia azul em minha direção. Eu me esquivei facilmente e disparei um feixe estelar de volta. A paranormal o desviou com um feitiço de armadura e continuamos a trocar golpes, cada uma tentando ganhar vantagem.

Enquanto lutávamos, não pude deixar de pensar em como devíamos parecer ridículas. Duas mulheres adultas jogando magia uma na outra como crianças jogando bolas de neve.

– Isso é o melhor que você tem? – provocou Auria, com um sorriso no rosto.

Sorri de volta.

– Ah, estou apenas começando.

Meu coração acelerou quando me aproximei da feiticeira. Ela era uma adversária formidável, portanto, sabia que teria que usar todos os truques do meu arsenal se quisesse derrotá-la. E tinha de fazer isso rapidamente. Eu não sabia quanto tempo Shay tinha até que a maldição a consumisse.

– Você nunca vencerá – disse Auria, com um olhar de soslaio enquanto enrolava uma mecha de seu longo cabelo loiro no dedo. – É muito fraca. A coisa mais inteligente a fazer é desistir.

Até parece! Respirei fundo e me preparei para liberar minha magia.

– Vamos acabar logo com isso, pode ser?

Ela riu.

– Ah, está com tanta pressa assim para morrer?

Eu fiz uma careta.

– Não vou morrer. Vou derrotá-la.

Auria levantou uma sobrancelha.

– É mesmo? Bem, vamos ver o que você tem.

Com um gesto rápido do pulso, invoquei uma explosão de luz estelar, esperando ofuscá-la e obter a vantagem para derrubá-la. No entanto, a feiticeira reagiu com agilidade, esquivando-se habilmente e

retaliando com um raio de energia azul.

Ela me acertou. A força da explosão me fez voar para trás. Aterrissei de pé, um pouco abalada, mas ilesa.

– Para uma bruxa de faz-de-conta, você até tem algumas habilidades – provocou Auria. – Mas vai ter que fazer melhor do que isso se quiser me derrotar. – Ela lançou uma sequência de raios em minha direção.

Concentrando-me em minha magia, lancei outro escudo estelar sobre mim, formando uma imensa concha brilhante. Um assobio ressoou quando seu ataque ricocheteou em minha proteção.

Auria deu uma risadinha.

– Isso não vai salvá-la.

– Até o momento, tem sido útil.

Com um gesto, a mulher enviou uma súbita rajada de vento. Ela golpeou meu escudo, rompendo-o e me lançando para trás.

Pisquei, confusa por um segundo. A feiticeira não deveria ter conseguido quebrá-lo tão rápido e facilmente.

Me levantei, ofegante e um pouco de incerta.

– Tudo bem, você me pegou, mas não vou desistir.

Auria sorriu.

– Ah, eu não esperava que desistisse. Vocês, bruxas, são tão teimosas.

Invoquei outra explosão de luz estelar; dessa vez, mirando diretamente nos seus pés. A feiticeira cambaleou, e sua concentração foi momentaneamente interrompida.

Ah!

Aproveitei o momento e me lancei sobre ela, dando um soco poderoso em seu queixo. Auria cambaleou para trás, mas se recuperou rapidamente e revidou com uma explosão de sua magia azul, que me lançou pelo ar.

Caí no chão, com a cabeça girando, mas me recusei a desistir. Levantei-me. Meus olhos brilhavam de determinação.

– Não vai me derrotar – rosnei.

Auria deu uma risadinha.

– Isso é o que vamos ver, não é mesmo?

Mantendo minha posição, firmei meus pés e invoquei outro escudo. Ele se ergueu sobre minha cabeça como uma barreira de cristais brilhantes.

Ouvi sua risada e achei estranho o fato de estar tão confiante. Confiante demais. Então, ela lançou outra maldição em minha proteção.

Sua magia a atravessou como se ela fosse feita de papel. A maldição me atingiu, lançando-me pela sala como uma boneca de pano. Colidi contra a parede e deslizei para o chão, caindo de lado. Ai.

Isso. Doe. Acho que minhas costelas estão quebradas. Eu não conseguia respirar. Pior ainda foi a dor aguda que senti quando minha pele ardeu. O cheiro de carne queimada inundou meu nariz. Uivei quando sua maldição entrou e saiu do meu corpo, queimando por onde passava.

Ouvi o barulho de seus sapatos de salto alto se aproximando. Com a cabeça e as costelas latejando, fiquei de joelhos. Cada respiração provocava uma onda de náusea. Meu Deus, como doía.

Meus olhos se abriram e encontrei a feiticeira de pé, com uma expressão decidida e os dedos carregados de magia. Seu sorriso prenunciava mais sofrimento, ecoando o poder que ela possuía.

Se antes tinha alguma dúvida sobre o fato de Auria ser poderosa, agora não tinha mais.

Minhas luzes estelares não haviam me protegido. Era a primeira vez que isso acontecia. E eu estava assustada, muito.

– Fiz alguns ajustes – disse ela, pairando sobre mim e vendo minha confusão. – Veja, posso ajustar minhas maldições conforme os pontos fortes de meus inimigos. Me certifiquei de que poderia combater sua magia estelar.

Bem, isso explica por que minhas luzes estelares estavam agindo estranho.

Auria segurou seu pingente, fitando-o com admiração e adoração enquanto o poder fluía através dela.

Os instintos agiram e minha mão se estendeu. Sem compreender bem o que havia me motivado, agarrei-o e o arranquei de seu pescoço com toda a força que pude reunir. A corrente se rompeu, e segurei o pingente. Ele pulsava e exalava calor.

O comportamento de Auria mudou abruptamente. Seus olhos ficaram em pânico.

– Devolva-o!

Será que eu deveria? Claro que não! Tinha a sensação de que isso estava neutralizando minha magia.

Com uma fúria desvairada, ela se lançou sobre mim, estendendo as unhas como garras.

Rolei rapidamente, mal conseguindo escapar. Em um movimento instintivo, desferi um chute. Meu sapato acertou sua mandíbula e ela recuou, caindo para trás. Ergui-me instantaneamente, enquanto a mulher cambaleava.

– É meu! Meu! Devolva-o! – Seus olhos se estreitaram ao passo que seus lábios e dedos se moviam. Eu sabia que ela estava prestes a lançar uma maldição.

Desta vez, não.

Invoquei minhas luzes estelares, alimentando-as com todas as minhas emoções – medo, fúria, culpa, tudo o que podia – e as

direcionei para a feiticeira.

Um poderoso feixe branco irrompeu de minha mão, atingindo Auria no peito.

Ela voou para trás e bateu na parede. Bem, foi um golpe pouco forte, mas não o bastante para matá-la. Apenas para deter e, com sorte, deixar a vadia louca inconsciente.

Rapidamente, me aproximei, avistando-a deitada de lado, sem qualquer movimento.

– Auria? Levante-se!

Eu não a tinha acertado com tanta força. Ou será que tinha? Não! Tinha me certificado de não a matar. Então, por que ela estava ferida assim?

Seus olhos se arregalaram, concentrando-se em mim.

– Não...

Então, algo estranho aconteceu.

Seu rosto se transformou, como se fosse feito de argila, mudando entre diversas expressões até que sua pele começou a esticar, enrugar e envelhecer. Seus cabelos saudáveis e loiros se tornaram grisalhos, depois, brancos. Então, restarem apenas mechas em um couro cabeludo quase careca. Seu corpo atlético e jovial definhava. A musculatura dos braços e pernas, que antes era visível, murchou e encolheu, deixando apenas ossos à mostra. Sua pele, agora fina como papel, revelava veias escuras.

Ela tinha envelhecido bem diante dos meus olhos.

– Ah, meu Deus!

A feiticeira parecia... mais velha do que da primeira vez que a vira. Na época, ela já parecia acabada, mas, agora, era praticamente um cadáver.

Olhei para o pingente que ainda estava em minha mão.

– Isso a estava tornando mais jovem, mais forte?

Era como se ele tivesse capturado as energias daquelas pessoas e as estivesse transferindo para ela, mantendo-a poderosa. Sem essa fonte, Auria se tornara vulnerável e envelhecida. Era assustador e repugnante.

Os lábios finos e rachados da mulher se moveram. Eu me inclinei, tentando ouvi-la, mas tudo o que escutei foi o ruído de seu último suspiro.

Quando me afastei, seus olhos mortos me encararam.

Droga.

Ela estava morta. Eu havia matado a feiticeira Auria.

E, ao fazer isso, também matara a única pessoa que poderia salvar minha irmã.

CAPÍTULO 25

— Tentei colocar o pingente de volta no peito dela, mas não funcionou – eu disse à gangue no décimo terceiro andar.

Havia feito exatamente isso, sem ter ideia de como remediar meu erro após verificar seu pulso repetidamente e até mesmo dar um tapa nela.

Auria estava morta.

– Eu a matei. Matei minha única chance de fazer Shay melhorar.

Que confusão colossal. Tinha ido lá na esperança de fazê-la falar. Não para matá-la.

– E isso estava alimentando seu poder? – perguntou Elsa, segurando o pingente de para que pudesse vê-lo melhor. Ela tinha um curativo na cabeça, mas, fora isso, parecia estar bem.

Jade tomava uma xícara de café com a perna apoiada em uma cadeira e o joelho enfaixado.

Fiquei feliz por as duas estarem bem. Contudo, ainda me sentia uma grande idiota.

Quando voltara ao hotel, Elsa e Jade estavam lá, assim como Jimmy, Polly e Valen. Ninguém tinha ido embora. Quando não vi Shay, tive um momento de pânico.

– Ela está bem – dissera Valen, vendo o pavor em meu rosto. – Está dormindo, ela está bem. Diga o que aconteceu.

Então, eu contara os eventos com a feiticeira, sentindo-me cada vez mais como um grande fracasso. Havia perdido a calma. Tinha ido longe demais. E, agora, Shay pagaria por minha idiotice.

– Poderia ter acontecido com qualquer um de nós – disse o gigante, tentando me fazer sentir melhor. Ele pegou minha mão para me levar até a sala de estar assim que vi Polly entrar no quarto de Shay.

Deixei meu corpo cair no sofá.

– Eu tenho experiência, sabia o que estava fazendo. Não a atingi com um golpe mortal, mas ela simplesmente...

– Murchou e morreu – disse Elsa. – Isso aconteceu porque você tirou o pingente. Se não tivesse, Auria poderia ter lhe matado. Você disse que ela ajustou a magia dela para derrotar a sua. Porém, quando tirou o pingente, a deixou mais fraca, expondo-a ao seu poder sem nenhuma proteção. A feiticeira havia colocado toda sua energia nessa coisa. Não é surpresa que tenha morrido. Talvez isso tivesse acontecido independentemente de tê-la atingido ou não. Quando você

o retirou, acabou para ela. Foi como se a mulher tivesse ficado sem oxigênio.

– Você os desconectou – disse Jade, parecendo um pouco feliz e triste ao mesmo tempo. – É uma pena que eu não tenha visto isso. – Eu sabia que ela queria acertar as contas com a feiticeira por causa de Jimmy. Infelizmente, tinha perdido a chance.

O gerente assistente estava atrás dela, com as mãos no encosto da cadeira.

– Estou feliz que ela tenha morrido – disse, beijando o topo da cabeça de Jade.

– Eu não estou. – Esfreguei meus olhos. Não deveria tê-la matado.

Valen pegou o celular e foi para o corredor, falando com uma voz abafada e distante demais para eu ouvir claramente. Não tinha certeza para quem ele estava ligando, mas tinha uma vaga ideia.

– Shay está bem? – Levantei a cabeça e olhei para Polly quando ela saiu do quarto e fechou a porta. – Ela teve uma recaída? – Não tinha certeza de como chamar isso. Maldições não eram minha praia. Na verdade, a única maldição real com a qual já me envolvera fora com a que Auria lançara sobre Jimmy.

A curandeira balançou a cabeça.

– Não. A magia de cura de Valen funcionou melhor do que eu esperava. Acho que está na hora de ele e eu termos uma longa conversa. – Seus olhos se voltaram para o gigante. Ele estava de costas para nós e ainda falava ao telefone. Polly olhou para mim. – Ela está indo bem.

– Mas não está curada – falei, com uma esperança angustiante que apertava meu coração.

– Receio que não – disse, e pude ouvir a tristeza em seu tom de voz. – Acabei de examiná-la. Shay continua dormindo profundamente, o que é bom. Não há sinais de febre, mas a maldição ainda está em seu corpo.

Suspirei profundamente.

– Eu esperava que tivesse se quebrado de alguma forma com a morte de Auria, que Shay se livraria dela para sempre. – Pela expressão no rosto de Polly, soube que isso seria um tiro no escuro.

Ela balançou a cabeça enquanto dava a volta no sofá e ficou de frente para mim.

– Talvez nas mãos de uma feiticeira inexperiente, o que Auria não era. Ela garantiu que suas maldições permaneceriam ativas mesmo após sua morte.

– Que vadia malvada – comentou Jade, e tive que concordar.

Quem pensaria nisso? Aparentemente, Auria.

Engoli em seco, percebendo a pressão em minhas têmporas e a tensão em meus ombros.

– E agora? Como posso ajudar Shay? Será que ela... ela... – Minha voz embargou.

Como poderia ajudar minha irmãzinha se eu havia destruído a única pessoa que sabia como retirar a maldição? Sim, Auria não teria me dado os elementos de que precisava livremente, mas tinha certeza de que eu teria encontrado uma maneira de fazê-la falar. Agora, ela estava morta.

Polly ficou em silêncio por um momento, e pude perceber que todos estavam esperando que ela dissesse algo.

– Bem, a reação dela à magia de Valen é muito positiva. Acho que, se a monitorarmos de perto e com uma dose diária, ela ficará bem.

– Espere um pouco. – Me endireitei, em seguida, direcionei meu olhar para o gigante. – Está dizendo que a maldição é controlável?

– Sim. – Polly enfiou as mãos nos bolsos da frente. – Pense nisso como como uma diabetes tipo 1. Você precisa de uma injeção diária de insulina. Bem, é aí que entra Valen. É ótimo que tenha um gigante por perto – falou com uma piscadela. – Certifique-se de mantê-lo ao seu lado.

Pode apostar que eu iria.

Meus olhos arderam. Precisei me esforçar para não começar a chorar.

– Tudo bem, então ela pode ter uma vida normal.

– Pode, mas... – Seu olhar ficou intenso. – Mas não é para sempre. Um dia, Shay pode começar a mostrar sinais da maldição. Eu simplesmente não sei o que acontecerá, e não quero que pense que ela está curada, porque não está.

– Contudo, isso me dará tempo para encontrar a cura. – Sim. Era isso. Eu procuraria por uma cura e não precisaria me preocupar com a piora do estado de minha irmã. Encarei a curandeira. – Mesmo que Auria esteja morta, há uma chance de eu encontrar sua receita secreta, certo? Ela não é a única feiticeira neste estado. Alguém deve saber alguma coisa.

– Tem um grupo de feiticeiras que mora aqui em Nova York – anunciou Elsa. Todos nós nos viramos para olhá-la. – Posso fazer algumas ligações, marcar um encontro.

– Obrigada, Elsa – falei, sorrindo. – Se elas puderem me ver amanhã, seria ótimo.

A mais velha sorriu de volta.

– Nós vamos dar um jeito nisso. Não se preocupe.

Por alguma estranha razão, acreditei nela. As coisas não tinham ocorrido conforme eu esperava, mas ainda mantinha a esperança de descobrir a fórmula da maldita maldição para libertar Shay.

Porém, primeiro, eu precisava de uma boa noite de sono.

Abri a boca para agradecê-la e bocejei ao mesmo tempo.

– Desculpe – disse, ainda bocejando. – Estou cansada. Obrigada, Polly. Obrigada por tudo. – Embora tivesse matado Auria sem querer, a mulher me dera uma surra e tanto, assim como Clive e seus capangas. Meu corpo precisava descansar.

– Fico feliz em ajudar. – A curandeira respirou fundo. – Bem, tenho um café da manhã para planejar, então é melhor também dormir um pouco. Boa noite a todos.

– Sim, todos nós deveríamos ir para a cama – declarou Elsa. Ela parou no meio do caminho e estendeu o pingente de Auria. – Leana? Importa-se se eu ficar com ele? Gostaria de inspecioná-lo mais de perto. Talvez tentar alguns feitiços.

Dei de ombros.

– Claro. Não tenho utilidade para ele. – Se o objeto não podia fazer Shay melhorar, ela poderia muito bem jogá-lo fora.

– Vejo você amanhã – disse a bruxa. – Boa noite, Valen – falou ao gigante quando ele retornou. Depois, seguiu Polly pelo corredor e desapareceu pela porta.

Me levantei enquanto Jimmy ajudava Jade a se levantar.

– Vocês estão bem?

– Vou ajudá-la. – Ele colocou o braço de sua amada sobre o ombro, apoiando-a facilmente. – Eu poderia carregar você, sabia? – acrescentou com um sorriso atrevido.

As bochechas de Jade ficaram vermelhas como um pimentão.

– Pare. Eu consigo andar. Boa noite, Leana. Valen.

– Boa noite. – Observei enquanto Jimmy a levava para fora. A última coisa que vi foi Jade levantando as sobrelanceias para mim e, depois, para Valen enquanto fechava a porta. Era tão óbvio assim?

Estremeci quando o gigante veio por trás de mim e envolveu minha cintura com seus braços. Seu corpo estava quente contra o meu e não pude deixar de sentir uma sensação de conforto em seu abraço. Inclinei-me, apreciando seu cheiro almiscarado e seu calor.

– Sabe, para um gigante, você tem um jeito bem sorrateiro de se aproximar das pessoas – brinquei.

– É o que eu faço de melhor – respondeu, com a voz baixa e rouca.

Eu não tinha certeza de como ele fazia isso. Valen era simplesmente muito gostoso, grande e dominador. Mas não importava.

– O que o Conselho das Sombras disse sobre Auria? Acho que foi para eles que você ligou.

– Expliquei tudo – disse o gigante. Seu hálito quente fez cócegas em minha nuca. – Eles levarão o corpo dela para o necrotério e farão uma verificação completa na escola para garantir que não tenha deixado nenhuma maldição para as crianças.

– Acha que ela era tão má assim?

– Auria era do tipo perversa, precisamos ter cuidado.

– Sim, é verdade – suspirei. – Então, acho que aquelas acusações forjadas que tinham contra você desapareceram, afinal, foi ela que matou todas aquelas pessoas.

– Haverá uma investigação. Eles precisam fazer isso. Mas estou confiante de que encontrarão provas suficientes para ligar as mortes a Auria e não a mim.

– Ótimo. Não quero ter que ver a cara daquele bruxo chaminé nunca mais.

– Não vai.

Por que eu não acreditava nele? Tinha a estranha sensação de que Clive ainda não havia desistido de mim.

– Teve notícias de Catelyn?

A culpa era algo que eu não estava acostumada a sentir. Agora, com o remorso do que Auria fizera a Shay e à gigante por minha causa, sentia que não conseguiria me livrar dela.

– Não falei com ela – respondeu. – Mas Arther ligou. Eles tiveram que sedá-la.

O medo me invadiu.

– O quê?

– Está tudo bem – acalmou Valen, esfregando meus braços. – Não tiveram escolha, ela começou a se transformar. Contudo, por fim, se acalmou. Agora, está bem. Está cercada de pessoas boas. Não se preocupe.

– Não posso evitar. Seus pais morreram por minha causa. – E eu teria que conviver com isso pelo resto da minha vida. Estremeci só de pensar em contar a ela, porque com certeza eu teria que fazer isso. Catelyn poderia não me perdoar, e isso era algo com o qual eu também teria que conviver.

Valen suspirou.

– Que tal irmos lá no fim de semana, com Shay? O que acha? Um pouco de ar fresco e natureza selvagem pode ajudar.

Pensei a respeito.

– Sim. Acho que Shay adoraria. – Realmente achava. – Eu teria a chance de falar com Catelyn e seria bom ficar longe de tudo, mesmo que só por alguns dias.

– Está decidido. Vou ligar para Arther e dizer que estaremos lá no fim de semana. Tem umas trilhas incríveis, e muitos lagos bonitos. Poderíamos ir pescar.

Ri.

– Nunca imaginei que você gostasse de pescar.

– Sou cheio de surpresas – respondeu.

– Sim, aposto que é. – Sorri. – Poderíamos nadar nus.

– Poderíamos – disse ele, beijando meu pescoço.

Virei-me para encará-lo, com o coração acelerado.

– E então? Quer ficar aqui esta noite? – perguntei, com um sorriso.
– Não quero acordar Shay.

Ele se inclinou e me beijou, com os lábios macios e suaves. Eu me derreti em seu abraço, enquanto minhas mãos se entrelaçavam em seu cabelo. O cheiro de sua colônia inundou meu nariz, e me senti perdida no momento.

Seu beijo era repleto de promessas, segurança e devoção. Minhas partes femininas pulsaram em resposta.

Depois de um tempo, Valen se afastou com um olhar ardente.

– Não posso perder você ou Shay. Não posso – disse com uma voz rouca e carregada de uma urgência que fez meu coração acelerar e meus joelhos tremerem.

– Não vai. Eu prometo. E Shay está bem por sua causa.

Seu rosto ficou sério. O gigante caiu em silêncio por um momento. Era um daqueles momentos em que eu desejava saber o que ele estava pensando. Será que estava lembrando de sua esposa? Eu sabia que ela havia morrido de câncer, e que isso o tinha devastado. A maldição que adoecia Shay provavelmente está trazendo de volta todas aquelas memórias e sentimentos de perda.

– Ela é uma criança forte – disse de repente, tirando-me de meus pensamentos.

– Eu sei.

– Como sua irmã mais velha.

Levantei uma sobrancelha.

– Faço o que posso.

Ele sorriu, e seus olhos brilharam com afeto.

– Você é forte, destemida. Mesmo diante do perigo, sempre mantém a calma.

Senti minhas bochechas corarem de prazer.

– Eu não diria isso, mas vou aceitar o elogio. – Examinei seu rosto.
– Sabe, não conseguiria fazer isso sem você. Nunca tive alguém como você em minha vida. Alguém com quem posso contar. Um parceiro de verdade.

Ele se inclinou e seus lábios ficaram a poucos centímetros dos meus.

– Você merece estar com alguém que a coloque em primeiro lugar.

Ele realmente tinha dito isso?

Valen me beijou com firmeza e paixão, deixando-me quase sem fôlego. Uma onda de desejo percorreu meu corpo quando um gemido escapou de seus lábios. Deixei-me levar pela sensação, enquanto minhas mãos deslizavam por baixo de sua camisa, delineando os músculos firmes de suas costas. O prazer irradiou de cada célula do meu corpo, fazendo-me sentir excitada e, talvez, um pouco descontrolada. Inspirei profundamente quando suas mãos fortes

deslizaram por baixo da minha camisa, seus dedos percorrendo minhas costas para cima e para baixo. Ondas de desejo pulsavam com seu toque.

– Nunca pensei que poderia me sentir assim novamente – falou, afastando-se dos meus lábios. – E nunca pensei que pudesse amar aquela garotinha do jeito que amo.

– Eu sei. Ela meio que cativa a gente.

Valen ficou em silêncio novamente.

– Você me encontrou na rua naquele dia. Parecia até que sabia que eu *precisava* de você.

Certo, tive que engolir o choro.

– Quando você agiu como uma fera incrivelmente rude? – Uma lágrima escorreu do meu olho, e ele passou o polegar na minha bochecha.

– E valeu a pena. Tudo isso. Você me faz querer ser melhor, um homem melhor, um gigante melhor.

Eu não sabia o que dizer, então apenas assenti como uma idiota. Eu sabia que, se abrisse a boca, começaria a chorar. Melhor mantê-la fechada.

Valen riu.

– Além disso, também é uma fera teimosa. Gosto de mulheres fortes e com atitude. Você é uma fera sexy com uma bela bunda.

Levantei uma sobrancelha.

– Muito obrigada. – Ah, finalmente as palavras saíram.

O gigante exalou profundamente, e seus olhos escureceram de desejo.

– Eu quero você. Agora – sussurrou, agarrando minha bunda e me pressionando contra ele para que pudesse sentir a rigidez em sua calça, expressando o quanto desejava minha bela bunda.

– Ah...

Rindo, o gigante pressionou seus lábios contra os meus, e eu estremeci com o beijo. Retribuí com todo o desejo e saudade que consegui reunir. Ele era tão caloroso, forte e fiel. Eu o abracei ainda mais.

Parecia tudo tão certo. Eu. Valen. Eu com Valen. Eu fazendo sexo com Valen.

Era exatamente o que eu precisava. Ser envolvida por ele, seu amor, sua proteção, suas mãos selvagens e sensuais percorrendo meu corpo.

Ao cair em seu abraço, fiz uma promessa a mim mesma.

Eu *encontraria* uma cura para Shay.

E removeria a maldição da Marca da Morte dela.

Assim que terminássemos aqui.

CAPÍTULO 26

Meus passos ressoavam na calçada enquanto me dirigia para o sul, na Fifth Avenue. O sol da manhã brilhava quente e alto no céu. Uma brisa suave soprava ao meu redor, ocasionalmente fazendo cócegas em meu cabelo e em meu pescoço. Os ruídos e as buzinas dos veículos eram um pano de fundo reconfortante para meus pensamentos.

O ar não estava fresco; na verdade, estava impregnado com o cheiro costumeiro de escapamento e lixo. Seria bom tomar um pouco de ar fresco, e eu não estava me referindo a um passeio pelo Central Park. Estava falando de ar fresco de verdade, como o de uma floresta. A sugestão de Valen de ir ver Catelyn no fim de semana me veio à mente. Eu ainda não tinha tido a chance de discutir isso com Shay.

Depois de minha intensa sessão de amor com o gigante, ficara acordada até as duas e meia da manhã, tentando encontrar tudo o que pudesse sobre o clã de feiticeiras conhecido como *Damas da Luz*, mencionado, horas antes, por Elsa, durante um telefonema. Eu achara informações sobre elas no banco de dados dos Merlins. Sim, pouco depois de Valen ter ligado para o Conselho das Sombras, descobrira que minha conta havia sido *magicamente habilitada* novamente e minha licença restabelecida. Bem, obviamente não magicamente. Alguém a havia restabelecido. Então, ou Clive fora o responsável, ou alguém o *obrigou a* fazer isso. Sim, essa última hipótese me fizera sorrir.

Depois de algumas horas de pesquisa, eu descobrira que o clã não ficava muito longe do hotel. Uma corrida de táxi de cerca de vinte minutos me levaria até lá. Se elas me receberiam, era uma incógnita, mas estava determinada a dar o meu melhor. Isto é, logo após deixar minha irmã na escola.

Olhei de relance para Shay, que seguia ao meu lado com seus tênis Converse fazendo barulho na calçada e seu nariz grudado no tablet. Franzi a testa.

– Como pode ver para onde anda se está olhando para isso? – A nova geração me surpreendia com seu jeito tecnológico e suas habilidades de escrever e andar.

Shay deu de ombros.

– É fácil. Todo mundo faz isso.

– Bem, *eu não* faço.

– Porque você é velha.

Essa doe. Abri a boca para dizer que quarenta e um anos não era tão velha, mas desisti. Do ponto de vista de uma criança de onze anos e meio, eu era velha.

– Como está se sentindo? Está cansada? Poderíamos ter ficado em casa hoje, assistindo a filmes, fazendo pipoca.

– Me sinto bem – respondeu, ainda sem tirar os olhos do tablet.

Inclinei a cabeça, tentando ver melhor seu rosto.

– Tem certeza?

Shay me lançou um olhar.

– Por que você está agindo estranho de novo?

– Não estou.

– Está, sim.

– Estou só conferindo. É o que as irmãs mais velhas fazem. Nós conferimos as coisas. Somos conferidoras.

A menina balançou a cabeça. A expressão em seu rosto dizia tudo. Ela achava que eu tinha enlouquecido.

– Talvez seja você que não esteja se sentindo bem.

– Ha! Ha!

Observei-a atentamente enquanto ela voltava sua atenção para o tablet. Alguém que não a conhecesse não teria percebido as olheiras ou a palidez de sua pele. Eles poderiam pensar que Shay parecia completamente normal. No entanto, eu sabia que não era o caso. Sabia que ela poderia estar se sentindo bem, mas que era temporário. Como Polly havia dito, a maldição ainda estava dentro de seu corpo e estaria até que a removêssemos.

Mesmo assim, era o bastante para que a menina mantivesse uma rotina, o que, no momento, significava ir para escola. Era o que ela queria fazer, portanto, eu não a impediria. Isso a deixava feliz e lhe dava um senso de propósito, algo de que precisava.

Eu poderia me afundar em minha culpa pelo que tinha lhe causado, ou poderia seguir em frente e fazer algo a respeito. No final, escolhera agir.

– Valen estava pensando em ir para o norte neste fim de semana. Queríamos visitar Catelyn. Ela está em um complexo na floresta. Gostaria de ir?

Shay parou e olhou para mim.

– Sério?

A esperança em seus olhos me fez sorrir.

– Sério. E então? Ouvi dizer que há muitos lagos e trilhas que podemos explorar. – Sem falar que o ar fresco podia fazer bem a ela.

Shay deu de ombros.

– Tudo bem.

Um largo sorriso se formou em meus lábios.

– Tudo bem, então. Legal! Isso é legal, né? Nós, irmãs, fazendo

uma viagem juntas.

Minha irmã mais nova revirou os olhos.

– Está sendo estranha de novo.

Suspirei, não me importando nem um pouco de ser chamado assim.

– Direi a Valen. Acho que é exatamente o que todos nós precisamos. Umas pequenas férias nos fariam bem. – Começamos a andar novamente. – Será bom viajar e ver como Catelyn está.

Ainda olhando para o tablet, Shay concordou com um grunhido.

E eu realmente precisava falar com a gigante. A ideia ainda me dava um nó no estômago, mas ela precisava saber a verdade. Valen dissera que a recém-criada estava sendo bem cuidada lá e que era considerada parte da família. Eu realmente esperava que sim.

Falando em família...

– Seu pai costuma desaparecer muito.

– Nosso pai – corrigiu Shay. – Sim. Às vezes.

– Então, é perfeitamente normal ele não ter aparecido ultimamente? Pensei que o cara tivesse dito que veria como você... nós estávamos – emendei antes que ela o fizesse.

A menina deu de ombros novamente.

– Ele vai. Acho que não está preocupado conosco. É por isso que ainda não veio.

– Certo. – Minhas pernas pareciam mais pesadas enquanto eu subia a rua. Como anjo, ele poderia ter a capacidade de curar Shay ou, talvez, saber como livrá-la da maldição. De qualquer forma, eu precisava descobrir. – Como você o chama? *Liga* para ele? Como faz contato? Acho que é isso que estou tentando perguntar.

– Não sei – respondeu Shay. – Ele meio que simplesmente aparece.

– Entendi.

Isso não me ajudava, mas havia maneiras de fazer contato com os anjos. Eu faria isso depois que voltasse da visita ao grupo de feiticeiras.

Se alguém sabia como manipular e decodificar uma maldição, era uma feiticeira. Eu não conhecia muitas. Elas não se misturavam com as bruxas. Afinal, se consideravam mais importantes do que nós. Nos viam como inferiores em termos de habilidades. Bem, elas tinham um nível mais alto de educação mágica, tipo um doutorado em magia. As bruxas não tinham. Contudo, isso não queria dizer que não fôssemos igualmente inteligentes e capazes de utilizar quantidades equivalentes de magia, ou que não fôssemos tão poderosas; apenas que algumas bruxas aprendiam como controlar sua energia com os pais e outras iam para a escola, como Shay.

Eu precisara estudar os fundamentos da magia, demonologia, técnicas básicas de investigação e inteligência, aprender a gerenciar e

administrar a contrainteligência, armas mágicas de destruição em massa e investigações criminais – tudo isso para me tornar uma Merlin. Porém, não passara décadas buscando compreender altos níveis de magia, as feiticeiras sim. Era isso que nos diferenciava.

Portanto, imagino que possa entender minha empolgação em conhecer o clã.

– Sinto muito que isso tenha acontecido com você – falei, sentindo um nó na garganta. Ela não merecia nada daquilo.

Shay deu de ombros mais uma vez.

– Está tudo bem.

Não, *não* estava. Definitivamente não estava tudo bem. Mas eu faria com que ficasse melhor. Havia jurado. E não pararia até conseguir.

Caminhamos por mais alguns minutos em silêncio. O barulho da rua movimentada e a presença dos humanos nos fizeram companhia.

Finalmente, avistei a Academia Fantasia. Os parapeitos e torres cintilavam ao sol, parecendo imensos dedos cravejados de joias. Era bonito, mas, à noite, o prédio tinha mais personalidade. Eu gostava mais.

Assim que Shay tirou os olhos de seu tablet e a viu, seu ritmo aumentou.

– Gosta tanto assim, hein? – Me esforcei para esconder o sorriso enquanto acompanhava sua velocidade.

– O quê? – Ela avançou como um pequeno soldado.

Meu Deus, minha irmã poderia ser mais fofa?

– Você realmente gosta dessa escola.

No início, quando Valen a mencionara, eu não tivera certeza de que seria uma boa opção para ela por causa de sua magia *especial*. Contudo, o gigante insistira que Shay iria gostar e que seria bom para ela. E ele estava certo.

– Sim, e daí? – A mais nova seguiu em frente.

– Nada, estou feliz. Sério. Fico feliz que você esteja gostando. – Soltei um suspiro. – E eles provavelmente vão poder ajudá-la com sua magia, já que eu não pude.

Shay parou e se virou.

– Não, eles não vão.

Franzi a testa.

– O que quer dizer com isso? Aconteceu alguma coisa? O que não está me dizendo?

Seus olhos verdes reluziram e, com uma explosão de energia, ela irradiou como uma estrela brilhante – exatamente como no dia em que fritara Darius.

Raios de luz irradiavam dela como ondas de calor. Tive que proteger meus olhos até que diminuíssem.

Puxa vida. Shay podia conjurar sua magia!

Prendi a respiração.

– Não acredito!

Ela sorriu enquanto a magia do sol ondulava ao seu redor.

– Acredite.

Não me assustei com o fato de a menina ter acabado de usar sua magia estelar, ou melhor dizendo, magia solar, em público. Os humanos não podiam ver. Se você não fosse um ser paranormal, seria incapaz de vê-la. E isso era extraordinário.

Balancei a cabeça, sorrindo.

– Você mentiu para mim. Durante todo esse tempo, conseguia conjurar sua magia, mas deixou eu a treinar. Por quê?

Seu poder cintilou e, depois, desapareceu, deixando apenas uma Shay sorridente.

Ela deu de ombros e disse:

– Porque se soubesse, não teria tempo para ficar comigo. Você está sempre muito ocupada com o trabalho ou com o hotel. Com Valen.

Pisquei algumas vezes.

– Então, fingiu para podermos passar um tempo juntas?

Shay me deu um sorriso.

– Vejo você mais tarde. – Com isso, minha irmã de onze anos saiu correndo pelos portões da escola.

– Sua merdinha – murmurei, vendo-a subir as escadas e passar pelo professor magro e oleoso que eu tinha visto no primeiro dia.

Ele estreitou os olhos para mim e seu rosto se enrugou como se tivesse mordido uma cebola crua.

– Oi, Cosmo – cumprimentou Shay ao passar correndo por ele.

– Shay – disse o funcionário.

Levantei a mão e acenei no momento em que ele bateu a porta.

– Legal.

Tá, talvez eles não estivessem felizes por descobrir que a Sra. Barclay era uma feiticeira maligna disfarçada que havia usado a escola. Eu não poderia ser culpada por isso. No entanto, pelo olhar que Cosmo acabara de me lançar, parecia que era.

De qualquer forma, não me importava. Shay podia usar sua magia solar. Essa era a melhor notícia que eu tinha recebido em semanas. Nem me importava com o fato de ela ter mentido. E nem queria tentar entender seu raciocínio. Quem sabia o que se passava na cabeça de uma criança de onze anos?

Sentindo que as coisas finalmente estavam melhorando, dei meia-volta e voltei pelo caminho que havia percorrido. Por enquanto, estávamos seguras nesse glorioso dia ensolarado. Mal podia esperar para contar a Valen e aos outros. Eles também precisariam saber da notícia...

De repente, uma magia fria e poderosa perturbou meus sentidos. A presença magnânima me abalou. Eu os senti antes de avistá-los.

Parei, virando-me lentamente e procurando a fonte de energia. E eu a encontrei.

Em meio à multidão, notei um grupo de pessoas. Eles estavam ao lado de uma linha de SUVs pretos estacionados, observando-me fixamente. Diante da intensidade de seus olhares, da beleza e do requinte de suas roupas, percebi que estava encarando vampiros. Minha pressão subiu, mas forcei-me a continuar encarando.

Entre eles, uma se destacou.

Seus cabelos cor de rosa caíam até a cintura. Sua pele branca como a neve parecia esticada e puxada firmemente sobre suas feições marcantes, criando uma mistura de petrificação e beleza, o que era aterrorizante.

Ela vestia um terninho branco que deslizava e balançava com seus movimentos, como se fosse feito de uma seda exótica. Seus olhos cor de ébano brilhavam com uma frieza premeditada e também estavam fixos em mim.

Senti medo diante do poder e do domínio que ela irradiava, simplesmente por estar ali, mas o reprimi diante de sua expressão. Eu não demonstraria medo a essa vampira.

Seus lábios vermelhos se curvaram em uma careta, como se tivesse adivinhado ou percebido meus pensamentos. Por um momento, seus olhos escuros brilharam de ódio. Então, com a mesma rapidez, a mulher suavizou suas feições, voltando ao seu comportamento arrogante e aristocrático.

Verei você em breve, bruxa estelar, uma voz feminina falou em minha mente.

Com um último olhar na minha direção, ela se virou enquanto um dos vampiros abria a porta do passageiro do SUV mais próximo. Em seguida, ele fechou a porta, assumiu o volante e deu partida no motor.

Uma sensação gélida de pavor percorreu minha espinha e apertou minha garganta. Com tudo o que estava acontecendo com Shay e a maldição, havia me esquecido completamente da vampira. Porém, parecia que *ela* não havia se esquecido de nós.

Meu coração bateu forte enquanto eu observava os carros se afastarem, sabendo exatamente quem a paranormal era e o que ela queria.

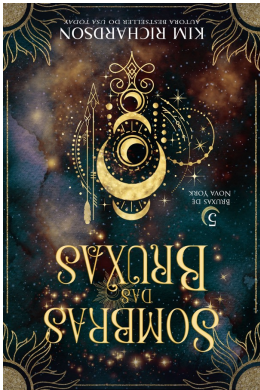
Essa era Freida.

E Shay tinha acabado de fazer uma demonstração completa de seu poder, algo que ela queria.

Meu mundo desabou.

Droga.

Não perca o próximo livro da série Bruxas de Nova York. Confira agora mesmo!



MAIS LIVROS DE KIM RICHARDSON

AS BRUXAS DE HOLLOW COVE

A Bruxa Estelar

Bruxa das Sombras

Feitiços da meia-noite

BRUXAS DE NOVA YORK

O Jogo das Bruxas

Contos de uma bruxa

SOMBRA E LUZ

[Caçada Sombria](#)

[Vínculo Sombrio](#)

[Ascensão Sombria](#)

ARQUIVOS SOMBRIOS

[Feitiços e Cinzas](#)

[Encantos E Demônios](#)

[Magia e Chamas](#)

[Maldições e Sangue](#)

GUARDIÕES DE ALMA

Marcada

Elemental

Horizonte

Submundo

Seirs

Mortal

Cefeiros

Selos

REINOS DIVIDIDOS

Donzela de Aço

Rainha das Bruxas

Magia de Sangue

SOBRE A AUTORA

KIM RICHARDSON é uma autora best-seller do USA Today de fantasia urbana, fantasia e livros para jovens adultos. Ela mora no leste do Canadá com o marido, dois cachorros e um gato velhinho. Os livros de Kim estão disponíveis em edições impressas e as traduções estão disponíveis em mais de sete idiomas.

Para saber mais sobre a autora, acesse:

www.kimrichardsonbooks.com

Table of contents

1. [Página de título](#)
2. [Copyright](#)
3. [Contents](#)
4. [Capítulo 1](#)
5. [Capítulo 2](#)
6. [Capítulo 3](#)
7. [Capítulo 4](#)
8. [Capítulo 5](#)
9. [Capítulo 6](#)
10. [Capítulo 7](#)
11. [Capítulo 8](#)
12. [Capítulo 9](#)
13. [Capítulo 10](#)
14. [Capítulo 11](#)
15. [Capítulo 12](#)
16. [Capítulo 13](#)
17. [Capítulo 14](#)
18. [Capítulo 15](#)
19. [Capítulo 16](#)
20. [Capítulo 17](#)
21. [Capítulo 18](#)
22. [Capítulo 19](#)
23. [Capítulo 20](#)
24. [Capítulo 21](#)
25. [Capítulo 22](#)
26. [Capítulo 23](#)
27. [Capítulo 24](#)
28. [Capítulo 25](#)
29. [Capítulo 26](#)
30. [Sombras das Bruxas](#)
31. [Mais Livros De Kim Richardson](#)
32. [Sobre A Autora](#)

Guide

1. [Cover](#)
2. [Beginning](#)
3. [Contents](#)

1. [1](#)
2. [2](#)
3. [3](#)
4. [4](#)
5. [5](#)
6. [6](#)
7. [7](#)
8. [8](#)
9. [9](#)
10. [10](#)
11. [11](#)
12. [12](#)
13. [13](#)
14. [14](#)
15. [15](#)
16. [16](#)
17. [17](#)
18. [18](#)
19. [19](#)
20. [20](#)
21. [21](#)
22. [22](#)
23. [23](#)
24. [24](#)
25. [25](#)
26. [26](#)
27. [27](#)
28. [28](#)
29. [29](#)
30. [30](#)
31. [31](#)
32. [32](#)
33. [33](#)
34. [34](#)
35. [35](#)
36. [36](#)
37. [37](#)
38. [38](#)
39. [39](#)
40. [40](#)
41. [41](#)
42. [42](#)
43. [43](#)
44. [44](#)

45. [45](#)
46. [46](#)
47. [47](#)
48. [48](#)
49. [49](#)
50. [50](#)
51. [51](#)
52. [52](#)
53. [53](#)
54. [54](#)
55. [55](#)
56. [56](#)
57. [57](#)
58. [58](#)
59. [59](#)
60. [60](#)
61. [61](#)
62. [62](#)
63. [63](#)
64. [64](#)
65. [65](#)
66. [66](#)
67. [67](#)
68. [68](#)
69. [69](#)
70. [70](#)
71. [71](#)
72. [72](#)
73. [73](#)
74. [74](#)
75. [75](#)
76. [76](#)
77. [77](#)
78. [78](#)
79. [79](#)
80. [80](#)
81. [81](#)
82. [82](#)
83. [83](#)
84. [84](#)
85. [85](#)
86. [86](#)
87. [87](#)
88. [88](#)

89.	89
90.	90
91.	91
92.	92
93.	93
94.	94
95.	95
96.	96
97.	97
98.	98
99.	99
100.	100
101.	101
102.	102
103.	103
104.	104
105.	105
106.	106
107.	107
108.	108
109.	109
110.	110
111.	111
112.	112
113.	113
114.	114
115.	115
116.	116
117.	117
118.	118
119.	119
120.	120
121.	121
122.	122
123.	123
124.	124
125.	125
126.	126
127.	127
128.	128
129.	129
130.	130
131.	131
132.	132

133. [133](#)
134. [134](#)
135. [135](#)
136. [136](#)
137. [137](#)
138. [138](#)
139. [139](#)
140. [140](#)
141. [141](#)
142. [142](#)
143. [143](#)
144. [144](#)
145. [145](#)
146. [146](#)
147. [147](#)
148. [148](#)
149. [149](#)
150. [150](#)
151. [151](#)
152. [152](#)
153. [153](#)
154. [154](#)
155. [155](#)
156. [156](#)
157. [157](#)
158. [158](#)
159. [159](#)
160. [160](#)
161. [161](#)
162. [162](#)
163. [163](#)
164. [164](#)
165. [165](#)
166. [166](#)
167. [167](#)
168. [168](#)
169. [169](#)
170. [170](#)
171. [171](#)
172. [172](#)
173. [173](#)
174. [174](#)
175. [175](#)
176. [176](#)

177. [177](#)
178. [178](#)
179. [179](#)
180. [180](#)
181. [181](#)
182. [182](#)
183. [183](#)
184. [184](#)
185. [185](#)
186. [186](#)
187. [187](#)
188. [188](#)
189. [189](#)
190. [190](#)
191. [191](#)
192. [192](#)
193. [193](#)
194. [194](#)
195. [195](#)
196. [196](#)
197. [197](#)
198. [198](#)
199. [199](#)
200. [200](#)
201. [201](#)
202. [202](#)
203. [203](#)
204. [204](#)
205. [205](#)
206. [206](#)
207. [207](#)
208. [208](#)
209. [209](#)
210. [210](#)
211. [211](#)
212. [212](#)
213. [213](#)
214. [214](#)
215. [215](#)
216. [216](#)
217. [217](#)
218. [218](#)
219. [219](#)
220. [220](#)

221. [221](#)
222. [222](#)
223. [223](#)
224. [224](#)
225. [225](#)
226. [226](#)
227. [227](#)
228. [228](#)
229. [229](#)
230. [230](#)
231. [231](#)
232. [232](#)
233. [233](#)
234. [234](#)
235. [235](#)
236. [236](#)
237. [237](#)
238. [238](#)
239. [239](#)
240. [240](#)
241. [241](#)
242. [242](#)
243. [243](#)
244. [244](#)
245. [245](#)
246. [246](#)
247. [247](#)
248. [248](#)
249. [249](#)
250. [250](#)
251. [251](#)
252. [252](#)
253. [253](#)
254. [254](#)
255. [255](#)
256. [256](#)
257. [257](#)
258. [258](#)
259. [259](#)
260. [260](#)
261. [261](#)
262. [262](#)
263. [263](#)
264. [264](#)

265. [265](#)
266. [266](#)
267. [267](#)
268. [268](#)
269. [269](#)
270. [270](#)
271. [271](#)
272. [272](#)
273. [273](#)
274. [274](#)
275. [275](#)
276. [276](#)
277. [277](#)